



Margarete Maria Soares Bin

A FORMAÇÃO ESTÉTICA DO LEITOR DE POESIA EM MEIO ELETRÔNICO

Passo Fundo, maio 2020

Margarete Maria Soares Bin

A FORMAÇÃO ESTÉTICA DO LEITOR DE POESIA EM MEIO ELETRÔNICO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de Doutorado em Letras, sob a orientação do Prof. Pós-Dr. Miguel Rettenmaier da Silva.
Linha de Pesquisa: Leitura e Formação do Leitor.

Passo Fundo

2020

CIP – Catalogação na Publicação

B612f Bin, Margarete Maria Soares
A formação estética do leitor de poesia em meio eletrônico / Margarete Maria Soares Bin. – 2020.
253 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Pós-Dr. Miguel Rettenmaier da Silva.
Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, 2020.

1. Leitura – Desenvolvimento. 2. Poesia. 3. Literatura eletrônica. 4. Letramento digital. I. Silva, Miguel - Rettenmaier da, orientador. II. Título.

CDU: 028.6

Catálogo: Bibliotecária Juliana Langaro Silveira - CRB 10/2427

MARGARETE MARIA SOARES BIN

A FORMAÇÃO ESTÉTICA DO LEITOR DE POESIA EM MEIO ELETRÔNICO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do título de Doutora em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Miguel Rettenmaier da Silva (Orientador)
Universidade de Passo Fundo

Prof. Dr. Rogério Barbosa Silva
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof. Dra. Fabiane Verardi
Universidade de Passo Fundo

Prof. Dra. Rubelise Cunha
Universidade Federal de Rio Grande

Prof. Dr. Francisco Fianco
Universidade de Passo Fundo

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente ao meu esposo Flávio, meu porto seguro, pelo incentivo, compreensão e direcionamento durante todo o período do curso, da mesma forma ao meu filho Lucas, por fazer parte da história da confecção da tese, auxiliando-me a mergulhar no universo eletrônico, dando dicas com o seu olhar juvenil.

Agradeço imensamente ao meu Orientador, professor Dr. Miguel Rettenmaier da Silva, pela oportunidade de aprender sobre os encantos da poesia, principalmente por ter me enveredado pelo mundo da poesia eletrônica, de me ensinar a apreciar cada vez mais a leitura e pela forma admirável com que conduziu minhas orientações. És um excelente profissional e pessoa incrível.

A professora Dra. Fabiane Verardi a quem tenho profunda admiração e deu a honra de participar da minha banca de qualificação, contribuindo com suas sugestões enriquecedoras. Igualmente, ao professor Dr. Rogério Barbosa Silva, que dedicou seu tempo precioso para proceder aos apontamentos de grande valia para a qualificação, colaborando para o meu crescimento profissional.

Aos integrantes desta banca Dra. Rubelise Cunha e Dr. Francisco Fianco, que com certeza, agregarão mais conhecimentos por meio de suas contribuições, trazendo suas experiências e leituras.

Aos professores do PPGL- UPF por dividirem os conhecimentos no período do Doutorado, suas vozes ecoaram na minha escrita, bem como agradeço à Karine Castoldi, excelente profissional do PPGL e amiga, que não mede esforços para atender da melhor forma possível.

Aos autores das poesias aqui analisadas, agradeço muito pela acolhida, bem como as informações que se dispuseram a partilhar para exercer a pesquisa por meio de suas obras e materiais enviados: Alckmar Luiz dos Santos, Antônio Abernú, Pedro Barbosa e Rui Torres. Saliento que desde o início me acompanharam sendo extremamente gentis, prestativos, obrigada pelas entrevistas concedidas.

Ao diretor José Carlos S. de Souza da escola Ministro João Paulo dos Reis Veloso de Dourados-MS que proporcionou espaço para a pesquisa com os estudantes, bem como agradeço a professora da turma em que realizei a pesquisa, à qual oportunizou o contato com a turma, dando-me liberdade para exercer o trabalho.

Aos estudantes da turma de 2º ano do Ensino Médio da escola acima, os quais foram dedicados e prestativos na realização das atividades e na coleta das informações.

As palavras não são simples vocábulos, assim como baldes e barris dos quais extraímos um conteúdo existente. Elas são antes mananciais que o dizer perfura, mananciais que, de repente, brotam de onde menos se espera. Sem o retorno sempre renovado aos mananciais, permanecem vazios os baldes e os barris, ou têm, no mínimo, seu conteúdo estancado.

Martin Heidegger

RESUMO

A poesia, como gênero articulado às manifestações orais, aos registros escritos e aos posteriores estatutos da modernidade do impresso, está também presente nos meios digitais e em seus preceitos de interação, hiper e multimídia. Esta tese tem como tema a recepção das poéticas digitais, e nesse contexto literário digital o objetivo é analisar a viabilidade de formação estética do leitor em experiências de leitura que associam literatura e tecnologia. Para tanto, apresenta-se como corpus as poesias digitais *Amor de Clarice* (2005) de Rui Torres, Vol. 2, *Água-um conto digital* (2013) de Antônio Abernú, Vol. 3, *Liberdade* (2013), de Alckmar Luiz dos Santos et al., Vol. 3 e *Cyberliterature* (1977-1993), Vol. 3 de Pedro Barbosa, presentes na Organização *Electronic Literature Collection*. Além disso, pauta-se em vários marcos teóricos para tratar sobre poesia, literatura, tecnologia, literatura eletrônica, poesia digital, leitura e formação do leitor especialmente no Ensino Médio, temas principais sobre os quais se procurou explanar e incorporados neles discorre-se sobre temas específicos. A escolha pela pesquisa decorre da preocupação em formar leitores no Ensino médio com a utilização dos aparatos tecnológicos, que se mostram atrativos nesta fase da vida. A investigação é de tipo qualitativa, com pesquisa de campo, procedendo-se a prática em sala de aula de Ensino Médio de uma escola de Dourados-MS, disponibilizando-se quatro poemas em Língua Portuguesa aos estudantes, juntamente com atividades que envolveram outros gêneros textuais e suportes como coadjuvantes, tanto de forma prévia ao contato com o material de análise, quanto à utilização posterior a fim de complementar a leitura com a poesia. Com o desenvolvimento teórico dos temas apontados e após as sugestões da banca de qualificação, debruçou-se na análise dos materiais colhidos durante a prática, como comentários dos estudantes, questionários realizados com os estudantes desta prática e entrevistas com os autores dessas poéticas digitais. Cabe destacar que os materiais anexos como as entrevistas e fotos fazem parte desta tese, encontrando-se no *QR code* evitando, assim, o excesso de materiais impressos e fazendo jus ao que é discutido nesta tese, ao tratar de uso da tecnologia. Por fim, ao se proceder o exame dos dados colhidos durante a análise dos poemas pela pesquisadora e também pelo contato dos estudantes com os poemas, verificou-se que por meio do uso dos aparatos digitais há possibilidades de práticas de formação do leitor no contato com a informática, incrementando-se na linha de uma formação aprofundada dos sujeitos, quando a tecnologia, incorporada ao fazer e ao ler poético, amplia a noção atuante, eis o cerne desta tese.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Eletrônica. Poesia Digital. Formação do Leitor. Letramento Digital.

ABSTRACT

Poetry, as a genre articulated to oral manifestations, written records and the later statutes of the modernity of print, it is also presented in digital media and in its precepts of interaction, hyper and multimodality. This thesis has as its theme the reception of digital poetics, and in this digital literary context the aesthetic formation of the reader is discussed in reading experiences that associate literature and technology. For this purpose, the corpus includes digital poetry *Amor de Clarice* (2005) by Rui Torres, Vol. 2, *Água-um conto digital* (2013) by Antônio Abernú, Vol. 3, *Liberdade* (2013), by Alckmar Luiz dos Santos et al., Vol. 3 and *Cyberliterature* (1977-1993), Vol. 3 by Pedro Barbosa, all of them presented at the Electronic Literature Collection Organization. In addition, it is guided by several theoretical frameworks to deal with poetry, literature, technology, electronic literature, digital poetry, reading and reader training, especially in high school, the main themes that were sought to be explained and incorporated in them the discussion about specific topics. The investigation belongs to the qualitative type, with action research, proceeding to practice in the high school classroom of a school in Dourados-MS, making four poems in Portuguese language available to students, along with activities that involved other textual genres and supports as coadjuvants, both prior to contact with the analysis material and later use in order to complement reading with poetry. With the theoretical development of the themes pointed out and after the suggestions from the qualification board, it focuses on the analysis of the materials collected during the practice, such as student comments, questionnaires carried out with those of this practice and interviews with the authors of these digital poetics. It should be noted that the attached materials such as interviews and photos are part of this thesis, found in the QR code, thus avoiding the excess of printed materials and living up to what is discussed in this thesis, when talking about the use of technology. Finally, when proceeding to the examination of the data collected during the analysis of the poems by the researcher and also by the contact of the students with the poems, it was found that through the use of digital devices there are possibilities of formation practices for the reader in contact with informatics, increasing in line with the in-depth training of subjects, when technology, incorporated into poetic making and reading, expands the active notion, here is the crux of this thesis.

KEYWORDS: Electronic Literature. Digital Poetry. Formation of the Reader. Digital Literacy.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

As ilustrações abaixo encontram-se no QR code

Fotografia 1 - Sala de Informática

Fotografia 2 - Escola que foi desenvolvido o projeto

Fotografia 3 - Criação do grupo de *WhatsApp*

Fotografia 4 - Vídeo de entrevista Clarice Lispector

Fotografia 5 - Atividades de registro de comparação Clarice Lispector com a esfinge

Fotografia 6 - Explorando o poema *Amor de Clarice*

Fotografia 7 - Explorando o poema *Amor de Clarice*

Fotografia 8 - Explorando o poema *Amor de Clarice*

Fotografia 9 - Poema *Água um conto digital*

Fotografia 10 - Poema *Liberdade*

Fotografia 11- Poema *Liberdade*

Fotografia 12 - *Slide* de confecção de origami referente ao poema *Liberdade*

Fotografia 13 - Confecção de origami referente ao poema *Liberdade*

Fotografia 14 - Confecção de origami referente ao poema *Liberdade*

Fotografia 15- Origami referente ao poema *Liberdade*

Fotografia 16- Origami referente ao poema *Liberdade*

Fotografia 17 - Origami referente ao poema *Liberdade*

Fotografia 18 - Origami referente ao poema *Liberdade*

Fotografia 19 - Origami referente ao poema *Liberdade*

Fotografia 20- Origami referente ao poema *Liberdade*

Fotografia 21- Origami referente ao poema *Liberdade*

Fotografia 22- Poema *Cyberliteratura* –texto *A teoria do homem sentado*

Fotografia 23- Poema *Cyberliteratura* –texto *A teoria do homem sentado*

Fotografia 24- Criação de paródia

Fotografia 25- Envio de letra de paródia

Fotografia 26- Preenchimento de questionário

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: JANELAS PARA A PALAVRA.....	11
2 POESIA: A PALAVRA E O EU.....	19
2.1 Poesia -um lugar de interiorização.....	19
2.2 A importância da poesia.....	25
2.3 A leitura da poesia na atualidade.....	35
2.4 Um enlace parcial: a poesia e seu porquê.....	54
3 SOM, VERBO, VISÃO: AS PERCEPÇÕES PLURAIS.....	56
3.1 Relação homem x máquina.....	56
3.2 A interação da leitura e os sentidos com as tecnologias digitais.....	60
3.3 Outro enlace parcial: os aparatos digitais como extensão do corpo.....	74
4 DADOS METODOLÓGICOS: CORPORA E AUTORES.....	78
4.1 Atores e poemas em rede.....	79
4.2 Leitores na rede.....	82
5 INTERNET E AS COISAS: A POESIA NA REDE.....	89
5.1 Nas telas, uma literatura do século XXI - laços ampliados (e concretos) da poesia....	89
5.2 O uso da tecnologia como mediadora da leitura no Ensino Médio.....	102
5.3 Mais um arremate parcial: a poesia na tela e o (jovem) leitor que lê (e se vê).....	107
6 POESIA ELETRÔNICA: A PALAVRA EM NÓS	112
6.1 Criações poéticas digitais: #Nós na rede de conexões.....	115
6.2 Um recorte sobre leitura e tecnogênese em Hayles.....	129
6.3 A estética das redes-vozes poéticas que por aqui se cruzam.....	133
6.4 Os labirintos em <i>Amor de Clarice</i>	146
6.5 <i>Água, um conto digital</i> - uma proposta de renovação literária.....	155
6.6 <i>Liberdade</i> - a poesia digital e o sujeito leitor.....	159
6.7 <i>Cyberliterature</i> : uma aproximação à leitura infinita.....	170
6.8 Poemas atualizados, leitores em potência.....	173
7 VERSOS E BITS: UMA PROPOSTA AOS JOVENS.....	176
7.1 Do conto ao poema “à/há” interação: Clarice Lispector.....	177
7.1.1 A AUTORA E A ESFINGE.....	177
7.1.2 O AMOR IMPRESSO E AMOR DE CLARICE DIGITAL.....	183
7.2 <i>O homem que queria ser água</i> -uma proposta de renovação literária.....	193
7.3 Imersos no espaço apresentado –o poema liberta.....	195

7.4 A teoria do homem sentado -a dinâmica do ato de ler.....	203
7.5 Análise dos questionários.....	210
7.6 Apontamentos finais da prática.....	228
8 CONCLUSÃO: A PALAVRA EM NOVAS JANELAS.....	235
REFERÊNCIAS.....	239

APÊNDICES E ANEXOS abaixo encontram-se no QR code

APÊNDICE A – Entrevistas com autores

APÊNDICE B- Questionário realizado com os estudantes do 2º ano do Ensino Médio

ANEXO C- Modelo autorização de realização da pesquisa- escola

ANEXO D – Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido aos pais dos estudantes

ANEXO E- Modelo de assentimento -estudantes

ANEXO F- Modelo de Termo de consentimento autores

ANEXO G- Letra da música *Água*

ANEXO G- Conto Amor de Clarice Lispector

ANEXO I- Combinações do texto Teoria do homem sentado em *Cyberliterature*.

1 INTRODUÇÃO: janelas para a palavra

O cenário social e cultural atual move-se a pleno vapor reconfigurando-se com as transformações tecnológicas. Nesse espaço, naturalmente, a educação também é afetada, assim como todos os processos de mudanças que ocorreram em momentos diversos. Em vista disso, a expressão poética encontra seu espaço nessa multiplicidade de recursos que aliam um novo fazer artístico. Convém destacar que a discussão desta tese é fruto das inquietações pela preocupação em formar leitores usando a tecnologia e sem exaurir a arte. Assim, ao todo, contempla a utilização da poesia eletrônica como uma textualidade literária renovada pela influência de múltiplos códigos e que, por isso, necessita de uma teoria híbrida, que usa referências plurais. Por conta das reverberações apresentadas, é preciso promover a reflexão acerca da prática leitora examinando-se as discussões promovidas pelos pensadores que aliam leitura e tecnologia além de conhecer as poéticas digitais bem como seu funcionamento com aplicação aos estudantes de Ensino Médio, a importância da leitura dessas obras digitais pelo público leitor em formação, neste caso, o segundo ano do ensino médio. Como pôde ser observado durante a entrevista com os autores, na questão 3, quando perguntado sobre a recepção desse tipo de material, o autor Alckmar responde que percebe apenas para especialistas. Tal resposta, demonstra ser esta experiência proposta nesta tese, inédita, por atuar com o perfil de leitores ainda em formação. A importância de se conhecer, além da teoria literária ou da educação, também textos técnicos da área do design, da área de programação computacional, entre tantos outros. A necessidade de promoção dos projetos criativos, criar, nestes ambientes digitais e midiáticos. De acordo com Araújo (2016, p. 11) “considera-se como prática de leitura todos os atos envolvidos no momento da leitura literária, entre eles os gestos, os comportamentos, as experiências e as preferências de suporte”. A referida autora complementa que na concepção de prática de leitura estão incluídas

as ações do leitor jovem anteriores ou posteriores ao ato de ler, que criam determinadas formas de apropriação dos materiais literários, modos de compartilhamento de informação sobre as obras lidas, buscas de obras semelhantes ou de autores conhecidos, entre outras ações que criam as condições para o ato de ler a leitura literária digital. (ARAÚJO, 2016, p. 12)

Nessa linha, este trabalho surgiu da necessidade de pensar em práticas que possibilitem a formação do leitor, utilizando-se para isso a literatura pelos meios eletrônicos, os quais permeiam a sociedade, mas que ainda estão longe dos bancos escolares, e mesmo quando se fazem presentes não atingem, muitas vezes, a qualidade necessária para um bom trabalho. Além

disso, a poesia se faz imprescindível em sala de aula. Assim, registra-se que a preocupação com a leitura e com o ensino da poesia são evidentes. Ao trazer o leitor, o autor, o poema, a teoria, a análise e a prática, pensou-se em um trabalho envolvendo leitura em todos os âmbitos.

Na literatura os estudos são importantes, mas a pesquisa de campo, o contato com o humano aproxima por meio das amostras a comprovação ou refutação das percepções teóricas concernentes ao tema em estudo. O que se observou desde o momento que se pensou no tema para pesquisa e até o final da tese é que no início da pesquisa havia poucas produções na área de poesia digital disponíveis para consulta em meios digitais, no decorrer do tempo de escrita da tese foram ampliando as pesquisas desse tipo de criação para leitura. Quando se pensa em trabalhos que envolvam tecnologia se percebe que há evanescência dos textos, como coloca Rogério Silva (2019), em razão da obsolescência das máquinas e também para o mencionado autor essa obra eletrônica ou hipertextual oferece caminhos aleatórios, em consonância a isso, Jenkins (2009) aponta a necessidade de um letramento digital aos formadores de leitura. Para o citado autor esse letramento digital tem conduzido a noções conflitantes de pedagogia, pois, de um lado criou-se um tipo de pedagogia informal por meio das comunidades de fãs que ensinam, aprendem e se ajudam mutuamente na prática da escrita, de outro lado, a educação formal ainda trata com questões como usar ou não os livros de J.K.Rowling nas escolas como recurso pedagógico. A escola é restrita, com professores que sentem dificuldade em lidar com computadores. Há uma pluralidade de ferramentas e poucas pessoas habilitadas. Por isso esse trabalho é uma tentativa de aproximar os leitores e apresentar algo interessante que possa subsidiar às aulas.

Pôde-se verificar que há algumas pesquisas recentes sobre poesia digital, entre elas: *A poesia digital na era tecnológica* (Tese de 2018-PUC-GO), *Como ler poéticas digitais* (Tese de 2017-UFPB), *Práticas de leitura literária digital entre leitores jovens* (2016-UFMG) e *Poemas do visível, audível e escritural: uma análise da obra Nome de Arnaldo Antunes* (Tese-2015-UFPB). Tendo em vista esses estudos, convém pontuar que o que diferencia esta pesquisa aqui desenvolvida das demais está no fato de que nesta tese se produziu um trabalho de leitura referente à formação do leitor de poesia, poesia digital, literatura eletrônica e leitura e não apenas sobre poesia; na sequência do trabalho efetuou-se análise pela pesquisadora dos poemas utilizados na pesquisa ação bem como uma pesquisa de campo, por meio de um trabalho prático com os estudantes do Ensino Médio registrando suas impressões seja por meio das gravações de fala, anotações, seja pelo questionário realizado. Ainda, este material é procedente de um mesmo objeto cultural, ou seja, Coleção de literatura eletrônica, inserido dentro de uma sistemática própria e não poemas aleatórios, sendo uma experiência inédita de como está sendo

sentida pelos jovens, permitindo ao leitor se debruçar, brincar com sua leitura. Por último, houve o contato com os autores dessas poesias, o que pode acarretar em um trabalho em que cada fator desses complementa o outro. A preocupação foi em demonstrar na prática como se procede a leitura e a recepção do material pelo público alvo. Acreditou-se que só a teoria não iria dar conta da proposta que aqui se apresenta, era necessário demonstrar o funcionamento, para que isso acontecesse a integração do olhar crítico de quem pesquisa e de quem se destina a pesquisa tornou-se essencial no momento de organizar a tese, por isso também não bastou apenas o manuseio de um ou de outro, mas da colaboração de ambas as partes.

Muitos percalços foram percebidos para efetivação do trabalho, dentre eles o medo da instituição escolar pela proposta de inserção de um projeto que envolve tecnologia na escola e a rejeição pela leitura de poemas pelos estudantes, equipamentos da escola desatualizados, máquinas que não funcionam, professores que se sentem despreparados para introduzir os aparelhos eletrônicos de forma pedagógica para a sala de aula e desconhecem os poemas digitais, preferindo ver a tecnologia como algo negativo, muitas desculpas para não realizar práticas leitoras diferenciadas, a leitura como atividade distante do ambiente escolar, pois não é considerada como conteúdo e quando usada é apenas pretexto para conteúdos gramaticais e o próprio estudante tendo sua concepção de aprendizagem bastante arraigada na educação tradicional.

Um passo importante em direção à busca de alternativas para a formação do leitor é promover o contato dos leitores do Ensino Médio com poesias digitais. A turma aqui selecionada para demonstração prática frequenta o 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública, todos adolescentes. Tais leitores dividem, além do estrato socioeconômico semelhante, o fato de serem jovens e apreciarem o uso da tecnologia, como pôde ser observado nos relatos presentes nos questionários e durante a prática. Ficou visível a emoção que sentiram ao se deparar com poemas digitais, envolveram-se com a prática, de forma que assim como escreveu Santaella, a visão e a audição foram aguçadas e perceberam os poemas de forma diferente, o que possivelmente muitos ainda não haviam vivenciado tal situação. Aos poucos foram mudando a concepção inicial de que ler poesia é chato. Na entrevista comentaram sobre isso e nos relatos informais durante a prática.

Com o propósito de coletar informações, extraindo o máximo do que pôde ser capturado no momento da prática com os poemas, os estudantes puderam interagir com o gênero e registrou-se os comentários durante e após a realização da atividade. Entretanto não foi possível se ater muito nas atividades, pois havia apenas 8 aulas liberadas pela escola, para a realização da prática, em razão de estarem em período de avaliação. Foi preciso organização

tanto por parte da pesquisadora quanto pelos discentes. Destaca-se que, ao final dos dias trabalhados, os estudantes puderam escrever por meio de um questionário composto por dez questões, o que pensaram das atividades com poesia digital, com os temas: tecnologia, poesia eletrônica e leitura. Tais perguntas tiveram o intuito de verificar as concepções dos estudantes com relação ao uso das tecnologias em sala de aula e, principalmente, aos poemas digitais. Tal procedimento não precisava ser assinado- a intenção era de tornar as respostas fidedignas. A intenção era de estivessem representadas nas questões pontos essenciais que elucidassem a pesquisa. Acrescenta-se que trinta e quatro estudantes responderam ao questionário, um número expressivo de participantes, já que é difícil a presença de um potencial de participantes, pois como a professora regente expôs, eles faltam com frequência, principalmente quando chove, como moram longe fica difícil o deslocamento. Muitos deles vêm de bicicleta para a escola e em razão do barro, torna-se inviável. Outros, simplesmente faltam sem justificativa. Participaram da pesquisa 12 meninos e 22 meninas. Para as perguntas colocou-se a fonte em negrito. Nas respostas, em *itálico*, transcreveu-se tal qual as palavras deles e o número identificou a troca de fala. Para cada questão iniciou-se nova sequência. Registrou-se algumas respostas mais significativas e enfatiza-se que essas representam outras também semelhantes, entretanto todas elas encontram-se anexas a esta tese - QR code.

A ânsia por trazer para a sala de aula a tecnologia durante às aulas de literatura do Ensino Médio se explica em razão do que os jovens vivenciam constantemente, a sociedade atual ostenta diversos atrativos e muitos deles alheios à escola. Coadunando-se com tais colocações, está o fato de que saber ler é a base para a formação e o convívio na coletividade, porém as pesquisas teóricas e a prática aqui realizada comprovam que os resultados deixam a desejar, havendo muito a ser feito durante o percurso escolar a fim de que o estudante chegue nesta etapa colegial, convicto da importância da leitura para seu eterno aprendizado. Tendo à disposição a tecnologia numa avalanche de opções, nada mais adequado que partir com afinco ao seu uso, pois ela comunga com os interesses juvenis.

Num mergulho profundo, traçou-se como objetivo geral deste estudo analisar a viabilidade de formação do leitor por meio das pesquisas sobre poesia que aqui se apresentam e pela prática realizada em sala de aula tendo como corpus as poesia digitais presentes na Coleção de literatura eletrônica <<http://collection.eliterature.org>, uma coleção disponível na web sob a curadoria de Katherine Hayles nos Estados Unidos, essa obra, já no terceiro número, apresenta-se como uma coletânea da literatura eletrônica produzida por poetas digitais de vários países, entre eles o Brasil.

Quanto aos objetivos específicos propostos elenca-se: observar os mecanismos diferenciados de leitura oferecidos pelas referidas poesias, por meio de análise de quatro poemas distintos escolhidos da Coleção de literatura eletrônica, ainda, verificar a recepção dessas poéticas para o perfil de estudantes em análise, ou seja, de quem usufruiu da prática, soma-se a esse o outro objetivo no sentido de obter um olhar de quem organizou o material, isto é, o responsável imediato da confecção do poema. Por fim, estimular o estudante no sentido de querer literatura, e em especial acolher os poemas percebendo o quão importante é o tempo dedicado para contemplação e imersão de si próprio e das coisas que o circundam por meio da leitura. Com o intuito de atender aos objetivos aqui propostos as contribuições dos autores foram significativas. Para análise das discussões usou-se como referência especialmente Allen (1994), Staiger (1993), Langer (2005), Cosson (2009) e Cavalcante (2018) para tratar sobre poesia; Antônio (2008), Ferreira (2010) e Lain (2013), para questões referentes à poesia digital; Pétit (2009), em se tratando do perfil de leitores, Failla (2016), sobre dados referentes aos leitores no Brasil; Hayles (2012), Jenkins (2009, 2014), Lévy (1993, 1998, 2010), Santaella (2002, 2005, 2007, 2011), Santos (2013) para tratar sobre literatura eletrônica e leitores. No geral, os autores oferecem conceitos fundamentais sobre leitura, leitor, poesia, literatura eletrônica, poesia digital e as implicações entre elas que são essenciais para o direcionamento desta pesquisa.

Outrossim, as produções desta Organização lançam mão de recursos em que é possível unir enunciados verbais, visuais e sonoros em ambiente digital no exercício de uma recepção que se alinha em uma conduta ativa de fruição estética. Nesse sentido, integrados às práticas escolares, tais registros podem proporcionar à formação do leitor experiências aprofundadas de contato com o digital e, sobretudo, de interação com o texto poético. Para aferir essa relação, a metodologia aqui empregada consta de pesquisa bibliográfica disponibilizando uma variedade de informações referentes ao tema, seja por livros impressos, digitais, uso da internet, vídeos; e pesquisa de campo, aproximando a pesquisa da realidade dos educandos dentro do ambiente educacional, tendo os dados coletados por meio de falas, atividades individuais, em grupo e questionários escritos. As coletas aconteceram por meio de gravações das falas sem identificação dos estudantes e mediante anotações das observações durante o desenvolvimento das práticas. Soma-se a isso o diário de campo, com o qual se tomou nota dos acontecimentos relativos à pesquisa no ambiente escolar, das considerações pessoais sobre tais atos, e demais fichamentos que poderiam servir na descrição e análise das atividades, sendo este material um acompanhamento constante durante toda a prática.

É importante destacar que o campo de investigação desta tese consiste em uma turma de estudantes de segundo ano de Ensino Médio de uma escola pública. O espaço escolhido para a pesquisa fundamenta-se no fato de que esse cotidiano serve de amostra da realidade enfrentada pela maioria das escolas em seus aspectos didáticos, estruturais e sociais. Explicita-se que o critério de seleção pelo período escolar sucedeu-se porque esses estudantes já passaram do período de adaptação quanto à mudança de uma etapa a outra (fundamental II à Ensino Médio) e a rigor não estão centrados nos exames de seleção de vestibular, situação que acontecerá no ano vindouro. Para aferir os resultados, os instrumentos de pesquisa foram a aplicação de questionário aos estudantes de Ensino Médio (tal técnica ajudou pela espontaneidade oferecida na escrita) e entrevistas estruturadas aos autores de poesias digitais, servindo de elemento que tanto contribuiu para os capítulos teóricos quanto para sua utilização a fim de analisar a prática executada pelos estudantes. Soma-se a isso a análise das poesias pela pesquisadora, tendo como propósito apresentar o diferencial que ali se encontra, o que há de enriquecedor que posso atrair os jovens para a leitura e que a análise acontecesse antes do contato dos estudantes. A aplicação prática do gênero se efetuou junto aos educandos. É notório destacar que se deu primazia ao respeito quanto aos sujeitos envolvidos na pesquisa, seguindo os preceitos apontados nos documentos relacionados à ética em pesquisa com seres humanos, disponibilizados pela instituição a que se vincula essa pesquisa, lembrando que antes da realização da prática, obteve-se autorização do comitê de ética. A vista disso, tendo as falas dos estudantes como parte do texto de investigação, quando da efetivação da pesquisa, foram utilizados itálico e numeração com o propósito de diferenciar as conversas, resguardando o anonimato. Convém acrescentar que após o registro dos dados no computador, procedeu-se a organização deles para que, na sequência, fosse viável operar o diagnóstico do material dos estudantes, sendo que a análise dos estudantes foi realizada após a Qualificação do doutorado. Destarte, registra-se que num movimento de idas e vindas efetuou-se a análise dos poemas digitais constantes da Organização de literatura eletrônica.

Justifica-se a escolha pelo trabalho tendo em vista a preocupação em formar leitores no Ensino médio com a utilização dos aparatos tecnológicos, que se mostram atrativos nesta fase da vida. É dever da instituição escolar integrar as tecnologias aos estudantes conforme prevê os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias quando propõe “aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes” (p. 12). Nessas mesmas diretrizes complementa-se que a presença desses recursos é recente na sociedade, de modo conseqüente há receio quanto a sua utilização. Por isso “conviver com toda as possibilidades que a tecnologia oferece, é mais

que uma necessidade, é um direito social” (p. 13). Depreende-se que a simples presença das tecnologias não provoca transformações na sociedade, é preciso um projeto atraente que mobilize o conhecimento. Tem-se aí, a necessidade de avançar os estudos na área literária, envolvendo tecnologia e poesia, procurando aproximar o ensino da habilidade que diversos jovens adquirem em lidar com as inovações tecnológicas. É de importância obter novos olhares à produção da poesia bem como do seu uso, numa integração entre equipamentos eletrônicos, estética, autor e leitor, numa outra relação de ressignificação literária. Torna-se fundamental ponderar sobre os novos modos de pensar, sentir, agir que vão se construindo nessa rede de sistemas tecnológicos e influenciam o prazer estético. Logo, todas essas justificativas vão colaborar na formação do sujeito leitor.

Em relação à estrutura desta tese, ela está dividida em oito capítulos, juntamente com a introdução e a conclusão. No segundo capítulo inicia-se a discussão teórica, discorre-se sobre a poesia, a palavra que toca para além da linguagem cotidiana, saindo da palavra e partindo para uma produção híbrida que integra imagens, sons, ruídos e tantos outros códigos. Além do mais, destaca-se a importância da poesia e como hoje está sendo trabalhada, exibindo índice de leitores desse gênero textual, bem como sua disseminação. Nota-se que “os leitores jovens constroem suas habilidades, gostos, comportamentos e disposições para a leitura nas socializações que vivenciam ao longo de suas vidas”. (ARAÚJO, 2016, p. 64)

Para o terceiro capítulo as páginas foram dedicadas a discussão da tecnologia que mexe com todos os sentidos, a relação com a vida das pessoas, as transformações ocorridas por obra dos aparatos digitais, principalmente em relação à leitura. Até essa parte do trabalho, em três capítulos que têm, em si, elementos introdutórios ao tema desta pesquisa e ao contexto em que fui e reflui esse tema, precede-se à metodologia do trabalho a discussão sobre a leitura da poesia em suas complexas relações quando se assoma aos fenômenos da recepção e da estética às novidades das tecnologias digitais.

Desse molde, o quarto capítulo é voltado às questões metodológicas, como se procedeu esta pesquisa. É relevante frisar que a pesquisa é qualitativa. O primeiro contato com a coleção de literatura eletrônica foi durante a disciplina isolada de *Literatura e Tecnologias*-Doutorado. Após, partiu-se para o critério de escolha dos poemas. Assim, ficou definido que optar-se-ia por autores cuja língua é a portuguesa, pois não havia informações até então do grau de conhecimento dos estudantes quanto à língua inglesa (língua esta que permeia à Coleção), além do mais a intenção é formar leitores, acreditando-se que a escolha pela língua poderia ser um fator que impulsionaria à leitura por ser familiar. Como ponto complementar cita-se o fato de que a prática estava pensada para acontecer em uma escola de Passo Fundo-RS, turma de 1º

ano de Ensino Médio quando da escolha da pesquisa, mas que passaria ao segundo ano, quando da realização prática. Por transferência de residência da pesquisadora ao estado do MS, a prática teve que acontecer neste estado, mais precisamente na cidade de Dourados. Logo na chegada à cidade, direcionou-se a uma escola próxima à residência a fim de solicitar a realização da prática, porém não se obteve êxito. A diretora colocou empecilhos quando soube que deveria assinar o termo de autorização da escola. Partiu-se, então para outra escola e nessa foi efetivada a prática. Durante este período de transição procedeu-se às leituras sob direcionamento do Orientador. Outrossim, informa-se também que nesse período contatou-se com os autores, os quais se mostraram receptivos à pesquisa, inclusive enviando materiais para leitura e lendo a parte biográfica para constar na tese. Infelizmente dos quatro autores, somente três puderam participar da pesquisa, pois um deles se encontrava impossibilitado em razão de viagem prolongada. Os contatos com os autores foram por e-mail, WhatsApp e Facebook. A entrevista constou de 17 questões comuns a todos. Ao autor Santos foram acrescentadas mais sete questões atendendo solicitação dos estudantes que efetivaram a prática, pois o período da entrevista com o autor aconteceu alguns dias após à prática. Para o autor Torres foi adicionada uma questão em razão da criação de nova versão para o poema *Amor de Clarice*.

As perguntas abertas oportunizam maior liberdade ao respondente, de forma espontânea ao tema. A entrevista foi dividida em quatro partes, sendo que nas questões iniciais (1 a 7) focalizou-se na formação de leitores com o uso da tecnologia. Nas questões 8 a 10 direcionou-se às perguntas para o processo de criação. Nas questões 11 e 12 centralizou-se na Organização de literatura eletrônica. Por último, nas questões 13 a 17, direcionou-se a pontos subjetivos de cada autor com a sua criação específica.

O quinto capítulo tem por finalidade discorrer sobre literatura eletrônica, o diferencial que se apresenta nela; a Organização de literatura eletrônica, o que é, como funciona, o que visa; a Eletronic Literature Collection, local que oferece os poemas interativos, os volumes, pretensão e os usos dos aparatos disponíveis para leitura pelos estudantes de Ensino Médio.

No sexto capítulo aborda-se mais especificamente sobre as poesias digitais em rede, concernentes ao tema da recepção desse material aos leitores. Convém destacar que os poemas aqui estudados são feitos com a intenção de serem lidos em suportes digitais. Ainda, efetua-se considerações acerca dos poemas selecionados para esta pesquisa presentes na Organização *Eletronic Literature Collection*, discorrendo também sobre as respostas dos autores em relação à entrevista realizada. Tal entrevista tem o intuito de agregar informações dos autores das poéticas em estudo, a fim de contribuir com a formação do sujeito leitor de Ensino Médio que como se pôde perceber, está numa fase em que o interesse pela leitura diminuiu se comparado

com a época da educação infantil e ensino fundamental, o que pode ser comprovado nas palavras dos estudantes e na *Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil*.

No capítulo sétimo, descreve-se a prática já realizada e procede-se a análise desta prática tendo como campo empírico a sala de aula e seus respectivos estudantes do 2º ano do Ensino Médio, atrelados ao objetivo proposto. Foram escolhidos quatro poemas distintos e pelas colocações dos estudantes foi-se percebendo que no início houve um estranhamento, depois começaram a ver o que neles havia de diferente do impresso, até comparando um com outro e por último, o cochicho que esteve presente no dia que a pesquisadora apresentou a tese falando que seria sobre poemas, aos poucos diminuiu e não teve mais, pois sentiram-se confortáveis em interagir com poemas num espaço diferenciado.

Por fim, apresenta-se as considerações finais, enfatizando os pontos principais do trabalho, principalmente da prática, a percepção dos poemas no início das aulas e no final, a insegurança deu lugar à curiosidade e a motivação. Ainda, encoraja-se mais pesquisas nesta área.

Salienta-se que as falas dos adolescentes, as atividades realizadas, os questionários por eles preenchidos compõem o quadro de atividades práticas realizadas juntamente com as entrevistas com os autores, permitindo que se confronte a teoria com esses dados práticos.

Terminada a descrição dos capítulos, convém salientar que a proposta aqui apresentada é formar leitores por meio do *corpus* interativo apresentado, ou seja, na escolha dos poemas que por aqui passaram. Disso constata-se que é preciso permitir abrir a janela para o novo e deixar fluir com liberdade o conhecimento. Nesta mesma janela, quantas amadas *Clarices* debruçadas nela tiveram um *insight* da falta de uma *Cyberliteratura* em suas vidas e beberam da “água” desta fonte que chegou até elas pela fresta da janela. Um pequeno espaço, uma fissura, que foi se ampliando com o tempo e abrindo caminhos para que mais pessoas pudessem acessar essa ligação com o manancial.

Ao trazer a discussão para tão perto, a intenção com esta tese é a de colaborar com os estudos sobre leitura a fim de que tanto a comunidade acadêmica, quanto a sociedade e os docentes possam ter subsídios a fim de proporcionar ao estudante o engajamento com a multiplicidade de formas de produção de sentido. Nesse caso o contato com as obras tornou-se imprescindível.

Cabe registrar, ainda, que as TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) são parte do meio social do estudante e, a partir daí, deveriam ser parte de uma escola que não se afasta da vida social, o que, de certo modo, também se aplica à leitura da poesia, como gênero que não deve ser distanciado da vida dos sujeitos.

2 POESIA: A PALAVRA E O EU

A poesia é um fato inelutável. Dizem os antropólogos que não há um só grupo étnico desprovido de poesia, mesmo nas sociedades denominadas primitivas. Trata-se, pois, de um fenômeno universal, exatamente como a linguagem. (JAKOBSON, p. 5).

A poesia, em sua longa existência, é uma arte que sofreu transformações com o fluxo da história. Manifestação de um “eu”, o gênero lírico se estabelece, segundo Staiger, no termo “recordação”, como reminiscência da “existência paralisou-a” (1993, p. 23) na intimidade que se apresenta, superando as limitações do tempo, fazendo presente algo passado, da mesma forma como ignora qualquer distância entre sujeito e objeto, para o “um-no-outro lírico” (1993, p. 59). Como manifestação, contudo, o lírico não está dissociado de deslocamentos formais, ao investir em novas formas de expressão, em estatutos estéticos reinventados, em suportes que se avoluma nas diferentes maneiras de “recordar”. E essa recordação, se associada ao que se pretende na formação de sujeitos sensíveis, pode ser “aprendida” na escola.

2.1 Poesia -um lugar de interiorização

A combinação das palavras e suas rimas é um recurso primeiro recorrido pelos poetas, dando ritmo aos poemas. Estes, ao ser de cunho subjetivo e ligados às emoções, são denominados “líricos”. Para Santos (2017, p. 1) convencionalmente, compreende-se por lírica um poema de expressão individual e subjetiva, relativamente atrelada à ideia de uma reflexão, por parte de um “eu” particular, sobre temas da ordem do emocional.

É plausível chamar de texto lírico toda produção em que há predominância da expressão individual do *eu*, através de uma linguagem elaborada, sobretudo no ritmo e nas imagens. Insere-se, neste tópico, a utilização de recursos sonoros e textuais, tais como: rima, métrica, figuras de linguagem. É preciso lembrar antes de tudo que a literatura, e somente ela, propicia uma redescoberta do eu (REGINATTO, s/n). Baseando-se nisso, falar de poema significa envolver os sentimentos do eu-lírico também denominado eu-poético ou sujeito-poético, o qual não pode ser confundido com o autor, por trata-se de um ser criado para projetar a visão de mundo do poeta.

Salienta-se que nem sempre o poeta e o eu lírico tem as mesmas emoções, a mesma angústia, ansiedade. Os poemas não são construídos pelo autor com a intenção de desabafar os seus próprios sentimentos, embora algumas vezes esses estão expressos no poema, mas a intenção é de usar o espaço literário a fim de mostrar que aquilo que ele sente pode ser naturalmente universal. Paul Allen (1994) enfatiza que o uso da primeira pessoa não garante

que o poema remonte aos sentimentos íntimos do poeta. O grande viés proposto torna-se a problemática humana, dentro de um fazer criativo do poeta. Todavia, ressalta-se que a lírica surgiu em uma cultura oral, tendo função social, não subjetiva. Para esboçar o quadro teórico, Santos (2017) sustenta que o termo “lírica” se refere à forma de execução e de recepção desse tipo de poesia. Logo, dos sentimentos apenas individuais passou-se a contemplar também crítica à realidade social juntamente com a experiência vivenciada nela. Nesta direção Paz (1996) tenciona que as palavras do poeta são suas e alheias, eis a razão do poema tratar de uma experiência histórica que pode ser pessoal, social, ou essas duas juntas. Na mesma direção, Adorno propõe que é pelo individual que se alcança o universal.

[o] teor de um poema não é a mera expressão de emoções e experiências pessoais. Pelo contrário, estas só se tornam artísticas quando, justamente em virtude da especificação que adquirem ao ganhar forma estética, conquistam sua participação no universal. Não que aquilo que o poema lírico exprime tenha de ser imediatamente aquilo que todos vivenciam. Sua universalidade não é uma *volonté de tous*, não é da mera comunicação daquilo que os outros simplesmente não são capazes de comunicar. Ao contrário, o mergulho no individuado eleva o poema lírico ao universal por tornar manifesto algo de não distorcido, de não captado, de ainda não subsumido. [...] A composição lírica tem esperança de extrair, da mais irrestrita individuação, o universal. [...]. Essa universalidade do teor lírico, contudo, é essencialmente social. (ADORNO, 1989, p. 66-67).

Daí deriva o fato de que, ainda que centrada no indivíduo, o poema é capaz de ser ferramenta para mensurar a sociedade e por isso mesmo modifica-se podendo atualizar-se ou resgatar fatos. Por revelar essa capacidade evolutiva é que ela pode ser distribuída no espaço sem as amarras, isto é, com maior flexibilidade de ocupar a folha de papel ou a tela do computador. O próprio emprego das palavras alude para o tema a ser encaminhado, uma vez que os vocábulos, em variados momentos, são distribuídos no formato desejado pelo autor, constituindo-se em uma imagem. Já em tempos anteriores, a atividade poética remetia às sociedades orais, não havia encontrado na escrita sua forma de preservação do passado, trazendo como a essência correlata da linguagem a capacidade de nomear (SILVA, 2014, p. 13). Esse poder de nomear, como escreveu Bosi (1983, p, 141) “é o fundamento da linguagem, e por extensão, o fundamento da poesia”. De maneira especial, importa consignar na perspectiva de Krausz (2007) que

A poesia oral, é, portanto, o instrumento por meio do qual a história de uma comunidade e nas narrativas que tratavam de suas origens mais remotas são contadas e recontadas. Por meio da poesia oral, cada membro da sociedade estabelece vínculos com seu passado coletivo, de tal forma que a existência individual transcende os limites da experiência imediata para alcançar uma dimensão ulterior, um âmbito que não está sujeito às leis e limitações da temporalidade, isto é, a esfera do sagrado. A

memória, preservada por meio da poesia oral, torna-se assim, uma forma de transcender as limitações intrínsecas à condição humana, para alcançar um âmbito habitualmente reservado aos deuses. (KRAUSZ, 2007, p. 18).

A propósito, Santos (2017), registra que de uma composição performática de cunho oral, a lírica passou a ser compreendida como uma expressão individual. Deseja-se ressaltar, “entre os séculos IV e I a.C, a poesia lírica vai se consolidar, emancipando-se como gênero literário, libertando-se do acompanhamento musical” (SILVA, 2014, p. 18). As mudanças no decorrer do tempo, nas quais se passou da oralidade seja ela cantada seja pela leitura efetuada em voz alta, para a relação do leitor com a leitura realizada, isto é, com a intimidade, indicam o sentido de privacidade proposto por Manguel

As palavras não precisavam mais ocupar o tempo exigido para pronunciá-las. Podiam existir em um espaço interior, passando rapidamente ou apenas se insinuando plenamente decifradas ou ditas pela metade, enquanto os pensamentos do leitor as inspecionavam à vontade. [...] O leitor tinha tempo para considerar e reconsiderar as preciosas palavras cujos sons - ele sabia agora- podiam ecoar tanto dentro como fora. (MANGUEL, 2004, p. 44)

Nesse sentido, faz-se uma rápida incursão pela poesia concreta, em que o poema oral dá lugar ao poema escrito e o poeta tem de recriar os efeitos no papel. O público é o leitor e o poeta um designer da linguagem conforme dito por Pignatari. Indo mais além, parte-se para o campo digital, vindo à tona a oralidade e um projeto que envolve outras artes, vários gêneros e dependendo do poema, muita interatividade. Nesse universo a capacidade de perceber as sensações está em ascensão, tendo em vista que o contato físico passa a ser imediato, colocando em movimento, de uma só vez, sentimentos e realidades ainda que intangíveis. É a literatura mostrando o seu valor, ensinando a viver, renovando-se com a sociedade.

Esse desenvolvimento pode ser percebido com a própria expressão poética. Silva (2014, p. 17) assegura “com o passar dos séculos, o termo literatura se estabelece, ficando a palavra poesia ligada, enquanto gênero, exclusivamente à poesia lírica”. Nesse universo da poesia, Allen (1994) esclarece que, a lírica, como convencionalmente é compreendida, só é possível em uma cultura escrita, alicerçando-se no surgimento das coleções líricas, entre o período helenístico e o augustano. Essas coleções permitiriam reler os poemas e analisar com mais atenção aquilo que o autor chama de “consciência lírica”. Por “consciência lírica”, o autor não compreende algo como um arrebatamento emocional, mas um determinado efeito, produzido por certa estrutura escrita, em um contexto histórico específico. A fim de aprofundar essa visão, Allen (1994) e Ullrich Langer (2015) afirmam que a partir daí poder-se-ia pensar em uma discussão do gênero lírico, considerando a questão da subjetividade. A “consciência lírica” de

Allen (1994) é essencial para a sua definição do gênero. Nessa feitura o autor proclama que o gênero existe como padrões de uso, formas sedimentares de discurso e pensamento, que permeiam toda a linguagem. O gênero se estabelece como um dado cultural e linguístico a ser interpretado, não como uma fórmula ou concepção essencialmente crítica ou teórica. O autor tem a convicção de que os gêneros podem ser entendidos como “as variable, linguistic responses to the changing conditions of communal life, which derive their evolutionary and recombinatory possibilities from the set of accepted patterns of usage available to a given socio-cultural grouping at a particular time” (1994, p. 43-44) e, ainda, como “a unique dialogical situation” (1994, p. 44)¹. Sendo assim, Langer (2015) assevera que todo discurso escrito ou oral funcionaria como uma conexão entre os membros de uma coletividade política. Perante essa explanação teórica, o discurso, mesmo quando individual, emergiria de um senso de comunidade, de uma perspectiva social que, confirmando as proposições de Langer é perpassada por um grau subjetivo.

Isso posto, a musicalidade torna-se importante a fim de auxiliar na recepção desse tipo de texto. Huizinga (2005, p. 158) lembra que o gênero lírico é o que permanece mais próximo da esfera lúdica da qual deriva todos os demais gêneros (o épico e o dramático). No sentido amplo do termo, na escala da linguagem poética, a expressão lírica é a mais distante da lógica e a mais próxima da música e da dança. Dentro dessa perspectiva Staiger (1993) assevera que é a união indissolúvel entre som e sentido que gera a qualidade artística da poesia. Para o referido autor, quanto mais lírico for o texto, mais intrinsecamente estarão ligados esses dois aspectos e mais difícil será observá-los de forma isolada. Essa unificação, que causa o sentido do poema, é, ao mesmo tempo, muito bem delineada e extremamente sensível no que diz respeito à poesia. Em se tratando do registro dos poemas por meio das palavras, o autor acredita que se perde o encantamento, entretanto elas podem ser entendidas como libertadoras dos sentimentos, tal qual se virá mais adiante, por exemplo, no poema Liberdade que associa a livre circulação pelo espaço do poema seja por meio das palavras, imagens, posição em que as letras se encontram no percurso e escolhas do leitor que estão estreitamente ligadas ao registro escrito.

Hegel (1979, p. 221) defende a noção de que “o elemento subjetivo da poesia lírica sobressai de uma maneira mais explícita quando um acontecimento real, uma situação real se oferece ao poeta [...], como se essa circunstância ou esse acontecimento desencadeasse nele sentimentos ainda latentes”. Isso foi expresso por Staiger “A lírica deve mostrar o reflexo das

¹como respostas linguísticas variáveis às mudanças das condições da vida comunitária, que derivam suas possibilidades evolutivas e recombinatórias do conjunto de padrões aceitos disponíveis para um determinado grupo sociocultural em um determinado momento.

coisas e dos acontecimentos na consciência individual” (STAIGER, 1993, p.57). De modo geral, significa a experiência vivenciada pelo poeta utilizada com a finalidade de criar. Ele é capaz de colocar em vocábulos as situações do dia a dia. A posição de Staiger (1993) é a de que para o poeta lírico não importa se um leitor também vibra, se ele discute a verdade de um estado lírico. O lírico não é inculcado, para a insinuação ser eficaz o leitor precisa estar indefeso, receptivo. Isso acontece quando sua alma está afinada com a do autor.

É importante discutir aqui quem fala num poema, o lugar de onde se fala. Na perspectiva de Eliot (1972) há três vozes na poesia moderna. O autor cita a voz do poeta que fala consigo mesmo, a voz que se manifesta perante um público seja ele pequeno ou grande e a voz que tenta criar uma personagem teatral que conversa com outros seres imaginários. Ao que parece essas vozes não são excludentes, pois o poeta pode falar para ele mesmo e para os demais. Salienta-se que o autor considera importante saber “o que o poema que o satisfaz tem a dizer às demais pessoas” (1972, p. 44). O leitor é quem poderá responder a esse questionamento. Assim, fica visível que Eliot percebe mais de uma voz à qual deve ser ouvida no poema. Nesse sentido, ao se pensar um poema digital como *Amor de Clarice* percebe-se que há nele além da voz do autor, a voz da personagem, que se dirige a alguém e a voz de Clarice Lispector, autora do conto. É um fluxo de vozes, de reflexões. Sendo assim, a voz da poesia necessita do público e sofre influências deste. Agregam-se a isso as informações de Berardinelli (2007, p. 18), para ele, permeia nas indagações de Eliot o problema da pluralidade das vozes que agem no poema. Segundo Berardinelli (2007, p. 19) “a poesia se apresenta como uma negação da lírica, como primeira voz da poesia”. Torna-se curioso, ainda, o fato de o autor dizer que “as novidades do século XX, consistem na luta da lírica para sair de si mesma e do próprio *a priori*, sem renunciar a autoconsciência estética e histórica”. (BERARDINELLI, p. 20)

Nesse entrelaçamento de linguagens, registros, musicalidade, Eliot traz a seguinte colocação:

Lei geral é a lei segundo a qual não pode afastar-se muito da língua cotidiana que nós mesmos falamos e ouvimos falar. A poesia- seja ela quantitativa ou silábica, rimada ou não rimada, de forma livre ou fechada- não pode perder o contato com a linguagem cambiante das ordinárias relações humanas. Pode parecer estranho que, mesmo tendo me proposto a falar de música da poesia, eu insista particularmente na linguagem da conversação. Mas antes de tudo gostaria de lembrar que a música da poesia não existe independentemente do significado; do contrário, poderia produzir-se uma poesia de grande beleza musical, mas ausente de sentido, como jamais me ocorreu de ler. Nas aparentes exceções há apenas uma diferença de gradação; há poesias em que nos deixamos levar pela música, aceitando o sentido como dado; outras, em que nos fixamos sobretudo no sentido, enquanto, sem que percebamos, somos comovidos pela música. (ELIOT, 1972, p. 5)

O que o autor se propõe a pensar é sobre a musicalidade da fala, seu estado melódico, entretanto, sabe-se que há a poesia direcionada aos olhos, o que pode ser pensado na poesia concretista. O ponto de encontro aqui está na fragmentação pensada em Eliot, trazendo para a ribalta outros recursos como citações, tirando a centralidade pertencente ao *eu lírico* assim como se percebe a fragmentação tanto na poesia concreta quanto na digital. Basta observar os versos em qualquer um dos poemas aqui analisados nesta tese. Para Berardinelli as palavras da poesia, em Eliot, mais que fragmentar a realidade, são fragmentadas por ela ou pelos menos são postas a dura prova. Essa fragmentação pode ser percebida com maior evidência na poesia eletrônica, já que se constitui em formas que se utilizam de mais recursos do que o papel. Ainda, o que pode ser pensado é que as vivências do poeta ajudam a construir a significação seja a voz dos familiares seja dos autores de relevância em sua jornada. É pela união dessas vozes que o poeta se constitui, determinando seu estilo, pelo qual comunica seus sentimentos usufruindo-se da linguagem. Outrossim, oferece pontos de vista que provocam reação do leitor.

Nessa discussão com relação à poesia, poder-se-ia dizer que o leitor se sentirá como se ele mesmo tivesse composto os versos. Justamente devido a poesia tocar as pessoas tão imediatamente, seu conhecimento ocasiona dificuldades. Compreender a poesia é algo que ou se dá por si ou não se dá de forma alguma. Staiger (1993) aponta ainda que o poeta lírico inspira ao mesmo tempo clima e linguagem. “Seu poetar é involuntário” (STAIGER, 1993, p. 7). Os lábios deixam escapar o que está na ponta da língua. O poeta lírico escuta sempre de novo em seu íntimo os acordes já entoados, recria-os.

Sem mais delongas, perante essa simbiose provocada pelo poeta, muitos sentidos são implícitos, ocasionando a plurissignificação. Portanto, a produção poética é centrada no *eu* fundamentada pelas experiências do artista em várias temáticas, entre elas a felicidade, o sofrimento, a angústia. Nos embalos das palavras de Ritter (2009), dir-se-ia que a poesia não é substituída por outro prazer qualquer devido ao prazer estético. Ao ler um poema, o leitor capta a realidade pelas sensações, o que de certa forma se tornou mais evidente com a mediação tecnológica. Obviamente isso leva a crer que sofre influências externas. Diante do exposto, sustenta-se que o lirismo é uma forma de expressão que rompe com os estilos convencionais de compreender o mundo, proporcionando novas experiências existenciais, sendo a poesia a forma e o lírico o conteúdo. Essa sensibilidade é alicerçada pelo uso da primeira pessoa, o que se aproxima mais do universo real numa espécie de sintonia, juntamente com a linguagem diferenciada. Tendo o intuito aparentemente de apenas provocar sensações no leitor, a poesia vai além, pois diante de sua forma estética atinge mais profundamente o eu e o mundo que fluem na torrente poética.

2.2 A importância da poesia

Para que serve a poesia? É preciso reconhecê-la como uma arte cujo propósito é o da compreensão da vida, do mundo.

Quando me perguntavam “para que serve a poesia?”, quase sempre respondia, como muitos, “para nada”, de certo modo devolvendo o desafio a mim enviado, aceitando o jogo, ora triste, ora sarcástico, – sempre corrosivo –, da pergunta, que tentava ridicularizar a suposta inutilidade da poesia. Na época, mesmo podendo ter vários desdobramentos importantes, o “para nada” da resposta buscava igualmente ridicularizar a suposta inutilidade da pergunta; a resposta não era mais do que o espelho fiel da pergunta. Já não respondo da mesma maneira. A poesia serve- a quem? – A poesia serve a quê? A quem serve a poesia? A que serve a poesia? A poesia como serve? Serve, a poesia? A poesia é uma serve das intensidades de vida, tornando-se, assim, um caminho vital intensivo. E progressivo. A poesia é um caminho vital intensivo e progressivo de vida. Um dos caminhos, um caminho privilegiado. Por esse caminho, chega-se a vida, não como uma última paragem, estanque, a ser atingida, mas como o que já está, desde sempre, presente, em movimento, mas não conseguimos, habitualmente, vivenciar, não nos tornamos aptos a cotidianamente, atualizar sua potência implícita. (PUCHEU, 2007, p. 219-220).

Vê-se que a poesia problematiza à realidade, é dinâmica, é um aprendizado constante e infinito. Dotada de características específicas, dentre elas envolvendo os sentidos e a memória, determina-se numa estética de engajamento tanto social quanto político, almejando um caráter universal. Sendo ela provocadora, insinuante, destemida, ao trazer à tona sentimentos profundos, então, quem é o poeta?

O poeta é (...) aquele que ajuda a fundar culturas inteiras. Não dá pra entender a cultura portuguesa sem Camões, a inglesa, sem Shakespeare; a italiana sem Dante; a alemã sem Goethe, a grega, sem Homero; a irlandesa, sem Joyce. Poesia é a arte do anticonsumo. A palavra “poeta” vem do grego “poietes =aquele que faz”. Faz o quê? Faz linguagem. E aqui está a fonte principal do mistério. (...) O poeta faz linguagem para generalizar e regenerar sentimentos, diz Charles Peirce. (...) O poema é um ser de linguagem. O poeta faz linguagem, fazendo o poema. Vale dizer: Está sempre criando o mundo (...) ele trabalha as raízes da linguagem. Com isso o mundo da linguagem e a linguagem do mundo ganham troncos, ramos, flores e frutos. (PIGNATARI, 2004, p. 10,11).

Munido de uma cadência sutil ou expressiva, o poeta divide seus anseios retratando as inquietações de um povo e podendo deixar um legado para gerações posteriores. Nota-se que a palavra mantém sua importância, é o escudo do poeta, mas ela não fica sozinha como instrumento de trabalho. Hoje, o poeta conta com outros meios que complementam esta matéria-prima. O uso da tecnologia veio proporcionar ao escultor das letras outras possibilidades de se expressar, basta adicionar uma pitada ou talvez uma boa porção do uso dos ingredientes ofertados por ela e poderá agregar mais valor ainda a sua obra e com isso maior proximidade

aos leitores, principalmente a esta geração que *brinca* com o aparelho e prefere entender o mundo pelos olhos da tela. Por isso, é ele, o poeta, quem deseja se aproximar do seu tempo e muitos já são precursores desta área, nasceram poetas digitais, outros, estão na transição papel-digital e alguns preferem se manter nos materiais impressos. O importante nessa busca do meio que se considera mais adequado, é manter a essência na conquista de cada vez mais leitores.

Adiciona-se o esclarecimento de que a figura do poeta se alterna entre duas polaridades: ora é visto como um ser tomado por possessão, que, em estado de alteração e êxtase, cria o poema violando regras e preceitos; ora é considerado um artesão que, com lucidez e disciplina, domina as formas e a substância do poético (AGUIAR E SILVA, 1976). Cada período histórico elegeu uma dessas duas figurações, em consonância com as ideias e o papel que se atribuía à arte e à literatura em geral.

Nessa busca, Oliveira (2013, p. 129) evidencia que “o poeta é capaz de olhar e ver o mundo e os seres como se fosse sempre a primeira vez e, com esse olhar estranhado e atônito, ele colhe o insólito no que é corriqueiro e o eterno no que é, por sua natureza, mortal”. Ao esteio desse pensamento, no dizer de Paz (1993, p. 108-109), os poetas têm sido a memória de seus povos, pois “cada poeta é uma pulsão no rio da tradição, mas só para inventar outra”. Essa posição aproxima-se dos aportes do psiquiatra italiano Eugenio Borgia (2011), os quais tornam-se imprescindíveis aqui, ele afirma que não “seria possível colher as raízes de experiências emocionais, como a da solidão e a do silêncio, sem as grandes intuições poéticas” (BORGA, 2011, p. 114).

Em que pese, tudo parece girar em torno da sensibilidade. Para dar conta dessa afirmação, recorre-se aqui aos documentos oficiais federais do Ensino Médio-MEC (2006) por meio das Orientações Curriculares Nacionais, em que é visível a percepção do destaque para a literatura em seu estatuto estético, lê-se aqui o texto poético como vital, o qual proporciona uma comunicação peculiar com o leitor, como se verifica abaixo

Estamos entendendo por experiência literária o contato efetivo com o texto. Só assim será possível experimentar a sensação de estranhamento que a elaboração peculiar do texto literário, pelo uso incomum de linguagem, consegue produzir no leitor, o qual, por sua vez, estimulado, contribui com sua própria visão de mundo para a fruição estética. A experiência construída a partir dessa troca de significados possibilita, pois, a ampliação de horizontes, o questionamento do já dado, o encontro da sensibilidade, a reflexão, enfim, um tipo de conhecimento diferente do científico, já que objetivamente não pode ser medido. O prazer estético é, então, compreendido aqui como conhecimento, participação, fruição. (BRASIL, 2006, p. 55).

Um belo poema fala por si mesmo e o leitor fica deslumbrado, o que foi dito, visto ou escrito é uma troca consigo mesmo, com o outro ou talvez até com o mundo. O que impressiona, como se pode constatar com Vera Lúcia de Oliveira (2013, p. 120) é que “há algo de fundamental e enigmático no ser humano, que precisa da linguagem poética e de sua estrutura para se configurar”. Ainda, a autora complementa que “na poesia, há elementos complexos e contraditórios, nos quais concreto e abstrato se unem, racional e intuitivo convivem, os nomes e as coisas se buscam, marcando encontro em uma dimensão que é, ao mesmo tempo, tangível e telúrica, impalpável e imaterial”. Essa forma de expressão carrega consigo mistério e fascinação. Convive pelo seu poder de encantamento, com as fórmulas da magia e já esteve subordinada ao culto, consagrada, em várias culturas, à exaltação da divindade (SPINA, 2002). Inclusive, em algumas civilizações antigas, a figura do poeta se confundia com a do vidente, do profeta, do adivinho.

Parece essencial acentuar que “a linguagem poética ultrapassa limites dentro do universo artístico dialogando com os demais gêneros literários e também com outras formas de arte”. (RETTENMAIER; ROSING, 2013, p. 173). Nessa ótica, a poesia se torna a precedência sobre qualquer outra arte. A despeito de que todas sejam originariamente poéticas, arquitetura, escultura, música e pintura só se produzem quando já se produziu a clareira pela poesia primordial da linguagem, nas palavras de Heidegger (apud NUNES, 2012, p. 248). Em função disso, Nunes (2012) afirma que a poesia é o limiar da experiência artística em geral por ser, antes de tudo, o limiar da experiência pensante: um *poién*, como um *producere*, ponto de irrupção do ser na linguagem, que acede à palavra, e, portanto, engloba a interseção da linguagem com o pensamento.

A fim de complementar o que foi dito repara-se que o gênero literário poesia tem a história mais longa entre todos os outros; já serviu a propósitos míticos, religiosos, políticos, didáticos, filosóficos, até tornar-se, a expressão da recusa a toda norma, da livre experimentação de ideias, sentimentos e formas, o lugar da plena liberdade da razão e do inconsciente, o meio de individualização. (BORDINI, 2003). Nessa mesma esteira destacam-se as palavras do poeta Jorge Luiz Borges (2001) ao se posicionar com relação à poesia em uma de suas conferências:

Y quando la poesía, el lenguaje, no era sólo un medio para la comunicación sino que también podía ser una pasión y un placer: cuando tuve esa revelación, no creo que comprendiera las palabras, pero sentí que algo me sucedía. Y no sólo afectaba a mi inteligencia sino a todo mi ser, a mi carne y a mi sangre. (BORGES, 2001)²

² E quando a poesia, a linguagem, não era apenas um meio de comunicação, também poderia ser uma paixão e um prazer: quando tive essa revelação, acho que não entendi as palavras, mas senti que algo estava acontecendo comigo. E isso afetou não só a minha inteligência, mas todo o meu ser, minha carne e meu sangue.

Em conformidade com o exposto acima, Gutiérrez (2017) traz suas contribuições sobre o tema, referindo-se à poesia à qual “nos sumerge en el encanto de la interioridad, de la búsqueda por el silencio que provocan las palabras³”. É mais uma razão para entender o valor pedagógico que lhe é atribuído. Ela própria é o cerne do estudo enquanto objeto estético, dir-se-ia insubstituível. Esse trecho é revelador, pois justamente a função da escola é promover o encontro do estudante com o poema, um conhecimento encapsulado que está ressoando por entre os traçados a espera de que alguém seja conduzido entrelaçando-se às vozes e fique capturado pelos sentidos que ela oferece. Em si a formação dos leitores é uma luta constante em todos os níveis e os poemas, especificamente, são uma luta tanto da escola quanto na graduação, onde residem os formadores dos leitores. Sendo assim, o trabalho torna-se mais árduo, pois há preocupação em formar leitores, diante de profissionais da educação que saem do ensino superior sem serem formados como leitores de poesia.

Seria o caso de pensar numa ideia de aproximação com o texto e não de algo distante, como se fosse um gênero apenas do passado. Tais atividades incidem pela busca ao prazer estético. Evoca-se rapidamente, que essa expressão remete a um “prazer exigente porque implica o domínio de saberes que permitem uma fruição sempre em constante processo de aprofundamento” (CABRAL, 2002, p. 29). Redobrando o fôlego, é possível pensar a poesia como a fonte da literatura e a apropriação do poema como ponte para o desenvolvimento integral do ser humano. Por um viés de aproximação Lêdo Ivo (2011, p. 13) especifica, “há algo, no mundo e sobre o mundo, que só a linguagem poética tem condições de dizer” (2011, p. 13). Disso decorre que a poesia não se perdeu, pelo contrário, está mais presente ainda. Parece essencial acentuar as palavras de Lotman (1978, p. 66) “o leitor que sente a necessidade da poesia vê nela não um meio de dizer em verso o que se pode comunicar também em prosa, mas um meio de formular uma verdade particular, que não se podia construir fora do texto poético”. Vale a pena mencionar, ainda, seguindo os preceitos do autor, que o discurso poético possui uma outra consonância a qual dizer do discurso em prosa ou discurso da conversação. Ele é melodioso, isto é, a sonoridade musical do discurso poético é igualmente um modo de informar. Uma junção da composição e da técnica e principalmente com o digital se torna marcante, em que a produção dos poemas encontra respaldo na tecnologia e com ela produz sentidos. Entretanto, é preciso a existência dos leitores para que os poemas possam revelar-se, numa

³ mergulha-nos no encanto da interioridade, na busca do silêncio causado pelas palavras.

relação de reciprocidade e dependência: os poemas precisam dos leitores e os leitores carecem de poesia. Na mesma direção, Bordini (1986) discute,

A poesia é a forma literária que mais exige introspecção porque condensa múltiplos sentidos num espaço gráfico mínimo e exige do seu leitor um olhar mais atento à página, uma ativa mobilização do conteúdo intelectual e afetivo e um ajustamento contínuo de emoções e desejos, juízos e avaliações. (BORDINI, 1986, p. 31-32)

No rastro dessa definição, relata-se que a poesia, no decorrer da história literária, geralmente teve sua proeminência, por isso mostra-se como uma grande aliada no desenvolvimento da habilidade leitora. Por meio dela, o estudante pode ser levado a se identificar com o seu contexto pela forma em que é retratada a realidade. No campo da poesia, Oliveira (2013) configura que as palavras têm volume, peso, sabor, cheiro e, via de regra, cada poema cria uma lógica e uma gramática própria. Detecta-se, por conseguinte, que no poema o signo não é arbitrário, ao contrário, ele congrega em si a energia originária de verbo com o qual as pessoas designam o mundo.

Diante dessas colocações, não há como negar a importância de estudar a poesia. Por ocasião, a pesquisa poética, é reconhecida por Luis F. González-Gutiérrez (2017) como “[...] uma maneira crítica de abordar os problemas da comunidade com base na voz de seus participantes. É também uma metodologia que une pesquisadores e seus participantes em um diálogo generativo, o que melhora a pesquisa qualitativa”. O autor, ainda, aponta com clareza os três impactos que a poesia pode proporcionar e aqui se faz o registro: primeiramente fala sobre a importância de criar novas formas de construção da realidade social mediadas pelo verso, à qual pode ser sensível aos que dela participam. Ao mesmo tempo que pode ser um ato transformado pela sociedade, pode também modificá-la. As palavras emitidas pelos versos poetizam a vida, ao mesmo tempo que o sentido do poema acontece em um amplo espaço de semiose, convocando todos os sentidos. E isso está presente nas matrizes híbridas percorridas por Santaella, no concretismo, além disso há muito sentido intelectualizado no texto impresso. Na sequência, refere-se à chance de ampliar as competências criativas e lúdicas dos participantes, mediadas pela criação literária, o que pode acontecer, por exemplo, por meio da integração da poesia com a tecnologia conforme se percebe no conto *Amor* de Clarice Lispector, o qual não só mudou o suporte como também o gênero, tornando-se o poema *Amor de Clarice* do autor Rui Torres, uma versão interativa digital que oportuniza ações impossíveis de acontecer no texto impresso. Por último, sinaliza o desenvolvimento da autorreflexão do poeta diante desse cenário, visto que a capacidade criativa deve ser refletida no próprio criador. O poeta não tem hora específica para exercer esse ato, ele poetisa o transcorrer da vida e se

sensibiliza diante dessa experiência literária, apresentando pela linguagem artística novas leituras da realidade. Gera-se, assim, um duplo encargo: a preocupação do poeta com a construção do poema e a conexão entre os conhecimentos literários e o objetivo de sua investigação. É justamente por isso que

Lo importante más allá de los temas es la manera como se enuncian. La variedad con que el lenguaje puede decir, transformando las subjetividades y las emociones del amor, la venganza, el sueño y el desamor. En otras palabras, es preciso hacer del lenguaje un lienzo para poder siempre afirmar estos temas de la condición humana, con palabras diferentes, con giros literarios alternativos. (GUTIÉRREZ, 2017)⁴.

No poema estão contidas uma infinidade de opções, os quais proporcionam o crescimento da vida humana. Pelo poema, o homem se identifica, dialoga, descobre-se, reflete. Poema pode ser interrogação, exclamação e tantas vezes reticências. Tanto pode provocar a dor quanto o prazer. Por meio do poema o ser humano liberta-se, participa de uma experiência renovadora, é embalado e renovado pelas palavras e as desnuda com profundidade. Ele concebe com olhar distinto o universo que o circunda, renova-se, embriaga-se por trilhas não percorridas e revive situações sejam boas ou ruins, mas que só a ele pertence. Entende sua história a partir da história dos seus antepassados, conforta-se, emociona-se, sendo capaz de mudar a si mesmo e ao seu redor. Acentua-se, seguindo as colocações de Paz (2003) que

Una poesía sin sociedad sería un poema sin autor, sin lector y, en rigor, sin palabras. Condenados a una perpetua conjunción que se resuelve en una instantánea discordia, los dos términos buscan una conversión mutua: poetizar la vida social, socializar la palabra poética.⁵

Unem-se a isso as palavras de Antônio Candido (1972, p. 95), o qual atenta para a literatura como força humanizadora, que perpassa três dimensões: a psicológica, a qual atende à necessidade universal de fruição e fantasia, levando o indivíduo ao devaneio; a formadora, que educa, mas não de modo escolarizado e sim como a própria vida; e a social, em que o sujeito reconhece a realidade social através das vivências na obra literária. Direcionando o olhar para os poemas aqui em estudo, pode-se perceber, por exemplo, que *Liberdade* pode ser localizado

⁴ O importante além dos problemas é a maneira como eles são declarados. A variedade com a qual a linguagem pode dizer, transformando as subjetividades e emoções do amor, vingança, sono e desgosto. Em outras palavras, é necessário fazer da linguagem uma tela para poder sempre afirmar esses temas da condição humana, com palavras diferentes, com reviravoltas literárias alternativas.

⁵ Uma poesia sem sociedade seria um poema sem autor, sem leitor e, a rigor, sem palavras. Condenados a uma conjunção perpétua que se resolve numa discórdia instantânea, os dois termos buscam uma conversão mútua: poetizar a vida social, socializar a palavra poética.

como modo de fruição pela forma que se apresenta semelhante a estrutura de um jogo e ao mesmo tempo o sujeito quer se reconhecer na obra, levando em conta uma das questões levantadas por uma estudante do Ensino Médio durante esta pesquisa, que se interessou em saber se os personagens são verídicos, o que causaria maior identificação com a obra. Como se vê, diante do poema, o leitor não é um mero ouvinte, bem como o poema não se manifesta como uma obra fechada. O poema é uma mediação entre o homem e as coisas que o circundam. Em torno dessa junção, Paz (2003, p. 39) faz a seguinte reflexão: “El poema es creación original y única, pero también es lectura y recitación: participación. El poeta lo crea; el pueblo, al recitarlo, lo recrea. Poeta y lector son dos momentos de una mesma realidade⁶”.

Não há como negar que os poemas se associam com as causas humanas, por isso fala-se em poesia engajada, significando a expressão artística manifestada pelo poema, com intenção de refletir o que o ser humano vive, suas inquietações, objetivos, barreiras. Por isso, a importância de estudar o contexto em que determinada poesia se insere. Além do mais, pelo poema se consegue, seguidamente, descobrir de quem é a voz que fala, pelo estilo do que é manifestado, das palavras empregadas, sua escrita, enfim, a forma do autor se expressar. Para Augusto de Campos (2019):

A poesia dá provas de ainda resistir, nas mais diversas formas, como um respiradouro contestatário à linguagem contratual e decretal, e, mesmo em suas variantes de baixo repertório, parece achar formas de corroer o tecido conservador que tenta dominar a liberdade e a evolução do ser humano. (CAMPOS, 2019)

Eis a missão do poeta na mediação entre literatura e sociedade, sendo uma voz de resistência diante das atrocidades. Eliot (1920) propôs que a poesia deveria ser feita com base em várias emoções e o poeta seria o porta-voz. Nesta perspectiva, a mente do poeta seria o local de armazenamento de diferentes vivências, sensações, frases, imagens, até que fossem unidas no poema, para formar um novo todo. Em suma, o poeta teria uma combinação de experiências aos seres humanos em geral. Por isso, a tarefa do poeta não era a busca de novas emoções, mas o resgate das cotidianas, trabalhadas no interior do poema. Essa definição fica ainda mais clara nas palavras de Apollinaire as quais sustentam que:

Poesia e criação não são mais que uma mesma coisa; só devemos chamar de poeta àquele que inventa, àquele que cria, na medida em que o homem pode criar. O poeta é aquele que descobre novas alegrias, sejam elas difíceis de tolerar. (...) Podemos partir de um fato cotidiano: um lenço que cai pode ser para o poeta a alavanca com a

⁶ O poema é criação original e única, mas também é leitura e recitação: participação. O poeta cria; as pessoas, quando recitam, recriam. Poeta e leitor são dois momentos de uma realidade.

qual ele levantará todo o universo. Sabemos o que a queda de uma maçã, vista por Newton, significou para este sábio, que podemos chamar de poeta. É por isso que o poeta de hoje não despreza nenhum movimento da natureza, o seu espírito persegue a descoberta, principalmente nas sínteses mais vastas e mais incompreensíveis: multidões nebulosas, oceanos, nações, como nos fatos aparentemente mais simples: uma mão que procura um bolso, um fósforo que se acende riscado por alguém, gritos de animais, o aroma dos jardins depois da chuva, uma chama que nasce numa lareira. Os poetas não são somente os homens do belo. Eles são ainda e sobretudo os homens da verdade, tanto quanto ela permita entrar no desconhecido, de modo que a surpresa, o inesperado é um dos principais mecanismos da poesia de hoje (APOLLINAIRE, 1983, p. 162- 163).

Tendo essa forte influência do poeta, seu processo de criação, reverbera-se que o poema atua fortemente sobre o leitor, vivificando sua existência independentemente de o contato ser novo ou apenas renovado, uma vez que a cada nova leitura revigora o aprendizado do leitor, colocando-o como sujeito do ato de ler, fazendo desse processo o catalisador da leitura. Nas palavras de Luis F. González-Gutiérrez (2017) “La poesía, en tanto género literario, tiene una fuerza inusitada en la construcción de la subjetividad, allende de reflexion⁷”. Ao cabo dessas alegações, fica evidente que durante a leitura de uma obra literária, o leitor concretiza o que Ingarden (1965) chama de aspectos esquematizados, ou seja, ele naturalmente completa e preenche a obra com dados advindos de experiências concretas prévias (MITSCHERLING, 1997, p. 138). A realidade representada da obra é efetivada pelo leitor através da inserção natural dos dados esquemáticos de sua experiência anterior no mundo real. Essa é a dinâmica da leitura do poema, correlativamente ela é exercício de busca, de identificação. O ápice do poema acontece pela prática da leitura efetuada pelo leitor num processo de interação. Cabe aqui o conceito de “representação” proposto por Langer (2005), o qual refere-se à compreensão que um estudante (ou professor) tem acerca de um texto, seja lido em voz alta, seja escrito, discutido ou testado. Tais representações estão sujeitas a mudança sempre que as ideias começam a vir à tona e novas ideias surgem. A autora afirma:

Durante a leitura, por exemplo, as representações vão mudando; à medida que a leitura progride, algumas ideias perdem a importância, algumas são acrescentadas e algumas, reinterpretadas. Mesmo depois de a última palavra ter sido lida e o livro ter sido fechado, ao leitor ainda resta uma representação que é passível de mudança, o que pode ocorrer através da escrita, de pensamentos adicionais, de outras leituras, ou da discussão em sala de aula. Representações se desenvolvem, mudam e se enriquecem com o tempo, com o pensamento e com a experiência. (LANGER, 2005, p. 24)

Cada tipo de experiência, tanto objetiva quanto subjetiva, trata o significado de jeito diferente. Porém, a experiência subjetiva e a objetiva não são antagônicas ou excludentes, mas

⁷ A poesia, como gênero literário, tem uma força incomum na construção da subjetividade, além da reflexão.

caminham de mãos dadas. Uma é focada no significado e na experiência pessoal; a outra, no mundo do lado de fora do sujeito. Juntas, elas convidam a uma compreensão mais ampla e mais complexa (LANGER, 2005). Em contrapartida, Umberto Eco (1965) diz que toda obra, ainda que apresente uma forma acabada e fechada no seu organismo equilibradamente estruturado, manifesta-se aberta, se se considera que pode ser interpretada de diferentes modos, sem perder, contudo, a sua configuração original. A fruição de uma obra de arte implica sempre uma reinvenção, e o leitor de um poema atua como um intérprete de uma composição musical, na recriação do trabalho do artista. Dessa maneira, deve-se conceber por obra um objeto dotado de propriedades estruturais que permitam, mas também coordenem a sucessão das interpretações, a evolução das perspectivas.

Se poema é tudo o que foi exposto acima e muito mais, analisar poemas torna-se um eterno entregar-se às palavras e, nesta tese, o poema é palpado pelas multimodalidades, às quais são atributos do poema. Ao falar em multimodalidade percebe-se que o texto avança no sentido de transcender a palavra, isto é, a modalidade escrita, em razão das múltiplas formas de linguagem. E é justo e necessário que isso aconteça, pois basta ver mais adiante quando se discute os tipos de leitores, em que se percebe a força das imagens que se proliferou na sociedade, o que tem provocado a mudança no tipo de leitor e isso acarreta em pensar gêneros adequados a quem se pretende o texto. Os detalhes passam a ter uma grande proporção nessa nova leitura, como é o caso do uso das cores, tamanhos das imagens e tipos de letras. Fora a entonação, os gestos, as animações. No poema Amor de Clarice esses aspectos ficam evidentes, pois o autor não poupou esforços em viabilizar as sensações das personagens, utilizando-se para isso da imagem, a entonação para recitar os versos, o som, fazem a diferença e isso será observado com os estudantes durante a prática. Espera-se que causem efeito e instiguem para mais e mais leituras. É preciso pensar num novo tipo de leitor e novas formas de ler. Outrossim é mister que se observe que um texto sofre influências diversas como é o caso por exemplo dos destaques nas palavras, como tipos e tamanhos de fontes escolhidos para causar efeito no leitor. Essa linguagem verbal empregada em outros tempos era o carro-chefe para a articulação dos discursos em detrimento aos demais discursos, os quais eram vistos como acessórios a ela.

A linguagem verbal era (vista como) o meio único e central na representação e na comunicação e os recursos das línguas estavam disponíveis para tal representação. (...) E, é claro que havia outros modos de representação, embora os mesmos fossem vistos como acessórios ao modo central de comunicação e tratados de forma monomodal. A música era o domínio do compositor; a fotografia era o domínio do fotógrafo etc. Mesmo que se reconhecesse a multiplicidade de modos de representação, cada instância era considerada monomodal: discreta, delimitada,

autônoma, com suas próprias práticas, tradições, profissões, hábitos. (KRESS E VAN LEEUWEN, 2001, p. 45)

Hoje, a alavanca de uma nova estética são as tecnologias diversas e recursos somados à linguagem verbal, das quais resulta a multimodalidade. Kress e Van Leeuwen destacam “a absoluta inter-relação entre os discursos e os modos em que se apresentam” e, em prol desse fato, insistem que “discursos são realizados por meio de diferentes modos” (KRESS E VAN LEEUWEN, 2001, p. 24). Apoiados nisso, é preciso que o docente e todos aqueles que se envolvem com leitura revejam a forma de mediação, principalmente com relação à poesia, aliando-se a essa perspectiva, este trabalho não deixa de ser um convite aos docentes e aos estudantes, para que a poesia passe a fazer parte de suas vidas. Quem pode apresentar essa proposta aos estudantes são os docentes e estes, muitas vezes, não fazem o poema acontecer. Nesse âmbito Jean (1990, p. 107) notabiliza que “o docente, o educador, o intermediário, ou melhor dito o mediador, deveriam, inclusive brincando com as palavras, os sons e as imagens, saber sentir que toda a poesia, a mais leve, a mais humorística e a mais grave, cristaliza, em algum de seus aspectos, a todo o homem”.

Com base no exposto, há que se construir um olhar mais apurado e crítico ao observar a construção do poema, a importância não só das palavras no poema, mas da colocação delas, da forma como toda a estrutura está disponibilizada. Conduzido dessa maneira, não há mais como desvencilhar a literatura da comunicação digital. Por serem digitais, os poemas aqui analisados, podem ser atrativos, pela proximidade com o público jovem, que utiliza com frequência a tecnologia. Gutiérrez (2017) diferencia, com muita habilidade, o texto em papel e o digital, para ele, este permite “tener versiones alternativas de un texto inicial (por decir algo un texto escrito) que se vi alimentado en una versión interactiva, en el que los usuarios pueden realizar conexiones y comentarios adicionales que el texto escrito no permite”⁸. Nesse sentido, o leitor comanda uma leitura interdisciplinar, escolhendo a direção de sua leitura, conforme as palavras de Landow:

The reader-centered, reader-controlled characteristics of hypertext mean that it offers student-readers a way of shaping and hence controlling major portions of what they read. Since readers shape what they read according to their own needs, they explore at their own rate and according to their own interests. ⁹(LANDOW, 2009, p. 281)

⁸ Ter versões alternativas de um texto inicial (digamos, um texto escrito) que foi inserido em uma versão interativa, na qual os usuários podem fazer conexões e comentários adicionais que o texto escrito não permite.

⁹ A centralização no leitor e o controle do leitor são características do hipertexto que oferecem aos estudantes-leitores uma maneira de moldar e assim, controlar grandes porções do que eles leem. Uma vez que leitores modulam o que eles leem de acordo com suas próprias necessidades, eles exploram no seu ritmo e de acordo com seus interesses.

Entretanto, o leitor precisa estar ciente, diante desse emaranhado de informações, que manter o foco de sua leitura é fundamental, a fim de que não seja inútil o tempo desperdiçado para atingir o seu pretense aprendizado. Por isso, a leitura realizada em poemas, principalmente esses que constam na tese, mesmo que o leitor opte pelo o que deseja ler, a essência não se perde, a todo momento o leitor está atuando dentro do tema proposto pelo poeta e assim está sendo lembrado do que trata o texto. Dessa forma, torna-se uma maneira interessante de instruir um leitor digital para a leitura, mostrando que embora ele queira viajar pelos espaços e decidir onde quer clicar, a leitura não deve desvirtuá-lo da ideia central.

Trabalhar com a tecnologia na escola deve ser uma forma de aproximar o jovem da leitura e por isso os poemas digitais podem se tornar aliados. Além do mais, vale citar, que independente do suporte, cada poema é único. “En cada obra late, con mayor o menor intensidad, toda la poesia.¹⁰” (Paz, 2003, p 8). Decorrente disso, estão as transformações que cada poema provoca, às quais podem diferir em cada jovem, palavras com significados que evocam as mais tenras lembranças, os mais tensos momentos, enfim, a singularidade entre a palavra e o eu, manifestadas pelas emoções sentidas pela leitura do poema.

2.3 A leitura da poesia na atualidade

A leitura da poesia, é, em si, sedutora, com a intenção de fundamentar tal afirmação ampara-se no preceito de que leitores contumazes aliam às experiências com leitura para além do tempo e do espaço. Nesse sentido, convém destacar a importância da estética para a formação do sujeito. Sendo assim, para que haja um ser humano mais evoluído, faz-se necessário desenvolver nele a sensibilidade, a formação estética. (SCHILLER, 2002)

Com efeito, é fundamental que a escola desenvolva “práticas leitoras educativas, críticas literárias e poéticas que tragam as memórias afetivas e que os indivíduos se reconheçam nessas leituras” (CAVALCANTE, 2018, p. 4). Porém as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio na parte de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias* (2006) categoricamente confirmam que a poesia tem sido relegada a um plano secundário:

Muito já se falou sobre a dificuldade de lidar com o abstrato, com o inacabado, com a ambiguidade, características intrínsecas do discurso poético, que tem tornado a leitura de poemas rarefeita nas mediações escolares com sua tradicional perspectiva centrada na resposta unívoca exemplar e na inequívoca intenção autoral. Se isso é verdade,

¹⁰ Em cada obra pulsa, com maior ou menor intensidade, toda a poesia.

também é verdade que sua simples presença nos manuais e nas atividades didáticas não garante o hábito de leitura desse gênero. Mesmo aquelas gerações que foram obrigadas a saber “de cor” os poemas dos manuais não foram além disso, isto é, terminados os estudos, limitaram-se aos poemas escolares, carregando-os na memória como uma espécie de antologia cristalizada pelo resto da vida. Parece que, infelizmente, a leitura de poemas fora da vida escolar é coisa para poucos. (2006, p. 74)

O documento mencionado cita como causa a não exploração das potencialidades da linguagem poética, pois se aplicadas, fazem do leitor um co-autor no desvendamento dos sentidos, presente no equilíbrio entre ideias, imagens e musicalidade e sem o uso, impede a percepção da experiência poética gerada pela leitura produtiva. A exploração dos efeitos de sentido produzidos pelos recursos fonológicos, sintáticos, semânticos, na leitura e na releitura de poemas poderá abrir aos leitores vias para novas investidas poéticas, muito além do universo limitado – temporal e espacialmente – de formação. O ensino médio constituiria, em função de tais preceitos, em uma etapa da escolaridade em que se olharia para a arquitetura do poema nas suas diferentes dimensões.

Para abordar as peculiaridades relacionadas ao comportamento do leitor, apresenta-se alguns dados constantes na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2016), à qual é uma pesquisa que mensura a situação da leitura em âmbito nacional em que o próprio título sugere e que tem por objetivo avaliar o comportamento do leitor brasileiro (nesta pesquisa, leitor é aquele que leu pelo menos parte de um livro nos últimos três meses) medindo a intensidade, meios, limitações, motivação, representações e as condições de leitura e acesso ao livro impresso e digital. É um projeto audaz, que está em sua 4ª edição e que procura manter a mesma metodologia, cujos dados coletados pelo Ibope Inteligência referem-se ao ano de 2015, por meio das informações coletadas na pesquisa pode-se discutir os problemas e os desafios da instituição escolar. Nota-se que a exigência para classificar como leitor é mínima, aceitando-se nesse patamar quem não tenha lido um livro inteiro e mesmo assim os números não são satisfatórios.

Essa pesquisa conta com o apoio da Abrelivros (Associação Brasileira de Livros Escolares), a CBL (Câmara Brasileira do Livro) e o SNEL (Sindicato Nacional dos Editores de livros). Assim, a pesquisa ora apontada contribui com essas instituições na medida em que apresenta como são e localização dos leitores deste país, bem como entender suas expectativas e demandas. Além do mais, tendo respaldo nos informes, a pesquisa procura descobrir entre os não leitores as razões que os afastam da familiarização com a leitura e em decorrência disso do pleno exercício da cidadania. Salienta-se que mesmo diante de limitações que as pesquisam se defrontam para retratar a realidade sejam quantitativas ou qualitativas, elas são essenciais para

indicar tendências, construir história, aferir resultados e compará-los desde que aplicadas com os padrões que atestem seus limites. Os resultados permitem avaliar as ações, os avanços bem como os percalços e dessa forma contribuir com outros estudos pertinentes à formação leitora dos brasileiros.

Alguns índices referentes à leitura e ao gênero poético se tornam pertinentes para esta pesquisa. A base quantitativa de leitores foi de 5012, de 5 a 70 anos durante o ano de 2015. O Ibope Inteligência contratado pelo Instituto Pró-Livro baseou-se nas cinco regiões brasileiras, ficando assim distribuído: Norte-8%, Centro-oeste-8%, Nordeste-28%, Sudeste-42% e Sul-14%. Desse índice, 63% pertencem a cidades do interior, 24% de capitais e 13% região metropolitana. O melhor percentual de leitores encontra-se na região sudeste com 61%. Parece então cabível exibir considerações dos principais resultados.

O Brasil, segundo dados da pesquisa, é formado por 56% de leitores. A condição de leitor, porém continua vinculado a escolaridade e faixa etária, o que acarreta pensar sobre como se está impulsionando à leitura na atualidade e buscar o que falta para alcançar o patamar desejado, a fim de que todos tenham acesso e sintam-se motivados a ler. O maior índice de leitores está entre a população jovem e isso é um fator recente que muitos eventos já voltam seu olhar na intenção de ampliar esse público. Saber da importância desse índice apontado na direção de formar leitores torna-se um fator preponderante para o aumento de mais leitores jovens e da cultura literária no país. Essa cultura é identificada por Araújo (2016, p. 50) como a produção, o conhecimento, os valores, as regras, o comportamento, os costumes, os gostos e os hábitos envoltos nas criações de obras literárias e nas práticas de leitura literária dos jovens. Outrossim, a literatura juvenil é aquela “endereçoada a alunos das séries finais do fundamental e àqueles que frequentam o ensino médio” (CADERMARTORI, 2009, p. 61).

Ressalta-se que entre contos, romance, poesia, gibis, livros religiosos e livros didáticos, cada leitor lê 1,06 livros inteiros e 1,47 em partes, o que revela baixo índice de leitores. Com relação aos dados, frisa-se que as mulheres são as que mais leem computando-se 2,63 livros lidos em contrapartida os homens leem 2,44 livros.

Pela amostragem do número de leitores identificados, pouco espanta os resultados alcançados, levando em conta o que se investe em educação, leitura e aquilo que se tem priorizado na sociedade e na família. Quando se volta a atenção aos estudantes, percebe-se que eles em sua maioria vêm de famílias não leitoras, ou seja, não testemunham o ato de ler no seu contexto social mais importante. Praticamente, para grande parte, talvez a escola seja o único espaço social de acesso a bens culturais com expressão de arte, tais como a Literatura (CAVALCANTE, 2018). Isso faz supor, que a lacuna deve ser completada pela escola. É nesse

local, especificamente na sala de aula, que o trabalho acontece ou deveria acontecer. Provavelmente por ela se fazer ausente muitas vezes ou apresentar obras distantes do que o estudante almeja ou, ainda, ser cobrada com as tradicionais fichas de leitura que suprimem a experiência literária e as discussões enriquecedoras, é que os jovens estão lendo mais por vontade própria, conforme indica a pesquisa *Retratos da leitura*, porém incluem-se nesse rol, livros religiosos e fragmentos de livros. Aliás, os livros religiosos estão no auge de todas as faixas etárias. Convém destacar que entre a faixa etária pertinente a essa tese, aparecem: como gêneros mais lidos, além dos religiosos já citados, respectivamente o romance, os contos, didáticos, poesia (nem tudo está perdido, se ainda ela se faz presente), gibis, ciências e juvenis. Failla (2016) aponta que os livros mais lidos pelos jovens se vinculam a fenômenos culturais que não se atrelam a um dado livro, mas a recriações abrangendo filmes, vídeos, música, site, espetáculos e quanto a este pode-se lembrar da poesia aqui analisada *O homem que queria ser água*, um tipo de leitura diferenciada que promove o conhecimento e envolve a ação no espetáculo, vídeo, música, acesso ao site, tudo proporcionado pela leitura de um único poema. Ademais, como se refere a autora (2016, p. 89) é uma “múltipla fruição”, trânsito entre linguagens e suportes, mesclando-se modalidades. Da mesma maneira que acontece com essa fuga da individualização de um único objeto de leitura, ocorre também a procura por socialização do ato, a leitura compartilhada conforme se verificará mais adiante quando se destaca os grupos de leitura.

É preciso trabalhar com poemas consagrados, quão riquíssimos são para o desenvolvimento dos estudantes. Contudo, é preciso repensar como esses poemas estão sendo veiculados ao leitor e se a leitura é meramente um simples ato de ler sem pensar em como poderia ser usufruída com a intenção de alcançar o objetivo maior que é formar leitores a fim de que apreciem o gênero. Sabe-se também que nessa faixa de idade (Ensino Médio) a busca pela identificação nas obras torna-se um diferencial para conquistar leitores. Por conseguinte, trabalhar com poemas afinados com as questões que lhes dizem respeito pode ser um elemento facilitador na intenção de conquistar leitores de poemas. Além do mais, o que se repara é que diversas obras clássicas causam anseios aos estudantes e relutância em ler. Tal aspecto foi percebido quando da prática desta tese, em que muitos leitores, ao iniciar as atividades, sabendo que o trabalho seria sobre poemas, demonstraram pouco apreço pelo gênero, provavelmente pela forma em que foram lançados nesse universo literário durante o período escolar e também conforme já atestado nas Orientações Curriculares para Ensino Médio referidas acima, essa relutância advém da pouca importância da poesia na escola sendo relegada a segundo plano. Dadas as respostas apresentadas no questionário aplicado para este trabalho também se

percebeu certo distanciamento pelo gênero. Por conta disso, pode-se pensar no uso da tecnologia que de forma amálgama, contempla o transitar pelo espaço virtual e permite desfrutá-lo esteticamente. Correlativamente se pode ver que a atividade com poéticas digitais estabelece uma conexão com a atualidade, sem contar que o estudante participa ativamente do processo de aprendizagem, ou seja, exerce o protagonismo de forma autônoma e participativa, integrando-se às metodologias ativas, justamente no que sustenta com relação a pensar “fora da caixa” na construção do conhecimento.

Nessa perspectiva lembra-se que independente do suporte, a qualidade deve ser preservada. Ao reparar na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, verifica-se que o demonstrativo revela que entre os mais escolarizados a diferença na escolha da leitura regula-se não só pela quantidade, mas também pela qualidade, por obra de seus variados gêneros. Já entre os menos escolarizados a leitura de jornais e revistas está entre as preferências, pois a linguagem é fácil, rápida, a linguagem não verbal é muito presente. Dentro dessa diversidade, é importante citar que entre as benesses que a tecnologia pode proporcionar, está o fato de ser uma possibilidade direcionada na aproximação da leitura ao perfil de estudante que aflora em razão desse ambiente catalizador. Se bem aplicada quem sabe a leitura digital possa ser o *boom* para formar leitores, já que fora da escola o educando é, com frequência, usuário dos meios tecnológicos. Basta verificar os dados presentes na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, o local apontado com maior frequência de leitura é a residência, haja vista que ali, principalmente, esses aparatos da tecnologia se encontram disponíveis e com fácil acesso a muitos leitores, o que ainda não pode ser dito da escola.

A tecnologia além de ser um instrumento de trabalho remete ao lazer. Por essa razão, o tempo livre dos brasileiros também está relacionado ao uso cada vez maior da tecnologia consoante a pesquisa supracitada, mas ainda falta bastante para a leitura se tornar uma atividade tal qual o uso, por exemplo, da televisão ou das redes sociais. O desejo de tornar alcançável esse propósito e de equiparar as atividades de distração será possível se desenvolver o gosto pela leitura e isso, primeiramente, deveria começar em casa. Vale a pena mencionar que a pesquisa indica que apenas um terço dos brasileiros teve influência de alguém na formação do gosto pela leitura. Essa mediação ocorre especialmente com pais que possuem maior grau de escolaridade. A principal mediadora da leitura é a mãe, em segundo lugar está a escola e na sequência o pai. Com maior minúcia Petit (2009) declara

Sabemos hoje como são preciosos para o desenvolvimento psíquico os momentos nos quais a mãe se dedica ao seu bebê fazendo um uso lúdico, gratuito, poético, da linguagem, quando canta para ele uma pequena canção, ou quando lhe diz uma

parlenda acompanhada de gestos de ternura, sem outro objetivo além do prazer compartilhado das sonoridades e das palavras. Em todas as culturas do mundo, aprende-se primeiro a música da língua, sua prosódia, que não se ensina, mas se transmite. E cantigas de ninar, parlendas, rimas infantis — que são uma forma de literatura — são colocadas à disposição das crianças. (PETIT, 2009, p. 24).

Se suprir na escola essa falta de mediação que acontece na infância, possivelmente bastantes estudantes compreenderão a importância da leitura, porquanto o que se observou na pesquisa tanto para leitores quanto para não leitores quando perguntado sobre o que a leitura significa, a principal resposta foi que a leitura traz conhecimento, não a associando como objeto estético. Essa resposta pode estar associada à forma como foram levados a ler pela escola, concentrando literatura aos estudos de períodos literários, com autores consagrados determinados e vistos ano após ano pelo diário programado docente. A leitura ficando distante dos livros contemporâneos que circulam e que também teriam muito a dizer a esses estudantes. De maneira alguma se está dizendo aqui que se deva renegar os clássicos, verdadeiras relíquias que se apresentam para entender o presente e alguns inclusive datados de décadas passadas que se não for dito a data, nem se percebe quão distantes em época estão, como é o caso da obra *É tarde para saber* do autor Josué Guimarães cuja história se passa em meados nos anos 70, mas com temas pertinentes à atualidade.

Além do mais, o imergir no jogo da leitura a que se se faz referência mais adiante, talvez não tenha sido parte da vida da maioria dos estudantes, em que se trabalha com as figuras de linguagem, por exemplo, que auxiliam a entender o texto. Outro fator importante é que o texto literário não se limita a um gênero específico, o romance por exemplo, ainda é apresentado ao estudante, muitas vezes, fragmentado. Trabalho com contos, crônicas, poemas além de se apresentar de forma mais enxuta tornam-se excelentes experiências reflexivas de leitura.

Na realidade, tendo em vista as observações, Cavalcante (2018) comenta que as dimensões poética e ficcional possibilitam experimentar “verdades” que no “mundo real” seriam impossíveis, tais como viver a emoção do outro, de forma atemporal e atópica. É o que explica Cosson (2009, p. 17): “no exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda, sermos nós mesmos.” Esteticamente falando, é importante diferenciar atualidade de contemporaneidade numa obra literária, “obras contemporâneas são aquelas escritas e publicadas em meu tempo e obras atuais são aquelas que têm significado para mim em meu tempo, independente da época de sua escrita ou publicação” (COSSON, 2009, p. 34). De igual forma, Eagleton (1983, p. 11) afirma que “todas as obras literárias são reescritas mesmo que inconscientemente pelas sociedades que as leem, pois, a seu ver, não há releitura de uma obra

que não seja também uma reescritura”. Com efeito, é útil saber que os círculos de leitura desempenham excelente papel para estimular a percepção da dimensão estética da literatura nos jovens. Na visão de Cavalcante (2018) isso ocorre, ao propiciar uma relação de afetividade com o texto literário e o ato de ler, a necessidade humanizadora da arte como expressão do ser. Ainda, nesse contexto é plausível dizer que cada pessoa é um livro, um acervo individual e o universo seria uma imensa biblioteca. É por sua vez na infância que o hábito de ler está centrado. O número de leitores vai decaindo à medida que a idade avança, pelo que se indica nas pesquisas, entre elas a Retratos da Leitura no Brasil. Eis a razão de um trabalho fortificado que deve ser realizado já na adolescência para que o número de leitores permaneça ou aumente a proporção. Esse aspecto é perceptível ao constatar que as pessoas, relacionam na maioria das vezes o hábito de ler com escola. Disso resulta que “ao sair da escola, o jovem perde a ambiência leitora, o grupo de amigos e a convivência com os livros” (GOMES, 2012, p129).

Cosson, utilizando-se do conceito específico de “letramento” na formação do leitor literário, delinea um processo de aprendizado constante quando da recepção da literatura:

Precisamos entender que o letramento literário começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido. Depois, que é um processo de apropriação, ou seja, refere-se ao ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria, de fazê-la pertencer à pessoa, de internalizar ao ponto daquela coisa ser sua. É isso que sentimos quando lemos um poema e ele nos dá palavras para dizer o que não conseguíamos expressar antes. (COSSON, 2009, não paginado).

Insiste-se no uso da tecnologia para promover a leitura aos adolescentes no Ensino Médio, posto que, com diagnóstico contundente, os dados da pesquisa, revelam que aumentou o número de leitores pelo suporte digital. Eis a razão em se trabalhar as poéticas digitais corpus desta tese, promovendo um encontro do gênero poético com novas formas de leitura. Porém, os dados de leitores de poesia aparecem na pesquisa com índice baixo no ensino médio. Esse fato permite postular, que como a leitura no geral, na poesia não acontece diferente, o gênero está mais presente no início da vida escolar, após sofre uma queda e no Ensino Médio sobe um pouco, provavelmente devido à disciplina de Literatura ofertar alguns poemas a serem trabalhados. Trata-se, então de pensar em como atuar para a escola realmente se tornar promotora da leitura. Vem daí a hipótese de que a tecnologia e a poesia possam realizar um belo dueto. A poesia é um gênero peculiar em que o poeta procura pela palavra o que reflete o povo, eis a sensibilidade da busca para estar em estreita correlação com a vida. Registra-se que “quem não lê pode deslumbrar-se com as amizades, as festas, a convivência familiar, mas se deslumbraria muito mais se pudesse ler: literatura, história, biografias, poesia” (FAILLA, 2016,

p. 44). Assim, ao se considerar a prática desenvolvida nesta pesquisa nota-se que a tecnologia ainda é um diferencial, além do ambiente ser de escola pública, muitas vezes o histórico do estudante pelos bancos escolares não lhe traz boas recordações de trabalhos diferenciados. Um dos estudantes, durante o questionário, referindo-se ao uso da tecnologia em sala de aula disse que “Eu tive oportunidade de ver a poesia de forma diferente não sendo algo maçante”. Para os estudantes da prática a tecnologia faz parte do mundo deles, acostumados a curtir e compartilhar nas redes sociais, pelo uso do celular, na poesia digital perceberam que também podem interagir e se posicionar, dizendo o que pensam, mesmo que seja de forma escrita ou oral e escolhendo como querem desenvolver o seu conhecimento literário por meio da interação, de acordo com um projeto desenvolvido. Assim, não basta incorporar tecnologia na escola é preciso políticas educativas voltadas para esse público.

Nesse sentido se pode pensar também na sala de aula invertida ou *flipped classroom*, o estudante se familiariza com o conteúdo pelos meios virtuais, ou seja, no caso desta tese pode acessar as poesias digitais em casa ou em locais que disponibilizem computadores, até em bibliotecas públicas já que a docente da turma desta prática da tese comentou que há pouco tempo para desenvolver todos os conteúdos e depois, em sala de aula o educador pode promover um debate sobre como foi o percurso. Sem contar que alguns estudantes da pesquisa ao observar que não havia muito tempo para manusear o material em sala de aula, tiveram interesse de anotar a página da internet para acessar as poesias fora da escola.

Clareando mais o percurso, aponta-se que, em razão de não haver com frequência o vínculo para desenvolver o gosto pela leitura no ambiente familiar e muitas vezes a escola não conseguir realizar seu papel de incentivadora da leitura com êxito, os jovens, hoje, também se encontram na sede dos espaços particulares a que denominam *nárnia* (em referência ao livro/filme *As Crônicas de Nárnia*, de C. S. Lewis), “onde leem livros, capturam textos na internet e declamam seus poemas e canções – como pães saídos da fornalha – escritos em folhas avulsas, em telas de celulares ou ditas no calor da hora porque já sabem de cor o correr do texto. Com as cordas da memória e do coração” (PIÚBA, 2018). Estabelece-se, como se vê, a cultura da convergência, apontada por Jenkins (2009, p. 30), “onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneira imprevisíveis”. O autor diz ainda que convergência se refere ao “fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, a cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências que desejam”. Em

suma, convergência são as transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais neste cenário contemporâneo.

Essa convergência pode estar no sujeito, quando ele procura nos meios eletrônicos os conteúdos ou a convergência estar presente nos meios, quando esses apontam as conexões com outros meios. O que se percebe é que o blog é o mais representativo dentro da cultura da convergência, como uma forma de convergência alternativa. “O termo blog é a abreviação de weblog (diário na web), uma nova forma de expressão alternativa pessoal e subcultural, envolvendo resumos e links para outros sites” (JENKINS, 2009, p. 306-307). Os blogueiros vão atrás de informações, debatem as evidências e com isso ou dão *spoiling* de um fato ocorrido ou tentam moldar eventos futuros. Assim, promovem a desconfiança aos leitores do que é passado pela mídia e o descontentamento com a política, por exemplo. O que não deixa de ser uma forma de tornar o leitor crítico e ficar sempre alerta diante do que ouve e procurar a mesma notícia em mais de um meio de divulgação. Segundo Jenkins (2009), geralmente quem lê os blogs é porque concorda com as ideias veiculadas.

Pensando em promover a leitura por meio da troca entre leitores, cita-se os clubes de leitura, os quais se tornam uma “boa pedida” como ação para impulsionar à leitura. Enveredando-se nesse território, Petit (2009) declara:

Os clubes de leitura tiveram, durante algum tempo, uma imagem obsoleta. Interessavam pouco aos pesquisadores, com raras exceções. A partir dos anos 1990, contudo, eles se multiplicaram em vários países e havia centenas, milhares, na Inglaterra, e outros milhares nos Estados Unidos. Hoje são atores influentes com os quais as edições e o comércio do livro devem contar. Longe de frear o seu progresso, o uso da internet o ajudou. (PETIT, 2009, p. 61).

Segundo Petit (2009) os clubes de leitura são espaços em que se desenvolve a leitura compartilhada, capaz de oferecer experiências literárias que visam contribuir com a formação da sensibilidade. Esses espaços de leitura permitem que os estudantes se relacionem com a leitura de outro modo. Alinhando-se a esse pensamento, Jenkins (2009) apresenta no seu livro *Cultura da convergência* a expressão *espaços de afinidade* para essas culturas informais, conforme denominação dada pelo professor James Paulo Gee da Universidade de Wisconsin. Para esse professor, os participantes se envolvem mais nesses espaços do que, por exemplo um livro didático, porque nesses locais criam vínculos que une as diferenças, as pessoas podem participar de acordo com suas preferências e capacidades, sentindo-se importantes ao mesmo tempo que recorrem ao talento de seus pares. Nessa cultura participativa, Jenkins comenta que os membros se ajudam no aprendizado.

Jenkins (2009) cita, ainda, as *fanfiction* na Internet, possivelmente os participantes dos grupos liam as histórias e após o incentivo da comunidade, os integrantes foram além, passaram a redigir suas próprias histórias, promovendo a articulação entre a leitura e a escrita. Essa é uma prática que ocorre paralelamente aos estudos. O que há, nesse caso, é a transposição de componentes de educação formal para uma aprendizagem informal, pois mesmo não sendo criada com esse objetivo, sendo ligada mais ao entretenimento, colabora com o letramento, principalmente dos jovens. Diante disso, Jenkins (2009) acredita que há um enorme potencial para o desenvolvimento deste jovem leitor e escritor que está no período escolar.

Outrossim, pensando nesses ambientes de interação, é pertinente levar em conta que esses leitores aproveitam aquilo que têm em mãos na intenção de servir a tal propósito, seja um texto simples ou um mais elaborado. Muitos desses leitores contam com o trabalho dos mediadores nesses locais, os quais auxiliam na seleção dos textos. A simbolização, as palavras, as metáforas presentes nos textos servem para a construção de sentidos. Com isso, além de formar leitores, estimula-se a autoestima, tendo o livro como um elemento catártico. São as vivências pessoais que formam o sujeito leitor, é o caso de Angélique Ionatos, uma das participantes dos clubes:

Quando tenho idéias extremamente sombrias e me torno muito pessimista a respeito do mundo, a única coisa, mais ainda do que a música, que pode me fazer retomar a confiança no ser humano é a poesia, os poetas. Eu não os leio todos os dias, eu não sou alguém que vai fuçando sem parar nas livrarias para encontrar a poesia, mas, quando estou em sua presença, é a única coisa que me reconcilia com o mundo. Precisamos dela para viver, mesmo que não tenhamos consciência disso. (2009, p. 74).

Nesse contexto, não se pode deixar de fazer referência à poesia eletrônica pelo Instagram. Berens (2019) traz uma discussão provocadora sobre essa Instapoesia, enquanto literatura eletrônica. A materialidade performativa das plataformas de mídias sociais remodela o meio da literatura contemporânea. A referida autora criou um conceito adequado, “Instapoesia é definitivamente um fenômeno” (2019, p. 2). Ainda, “Instapoesia é a sedutora flor que atrai a atenção e engajamento dos usuários” (2019, p. 8).

Like e-books and so much else in digital commerce, the poetry printed out by Instagram give us back the book - stripping away the social features such as reader comments, nested conversations and responses that make a work "viral," or "spreadable." The content of Instagram poetry, to nobody's surprise, is almost always simplistic, inspirational, and emotional. What it spreads like any other social media,

is indistinguishable from the surveillance infrastructure of digital metadata that allows algorithms to "read" the reader (who is left in the dark). (BERENS, 2019, p. 1)¹¹

Nota-se que para a autora esse tipo de poesia faz a propalação rápida do conteúdo, provocando pessoas a lerem, mesmo por um curto espaço de tempo, pois a partir do momento que postam comentários estão se integrando ao universo da leitura e quem sabe apaixonando-se pelos poemas. A poesia no Instagram faz seguidores justamente por apostar em uma forma simples e enxuta de atrair leitores. Esse estilo minimalista torna-se uma proposta viável e ao que tudo indica esse *post* pode ficar por muito tempo e quem sabe mais pessoas se arrisquem a traçar belos versos em nome de sua marca, mesmo que seja passageira, pelo *feed* de alguns ou muitos usuários. Talvez esteja aí uma dica que o menos é mais, ou seja, a de que aplicar em sala de aula uma atividade com poesia cujos versos podem ser curtos, na plataforma digital pode acarretar em um novo vigor nas instituições em que os estudantes tenham celular, pois além do incentivo do ato de ler, não está se permitindo que o poema se torne moribundo. Vale destacar que, mais parecido com um cartão de saudação do que a poesia tradicional por causa de seu sentimentalismo e combinação de texto e imagem, a poesia do Instagram é um fenômeno de publicação de livros, responsável por impressionantes 47 por cento de todos os livros de poesia vendidos nos Estados Unidos em 2017. Os Instapoetas são doze dos vinte poetas com maior venda no mundo nesse mesmo ano. Isso é 60% dos best-sellers em um campo editorial que foi classificado como agonizante. Aqui no Brasil, Ryane Leão é uma instapoeta que conta com 105 mil seguidores. Ela é cuiabana, radicada em São Paulo e elaborou o projeto *Onde Jazz Meu Coração*, com temas sobre relacionamentos, feminismo e o que é ser negra. (ÉPOCA, 2018). Outro instapoeta brasileiro, conforme dados do portal do UOL é Izaias Magiezi Júnior, natural de São Paulo, ele não imaginava a repercussão que teriam seus poemas curtos e postados como *hobby*. Seus versos tratam sobre amor, relacionamentos, tendo a repercussão positiva de suas publicações, o poeta chegou ao ponto de pedir demissão do cargo administrativo de uma escola para seguir em frente na carreira de escritor. Foi pelas redes sociais que a editora descobriu o instapoeta e fez proposta para publicação do livro *Estranheirismo*. Provavelmente outros instapoetas estejam no ápice do Instagram e quem sabe aos poucos surjam mais, entretanto o que surpreende é que num local onde menos se espera que

¹¹ Como os *e-books* e muito mais no comércio digital, a poesia com *prints* por Instagram nos devolve o livro – sem contar as ferramentas sociais como a leitura de comentários, conversas agrupadas e respostas que tornam um trabalho "viral" ou "espalhável". O conteúdo da poesia do Instagram, para a surpresa de ninguém, é quase sempre simplista, inspirador e emocional. O que se espalha como em qualquer outra mídia social, é indistinguível da vigilância da infra-estrutura dos metadados digitais que permite que os algoritmos "leiam" o leitor (o qual é deixado no escuro).

circule a poesia, isto é, um espaço de distração, a leitura emerge. O que não deixa de adequar-se ao tipo de “leitor” da internet que gosta de seguir quem está no auge, o que neste caso das poesias pode ser apenas um número na lista dos seguidores como pode também ser um leitor. Também, há de se convir, que por aqui os caminhos são lentos para chegar a produção e leitura desse material, até porque há outros entraves neste país que antecedem o contato com esse tipo de conteúdo, como é o caso de acesso aos equipamentos eletrônicos.

Enfatiza-se que a poesia de Insta é simples, um pouco mais exigente do que ler um meme. Seus aspectos atraís os adolescentes, pela forma direta, concisa. Livros impressos da poesia de Insta contêm exatamente o mesmo conteúdo acessível gratuitamente no aplicativo Instagram. Volumes impressos eliminam os recursos sociais do aplicativo, como comentários do leitor, conversas agrupadas e quantificação de repostagens e curtidas. De todo modo, a Instapoesia impressa é mais parecida com a poesia tradicional impressa porque é deliberadamente sequenciada em forma de livro e despojada das características sociais que a tornam "viral" ou "espalhável".

Printed Instapoetry shifts the "content" seamlessly from digital to print. But stripped of liveness, printed Instapoetry ends up looking banal. Its treacly insights, absent the warm glow emanating from fans inside the app, hardens into branding. (BERENS, 2019, p. 9)¹²

Um livro impresso de poesia no Instagram é também um *souvenir*, embora separado da interação de um espaço dinâmico de eventos como o aplicativo Instagram. Essa poesia impressa, apesar de ela se separar de seu meio, não perde sua essência, enquanto uma poesia impressa padrão (de livro tradicional) encerra o fluxo digital.

It's worth lingering over how self-publishing a poetry book is different from self-publishing poetry via a social media website like Tumblr or Instagram. The most salient difference is in the type of capital that circulates in these transactions. Reposts, likes and comments are the currency of social media, where the financial value of those transactions is harvested by media platforms, not the authors. Every form of interaction, from simply seeing the post in one's feed ("lurking") to reposting it with a comment sheds reader data that becomes volumetric with each increased level of engagement. (BERENS, 2019, p. 4)¹³

¹²A Instapoesia impressa desloca o "conteúdo" sem problemas do digital para o impresso. Mas sem contar a vivacidade, a Instapoesia impressa acaba parecendo banal. Seus *insights* traiçoeiros ausentam o brilho quente que emana dos fãs dentro do aplicativo, dificultando a propaganda.

¹³ Vale a pena refletir sobre como a autopublicação de um livro de poesia é diferente da autopublicação de poesia através de um *site* de mídia social como o Tumblr ou o Instagram. A diferença mais saliente está no tipo de capital que circula nessas transações. Repostagens, *likes* e comentários são a moeda das mídias sociais, onde o valor financeiro dessas transações é colhido pelas plataformas, não pelos autores. Toda forma de interação, desde

Berens (2019) justifica que a instapoetria é especialmente interessante genericamente porque poesia conota o ápice do intelectual literário. A linguagem poética é a mais condensada e figurativa dos modos literários e há uma ala especial das *Interwebs* dedicada a explicar por que a poesia é tão difícil entender. Inevitavelmente a leitura promove a desconstrução da linguagem e o leitor, querendo ou não, interfere nesse processo. Devido a essa importância da poesia na atualidade, é considerável dizer que ela parece muito nas escolhas dos promotores da leitura. Petit (2009) localiza sua presença tanto na periferia de Buenos Aires, quanto com os jovens de rua na Colômbia. Na América Latina como na França, bibliotecárias frequentemente notaram o gosto dos detentos por poemas. Por conseguinte, Petit (2009) concebe os mediadores de leitura como bibliotecários, fomentadores de leitura, professores que propõem experiências um pouco diferentes, poetas, ilustradores, psicanalistas. O trabalho com os textos age em vários níveis — sejam eles lidos em voz alta ou ouvidos no segredo da solidão: através de seus conteúdos, das associações que suscitam, das discussões que promovem; mas também de suas melodias, seus ritmos, seu tempo (PETIT, 2009, p. 27).

Extremamente significativa é a função do mediador de leitura, tal atribuição é “para designar a pessoa que se interpõe entre o texto e o receptor, tendo em vista facilitar sua recepção” (BAJARD, 2014, p.45). E essa presença do outro pode fazer a diferença seja no universo das letras ou dos caracteres. A fomentação realizada pelos mediadores para desenvolver a aspiração pela leitura, via de regra, pode ser considerada uma possibilidade para se obter o êxito nessa contenda. As ações proporcionadas pelos voluntários, fomenta a prática de leitura em vários ambientes, contando sua presença desde situações corriqueiras até as mais complexas. Parece, cabível dizer que esse ato se torna um convite à leitura, já que o acesso a livros seja de forma tradicional ou não, ainda deixa a desejar, melhor dizendo, não acontece de forma satisfatória. Por isso, em numerosos espaços e ambiências não convencionais a leitura está se fazendo presente. As bibliotecas comunitárias ou populares são projetos sociais interessantes que nascem do esforço conjunto de pessoas de uma mesma comunidade, sem vínculo governamental, “com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro, com vistas a sua emancipação social” (MACHADO, 2008, p.64). Esses espaços vêm sendo responsáveis por uma grande revolução cultural em comunidades habitualmente desprovidas de outros equipamentos ou programações culturais. Nelas a população tem acesso a livros e a diversificados materiais, participa de saraus, realiza-

simplesmente ver o *post no feed* ("à espreita") ou até republicá-lo com um comentário lança dados do leitor que se tornam volumétricos com cada nível de envolvimento aumentado.

se contação de histórias, visitas de escritores, batalhas de poesia (*slams* ou *poetry slam*) e toda sorte de oferta cultural (ARAGÃO, 2019). Quanto aos *slams*, são competições de poesias faladas que em razão de causarem interesse para saber o vencedor, as pessoas prestam atenção na poesia. Isso é semelhante às poesias digitais, à medida que o navegador quer conhecer obstáculos, caminhos, também vai aprendendo a poesia. Assim, “como 800 pessoas param para ouvir outra pessoa falando num mundo que não se ouve mais, num mundo em que a poesia é chata para o jovem, num mundo em que a poesia não importa?”. Tal questionamento parte de D’Alva (2018) em uma entrevista, tal pesquisadora é quem trouxe o *slam* para o Brasil. Em relação a essa interrogação, o que se percebe é que as pessoas que participam da atividade podem não lembrar o vencedor, mas não se esquecem da poesia que lhes tocou. Assim, a poesia sempre vence. É literatura viva, comunidade literária num espaço público.

Nota-se que as pessoas vão percebendo o que dá resultado para formar leitores, principalmente o retorno acontece pelos comentários de que a poesia é algo prazeroso. Assim como o *slam*, na poesia eletrônica aqui trabalhada, os estudantes da prática desta tese também sentiram que ela poderia fazer a diferença, o que se percebe na fala desta estudante “Eu não conhecia, mas só pelo título poesia eletrônica já agradou.” Essas práticas surgem para aplacar certas deficiências no ensino e vão ensinando o conteúdo escolar pelo prazer.

Outro ambiente que chama a atenção admiravelmente é o universitário, Aragão (2019) diz expressamente que embora possam ser encarados como espaços convencionais de fomento à leitura, vêm criando projetos de leitura junto à comunidade, na qual são organizados saraus de resistência para jovens, contação de histórias pra crianças, além de fomentar projetos de incentivo à leitura literária em praças ou escolas com apoio governamental ou não. A propósito desse rol de locais, lembra-se aqui que as práticas sociais e culturais se encontram e são de muita importância na apreensão do conhecimento nas teorias de Paulo Freire. A seu modo o autor trata a questão:

A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 1989, p.9)

Ampliam-se, em linhas gerais, o contato do leitor com o texto, não se prendendo apenas as duas instituições: família e escola. Isso pode ser verificado à guisa de exemplificação nos eventos literários, os quais podem ser propulsores de mediação de leitura, justamente porque, na maioria deles, o principal objetivo é a formação de leitores literários e o contato desses

leitores conquistados (ou por conquistar) com a produção literária regional, nacional e internacional. Nas Bienais do Livro e Festas Literárias de todo o país atuam diversos mediadores: educadores, escritores, contadores de histórias, cordelistas, entre outros. (ARAGÃO, 2019). No caso específico de Passo Fundo-RS, ocorrem as Jornadas Literárias tendo por objetivo formar comunidades leitoras e sujeitos-leitores multimídiais, emancipados, críticos e esteticamente sensíveis. Em 2017 esteve em sua 16ª edição. Tal evento tem o intuito de ocorrer a cada dois anos (o que nem sempre é possível) e vem surpreendendo cada vez mais pela aproximação com a sociedade e com recursos tecnológicos. Desenvolve ações de incentivo à leitura em multiplataformas. Interessante apontar que é direcionada a públicos diversos, seja infantil, seja adulto. Além disso, os eventos não acontecem apenas durante o período marcado para o encontro entre autores e leitores como a feira do livro, as conferências, workshops, shows musicais, espetáculos teatrais, mas muitas ações são realizadas com diversas programações, antes da semana propriamente dita, uma movimentação literária nos espaços públicos e culturais por meio de projetos tais como: “Livros na mesa-leituras boêmias”, “Projetos transversais -rotas leitoras” e “Caminhos das artes”. Nesta Jornada, toda comunidade pode participar, pensando em um evento que desenvolva uma sociedade leitora.

Notoriamente, as livrarias e cafés não podem ficar de fora, esses locais têm se tornado centros culturais e palcos de mediação de leitura, acolhendo diversos clubes de leitura, saraus, lançamentos de livros e performances poéticas para todos os públicos. Na organização de círculos de leitura, a coordenação deve ficar a cargo de um “leitor- -guia, figura que mobiliza, provoca, costura as demais falas, sem fazer prevalecer a sua própria” (YUNES, 2009, p.80). Esses locais acolhem o leitor e cada vez mais surgem oportunidades do contato com a leitura, inclusive diminuindo as fronteiras geográficas, até mesmo no universo das redes sociais encontram-se os clubes de leitura, encontros literários virtuais, narração de histórias, blogs literários e assim por diante. Leveratto e Leontsini (2008) enfatizam a importância da internet para o que eles denominam de conversas estéticas. Tomando por base essas dinâmicas de leitura, a poesia pode ter um lugar privilegiado seja de forma eletrônica, oral, escrita ou recreativa. Beatriz Helena Lobledo (apud Petit, 2009, p. 27) que desenvolveu várias experiências literárias na Colômbia, afirma que:

A poesia é antes um ritmo, um ritmo que sustenta, que protege do vazio, que impede a vertigem, pois quando nós nos abandonamos ao ritmo, ele nos acolhe: algumas vezes lentamente, outras de forma rápida e cadenciada, restituindo-nos o ritmo original e binário do coração: sístole, diástole.

Isso é sobretudo expressivo, graças a essas práticas de leitura que provocam a reflexão. Michèle Petit (2009) demonstra no livro *A arte de ler – ou como resistir à adversidade* as ações realizadas em diferentes regiões do mundo que são cenário de guerras ou de violências, crises econômicas intensas, êxodos de populações ou catástrofes naturais. Tais experiências são mantidas por organizações internacionais, por instituições públicas, associações ou fundações privadas e têm a particularidade de se voltar para aqueles que estão mais distantes dos livros: crianças, adolescentes, mulheres ou homens, em geral pouco escolarizados, oriundos de ambientes pobres, marginalizados, cujas culturas são dominadas. Petit cita por oportuno a presença da literatura científica no campo da psicanálise, para crianças ou adolescentes com dificuldades escolares, com psicóticos ou autistas, na psicologia clínica intercultural ou em terapias de família. Uma parte dos profissionais que realizam programas centrados na leitura em espaços em crise fala em "biblioterapia":

Em geral designa a utilização de materiais de leitura selecionados como suplemento terapêutico à cura medicinal ou psiquiátrica, mas recebe às vezes acepções mais amplas, até o ponto de cobrir um conjunto de mediações culturais seguidas de discussões em grupo, em contextos que ultrapassam o âmbito hospitalar. (PETIT, 2009, p. 13)

Essa função da leitura como recuperação de realidades difíceis é percebida nos vários programas desenvolvidos pela aproximação com livros dos quais as pessoas mais se identificam. Eis a razão do trabalho desenvolvido em Passo Fundo-RS denominado “Saúde jornalizada” a qual consiste em uma prática de poemas no hospital daquela cidade e conta com o apoio de profissionais e estudantes vinculados à Jornada Literária da Universidade de Passo Fundo. Os voluntários vão ao hospital levar consolo aos pacientes de oncologia. A literatura como acalento, um gesto de solidariedade que mais uma vez comprova a intenção da literatura como uma voz a ser escutada, mostrando o pulsar da vida.

Nesse âmbito, Petit (2009) cita o Instituto *A Cor da Letra*, o qual desenvolve desde 1998 projetos centrados na leitura e na literatura em várias regiões do Brasil. Esse centro de estudos trabalha com instituições que se dedicam a cuidar de crianças e jovens em situação de risco, ONGs, hospitais, escolas públicas e privadas, bibliotecas, centros sociais e culturais, em especial nos bairros urbanos pobres e no interior. Com base em Aragão (2019), nesses lugares os agentes externos, mediadores vão às casas das pessoas para levarem um sopro de leitura literária e de vida: os Agentes de Leitura. Michèle Petit revela o que os mediadores de livros e histórias tentam transmitir às crianças que vivem em espaços de crise, de conflito e em situações de sofrimento, e para as quais a literatura é o único bálsamo: “a literatura não é uma experiência

separada da vida; a literatura, a poesia e a arte estão também na vida; é preciso prestar atenção.” (PETIT, 2009, p.292). Dada a importância desses momentos e ambientes diferenciados,

Precisamos oferecer facilidades especiais, como apoiar e multiplicar os projetos que se baseiem no deslocamento de materiais de leitura para pontos estratégicos, que vão do metrô e dos ônibus (nas regiões metropolitanas, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo, 7% dos entrevistados leem no trânsito) a praças, jardins, hospitais, prisões, centros esportivos, empresas, residências particulares. (CUNHA, In: AMORIM (2008)

Quando existem colaboradores e parcerias institucionais a formação de leitores torna-se alcançável e acessível. Tudo isso evidencia que a leitura é um ato de amor, um grãozinho de areia no oceano para aqueles que estão sem nenhuma perspectiva de vida, desiludidos, tocando-os suavemente com as palavras que podem lhes trazer o conforto esperado. Porém, no Brasil, tal qual vários lugares, não é fácil transmitir o gosto pela leitura aos adolescentes, especialmente quando eles cresceram nos meios populares. Os livros, muitas vezes são percebidos como objetos desprovidos de sentido, pois a forma como foi trabalhada a leitura na escola, não lhes traz boas lembranças, em razão da forma como se apresenta: leitura obrigatória, memorização. É preciso modificar o olhar desses jovens para se sentirem tocados pelas palavras, pela voz, pela energia de quem procede a leitura. Tais recordações negativas vão ao encontro do que profere Zilberman (2010, p. 51) quando procura retratar esse doutrinamento imposto pela educação, ou seja, “no meio do caminho há uma escola”. Esse confronto dos espaços de leitura, uma escolarizada e outra que constrói.

Sob esse prisma, nota-se como a poesia é constantemente trabalhada na sala de aula, sendo motivo para se ensinar gramática, como foi visto nas palavras da professora regente da turma aqui analisada ou utilizada em apresentações comemorativas, sem a intenção de estudá-la por fruição, sem dar-lhe o valor à análise que lhe é pertinente. Nesse âmbito, a leitura não pode ser vista como atividade enfadonha e mecânica. Volta-se aqui a dificuldade de ensinar poesia, nota-se que não há uma aproximação efetiva entre os parâmetros curriculares e a formação escolar utilizando-se das redes e outras iniciativas mediadas. Ao fim e ao cabo, Ana Maria Machado acredita que “a poesia costuma assustar muito” (MACHADO, 2008), tendo em vista o grau de dificuldade no ato desta leitura tanto por parte dos estudantes quanto por parte até mesmo dos docentes. Essa inquietude revela que diversas vezes, tenta-se ler o texto poético da mesma forma que se lê um texto de comunicação cotidiana. Porém, na linguagem diária, “as palavras parecem estar ligadas verticalmente, cada termo liga-se à realidade que pretende representar, cola-se ao seu conteúdo como uma etiqueta a um frasco”

(RIFFATERRE, 1984, p. 102). Por conseguinte, é preciso pensar na formação de um leitor potencial de poesia. Silva (2014) sintetiza que

Pensar no aluno de ensino médio como tábua rasa, incapaz de absorver qualquer lição mais elaborada além das regras de versificação é nivelar por baixo uma realidade de ensino heterogênea, porém com enormes potencialidades para aprendizagem no campo estético. (SILVA, 2014, p. 43)

Tal assertiva comprova que é possível trabalhar os poemas como um trunfo na formação dos leitores e não meramente estudo dos períodos literários. Além do mais, um fator determinante é apresentado pela autora Vera Oliveira (2013), ela afirma que as pessoas nunca tiveram tanta necessidade de poesia como nesse tempo alienante, discorrendo, inclusive que a poesia proporciona uma forma de conhecimento interior inigualável, um conhecimento em muitos casos alternativo em relação às categorias racionais do conhecimento. Tais reflexões conduzem, ainda, Bordini afirma que

Nestes tempos pós-modernos, o papel da poesia tem sido o de revisitar o passado, repetir ironicamente o que já foi feito, mostrar os fracassos da racionalidade, desconstruir estilos e formas poéticas, introduzindo neles vozes e inflexões antes suprimidas, e insistir na utopia, mesmo despedaçada ou cínica. (BORDINI, 2003, p. 77)

Quando se pensa em pós-moderno se pensa em algo que remete a inovador, sendo assim relacionado à atualidade. O que se percebe é que a literatura acompanha as tendências do que está na moda. Nesse sentido, Failla (2016) descreve que para socializar a literatura hoje, os jovens recorrem há muitos recursos como rede sociais, fanzines, blogs, vlogs, sites, eventos de *cosplay*, vão a bienais, assistem a entrevistas, saindo, dessa forma apenas do reduto escolar, percebido como atividade dos nerds. Visto por este ângulo a literatura torna-se atraente, pois ela propicia o pertencimento no grupo e os jovens querem estar integrados a uma tribo. Nessa linha se pode citar a influência da tecnologia para determinados grupos, como é o caso dos *booktubers*, esses jovens, por meio desses vídeos, dão dicas de obras, lançamentos de livros, entre outras atividades pertinentes ao mundo literário. Junta-se a ele o *youtuber*, que além de interagir com o público pelas mídias, participa de eventos provocando filas de seguidores para autógrafa.

Por essas razões é pertinente continuar insistindo num trabalho voltado à leitura, principalmente quando se testemunha que os dados retratados aqui com relação aos leitores, não são animadores. Ao se proceder esse diagnóstico do comportamento do leitor brasileiro a intenção é a de que haja promoção de novas ações de fomento à leitura por parte do governo,

organizações sociais e editoras. É preciso uma ação educativa constante a fim de inserir o jovem nesta prática. A tônica é posta no trabalho compartilhado. Unindo reflexão, posicionamento e autonomia, o gênero poético evidencia-se como uma opção diferenciada para o sujeito entender a si mesmo e os outros, principalmente nessa fase de transição da adolescência à vida adulta, em que são visíveis as transformações tanto emocionais quanto cognitivas. A poesia torna-se necessária, como uma via para a expressão, ao desenvolvimento de seu potencial interpretativo, para a troca, envolvendo, nas palavras de Langer (2005, p. 51) “a fusão da literatura na vida e da vida na literatura”.

2.4 Um enlace parcial: a poesia e seu porquê

O que se pode observar até aqui é a importância que a poesia sempre teve para o desenvolvimento humano e como tem sido auferida em diversas instituições, sendo significativa para formar leitores. Com seus recursos formais e semânticos, disponibiliza várias possibilidades de significação, dada a sua característica plurissignificativa. Por isso, nas palavras de Amarilha (2006, p, 26) “para ler um texto literário não basta um vocabulário dicionarizado, é preciso entender que a língua ali se encontra explorando aspectos da coletividade e da capacidade criadora de seu autor e de seu leitor”. Dada a sua natureza peculiar, a poesia rompe com o contumaz, dando vãs a diversas vozes sonorizadas que ecoam o que já é sabido, porém ressurgem em modos diferentes. Por certo, não há como desenvolver estudantes com capacidade de agir no mundo sem a leitura e aqui, em especial, a literatura poética centrada no Ensino Médio. É na sala de aula que na maioria das vezes o estudante se depara com materiais do gênero e é nesse local que precisa desmistificar que ler poesia é chato. É pela imaginação que se exercita a poesia, à qual é capaz de transportar o leitor para situações e lugares infinitos. O encantamento vem dos detalhes, pelo olhar apurado desenvolvido a cada novo poema que o poeta compôs, num deparar-se e descobrir-se em sucessivos movimentos. Nesse campo onde se situa a poesia, não há limites para a produção do sentido, cabendo diversas configurações, desde uma simples folha de papel, uma imagem ou a exploração de objetos, as palavras ganham vida no contexto poético. “Uma palavra é um ser vivo. Ela pode ser tudo que quisermos no contexto que escolhermos.” (MENÉRES, 1977, p. 62). Esse autor afirma ainda:

A poesia é a beleza e o sentido das coisas e de nós próprios. É uma maneira de olhar o mundo. É uma forma de atenção a tudo. Ela pode estar em toda a parte: nós, às vezes, é que não estamos onde ela está, só porque passamos ou vivemos distraídos. E outras vezes estamos e encontramos-la. E outras vezes encontramos a poesia e não a sabemos escrever. (MENÉRES, 1977, p. 8)

Na combinação de palavras e sons que o poema vai se entrelaçando e oferecendo várias interpretações, ao interiorizá-lo provoca o mais recôndito sentimento. Desde cedo, essa musicalidade dos sons já se é percebida. Nessa etapa de descobertas a leitura acontece seja pela expressão musical quando a criança ainda é bebê e ouve as cantigas de ninar, seja na fase posterior no jogo das palavras, ao brincar com rimas ou, ainda, pelas cantigas de roda. A atividade de trava-línguas e os provérbios que brincam com o uso dos fonemas não deixam de conter um ritmo diferenciado. É pelo lúdico que a criança vai adentrando o mundo poético, adquirindo a sensibilidade, despertando a imaginação, sendo conduzida para desvendar o sentido da vida pelo efeito estético que é peculiar deste gênero. Embora nem sempre se consiga definir poesia, torna-se notório identificá-la. Com a riqueza de linguagem, a capacidade que o poeta dispõe para traduzir seus sentimentos com criatividade e a disponibilidade de recursos, é presumível formar um leitor de poesia e pela poesia. Sua característica marcante é a pluralidade, seja de temas, feitiço de apresentação, tipos de autoria, eis a importância da experiência de vida que o leitor vai adquirindo e o contato com outras leituras. Posto isso, cabe aqui referência ao termo “representação”, de Langer, já citado no subcapítulo anterior, tal conceito reconhece que o leitor evolui com a leitura, ele se renova a cada texto, de acordo com sua subjetividade. O leitor é quem dará o acabamento ao poema, por meio da leitura o recria, num diálogo entre o seu papel ativo e a voz lírica do poeta. Segundo o poeta e filósofo Antônio Cicero:

Outras expressões artísticas talvez não exijam o mesmo tempo e nível de concentração para sua apreciação – uma música, uma pintura, uma escultura, uma obra arquitetônica pode ser vista em passant, ainda que não mergulhemos profundamente em sua unidade forma/conteúdo. Já o poema exige uma imersão mais densa no corpo do texto para que seus elementos possam capturar o leitor/ouvinte. Em suma, é preciso olhos e ouvidos atentos e lentes dilatadas para ler, ouvir, fruir um poema, pois se trata de um gênero que desafia o leitor ao apresentar uma gama de correlações improváveis e sentidos imprevisíveis na linguagem instrumental, seja via recursos sonoros e gráficos, seja via figuras de linguagem. (2014, p. 382).

Diante dessa profundidade e grandeza é notório que a poesia continue sendo importante costurando sentimentos pelas linhas entre o clássico e o modê. Para tentar perscrutar ainda mais o tema, Cicero (2014) declara que ela enriquece a vida humana, mesmo nesses tempos acelerados, logo dá acesso às pessoas ao modo estético de apreensão do ser e do tempo. Além do mais, a subjetividade bem como o lirismo permanecem na diversidade de espaços em que o poema se faz presente, desde o ambiente escolar até ambientes informais e recreativos, permitindo, cada vez mais, a comunicação com outras artes.

3 SOM, VERBO, VISÃO: AS PERCEPÇÕES PLURAIS

[...] a atividade leitora apresenta todos os traços de uma produção silenciosa: flutuação através da página, metamorfose do texto pelo olho que viaja, improvisação e expectativa de significados induzidos de certas palavras, intersecções de espaços escritos, dança efêmera. [...] Esta mutação torna o texto habitável, à maneira de um apartamento alugado. Ela transforma a propriedade do outro em lugar tomado de empréstimo, por alguns instantes, por um passageiro. Os locatários efetuam uma mudança semelhante no apartamento que mobiliam com seus gestos.

Michel de Certeau.

Com o rápido desenvolvimento tecnológico fica evidente que as tecnologias se tornaram parte de todos os campos das atividades em sociedade, vivências mediadas pelo digital. Os aparatos eletrônicos, em constante mutação, estão intrinsicamente presentes em atividades de menor a maior importância, multiplicando-se e tornando-se muitas vezes despercebidos. Juntamente com essas mudanças nas tecnologias, surgem novas formas de se relacionar com elas, pela linguagem, expressão, modificando a relação dos sentidos nesse novo ambiente. Em atenção a isso, o espaço escolar precisa acompanhar essas transformações articulando o fazer pedagógico em direção à participação dos estudantes nesta evolução, integrando-os. No contexto atual, para essa demanda de jovens que nasceu na era tecnológica, há facilidade de adaptação e interesse em se envolver com atividades dinâmicas pelo uso do computador e telefone celular. Pelo o que até aqui foi dito, trabalhar com poesia torna-se uma boa alternativa, em resumo, a atividade poética reinventa-se, frequentemente está com novas roupagens e agora principalmente se apresenta em formato digital.

3.1 Relação homem x máquina

A comunicação sofreu transformações no decorrer do tempo e essas mudanças foram provocadas principalmente pelo uso da tecnologia, que modificou a forma de interação entre as pessoas e os canais de disseminação do conhecimento. É possível dizer que a tecnologia é um *link* com o mundo. É interessante pontuar que muitas pessoas têm a tendência de ver a tecnologia como algo do futuro, como se as civilizações que vieram até aqui não fizeram a tecnologia. Alberto Cupani (2013) distingue claramente o que se denomina de tecnologia, à qual se apresenta como uma realidade polifacetada, em forma de objetos, sistemas, processos, modos de proceder, como certa mentalidade. Além disso, toda realização tecnológica vai acompanhada de uma valoração seja positiva ou negativa, dependendo do que ela pode

proporcionar. Difícil hoje encontrar alguém que não se envolva com a tecnologia. Ela evolui muito rápido, havendo muitas vezes fusão das possibilidades ofertadas por essas inovações. Para McLuhan (1990, p. 154) “a própria forma de qualquer meio de comunicação é tão importante quanto qualquer coisa que ele transmita” (McLuhan, 1990, p. 154). O meio é a mensagem, pois representa conteúdo de cognição, ludicidade e sinestesia. Segundo o autor, os meios são extensões dos sentidos dos homens, funcionando como prótese técnica. Nesse sentido, os aparatos eletrônicos seriam extensões das mãos e da mente em uma relação entre a tecnologia e o homem.

Nesse cenário, Antônio (2008, p. 291) realça que o computador assume um papel fundamental. Torna-se um instrumento multifacetado e interfere decisivamente na nova forma de produção do conhecimento, coproduzindo enunciados a partir de um sistema híbrido homem-máquina, o que, eleva a informática, segundo Santaella, a um patamar diferenciado de meio comunicativo:

O computador não é uma mídia como foram todas as outras. Ele é mais propriamente **uma metamídia, uma mídia das mídias**, capaz de absorver dentro de si todas as mídias anteriores, misturando-as na própria gênese de suas linguagens híbridas e multimidiáticas. Trata-se, antes de tudo, de uma mídia de acesso à informação e de uma mídia de armazenamento da informação, o que é incrementado pelos acessórios computacionais, especialmente as memórias externas e, hoje, pela computação na nuvem. (SANTAELLA, 2016, p. 99, grifo nosso.)

A autora, em seus escritos contempla vários tópicos com relação a essa multiplicação acelerada dos meios digitais, o que abrange o uso do computador e inclusive, para ela situar os leitores, traz historicamente os avanços tecnológicos que foram modificando a sociedade e com isso a vida das pessoas. De fato, a comunicação eletrônica tem-se feito presente em vários campos, constituindo-se num ambicioso bem de consumo, uma verdadeira contaminação que se espalhou pelo mundo que não para de evoluir. A abordagem de Castells corrobora com o que foi exposto: “as novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, **mas processos a serem desenvolvidos**. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa.” (2002, p. 51, grifo nosso). Em decorrência do potencial de conexão, está a internet à qual adentrou a vida das pessoas causando um novo padrão social por conta dos benefícios de tempo e economia, o que a faz ser acessada cada vez mais, num turbilhão de informes e opções à disposição do usuário, muitas vezes sem o controle e a seleção do que navega. Ela é comumente usada para ocasiões formais e informais e seu uso tem aumentado exponencialmente.

Dito de maneira simples por Campos (2019), a internet é uma faca de dois gumes: ela consente a intrusão de banalidades, mas oferece, de outra parte, o acesso às informações as mais longínquas e intangíveis para quem souber procurá-las. Pode ser a escarradeira dos imbecis, mas é também a enciclopédia das enciclopédias, colocando ao alcance de todos conhecimento e dados jamais oferecidos em tal escala. Aliados a isso estão os aspectos levantados por Antônio (2008, p. 225), o qual afirma que os equipamentos digitais acumulam tantos níveis de tecnologia, e de tal maneira imbricados e sobrepostos, que é cada vez mais difícil que uma pessoa domine todos os conhecimentos envolvidos no funcionamento deles, que dessa forma tornam-se *caixas pretas* para os leigos. Ocorre uma forma de introjeção da técnica: ninguém mais a conhece ou domina inteiramente, e o único lugar em que ela reside por inteiro é no próprio equipamento. Com magnitude o referido autor indica:

O extraordinário avanço tecnológico das últimas décadas acarreta mudanças profundas em todos os setores da sociedade, mas incide particularmente sobre a cultura e os meios de produção intelectual. Isso faz emergir a necessidade de reflexão acerca das formas de criação e circulação da informação e cria, conseqüentemente, a necessidade de revisão de paradigmas. (Antônio, 2008, p. 290)

Esse novo ambiente digital reconceitua a percepção e a compreensão da sociedade, bem como do ser humano, da produção, recepção e interação cultural. Ademais, fica evidente que o universo virtual das redes se ampliou surpreendentemente por todo o planeta fazendo surgir um universo paralelo ao universo físico no qual os corpos se movem. Esse universo paralelo, que tem sua matriz na Internet, que acolhe megalópoles, ou banco de dados comerciais, e uma imensidão de portais e *sites* de todas as espécies é chamado de ciberespaço, um espaço informacional, cujas arquiteturas líquidas não têm fronteiras definidas. Há muitos conceitos atrelados a ele, mas de acordo com Benedikt (1991):

Consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração e acesso. Nessa realidade, da qual cada computador é uma janela, os objetos vistos e ouvidos não são nem físicos nem, necessariamente, representações de objetos físicos, mas têm a forma, caráter e ação de dados, informação pura. É certamente uma realidade que deriva em parte do funcionamento do mundo natural, físico, mas que se constitui de tráfegos de informação produzida pelos empreendimentos humanos em todas as áreas: arte, ciência, negócios e cultura. (BENEDIKT, 1991, p. 116).

Mais propriamente, o ciberespaço se relaciona com a realidade virtual, com a visualização da informação, com as interfaces gráficas dos usuários, com as redes, com os meios de comunicação múltiplos, com a convergência das mídias, com a hipermídia, com a net arte, justamente por ter a capacidade de reunir esses tentáculos em um mesmo espaço, sem

começo nem fim. (ANTÔNIO, 2008, p. 307). Tudo indica que o ciberespaço é o que se abre quando o usuário se conecta na rede. No dizer de Lemos (2001, p.87) o ciberespaço cria um mundo interconectado por ícones, portais, sites, *home pages*, “permitindo colocar o poder de emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária, que vai produzir informação, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema”. O ciberespaço pode impulsionar a linguagem poética, pois se expandem cada vez mais os sites, blogs, redes sociais, aplicativos para smartphones.

Dentro desse espaço real, mas não físico em que as pessoas podem se manifestar livremente e em que não há um endereço definido, a tônica recai sobre a presença do avatar, o qual possibilita que o usuário viva dentro dessa realidade virtual. Uma personificação ou corpo virtual pode ser denominado este usuário representado, o qual faz o seu check-in para atuar no meio eletrônico. Nas palavras de Seppi e Cardoso (2014) *mediating realities* referindo-se sobre o sentimento de presença nos ambientes virtuais. Ou seja, o avatar é ao mesmo tempo mediador e protagonista do ambiente.

Esse sentimento de presença na relação homem e máquina também pode ser percebido pelos *chatbots*, que simulam um humano na conversação e na verdade trata-se de um programa de computador. Ao contrário da ausência do humano, mas também se utilizando da intercessão da máquina, os *chats* comuns possibilitam a troca instantânea com o outro real, permitindo que se aproxime ou se afaste quando desejar e rapidamente, pois a desconexão facilita a interrupção da comunicação enquanto num encontro físico o término do diálogo pode ser dificultado.

Diante de tudo isso percebe-se que as pessoas vão constituindo sua subjetividade pelas tecnologias que as envolvem, mesmo que não as percebem influenciando e o quanto estão cada vez mais envolvidas por elas. E isso ocorre em momentos da vida diária como alimentação, lazer e em circunstâncias especiais em que se utiliza aparelhos extensores dos sentidos (como de audição), cirurgias plásticas, tatuagens. No dizer de Hayles, (2005) o humano que interage com a máquina, ao final da interação, não é mais o mesmo. Isso é confirmado por Clark (2003) o qual diz que a capacidade adaptativa do cérebro humano com o corpo e outras ferramentas dissipa a dimensão do que o próprio corpo, o que é humano e o que é a mente.

Essas relações entre o homem/máquina e espaço físico/digital estão se estreitando cada vez mais. Com o aperfeiçoamento da máquina e o domínio de seu uso, é permitido o ingresso a esse universo digital que tem alastrado seu campo de atuação. Esse contato acontece, por exemplo, pela realidade aumentada, pela simples interação, com próteses controladas pelo

pensamento (migram da ficção para a realidade) ou com a necessidade em vários ambientes profissionais de uma tecnologia de ponta. De fato, um sujeito híbrido conforme Ascott (1997)

cada fibra, cada nó, cada servidor da Net é parte de mim. À medida que interajo com a rede, reconfiguro a mim mesmo. Minha extensão-rede me define exatamente como meu corpo material me definiu na velha cultura biológica. Não tenho nem peso nem dimensão em qualquer sentido exato. Sou medido pela minha conectividade. (ASCOTT, 1997, s/n)

Enfim, um corpo modificado, quimera, um sujeito fabricado de organismo e acrescido de máquina, à qual está redesenhando os corpos.

3.2 A interação da leitura e os sentidos com as tecnologias digitais

Em tempos de diferentes dispositivos digitais, como *e-books*, *e-readers*, *tablet*, *smartphones*, conectados por inúmeras redes sociais e aplicativos, a noção de leitura e suas relações com o mundo midiático assumem outras vertentes, linguagens e posturas. (SOUSA, 2019). Os aprendizes que se desenvolvem nessa cultura digital aprendem gestos e habilidades, apropriando-se e, ao mesmo tempo, gerando elementos condizentes com as novidades provocadas pelo futuro interativo que foi concebido com eles, para eles e no tempo deles, como sugere a expressão “Tá ligado?”, dessa juventude “antenada” que parece estar em alerta o tempo todo, movidos pela tecnologia, em um quanto mais, melhor. Qualquer *bug* que acomete seus aparelhos é motivo para pânico, desconcertando a estrutura inteira dos seus corpos, é como se essa extensão humana “ficasse doente”. Hoje, se abordar a preferência entre o aparelho eletrônico e qualquer objeto que supre as necessidades básicas, como o travesseiro ou um copo, já pode ser deduzida qual é a resposta que o jovem dará. As conveniências com o uso se expandem cada vez mais. Muitas atividades executadas no dia a dia são realizadas pela internet. A expressão “*Ler na Tela* torna-se habitual, evidenciando transformações no modo de comunicação na escrita em papel e na escrita virtualizada”. (SOUSA, 2019, p. 2). Precisamente, as modalidades de leitura e escrita são mediadas por telas e interfaces. Com isso, percebe-se que o ato de ler se modificou na trajetória histórica à medida que se altera o suporte e as demandas sociais. O visor do celular tornou-se o espelho de suas atitudes, ele é onipresente e reflete a vida do estudante. No dispositivo estão guardados desde dados banais a revelações mais íntimas que são divididas entre o eu e o outro, que não deixa de ser a mesma pessoa.

Por conta do contexto tecnológico em que há formas, inclusive sofisticadas de produzir, acessar e interpretar os fatos e notícias, a leitura que nele se realiza exige do leitor

comportamentos mentais e atitudinais diferentes, enfim o suporte de acesso interfere no modo de absorção, acomodação e organização das informações (XAVIER, 2007). Nesse ambiente efêmero, imaginativo e interativo, muda o olhar e a ação do sujeito, afinal, com a nova estética as fronteiras entre os dois mundos se mesclam (real e virtual), em uma realidade mista. Diana Domingues (2002, p. 137) fala em netvida, a revolução digital determina formas de vida expandidas pelas tecnologias, e se constitui numa verdadeira revolução antropológica que modifica o cenário social, em que a telepresença torna-se praxe. Pensando no uso da internet, constata-se que há oportunidade de a produção artística ocupar distintos espaços, não somente o físico. O virtual torna-se um estímulo para a arte. Toda essa malha estética de fruição pode tornar-se produtora, porém é fato que com a opção de diversos territórios para o estudante transitar, o papel docente deveria ser o de deslocar-se para acompanhar essas novas configurações, atuando como mediador das tecnologias no espaço escolar, podendo ser o vetor para formar leitores.

Nesse âmbito, o domínio da leitura passa a estar vinculado na educação à necessidade de orientar os utilizadores das ferramentas informático-mediáticas, quer dizer, a almejar um letramento digital articulado à complexidade das manifestações literárias da contemporaneidade técnica. Todavia, para que isso aconteça, é preciso incluir de forma efetiva a tecnologia nas escolas, expandindo gradualmente os limites da comunicação ao âmbito das artes, já que, como Lucia Santaella adverte, “quando novos meios surgem, seus potenciais e usos, ainda desconhecidos, têm de ser explorados” (2008, p, 35). A escola não pode ficar incólume diante das mudanças, “tudo junto e misturado”. Ou se introduz separadamente o meio digital em sala de aula ou se mesclam atividades com o uso da tecnologia e de atividades diversas. Essa foi a prática que se realizou neste trabalho. Além de terem o contato com as poéticas digitais, que significava algo novo para os estudantes, utilizou-se das outras linguagens mais tradicionais como a oralidade e a escrita.

Hayles (2012) considera que as interações com o computador são corporificadas, ou seja, são subsumidas pelo aparato fisiológico e cognitivo. As ações de clicar no *mouse*, ler na tela ou teclar produzem mudanças físicas e funcionais no cérebro. Elas têm impacto no nível físico e modificam como as pessoas se comportam e lidam com a leitura. Um exemplo marcante encontra-se no livro denominado *Poemas de brinquedo* de Álvaro Andrade Garcia, nele o poeta vai além do impresso promovendo o diálogo com outras artes. Conforme Santos e Moreira (2019) suas publicações não são de hoje, já nos anos 80 o poeta publicava poesia em televisão, rádio, instalações públicas, internet e outros meios. *Poemas de brinquedo* foi lançado em 2016 no impresso sendo composto por fichas, cartões e cartas, permitindo a interação do leitor. Na

versão digital, permite o acesso por tablet, celular ou computador e o leitor interfere no movimento, a própria poesia é movimento, ritmo, atenção. No impresso, já há uma tentativa de interação e também de sons, apresentando a letras das músicas, mas isso realmente se concretiza pelo digital ao se reproduzir os sons, com a possibilidade de escolher a poesia pelo toque do título na tela inicial. Há linguagem visual, sonora e verbal e envolve editor, animador, designer gráfico, programador. O autor alia palavra escrita à palavra entoada, imagens poéticas às imagens cinematográficas, uma poesia expandida. O poema apresenta fontes coloridas, em diferentes formatos, circulando por diferentes direções, num jogo rápido de apresentação brinca com as letras, com as palavras, há áudio que lê o poema e nas palavras que deseja destacar pronuncia em tom mais alto. Também aparecem imagens condizentes com o que é falado, trata de temas diversos e lúdicos para usufruir em todas as idades, pois há jogo do dicionário, ler com sotaque, histórias. Fora isso, ensina a se respeitar as diferenças culturais. Assim, esse poema é um exercício lúdico, em que se permite adentrar pelo mundo da leitura poética e tecnológica em movimento dos sentidos, de forma que se pode apreciá-la sem moderação.

Se a leitura influencia o corpo, percebeu-se em que se tratando da leitura digital há mais ênfase ainda, pois além de provocar modificações sobre o conhecimento, faz com que os participantes tenham atitude interativa e em tempo real durante o ato de ler, influenciando a forma de se relacionar com o poema, de capturá-lo e permanecer na leitura. Descobre-se, então, que os sentidos humanos são utilizados para a percepção do próprio corpo e para receber os estímulos do espaço externo na era da hiper mobilidade. Isso significa entrelaçar mobilidade física com mobilidade das redes conforme as colocações de Santaella (2013). No que concerne a esse assunto, Antônio Xavier (2007, p. 45) compartilha a seguinte posição: “de todas as possibilidades de atividade cognitiva, a leitura é a primeira e a mais frequente quando se acessa a grande rede, é a matriz para a ativação de várias ações.” Xavier complementa que o ponto de partida para o processamento cognitivo das informações configuradas nas linguagens verbal, visual e sonora no ambiente digital é, sem dúvida, a leitura *lato sensu*. Essa hiperleitura realizada na tela, encontra leitores com comportamentos diferentes, os quais esse autor julga como positivos. Os chamados hiperleitores não são mais anônimos que buscam informações, em vez disso desejam ser identificados. Como resultado, a intervenção do leitor passa a ser maior, diante da pretensão pela produção e leitura no ambiente virtual. Tal circunstância de leitura parece promover a interação de forma social e discursiva integrando os conhecimentos de forma ativa, envolvendo o leitor com a produção do conteúdo. A mudança é tão acentuada, que a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2016) contrasta que, entre os leitores, 81% são usuários da internet, embora 52% dos internautas a usem para ler notícias e obter informações.

Os dados confirmam que a leitura nessas novas relações com o aprendizado, precisa de um direcionamento para que ela forme leitores atuantes, críticos e que obtenham conhecimento. “Nesse modelo de convergência digital, não é mais possível que educadores, bibliotecários, editores, escritores e mediadores de leitura ignorem a necessária interação com esse público e suas linguagens e textos para formar leitores.” (SOUSA, 2019, p. 184). Parece que o estopim propulsor para alavancar à leitura pode estar relacionado à literatura eletrônica, especialmente ao saber utilizá-la na prática. Tal conceito será abordado com maior ênfase em um capítulo posterior.

Por conta dessa Literatura diferenciada, surgem as poesias eletrônicas aqui pesquisadas e trabalhadas na prática, às quais envolvem todo o corpo no ato da leitura, vários sentidos, alguns mais, alguns menos. Basta lembrar da voz durante o ato de ler, as sensações, seja tensão, vibração, envolvendo diversos sentimentos. As imagens que prendem o olhar, os sons captados durante o percurso de leitura. “A intervenção através do meio digital, propõe outras matrizes sonoras e rítmicas ao poema.” (SANTOS, 2013a, p. 35). Notadamente a poesia e a tecnologia estão integradas no processo de criação. Para mapear essa pesquisa foi preciso desvelar os conceitos pertinentes à leitura, ao mundo digital e à literatura eletrônica e conhecer como se dá a recepção do material eletrônico durante as aulas de literatura aos estudantes do ensino médio. É possível antecipar que há um notório efeito de contraste na motivação de trabalhos escolares conduzidos para se utilizar a tecnologia daqueles com tecnologia tradicional: quadro, giz, caderno, caneta. Com a tecnologia, o processo de leitura sai da escrita corrente e cria-se um sistema visual específico, com ela há um texto cambiável, fluido, imediato. O leitor é enredado pelas formas expressivas dispostas na tela e torna-se produtor ativo, sentindo-se convidado a intervir no texto, por exemplo, selecionando ou interpretando as produções multimodais presentes no ambiente virtual.

É oportuno tecer a abordagem de Santaella (2005), à luz da semiótica peirceana, sobre a multiplicidade das linguagens geradas com as combinações entre as três matrizes da linguagem e pensamento: primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeiridade é a impressão imediata ao se deparar com uma experiência (uma imagem por exemplo), ou seja, apenas a sensação (livre de análise). Já a secundidade, à qual vem logo na sequência, é quando a mente reage, interage com aquela experiência, observando do que se trata. Por último a terceiridade, essa é a etapa mais demorada, onde se analisa o que se observou. “A sonoridade está no nível dominante de primeiridade, enquanto na visualidade domina a secundidade e, no discurso verbal, a terceiridade.” (SANTAELLA, 2005, p.119). Toda a mistura de linguagens está inegavelmente fundada sobre essas três grandes fontes primeiras: a verbal, a visual e a

sonora. Acrescenta-se que as misturas se constituem numa chave para a compreensão das linguagens híbridas, tais como, por exemplo, a dança (entre o visual e o sonoro), a linguagem verbal oral (mistura do verbal, sonoro e mesmo visual, na gestualidade de que se faz acompanhar). Santaella (2005) adverte

O metabolismo das linguagens, dos processos e sistemas sógnicos, tais como escrita, desenho, música, cinema, televisão, rádio, jornal, pintura, teatro, computação gráfica, entre outros, assemelha-se ao dos seres vivos, pois as linguagens encontram-se em permanente crescimento e mutação. (SANTAELLA, 2005, p. 27)

Esmiuçando mais a questão, Ferreira (2010, p. 13) afirma que “a arte acompanha avanços tecnológicos e em muitas situações é causadora deles, rompendo com o tradicional e instaurando diferentes modos de criação”. Nesse sentido, para Rosnary:

O rápido desenvolvimento da multimídia aparece na convergência de vários campos tradicionais, fundindo-se, em um único setor do todo digital, as quatro formas principais da comunicação humana: o documento escrito (imprensa, magazine, livro); o audiovisual (televisão, vídeo, cinema), as telecomunicações (telefone, satélites, cabo) e a informática (computadores e programas informáticos) (ROSNAY, 1997, p. 99)

O que se percebe, é que a poesia concreta antecipou isso em termos estético-críticos-teóricos, a verbivocovisualidade, mas esteve com as vanguardas no início do século também. A linguagem no campo digital torna híbridas as matrizes por permitir uma emergência do sonoro no visual, do visual no verbal e vice-versa a partir da semiótica peirciana. As mídias produzem multiplicações. Nesse sentido, pensa-se na linguagem sonora, esta só é pura em seu nível primeiríssimo, já todas as outras modalidades na matriz sonora são híbridas da lógica do visual e verbal e essa hibridização se evidencia quanto mais vão se introduzindo os níveis da secundidade e terceiridade. Quanto à linguagem sonora verbal pode-se pensar na fala e na música que nessa instância andam juntas, acompanhadas da letra. Quando for transmitida à distância a canção é sonora-verbal, se for interpretada na presença física do intérprete é um recurso visual próxima do intérprete, move a canção para o sonoro-verbo-visual. Com relação às linguagens visuais, os níveis de contaminação da matriz sonora e verbal são vários. Santaella comenta:

Muitos tipos de imagens visuais fixas são produzidas artesanalmente, através da mão, o que dá à linguagem gestual um desempenho importante na produção dessas imagens. São, por isso mesmo, linguagens híbridas entre o visual e o gestual, ou melhor, o visual guarda em si a marca do gesto de sua produção. (SANTAELLA, 2005, p. 383)

Ao encontro do que foi exposto por Santaella, cita-se Menezes (2001), um poeta que atuou dentro da proposta da hibridização, pois seus trabalhos tiveram influência da música e das artes visuais. Para o autor a poesia visual “refere-se a um fenômeno poético do século XX, em que o cruzamento das linguagens é decorrência direta do panorama visual das grandes cidades e dos meios de comunicação de massa”. (MENEZES, 1998c p.14). Nesse cruzamento de imagens, quando se pensa em linguagens visuais sonoras cita-se, conforme Santaella (2005) a computação gráfica, aqui pode-se pensar na animação que tem boa recepção com o público. Sonoro não significa que necessite trilha sonora, ou seja, não há necessidade de expressar-se em sons, mas pode ocorrer com imagens em movimento, relacionada à duração, a música das imagens num ritmo quase imperceptível. Um vídeo que não for acompanhado de fala também é considerado sonoro visual. Quanto mais as imagens do vídeo se produzem na dinâmica própria da sonoridade, das durações, das intensidades, maior é o êxito de suas imagens, pois é nesse cruzamento com os caracteres, próprios da música, que o vídeo atinge o grau de poeticidade. Nas linguagens verbo-sonoras a literatura oral e a poesia sonora levam à realidade sonora da fala ao limite de sua sonoridade. Santaella (2005) destaca na poesia a linguagem verbo-visual-sonora pela natureza híbrida entre sonoridade e visualidade. A autora aponta também o cinema com imagens em movimento, mesmo que não tenha som, traz a lógica a sonoridade devido à duração de seus planos, seus cortes, ritmos das sequências. Se for narrativa apresenta características do verbal. Cinema pressupõe roteiro, este fica implícito na narrativa e difere do verbal presente nos diálogos dos personagens. Outro gênero de vídeo são os documentários que misturam a imagem referencial com o discurso off. Essa voz off não segue os princípios da linguagem oral, pois é um texto escrito informativo e lido em voz alta. As imagens têm procedências diversas, de estúdios, reportagens, arquivos, entre outras, cuja função é mostrar o que o texto verbal não consegue atingir e o discurso apresenta o que a imagem não consegue suprir, ou seja, um complementa o outro. Já num vídeo clip a música geralmente cantada é o carro-chefe seguida de imagens que ilustram.

Em se tratando de verbo-visuais-sonoros há o teatro, a ópera e o circo. Cada um deles mistura as três matrizes de maneira peculiar. No cinema há as ações das personagens, mas também prende a atenção o cenário, figurino, iluminação, o que pode ser mais explorado do que num teatro.

O primeiro grande poder definidor da hipermídia está na hibridização das matrizes de linguagem e pensamento, nos processos sógnicos, códigos e mídias que ela aciona e, conseqüentemente, na mistura de sentidos receptores, na sensorialidade global, sinestesia reverberante que ela é capaz de produzir, na medida mesma em que o

receptor o leitor imersivo interage com ela, cooperando na sua realização. (SANTAELLA, 2005, p. 392)

Esse processo aproxima as mídias da literatura contemporânea e ao atuar no meio eletrônico, o leitor se movimenta, pela sua atuação e contato com os outros, a tendência é a de que a leitura se espalhe pelos usuários rapidamente. Com isso, pode chegar ao alcance de várias pessoas, como é o caso de um tipo de jogo Co-op, uma narrativa em que é possível jogar com mais pessoas e cada participante ajuda o outro. Pode ser composto por desafios, em que se escolhe onde clicar, trilha sonora e áudio dos personagens. Vale ressaltar que hipermídia para Feldman (citado por Santaella 1995, p. 4) significa “a integração sem suturas de dados, textos, imagens de todas as espécies e sons dentro de um único ambiente de informação digital”. Com a hipermídia, fotos, desenhos, gráficos, texturas, sombras e luzes combinam sentidos. As palavras, o texto e as imagens fixas e em movimento podem complementar-se e misturar funções. Ainda, a hipermídia pode importar sons, vozes, músicas, ruídos, vídeos. Reunindo-se essas linguagens há a possibilidade de oferecer os caminhos do poema. O leitor escolhe a sequência e os links são reconstituídos por ele em forma de decifração. (MENEZES citado por MACHADO ANTÔNIO; MIRAULT, 2001). Nesse sentido, “a intervenção do leitor/usuário amplia as formas de participação que as vanguardas haviam introduzido na arte, rompendo com a contemplação clássica do leitor/observador”. (MENEZES, 2000). Há que salientar que a coautoria dos leitores é restrita, há limites na intervenção e o autor decide onde e como o leitor pode intervir. (COSCARRELLI, 2002, 2012) Menezes atentava para um tipo de poesia distante do papel e do discurso verbal tidos como exclusivo, ou seja, pensava na poesia diferenciada como é o caso da hipermídia, mas sem abandonar a essência. A fim de complementar o que foi dito, Santaella afirma que:

a hipermídia significa uma síntese inaudita das matrizes da linguagem e pensamento sonoro, visual e verbal com todos os seus heterogêneas, mas, ao mesmo tempo, semioticamente convergentes e não-lineares, cujas implicações mentais e existenciais, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade, estamos apenas começando a apalpar. (SANTAELLA, 2005, p. 392)

Além de conceder a mistura das diversas modalidades das três matrizes da linguagem e pensamento a hipermídia tem a capacidade de armazenar informações e na interação com o receptor transmutar-se em variadas versões digitais que vão surgindo na medida que o receptor se coloca em posição de co-autor, em razão da estrutura hiper que dá suporte as escolhas do leitor. Para Santaella (2005) cada mídia produz alterações específicas em cada matriz da

linguagem, assim o visual da fotografia não é igual ao visual da televisão e este não é o mesmo do cinema, da mesa forma que este não é idêntico ao do vídeo.

Em conformidade com o exposto pela autora e diante dessas modificações midiáticas que afetam os modos de leitura, são pertinentes as colocações de Chartier, para ele a literatura encontra novos e variados suportes digitais com características distintas e capazes, inclusive, de modificar o texto em si, numa revolução “com poucos precedentes tão violentos na longa história da cultura escrita” (1998, p. 93). A atitude do leitor frente a esse texto altera-se comparando com o impresso, os limites de acesso são maiores, compartilhando-se de outras informações com rapidez, às quais podem ser complementares ao texto lido ou textos totalmente diferentes lidos ao mesmo tempo, em que é permitido deixá-los à disposição do usuário. Com a leitura feita pelo equipamento eletrônico, o leitor determina a ordem à qual deseja seguir, é ele quem permitirá que seu texto seja construído de forma coerente e coesa. Nesse certame, Lévy (1988) compartilha desta posição:

A mediação digital remodela certas atividades cognitivas fundamentais que envolvem a linguagem, a sensibilidade, o conhecimento e a imaginação inventiva. A escrita, a leitura, a escuta, o jogo e a composição musical, a visão e a elaboração das imagens, a concepção, a perícia, o ensino e o aprendizado, reestruturados por dispositivos técnicos inéditos, estão ingressando em novas configurações sociais (LÉVY, 1988, p. 17)

Nesta conjuntura assinala-se a importância dos sentidos quando da utilização dos meios tecnológicos e aqui em especial a utilização das poesias eletrônicas. No dizer de Braun (apud Santaella, 2005) há uma quantidade de sentidos que não se limita a cinco, mas para chegar a isso, é preciso bem compreender os sentidos fixados pela tradição.

Os diferentes sentidos não são considerados meros produtores de sensações visuais, táteis, sonoras, gustativas ou olfativas. Ao contrário, Gibson os trata como mecanismos ativos de busca e seleção de informações. Por isso mesmo, somos capazes de ter constâncias perceptivas responsáveis pela sobrevivência adaptativa. (SANTAELLA, 2012, p. 65)

Destaca-se, precipuamente, a visão, já que ela tem uma função preponderante nos poemas. A visão, conforme Santaella (2005, p. 71) “é uma função fisiológica e psicológica. Através dela, o olho e o cérebro traduzem informações transmitidas do exterior sob forma de uma energia radiante chamada luz”. A autora (2015, p. 196) identifica que “diferentemente do som que inexoravelmente passa sem deixar outro rastro a não ser uma suave impressão na memória, o visível tem algo de estável, destaca-se de um fundo amorfo, adquire a compleição de um objeto”. Significativamente, a visão é considerada, de um modo geral, após a

Renascença, o primeiro sentido de acesso à realidade (FERREIRA, 2010). Já dizia Mattos (1957, p.252): “os olhos e os ouvidos são os órgãos sensoriais mais desenvolvidos e aperfeiçoados de que dispõe o ser humano para receber as impressões do mundo exterior e adaptar-se ao seu ambiente.” Conseqüentemente são os que mais contribuem para uma aprendizagem eficaz.

Deve ser devido à sua posição em relação ao cérebro que o olho e o ouvido se constituem em aparelhos biológicos altamente especializados. Em linguagem técnica da comunicação, eles não se constituem apenas em canais para a transmissão de informação, mas em verdadeiros órgãos codificadores e decodificadores das informações emitidas e recebidas, de modo que, parte da tarefa, que seria de responsabilidade do cérebro realizar, já começaria a ser realizada dentro desses dois órgãos para se completar no cérebro. (SANTAELLA, 2012, p. 2).

Correlativamente, o olho e o ouvido, embora corporais, são sentidos mais cerebrais, ao passo que os demais sentidos são mais corporais do que cerebrais, isso não quer dizer que não sejam capazes de criar formas de pensamento ou quase-pensamento que lhes são peculiares. Por conta da visibilidade, a presença da cor tem sua importância na leitura dos poemas digitais, conforme se comprovou na análise dos poemas aqui nesta tese elencados. Antônio (2008) se debruça sobre esse assunto e esclarece que tradicionalmente a cor foi utilizada para retratar objetos e foi associada aos temas de percepção e prazer visual. Não se pode ouvir a cor, nem sentir o cheiro dela ou compreender a cor numa maneira intelectual- pode-se percebê-la, visualizá-la e recordá-la. “A cor tem não somente uma presença física, mas também pode afetar as emoções, e está ligada à sensação estética.” (ANTÔNIO, 2008, p. 176). Da mesma forma acontece com as harmonias musicais. Para refletir sobre tal questão cabe mencionar Santaella 2005, (p. 385), a autora evidencia “não foram poucos os estudiosos da poesia que apontaram por sua natureza híbrida entre a sonoridade e a visualidade”. Com relação à última, restringe-se o papel desempenhado pelas imagens, que exercem função referencial, mostrando o que as palavras não podem mostrar. A imagem nutre o texto, longe de suprimir as palavras, mas aqui, para a poesia digital a expressão de Confúcio “Uma imagem vale mais do que mil palavras” precisa ser levada em conta pela procedência que há da poesia concreta, em que a imagem prevalecia. Em determinados casos desse tipo de poema, apenas a imagem basta, ela sozinha diz muito, já na poesia digital, a linguagem mista é mais frequente, pois uma complementa a outra. Com especial interesse, a imagem geralmente é o primeiro contato que o estudante fará ao acessar variadas poesias eletrônicas, ela torna-se protagonista da leitura e dependendo do que e como aparece pode exercer a função principal até o final do trajeto. Um destaque especial

vem de Chion e Reibel (1976, 17-24 apud Santaella 2005, p. 90), para eles as imagens existentes na natureza seja real, artificial ou fictícia podem ser colocadas na tela e geradas por números dos computadores. A mesma coisa vale para o universo sonoro, podendo ser manipulado eletronicamente com inúmeras combinações. Ao propósito dessas afirmações, mais um sentido de relevância neste estudo, é a audição. Existem na natureza diferentes tipos de ondas, entre elas, a sonora. “Uma onda é uma perturbação que se propaga em um meio” (SANTAELLA, 2005, p. 72). O som é uma onda de compressão e de rarefação. Com Santaella (2005) é possível esclarecer que o ouvido é um órgão sensível ao som, além de ser responsável pelo sentido do equilíbrio. Embora menos complexo do que o olho, o ouvido é um dispositivo mais complexo do que os demais sentidos. Com o intuito de fundamentar essa questão, J.J. de Moraes (1983 citado por Santaella, 2005), divide as maneiras de ouvir, em três grandes níveis: ouvir emotivamente, ouvir com o corpo (relacionado com o interpretante energético, referente a um tipo de ação executada no ato da recepção) e ouvir intelectualmente (incorporar princípios lógicos que orientam a recepção da música). Eis aí uma analogia com a primeiridade, secundidade e terceiridade. Esses três níveis se cruzam e se unem, pois, o sujeito ao mesmo tempo que é corpo, é emoção e intelecto. Essa classificação do autor, tem como objeto a audição da música e seus processos de recepção no ouvinte. Além do mais, é frequente a utilização da música e trilha sonora nos poemas digitais, exploradas como partes do poema, tendo relevância para a interpretação. No dizer de Santaella (2005, p. 115) “a música também conta histórias, uma história de sons”. Em se tratando de ouvir com emotividade, a predominância é o sentir, a música produz estados de sentimentos, dependendo da forma em que a pessoa se encontra. A melodia, apresenta-se despretensiosamente, sendo aquilo que não carece de definições. De igual forma está relacionada ao que move as pessoas, um sentir posto em movimento, a pulsação acelera, o coração palpita. Por último, correspondendo certos ritmos sonoros a ritmos biológicos os quais acompanham diferentes estados de sentir.

O modo de ouvir com o corpo está relacionado ao ritmo, não se limitando a escuta com o ouvido, mas uma escuta que reage no corpo. O ritmo penetra no corpo, o próprio corpo parece gerador do ritmo, num entregar-se em que a música parece sair do próprio corpo. Além do mais, aparece o reagir ao estímulo, isso acontece, por exemplo, quando diversos brasileiros ouvem samba, dominando o caráter energético. Ainda, a dança coreografada, sendo conversão do ritmo sonoro em realidade plástica visual.

A última modalidade, relativa ao intelectual é relacionada com a escuta sensível, àqueles que conhecem música e conseguem extrair da audição um prazer singular, desconhecido pelos que não entendem de música. Primeiramente a apreensão intelectual tem um caráter meramente

imaginado, surgindo incertezas. Na sequência há a capacidade de transformar o ouvido em muitos olhos que observam a estrutura e as formas da música. Por último a escuta especializada, ou seja, dos especialistas capazes de avaliar a música como forma de pensamento.

Diante dessas categorias, descobre-se que, no poema digital, uma rica variedade de sons pode ser explorada, tanto é possível perceber o ouvir com emotividade quanto com o corpo e ainda, em se tratando dos autores dos poemas, há o ouvir intelectualmente na escolha do repertório condizente com os poemas e para isso há o auxílio do computador para promover as combinações. “O leitor vive e age dentro e com a poesia, criando-a, à medida que seus olhos e ouvidos tentam capturar o turbilhão de sensações que esta nova experiência estética provoca” (ASSIS, 2017, p. 448).

Quanto ao tato, seu uso é imediato à exteriorização de dados, ou seja, por meio de um clique no mouse e com o auxílio do cursor posicionado no vídeo de computador, escolhe-se a opção que se deseja seguir nos poemas.

Research indicates that the small habitual actions associated with web interactions—clicking the mouse, moving a cursor, etc.—may be extraordinarily effective in retraining (or more accurately, repurposing) our neural circuitry, so that the changes are not only psychological but physical as well. Learning to lead has been shown to result in significant changes in brain functioning. (HAYLES, 2012, p. 2)¹⁴.

Confirma-se, pela posição da autora que as interações com sistemas digitais são incorporadas, com efeitos no nível físico. O teclado visto como “extensão do pensamento em vez de um dispositivo externo em que alguém digita” (HAYLES, 2012, p. 3). Entretanto, ainda não ocorre algo nas poesias digitais em que o tato deva ser usado em potencial tal qual ocorre nos jogos de distração (ao utilizar um volante de carro, este vibra ou numa partida de futebol em que o controle treme quando a bola bate na trave ou, ainda, a utilização do *kinect*, o qual captura o movimento de todo o corpo do jogador).

Já o olfato, para a autora acima citada, ocorre quando moléculas se desprendem de substâncias em que se encontram e se transportam até o nariz. Este é o órgão pelo qual se realiza a entrada e saída do ar respirado. Apesar de ser pouco utilizado na prática quando se procede a leitura dos poemas digitais, pode ser acionado por meio da imaginação, quando o leitor estiver concentrado, pois basta imaginar, por exemplo, o amanhecer no campo, que o olfato é acionado para as lembranças, o cheiro do verde ou algo relativo ao tema que faça o participante optar por

¹⁴ Pesquisas indicam que as pequenas ações habituais associadas com interações da Web – clicando o *mouse*, movendo um cursor, etc. – pode ser extraordinariamente eficaz na retrainamento (ou, mais precisamente, no reaproveitamento) do nosso circuitos neurais, de modo que as mudanças não são apenas psicológicas, mas físicas também. Aprender a ler tem mostrado resultar em mudanças significativas no funcionamento cerebral.

ações a fim de conhecer o odor.

Mais um sentido digno de ser mencionado é a língua, da mesma forma que pode ocorrer com o olfato, ao estado de concentração, pode ser aqui representado. Utilizando o exemplo equivalente do campo, caso o leitor possua avós que ainda residam no meio rural, lembrará em determinado momento do gosto do pão fresquinho. Tudo irá depender do que o poema tem a oferecer. A língua, para Santaella (2005) é responsável pela sensação do paladar, para a fala, mastigação e deglutição de alimentos. Da língua provém a boca que serve para falar, respirar, comer. E a fala, será mobilizada na ação à leitura em voz alta ou na interação com os participantes.

Os sentidos aqui discriminados podem ser acionados no momento em que se está em contato com a leitura pelo uso da tecnologia, alegando-se que a interação com a máquina não se dá somente pela reação aos símbolos, mas pela exploração dos sentidos, fazendo com que o usuário se sinta imerso diante da tela. Alguns sentidos são usados da mesma forma que se utiliza no livro impresso, outros, têm maior relevância, como é o caso da visão e audição. O que se constata é que “a interatividade se apresenta não apenas como possibilidade de imersão, experiência ou agenciamento (agency) do interator, mas como possibilidade comunicacional na construção de obras abertas e dinâmicas”. (ANTÔNIO, 2008, p.152). Santos (2013) reforça a ideia, ao referir que

[...] a interatividade não é apenas uma questão de poder escolher, como comumente se define, mas sim uma condição incontornável da obra de arte; pois não somos nós leitores a adentrarmos nos objetos artísticos, mas sim estes a incorporarem-se em nossa matriz de sentidos compondo assim o que somos. (SANTOS, 2013a, p. 43)

Nessa discussão, é contundente citar os níveis de interatividade, propostos por Plaza (2013). A primeira característica refere-se à participação passiva (grau de interatividade 1 na poesia), que disponibiliza um contato elementar, primeiro, apenas para contemplação, imaginação e interpretação. O leitor é um mero assistente da cena e mesmo que as figuras se movimentem, o leitor não consegue agir. A interatividade fica limitada ao plano mental do leitor. Na sequência aponta a participação ativa (grau de interatividade 2 na poesia), em que ocorre manipulação e intervenção do objeto. O leitor consegue fazer seleções com opções limitadas pelos autores, com ações calculadas por eles. O leitor conta com o auxílio do mouse para executar os movimentos e seguir em frente. É necessário a participação do leitor para que a poesia se desenvolva, podendo obter efeitos sonoros, dependendo de onde clica. Sai do plano mental conforme visto no grau 1 e passa pela oportunidade de manusear o poema. Por último, a característica colaborativa, com maior liberdade de intervir na obra. Não há opções já

determinadas pelos autores, o leitor constrói com liberdade os sentidos, é ele que promove o final. Dada essa sua natureza interativa, o gênero emergente em estudo permite que se observe a criatividade na elaboração da obra, tanto lexical, quanto sonora e visual. Além do mais a cultura digital conforme Antônio (2008) contempla a cultura da atualidade, à qual

está intimamente ligada à ideia de interatividade, de interconexão e de inter-relações entre homens, informações e imagens dos mais variados gêneros. Essa interconexão diversa e crescente é devida, sobretudo, à enorme expansão das tecnologias digitais na última década, computadores com mouse, teclado e desktop; a interconexão entre os computadores, nas quais a internet e a web se estruturam; os notebooks; os telefones celulares, os *palmtops* ou computadores de mão; a tevê digital interativa ou itevê; os brinquedos eletrônicos e os consoles de games. (ANTÔNIO, 2008, p., 22).

Dentro dessa ótica, na contemporaneidade, um aspecto importante é destacado por Jenkins (2009), convergência das mídias intensifica as convergências que sempre existiram nas artes. As mídias modificam o processo de produção e consumo “a convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos” (JENKINS, 2009, p.43). As novas tecnologias acarretam a alteração de paradigmas frente ao objeto estético, que passa a absorver elementos tecnológicos, concebendo novos objetos artísticos na forma de “instalações híbridas; arte telemática; videogames; experimentos hipermídios; comunidades e ambientes virtuais; processos e eventos que alternam e sobrepõem o físico e o eletrônico” (ANTÔNIO, 2008, p. 8). Raciocínio instigante é o do autor Prieto (2017, p. 30) reconhecendo que “la interactividad, entendida como un bucle de acción y reacción entre máquina y lector, como la propiedad fundamental que estos nuevos espacios de comunicación creativa tienen para ofrecer al ejercicio artístico”.¹⁵ Dessa maneira, o corpo responde ao que se lê, principalmente quando se trata de poesia eletrônica, que proporciona uma leitura dinâmica. Um aspecto crucial é esclarecido por Santos (2013):

[...] de maneira até demasiado teórica, se postulava que, nas leituras diante do computador, não se lê apenas com os olhos (como parece acontecer com as leituras diante do papel), mas com o corpo todo inteiro. Chegou-se a afirmar, em alguns ensaios, que, quando se lê uma criação digital no computador, está-se diante do teclado e da tela como um pianista se põe diante da partitura e do teclado do piano: é todo o corpo que toca o instrumento; **é todo o corpo que interage com a obra digital e a lê.** (SANTOS, 2013a, p. 47, grifo nosso)

¹⁵ A interatividade, entendida como um laço de ação e reação entre máquina e leitor, como a propriedade fundamental que esses novos espaços de comunicação criativa têm para oferecer ao exercício artístico.

Nesse sentido, a criação digital de Santos, *O cosmonauta*, apresenta uma crítica ao fato de que no mundo de hoje em que há realidade virtual, a tecnologia se voltou para um realismo exacerbado. É caso dos jogos, novos jogos são lançados para serem muito próximos do real. A cada *engine* em que é desenvolvido um jogo, este é modernizado para simular à realidade. O cosmonauta não tem esse pretexto, o autor deseja simular a experiência do segundo homem a pisar na lua, Ed Aldrin e ao mesmo tempo ampliar isso para o lado artístico. Tal inquietação culmina com esse mundo de experimentações, inclusive com equipamentos que se tornam rapidamente obsoletos. É o caso dos dispositivos digitais cada vez mais sofisticados, difícil mesmo é acompanhar cada lançamento. Já em 1957, Simmel desenvolveu a teoria do *tricke down*, aplicada para as pessoas que necessitam de determinados bens por questão de *status*. Diante dessa necessidade de se manter atualizado com os lampejos da modernidade e conectado nessa rede tecnológica, o corpo vai se acostumando a utilizar desses benefícios como parte de sua constituição física. O uso passa a ser mecânico. É o caso do contato pelo toque ao percorrer diversas janelas da internet, na busca do que se deseja ler.

Tal espaço de leitura pode se tornar, assim, ao mesmo tempo, o espaço de instalação de um corpo de leitor e de um corpus de leitura, um remetendo ao outro, um lendo outro. E é importante insistir na concretude desses movimentos, tanto os dos textos abrindo percursos e multiplicando derivas quanto aqueles do leitor, como que levantando ombros e esticando o pescoço em busca de estender a vista para novos horizontes de significações. Com isso, são outros campos de sentidos que se entreabrem à construção de distintos percursos de leitura. (SANTOS, 2013b, p. 114).

Em consonância ao exposto acima, Lévy (2010) evidencia que a tela, como novo espaço de escrita, traz significativas mudanças nos modelos de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto, e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento. Mesmo não sendo uma obra recente, os escritos de Lévy continuam contribuindo nessa relação entre tecnologia e *peopleware*, ou seja, toda parte humana mesmo que não possua conhecimento técnico. A ação, agora, envolve mais do que manusear o livro impresso e ler: requer outras habilidades para conseguir interagir, o que, por sua vez é observado por Mathias, ao afirmar que “As mídias digitais revolucionam as formas de sentir, ver e ouvir, e projetam o leitor a mudar seu status para interator” (2014, p. 2). Aliás, pelo meio digital, o ritmo de leitura é distinto, as pausas a cada término dos versos, tornam-se menores, há um processo de aceleração tal qual todo o contexto apresentado, com efeito, pode-se comparar a rapidez presenciada na interação entre as pessoas e a sociedade atual. Há uma modificação dos padrões da estética na atualidade, isso é certo. Tudo irá depender de o que o autor irá utilizar em seu trabalho para aguçar os leitores a se interessarem pelo material publicado. Nesse processo de

interação o toque torna-se essencial, a visão torna-se mais aguçada diante de rapidez de informações e imagens, a audição é provocada para diversos sons viabilizados, muitas vezes, com as imagens às quais dançam acompanhando o movimento dos sons.

O jogo das cores torna-se um elemento provocador a se ter em mente durante uma análise. Os tons mais escuros, por exemplo, tanto podem significar algo mórbido como remeter a alguma coisa que tenha como finalidade fazer refletir e provocar os sentidos e a sensibilidade de quem está interagindo com um poema. Mesmo sem sair do lugar, ao clicar sobre determinados pontos, é possível que o indivíduo mergulhe num processo de imersão de forma que sinta seu corpo totalmente envolvido, como se estivesse presente e sendo co-autor daquele evento. Não é apenas o som agindo, nem a visão, mas um conjunto de elementos. Porém, é tudo muito rápido, ao mesmo tempo em que visualiza, participa ativamente, interpreta e analisa.

O leitor sente-se integrante da obra, em muitos poemas. Essa interação pode acontecer de forma individual ou no grupo. Para essa geração aqui em estudo é praticamente normal interagir. De tal forma que se torna natural, a ponto de quando não aparecerem atividades interativas, tentam encontrar indícios de interação na atividade. É o dia a dia deles com jogos, redes sociais. A facilidade com que usam esses aparatos difere, da grande maioria das gerações anteriores, pois é preciso ter em mente que esses jovens cresceram em tempos de leituras cibernéticas, isso é fato. Já as dificuldades de utilização presentes na geração anterior, podem ser percebidas, por exemplo, na fala da docente que não conseguia definir se a tecnologia ajuda ou atrapalha, ou na fala da professora que estava na sala dos professores enquanto a pesquisadora aguardava para conversar sobre a realização da prática na escola, a educadora desconhecia as poéticas, digitais bem como os autores.

Essa circunstância da presença e da utilização com frequência dos aparatos eletrônicos entre os jovens mostra que tais aparelhos são tidos como extensão de seus corpos, de seus olhos, de seus ouvidos, talvez de sua voz.

3.3 Outro enlace parcial: os aparatos digitais como extensão do corpo

Mediante índices que constantemente se apresentam, observa-se que as pessoas utilizam com grande afinco dos meios digitais e isso molda a forma de pensar, a interação social, o estilo de vida e o aprendizado. No que diz respeito a relação humano e tecnologia, Katherine Hayles (2009, p. 65) explicita que “à luz desses avanços, parece razoável supor que os cidadãos em sociedades desenvolvidas tecnologicamente, e os jovens em especial, estejam literalmente sendo reformulados por suas interações com dispositivos computacionais”. Interessante

postular aqui as colocações de Canevacci (2005), o qual aborda as mudanças pelas quais o jovem está passando, sendo difícil definir com exatidão as faixas etárias em que se encontra, a ideia de jovem se dilata. Disso, acarreta uma nova identidade, móvel, fluida, incorporando vários fragmentos das relações consigo mesmo e com o outro. E essa identidade está vinculada ao significado de leitor. De acordo com Martucelli (2007)

La identidad es lo que permite, en un solo y mismo movimiento subrayar la singularidad de un individuo y, la vez, colocarnos, dentro de una cultura o de una sociedad dadas, parecida a algunas otras. El hecho de que la identidad adopte a veces un lenguaje intimista y particular no debe, pues, hacer olvidar, en ningún momento, sus dimensiones sociales y culturales. (MARTUCCELLI, 2007, p. 289)¹⁶

Ampliando a noção, Canevacci (2005, p. 38) especifica que os jovens são intermináveis, deslocados, infinitos, desemoldurados e “o eu” tem mil caras, mil nomes e mil idades. Nesse espaço em que transita a cultura juvenil, a tecnologia tem sua presença marcante, pois o jovem sem limites de idade definidos dissolve as barreiras tradicionais e quer inovar constantemente. Com isso morre as faixas etárias, morre o trabalho (repetição humana para mecânica eletrônica), morre o corpo natural. Com base nessas reflexões Farias e Cantoni (2002) destacam que para variados autores, embasados na acepção à qual distingue o corpo – enquanto estrutura física integral do indivíduo – da mente, comportamento e personalidade, existe um corpo biológico que é abandonado na experiência com os mundos virtuais (FARIAS E CANTONI, 2002). Em relação a isso é possível comprovar as visões distintas quando de uma mesma atividade. Ao olhar através de um telescópio as pessoas estariam se separando do corpo, em processo de desencarnação, expõe Romanyshyn (s.d). Já para outros, o aparato constitui uma extensão corporal (MCLUHAN, 1994) e acaba por gerar um corpo biocibernético (SANTAELLA, 2002). Nessa mesma direção é justificável falar em pós-humano no sentido de superar o conceito anterior de humano nos limites físicos, sendo uma mistura de homem e máquina. Santaella (2013) acredita que a revolução digital não está apenas transformando os formatos de comunicação, mas também está ocorrendo modificações mentais e corporais. É indubitável dizer que o rápido desenvolvimento das tecnologias digitais está alterando os modos de expressão, comunicação e interação nas relações homem/homem e homem/mundo. Para a estudiosa, “a navegação interativa entre nós e nexos pelos roteiros alindares do ciberespaço envolve transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas que trazem consequências também

¹⁶ A identidade é o que permite, em um único movimento, sublinhar a singularidade de um indivíduo e, ao mesmo tempo, nos colocar, dentro de uma dada cultura ou sociedade, semelhante a alguns outros. O fato de a identidade às vezes adotar uma linguagem íntima e particular não deve, portanto, esquecer suas dimensões sociais e culturais.

para a formação de um novo tipo de sensibilidade corporal, física e mental” (SANTAELLA, 2007, p. 34). A fim de avançar no entendimento são pertinentes as colocações de Ramal (2012, p. 84):

Estamos chegando à forma de leitura e de escrita mais próxima do nosso próprio esquema mental: assim como pensamos em hipertexto, sem limites para a imaginação a cada novo sentido dado a uma palavra, também navegamos nas múltiplas vias que o novo texto nos abre, não mais em páginas, mas em dimensões superpostas que se interpenetram e que podemos compor e recompor a cada leitura.

Logo, surge a necessidade de um novo conceito de corpo e um novo conceito de mente. Jorge Luis Borges (1995) pondera que quando o sujeito pensa está simultaneamente aqui e em algum lugar (isso se materializa, inclusive, nas leituras de livros impressos, o leitor imerge, mas está aqui do outro lado). Com a web e as tecnologias digitais, esse ponto de vista filosófico de Borges, de certa forma, materializa-se. A realidade virtual é um exemplo mais acabado desse deslocamento das sensações perceptivas de coisas mais distantes. É salutar considerar que com as redes as pessoas vivem a experiência de habitar dois mundos (o real e o ciberespaço) ao mesmo tempo. Em linhas gerais, elas exercem a capacidade de “cibercepção”, passando a ter uma posição dupla, presença paradoxal. Interessante inferir que uma série de artistas vem explorando, cada qual a sua maneira, interfaces que, para além do *mouse* e do teclado, exploram, as ações do corpo humano, como o gesto, o toque, a voz e a respiração. Na maioria dos casos, estes trabalhos procuram colocar em evidência novas relações do corpo humano com a obra de arte, em uma espécie de ‘nostalgia do corpóreo’, como diria Lygia Clark (s/d). Articulada a essas ideias, Hayles postula que:

Conversely, when my computer goes down or my Internet connection fails, I feel lost, disoriented, unable to work—in fact, I feel as if my hands have been amputated (perhaps recalling Marshall McLuhan’s claim that media function as prostheses). Such feelings, which are widespread, constitute nothing less than a change in worldview. (HAYLES, 2012, p. 2)¹⁷

Sem dúvida, a essas transformações incorpora-se cada vez mais à tecnologia e ela vai formatando corpos, fazendo deles espaço de verdadeiros *ciborgs*. Ao considerar um ambiente interativo, como as poesias eletrônicas, em que os *nicknames* atuam, eis que surge uma nova forma de relação bem como pertencimento ao mundo virtual e, nessa rede de relações da cibersociedade, é cabível pensar numa literatura diferenciada a qual está se encaminhando,

¹⁷ Por outro lado, quando meu computador desliga minha conexão com a internet falha, sinto-me perdida, desorientada, incapaz de trabalhar - Na verdade, sinto como se minhas mãos tivessem sido amputadas (talvez lembrando Marshall A afirmação de McLuhan de que a mídia funciona como prótese). Tais sentimentos, que são difundidos, constituem nada menos que uma mudança na visão de mundo.

dependendo do lugar, com mais ou menos velocidade.

A luz desse estudo, permite-se dizer que o cívrido não ameaça o lírico, posto que ainda há um *eu* nas telas, entendendo-se a partir da literatura digital como um *nós* conforme escrito por Santos (2003), pois, por meio do hipertexto o leitor navega de forma ativa e a sua imagem também deve ser pensada nesse texto, ou seja, o leitor também faz a leitura de si mesmo. Nas palavras de Lévy “as costuras e remissões, os caminhos de sentido originais que o leitor inventa podem ser incorporados à estrutura mesma do corpus”. Assim, a leitura por meio do hipertexto, não deixa de ser um ato de escrita. É o que ocorre com os poemas digitais, a forma diferenciada com que se interage com o poema torna admissível construir o sentido e sentir-se construtor do texto. Além do mais, ao se trabalhar com as palavras, as imagens, os sons, há margem para a emoção, levando o leitor à reflexão. A musicalidade da linguagem permanece, o ritmo torna-se mais perceptível, instigando o potencial criativo em múltiplos detalhes. Fica evidente, que o uso da tecnologia promove o diálogo com a literatura e não a cisão. Face a isso, Lévy acredita que a tecnologia não deve ser vista como benigna ou maligna, fundamentalmente é uma ferramenta tanto quanto a linguagem. É oportuno insistir que ela não seja encarada como vilã, em razão de dar um *up* aos textos. A palavra tecnologia tem em sua origem “tecno”=técnica e “logia”=estudo. Justamente, esta é a primeira tecnologia humana e o que prossegue são ferramentas que auxiliam o aprendizado, a comunicação entre as pessoas. Com essa aliada, a literatura ganhou muito, ao poder disponibilizar para muitas pessoas vários gêneros pela internet. Acredita-se que a internet possa ampliar o número de leitores e se caso terminar o livro impresso, ainda haverá afeto. Contemplar *pixels* na tela é encantador, mais ainda é o poder da interação, do estado emocional do corpo no ato da leitura pelo meio digital.

4 DADOS METODOLÓGICOS: CORPORA E AUTORES

“Ler, pois, é uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor que, num primeiro tempo, deixa a realidade, para o universo da ficção, num segundo tempo, volta ao real, nutrido da ficção.” (Jouve, 2002, p. 108).

Como referido na introdução deste trabalho, os três capítulos anteriores, embora, ao menos dois deles, “Poesia” e “Som, verbo e visão”, desenvolvidos com profundidade, não deixam de apontar elementos introdutórios sobre a complexidade das relações quando se assoma aos fenômenos da recepção e da estética poética às novidades das tecnologias digitais. De certa forma, são aberturas às janelas que darão aqui, nesta pesquisa, acesso aos elementos mais específicos do trabalho, o que envolve a poesia eletrônica e sua incorporação a uma rotina de atividade na escola, mesmo que na brevidade de uma prática restrita a uma ação de um determinado cronograma, no tempo de produção de uma tese.

O corpus desta tese provém do conhecimento de obras eletrônicas digitais divulgadas pela Eletronic Literature Collection, a qual se teve o primeiro contato na disciplina de *Literatura e Tecnologias* como disciplina isolada, antes de ingressar no Doutorado. O procedimento metodológico arrola-se em seguida.

Esta pesquisa é qualitativa, ressaltando-se que pode ser considerada, segundo Lakatos e Marconi “método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade [...]” (2007, p. 157). O aporte teórico-metodológico ancora-se em vários autores, dentre eles se pode citar Allen (1994), Antônio (2008), Failla (2016), Ferreira (2010), Jenkins (2009, 2014), Hayles (2012), Lain (2013), Langer (2005), Lévy (1993, 1998, 2010), Pétit (2009), Santaella (2002, 2005, 2007, 2011), Santos (2013), Staiger (1993) os quais oferecem conceitos fundamentais tais como: leitura, leitor, poesia, literatura eletrônica, poesia digital e as implicações entre elas que são essenciais para o direcionamento desta pesquisa. Também pode ser classificada como pesquisação.

É conveniente registrar que, além da bibliografia pesquisada, utilizou-se de informações obtidas dos autores em videoconferência e vídeos disponíveis no *YouTube*, pois, sendo esta pesquisa voltada à tecnologia, o acesso aos meios digitais não pode ser renegado. Para pesquisas referentes aos poemas eletrônicos e pesquisas na área, contou-se com o apoio de alguns dos autores das poéticas digitais em análise nesta tese, também se realizou pesquisa de teses e

dissertações em instituições com bancos de dados desses trabalhos, escolhendo-se por termos que remetessem à área de interesse. Dentro desses materiais, era possível, muitas vezes, obter sugestões de outras pesquisas.

Foi necessário, outrossim, além de realizar as leituras indicadas pelo orientador, interagir com o material de análise composto por histórias curtas, poemas, imagens e sons. Foi preciso navegar nos poemas digitais várias vezes, com o intuito de verificar as possibilidades disponíveis. Inclusive, a fim de ilustrar a análise e para melhor compreensão, efetuou-se *print* de algumas telas das obras e selecionou-se o que iria compor a tese. Para mostrar os poemas recitados, foi preciso transcrever as falas; para isso, realizaram-se várias audições desses poemas. Dito de outra forma, procurou-se, por meio da prática realizada, confirmar alguns pontos abordados nas pesquisas bibliográficas.

4.1 Autores e poemas em rede

Apresenta-se primordialmente um breve curriculum dos autores das poesias analisadas. Para melhor precisão dos dados referentes a esses autores, encaminhou-se o pequeno texto elaborado para que eles verificassem a exatidão das informações que porventura quisessem acrescentar ou remover.

Rui Torres (Portugal) autor da poesia Amor de Clarice no Volume 2 é Mestre e Doutor em Literatura luso-brasileira (UNC-Chapel Hill, EUA), com Pós-doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP, Brasil). Agregado em Ciências da Informação - Estudos Multimidiáticos (UFP, Porto), investigador do Centro de Investigação em Ciências Sociais e do Comportamento (UFP) e do Grupo de Investigação *Mediação Digital e Materialidades da Literatura* do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. É membro do *Board of Directors da Electronic Literature Organization* e coordenador do Arquivo Digital da PO-EX (www.po-ex.net).

O poema “*Amor de Clarice* aqui analisado promove um diálogo com uma obra já existente, o conto *Amor de Clarice* Lispector, apresentando o texto clariceano numa perspectiva digital, assim mudam-se o gênero, o suporte e a linguagem.

O poeta Antônio Abernú (Portugal), autor do poema *Água: um conto digital*, presente no Volume 3, frequentou o curso de Eng. Aeronáutica da Universidade da Beira Interior, Covilhã. Paralelamente entra para o Teatrubi, acabando no Centro Dramático de Évora a estudar Teatro. Trabalhou no Teatro das Beiras. Inicia simultaneamente um trabalho de direção e

encenação em grupos de teatro amador e universitário. Participação como ator na XI Sessão da I.S.T.A. (International School of Theatre Anthropology) dirigida por Eugénio Barba. No Ano 2000, funda a ASTA – Associação de Teatro e outras Artes do Distrito de Castelo Branco. Orador convidado no V MITEU – Mostra Internacional de Teatro Universitário de Orense, Espanha. Em 2004 concebe e dirige o projeto Teatro Virtual, inserido no Plano Operacional da Cultura - FEDER. Curso de Marketing e Gestão em Serviços Educativos e Avaliação de Projetos e Atividades Culturais - Sete Pés. 1º Seminário Jovens Encenadores no Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa. A convite da Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia da U. Nova de Lisboa escreve, cria e interpreta: *O homem que queria ser água* - espetáculo de sensibilização sobre a água e os problemas ecológicos. Mestre em Ciências da Comunicação, Especialização em Comunicação e Artes na FCSH, UNLisboa. Moderador de Teatro Debate na Associação Usina. É nessa obra citada que se permitiu submergir e dela extrair a compreensão e os encantos da poesia.

Outro autor referenciado nesta análise é Alckmar Luiz dos Santos (et al, Brasil) representando o poema *Liberdade* do Volume 3, o qual é professor, pesquisador, poeta, romancista, criador digital. Formou-se em Engenharia Eletrônica pela Universidade Estadual de Campinas, com mestrado em Teoria e História Literária. Na área de Estudos Literários, defendeu o doutorado na Université Paris VII. É professor titular de literatura brasileira na Universidade Federal de Santa Catarina. A partir de 1995 assumiu a coordenação do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (Nupill). De 2000 a 2001, atuou como pesquisador convidado na Université Paris 3 – Sorbonne Nouvelle (França). Foi pesquisador-convidado na Complutense.

A criação literária *Liberdade* explora elementos como memória, esquecimento, lembranças, transcorrer do tempo, utilizando-se de metáforas para retratar o bairro Liberdade cuja nacionalidade predominante é a nipônica. Por meio das ações do leitor-personagem é que se vai avançando no percurso indeterminado semelhante aos comandos de um jogo e à medida que se avança se vai compondo a interpretação.

Por último, acrescenta-se o autor de *Cyberliteratura*, Pedro Barbosa (Portugal) no Volume 3, licenciado em Letras (Filologia Românica) pela Universidade de Coimbra e doutorado em Ciências da Comunicação (especialidade: Semiótica) pela Universidade Nova de Lisboa. Lecionou e realizou investigação em várias universidades: Faculdade de Letras do Porto, Universidade de Paris X (Nanterre), Universidade de Siena (Itália), Universidade Louis Pasteur (Estrasburgo). Sua obra é pioneira no domínio da utilização do computador para geração textual, datando de 1976 as primeiras experiências com literatura cibernética, no LACA

da Universidade do Porto. Na Universidade de Estrasburgo desenvolveu um trabalho de investigação no âmbito da arte gerada por computador. Foi fundador e diretor do Centro de Texto Informático e Ciberliteratura (CETIC) na Universidade Fernando Pessoa, altura em que desenvolveu com José Manuel Torres o Sintext (Sintextizador de Textos) em versão aberta e para a web. Tem explorado recentemente as potencialidades de utilização da hipermédia e da geração textual para contextos dramáticos e teatrais. Cyberliteratura traz à ribalta várias discussões, especificamente para a tese apresenta-se *A teoria do homem sentado*, podendo ser entendido como o próprio espelho do leitor, seu rosto, seus gestos refletidos nas palavras que surgem no computador pelo leitor que domina a tela ou pela tela que domina o leitor.

Destaca-se que se priorizou poemas de autores brasileiros e portugueses. Justifica-se a escolha devido ao fato de os autores falarem a língua portuguesa, língua esta pertencente aos estudantes que fizeram a prática. Com isso, mesmo que os poemas estejam disponíveis também em língua inglesa para a análise, acredita-se que o fator nacionalidade brasileira proporciona maior aproximação entre leitor, autor e obra além de favorecer a interpretação.

Tendo definido os poemas, entrou-se em contato com os autores em fevereiro de 2018 para apresentar a pesquisa e se tinham alguma recomendação. Com Alckmar Luiz dos Santos e Rui Torres manteve-se contato por e-mail. Já com Antônio Abernú e Pedro Barbosa conversou-se por rede social. Todos eles concordaram com a pesquisa, inclusive mostraram-se receptivos quanto a sua realização. Salienta-se que a primeira conversa com o autor Rui foi em outubro de 2017 para solicitar-lhe o envio do material utilizado em uma teleconferência na UPF durante o Seminário Internacional de Leitura, Literatura e Linguagens, sua apresentação tratava-se justamente sobre poesia digital e para solicitar-lhe permissão para usar o material na tese. Após o aceite do autor por mensagem eletrônica, já se antecipou que posteriormente desejava-se entrevistar lhe, o qual aceitou prontamente o convite.

Com o autor Alckmar o primeiro contato foi durante o Seminário Nacional de Literatura e Informática em novembro de 2016 a fim de pensar sobre o tema da tese. Posteriormente, trocou-se mensagem eletrônica para baixar a criação digital *Liberdade*, pois pela Organização não estava sendo possível. O autor não mediu esforços em trocar mensagens até que se conseguiu acesso ao material, também a pedido, enviou um livro em arquivo digital, de sua publicação. Ressalta-se que se esmiuçou mais a análise com relação a essa poética, pois ela fez parte da primeira qualificação da tese no final de 2018, como artigo, e neste ano foi publicado na revista Terceira Margem da UERJ.

Entre agosto e setembro de 2018 o contato com os autores foi para o envio das entrevistas, pois foi necessário esperar a autorização do comitê de ética para que o início desta

atividade se realizasse bem como a efetivação da prática. Para o autor Rui Torres além da entrevista solicitou-se sobre a possibilidade de o autor gravar um vídeo curto referente a seu poema para passar aos estudantes no final do projeto. O autor tentou proceder a gravação, mas sempre surgia viagens para suas conferências, por fim, não conseguiu encaminhar o material. Registra-se que em outros momentos o autor Rui Torres enviou textos concernentes a seu poema que foram analisados por outros pesquisadores. Além disso, encaminhou novos trabalhos de sua autoria.

Salienta-se que a entrevista constou de 17 questões comuns a todos. Ao autor Santos foram acrescentadas mais sete questões atendendo solicitação dos estudantes que efetivaram à prática. Para o autor Torres foi adicionado uma questão em razão da criação de nova versão para o poema *Amor de Clarice*. Quanto ao fato de responder a entrevista, dos quatro autores, três aceitaram. O autor Pedro Barbosa justificou que estava em viagem prolongada e longe de casa, motivo pelo qual tornava-se impossível responder ao questionário. O autor também enviou materiais para leitura. A entrevista com o autor Rui Torres foi encaminhada via e-mail. Para o autor Alckmar a entrevista era para ser por Skype, marcou-se duas vezes para proceder as entrevistas, porém, em razão de compromissos que surgiam, o autor não conseguiu estar presente na hora combinada, sendo assim, prontamente solicitou que lhe fosse enviado por meio do WhatsApp as perguntas e gravou as respostas para o envio. A entrevista com esse autor foi a última realizada. Para o autor Antônio Abernú enviou-se por mensagem no Facebook. Ressalta-se que este autor, sugeriu que a forma de apresentação do poema fosse por telão, pois assim foi pensada a atividade que foi desenvolvida num palco, o autor promove um espaço de encontro, de performance, de conhecimento. Nesse cenário, só existe o presente, o autor que se faz ator na atuação, usa da oralidade e com ela as palavras acontecem na hora, o olhar do autor sobre seu poema ao público e o contato olho no olho do leitor tendo a presença física do autor.

Para a análise das respostas dos autores criou-se um capítulo específico-6.3, denominado *A estética das redes-vozes poéticas que por aqui se cruzam*, registrando-se as informações mais importantes e transcrevendo-se informações.

4.2 Leitores na rede

O primeiro passo para a concretização da pesquisa de campo, foi uma visita realizada à escola para conhecê-la e solicitar a realização da prática. É oportuno dizer que a visita já acontecera em outra instituição escolar, na qual a diretora não se mostrou permissiva para a efetivação do trabalho, devido ao fato de ter que assinar o termo de autorização da escola,

preocupou-se, colocando empecilhos, por esse motivo, a pesquisadora optou por encontrar outra instituição de ensino Médio.

Nesta segunda escola visitada no final do ano de 2017, o diretor prontamente aceitou a realização da atividade e ficou combinado que o retorno aconteceria no ano seguinte para uma conversa com a professora titular do 2º ano do Ensino Médio. Transcorrido o tempo, retornou-se à escola no prazo acordado (primeiro semestre de 2018) marcando com o diretor a prática da atividade para o segundo semestre de 2018. No segundo semestre desse ano, retornou-se à escola e o encaminhamento da pesquisa foi direcionado ao vice-diretor, com o qual conversou-se e ele demonstrou interesse que às aulas se realizassem em contraturno, salientando que para isso acontecer, seria preciso convencer os estudantes a frequentarem as aulas com a proposta de estudo. Porém, a pesquisadora insistiu para que fosse durante o período das aulas, pela manhã. Visando acelerar as negociações de datas, partiu-se para o próximo passo: tratar do assunto com a responsável direta, ou seja, a professora regente de Língua Portuguesa e confirmar com ela as datas para realizar as atividades, pois, a preocupação do vice-diretor, estava relacionada com o período escolhido, em que foram marcadas avaliações aos estudantes.

Em razão de estar com conteúdos atrasados e em fase de avaliações, a professora desejava ceder quatro aulas, mas com muita negociação, explicando que para a execução das atividades era preciso mais aulas, conseguiu-se oito aulas e a partir disso procurou-se direcionar o trabalho. Assim, tendo os dias agendados com a professora, colocou-se em prática as atividades focadas no conhecimento, utilização e interpretação dos poemas digitais escolhidos previamente da Organização *Electronic Literature Collection*.

Por conseguinte, a prática com os estudantes foi efetivada no segundo semestre do ano de 2018, na Escola Estadual Ministro João Paulo dos Reis Veloso, localizada na Rua João Vicente Ferreira, Chácara 5, D, do município de Dourados-MS. A turma escolhida é composta de estudantes de uma escola pública do 2º ano do Ensino Médio, por já terem passado o período de adaptação (do Fundamental para EM) no 1º ano do Ensino Médio, bem como não estarem em fase final de preparação para vestibular e Enem-3º ano. O que aliás, conforme Jean (1989) é possível que:

Para a maioria dos estudantes do secundário, uma vez passadas estas provas, a poesia desaparece da sua vida, por vezes para sempre. Nunca mais ouvem falar delas até o momento, em que, pais de família, lhes acontecerá terem de fazer com que a filha ou o filho recitem um texto (JEAN, 1989, p. 150)

Em relação a isso, pode-se observar que essa relação talvez aconteça de alguma forma pelas redes digitais, quando o sujeito se depara com a leitura, por exemplo pelo Instagram e isso lhe desperte o gosto para proceder a leitura. Tema pertinente para outras pesquisas.

A preferência para a realização da pesquisa de campo no segundo semestre deve-se ao fato da pesquisadora poder realizar maiores leituras no primeiro semestre daquele ano, às quais estenderam-se para o segundo semestre de 2018 e no 1º semestre de 2019.

Salienta-se que desde 2017 as aulas não são separadas no estado do MS: português, literatura e produção textual é denominado Língua Portuguesa. São 4 aulas no Ensino Médio em cada ano (1º, 2º e 3º anos). Cada período tem a duração de 50min, o qual é chamado de tempo, então cada tempo teria que ser muito bem aproveitado. As aulas aconteceram nas terças, quartas e quintas-feiras.

Todas as atividades foram realizadas na Sala de Informática (Imagem 1), nela também há data show (sucateado, modelo antigo), com projetor. Como há duas salas de informática na escola, na primeira apresentada para testar o material, o equipamento não funcionou, então adotou-se a outra como sala para todas as atividades. Aliás, sempre a pesquisadora chegava com antecedência e deixava tudo pronto, para não perder tempo quando os estudantes adentrassem à sala, já que os períodos passavam rapidamente e não havia muitas aulas. É relevante pontuar que essa sala de informática se situa separada das salas de aula, é um pequeno prédio anexo, assim, o trabalho acontece em um espaço diferenciado, saem do que fazem cotidianamente.

Nos dias dos encontros, os estudantes já sabiam que deveriam sair da sala de aula e dirigirem-se ao Laboratório de Informática, onde a pesquisadora os aguardava. Acrescenta-se que não há auditório na escola, então não se pode variar o espaço das atividades, para assistirem os vídeos que requeriam telão, principalmente o poema do autor Antônio Abernú.

Destaca-se que não funciona *youtube* na escola, então quando se precisou passar vídeo, levou-se gravado. Outrossim, os estudantes não têm acesso às caixinhas de som, pois muitas foram furtadas e agora ficam guardadas, não podendo ser utilizadas, apesar da insistência da pesquisadora. Dessa forma, combinou-se com os estudantes que trouxessem seus fones de ouvido nas aulas para trabalharem com as poesias. Eles, diariamente, estão com seus fones de ouvido (já é uma extensão do corpo quase como o celular).

Na conversa entre a pesquisadora e a professora regente antes de iniciar o projeto, ela disse que os estudantes da turma leem alguns livros literários. Mas acrescentou que é difícil leitura devido à internet, também não sabe se a internet atrapalha ou ajuda, pois esta é superficial, também não dá para se aprofundar com a ementa, pois há muito conteúdo e pouco

tempo. Observa-se que não quis falar mal do uso de computadores, pois sabia que a pesquisa era sobre produtos digitais, talvez a fala dela fosse outra, caso não soubesse disso. Ela disse que a literatura é um pretexto para aprender gramática. A professora enfatizou que os estudantes faltam muito e são desinteressados. Realmente, faltam com frequência e quanto ao interesse deles relatar-se-á no transcorrer do capítulo de análise. Além disso, ela salientou que os estudantes conversam bastante, porém é a menos bagunceira das turmas de segundo ano, ela escolheu a turma que considerou ser melhor para a pesquisadora executar o trabalho.

A professora apresentou a pesquisadora aos estudantes nesse dia da visita da pesquisadora à escola e nos dias da prática não se manteve presente para que as turmas juntamente com a pesquisadora ficassem à vontade, com exceção de um dia que teve curiosidade em saber como funcionava essas poesias, que não eram do seu conhecimento. Disse que gostou da atividade. No último dia fez os agradecimentos, bem como a pesquisadora a ela.

Neste primeiro dia em que a pesquisadora esteve com a regente da turma, os estudantes receberam o Termo de Consentimento para os pais assinarem bem como Termo de Assentimento para eles, os estudantes assinarem. Brevemente explicou-se o projeto para que repassassem aos pais e esses não ficassem temerosos quanto a assinar o documento. Registra-se que a turma é composta de 20 meninas e 16 meninos. Apenas um deles não participou ativamente das práticas.

Criou-se um grupo no WhatsApp denominado “Literatura eletrônica” (Imagem 3), neste ambiente os estudantes poderiam trocar ideias sobre o tema, enviar os trabalhos, enfim, interagir entre eles e com a pesquisadora. Um dos fatores positivos foi que a professora regente também quis participar do grupo quando soube pelos estudantes.

Cumpra assinalar, que em todos os encontros, gravou-se, fotografou-se (respeitando-se a privacidade, sem aparecer o rosto) e fez-se observações e registros. Para demonstrar as falas dos estudantes, utilizou-se o tipo de letra itálico no capítulo da análise, com numeração para cada estudante, iniciando numeração nova a cada mudança de atividade. Cabe assinalar que durante as aulas passava-se uma lista de presenças para o controle da frequência dos estudantes na disciplina.

Salienta-se que os anexos bem como as fotografias se encontram em QR code conforme os links:
<https://drive.google.com/file/d/1J0qYZShcn3BTXSi0o5XgdjX1EvZLfsyn/view?usp=drivesdk>

<https://drive.google.com/file/d/1QzAd7KDkGm8bMZC8rHjIpv7sqF1tZkIY/view?usp=drivesdk>).



Assim, por se estar trabalhando com o meio digital apropriou-se dele para o uso do próprio material aqui discutido. Descreve-se aqui, o que foi feito em cada dia do projeto em sala de aula. No primeiro dia da prática, terça-feira (2 períodos, 2ª e 4ª aula), recolheu-se os Termos de Consentimento e Assentimento assinados. Na sequência, foi exposto o trabalho, número de encontros, a necessidade de contar com a presença de todos nas atividades realizadas, não especificando o que seria desenvolvido, apenas que trabalhariam com poesia

digital e utilizariam o computador frequentemente (tentando com isso motivá-los a frequentarem às aulas). Entretanto, ao falar a palavra poesia percebeu-se alguns cochichos pela sala, o que ficou comprovado em aulas posteriores quando confessaram certo temor pela palavra *poesia* quando foi citada. Salientou-se, ainda, que seriam fotografados, filmados, sem aparecer o rosto e que também haveria gravação das falas deles durante as atividades. Para dar continuidade a esta aula, exibiu-se *slides*, falou-se da esfinge, de poesia concreta, apresentou-se como exemplo a poesia do Décio Pignatari *Beba coca-cola* (elementos verbivocovisuais) à qual exemplifica o diálogo com a publicidade. Bem como apresentou-se a transcrição do poema com vídeo *A odisseia musical de Gilberto Mendes*. Prosseguindo, mostrou-se a entrevista de Clarice (Imagem 4), complementando que esta entrevista foi gravada um pouco antes da morte dela. Solicitou-se que comparassem Clarice com a esfinge visualizada nos slides. Após, registraram com canetão no quadro essa relação, em apenas uma palavra. (Imagem 5). Para finalizar, trabalhou-se o conto Amor de Clarice Lispector (leitura e discussão) e explicou-se o conceito de epifania.

No segundo dia de atividades, quarta-feira (1 período, 3ª aula), após o preparo do dia anterior, os estudantes puderam conhecer e interagir com o poema *Amor de Clarice* do autor Rui Torres, como se pode ver no Anexo (Figuras 6, 7 e 8). A pesquisadora projetou como se procedia para obter o acesso ao poema. (mostrando os passos)

Para o terceiro dia de encontro, quinta-feira (1 período, 5ª aula), iniciou-se a aula com o vídeo da música *Água* do Sanráh (Anexo E), a escolha da música se justifica por ser de autoria jovem, letra interessante e fugir do tradicional *Planeta Água* de Guilherme Arantes, que geralmente é trabalhado nas escolas. (Figura 9-estudantes assistindo o vídeo). Avançando o transcorrer da aula, instigou-se a que comentassem sobre a importância da água. Em decorrência desse tema, apresentou-se tópicos (slides) sobre o poema= *Água: um conto digital* de Antônio Abernú, mais especificamente *O homem que queria ser água* a fim de terem melhor entendimento quando assistissem o vídeo. Passou-se então, no telão, o referido poema. Assim, para este poema assistiram em conjunto. Neste dia tiveram uma tarefa de casa: deveriam gravar um dos lugares que consideravam a presença da água importante e filmar com o auxílio do celular. Pediu-se para não aparecer o rosto deles e que gravassem um áudio sobre isso relacionando com o que viram em sala de aula. Na sequência deveriam enviar no grupo de *WhatsApp*: Literatura eletrônica. Como se fossem repórter por um dia, de forma criativa.

Quanto ao quarto dia, terça-feira (2 períodos), apresentou-se informações do bairro Liberdade de São Paulo (o que é, quais as culturas, as características econômicas etc.) e utilizou-se slides para isso. Depois, mostrou-se o que é um origami, o que significa, imagens também

por meio de slides. Rapidamente associou-se o origami ao bairro e ao poema. Neste dia trabalharam em dupla com o poema *Liberdade* do Alckmar Luiz dos Santos. (Imagem 10 e 11)

Ao iniciar o quinto dia de atividades, quarta-feira (1 período) confeccionaram um origami (ofereceu-se folhas coloridas A4) e escreveram nele o que era liberdade para cada um. Após, expuseram na escola os origamis e fotografou-se conforme anexo (Imagem 12 a 21).

No sexto e último dia, quinta-feira (1 período), tiveram alguns minutos para conversarem em dupla e apresentaram oralmente sobre os benefícios e malefícios da tecnologia. Posteriormente, acessaram o poema *Cyberliteratura* de Pedro Barbosa. Neste espaço há 6 poemas. Puderam proceder a leitura em grupo de 3 a 4 estudantes. Solicitou-se que explorassem o ambiente, mas, como não havia muito tempo deveriam ler particularmente *A teoria do homem sentado* (Figuras 22 e 23). Instruiu-se para usarem as teclas *reset*, *resume*, *stop*, *type speed*. Conversaram em grupo sobre o poema e depois expuseram o que entenderam do referido poema, a forma como foi apresentado. Passou-se a tarefa de criar uma paródia: uma ou duas estrofes de uma música de língua portuguesa com relação ao poema *Teoria do homem sentado* e o tema tecnologia (poderia ser por exemplo rap, funk, com ou sem instrumento musical). Deveriam encaminhar a atividade no grupo de *WhatsApp* ou no privado, com o título da música original, letra da paródia, gravação da paródia e nome dos integrantes (individual, em dupla ou grupo, no máximo quatro alunos). Portanto, poderiam fazer no intervalo da aula, pois não conseguiriam terminar em sala, até porque deveriam preencher o questionário final. Para finalizar a aula, distribuiu-se a folha com o questionário (Figuras 26), o qual consta de 10 questões abertas, respondidas individualmente, sem identificação dos estudantes, ressaltando que não havia resposta correta ou incorreta, apenas deveriam registrar o que realmente desejassem sobre a pergunta, caso não entendessem o que estava sendo questionado, poderiam chamar a pesquisadora para esclarecer.

No capítulo 7 apresenta-se as práticas realizadas em sala de aula, analisa-se esta atividade com base na teoria discutida neste trabalho, bem como das entrevistas dos autores dos poemas analisados pelos estudantes, verificando as relações entre tecnologia, especificamente criações poéticas digitais e formação do leitor.

5 A INTERNET E AS COISAS: A POESIA NA REDE

Poemas! Há, os poemas!
 Chegam de mansinho....
 Subitamente ocorre uma erupção de palavras que me arremessa para o âmago
 de seus significados numa profusão de linguagens nunca vista antes.
 Transito entre os espaços
 E agora, sinto-me embevecida pela leitura.

Margarete Bin

A literatura encontrou espaço para a produção estética na esfera digital. Ela se torna um ambiente propício à criação poética e leitura dela. Obviamente é um ambiente em que proliferam uma diversidade de materiais, a seleção de poemas que seguem o cânone precisa ser polida pelo professor. Nesse direcionamento, a coleção de literatura eletrônica (1999) denominada *Electronic Literature Collection* (ELC) é um projeto de reunião da produção literária em espaço digital, elaborada para ser lida em meio digital, com poemas destinados a esse ambiente e publicados na *web* pela Organização de literatura eletrônica. Tais poemas são oriundos de várias partes do mundo, sendo seus autores pertencentes a áreas de estudo diversas, dentre elas: arte, literatura, comunicação, informática, humanidades, estudos de mídia, estudos femininos e meios comparativos.

A *Organização de literatura eletrônica*, cuja curadoria é de Katherine Hayles, é uma das associações internacionais mais importantes destinadas a promover a criação, a leitura e a crítica da literatura digital, sendo a *Electronic literature Collection* uma forma ainda recente de trabalho com literatura, que disponibiliza os poemas para acesso com um jeito diferente de leitura por meio dos três volumes. Mediante tais volumes, muitas discussões poderão ser propostas pelos professores, estudantes, pesquisadores, artistas, poetas.

É esse o espaço que será explorado com os estudantes do Ensino Médio, conforme os poemas escolhidos e discutidos no último capítulo desenvolvido, a fim de promover a sensibilidade desses sujeitos ubíquos familiarizados com os meios eletrônicos e que necessitam de aprendizagem em relação a novas práticas de leitura, quando se automatiza e mesmo se superficializam as relações entre usuários e telas, sendo esses usuários menos leitores e essas telas menos “páginas” às descobertas.

5.1 Nas telas, uma literatura do século XXI - laços ampliados (e concretos) da poesia

O contexto tecnológico da literatura do século XXI absorve novas formas de produção e disseminação do conteúdo produzido, aproveitando-se das possibilidades que o meio digital

oferece. Nesse certame, Santaella (2013) fala em literatura expandida para o meio digital, tendo como propriedade o hibridismo entre as linguagens, o uso de hiperlinks, a interatividade do leitor com a obra e a convergência para os dispositivos móveis. A autora ressalta que tudo pode virar um jogo e o ambiente virtual pode se transformar em uma sala de aula, tanto quanto o contrário, a sala de aula pode se tornar virtual.

Na literatura, a expansão de meios confere novas possibilidades de produção e de recepção, de leitura. Para Santaella (2013), ainda que existisse a oralidade na literatura, o livro impresso em papel e a literatura formavam um par perfeito do século XV ao século XX. A inquietude da relação foi provocada pelo surgimento do computador com seu universo digital. Efetivamente, esse universo caracteriza-se pela variabilidade e mutabilidade. Diante de tal cenário de transformações Hayles (2009) aponta que a literatura eletrônica surge como um elemento de humanização das práticas computacionais, com outras opções estéticas afetando a literatura que pareceria ter nascido dos livros para os livros. A literatura eletrônica ou *e-lit* é definida por Katherine Hayles (2009, p. 21) como “obra com um aspecto literário importante que aproveita as capacidades e contextos fornecidos por um computador independente ou em rede”. Sobretudo, a autora declara “ela é nascida no meio digital, um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de um computador e (geralmente) lida em uma tela de computador” (HAYLES, 2009, p. 20). Ou seja, a literatura eletrônica engloba uma produção literária feita para mídias digitais, utilizando-se dos recursos disponíveis nesses meios. O marco digital revela que, no lugar de o leitor folhear o livro impresso, acessa o ambiente virtual. Assim, decorre a observação de que se confundem esses textos com aqueles meramente digitalizados, os quais não dependem dos meios eletrônicos para sua aplicação e fruição. Para Prieto,

Por lo tanto, lo que se establece aquí no es únicamente que la literatura digital sea la consecuencia de cualquier actividad literaria desarrollada en un entorno informático, ya que, como dice Rettberg (2014), eso haría referencia a prácticamente cualquier proceso literario contemporáneo, sino que, ahora, para esta literatura electrónica el medio informático se presenta como un elemento esencial e imprescindible. (2017, p. 24)¹⁸.

Vale complementar, no que concerne à literatura eletrônica, que “as variedades de literatura eletrônica são ricamente diversas, abarcando todos os tipos associados com a literatura impressa e acrescentando alguns gêneros únicos ao meio eletrônico em rede e programável”

¹⁸ Portanto, o que se estabelece aqui não é apenas que a literatura digital é a consequência de qualquer atividade literária desenvolvida em um ambiente computacional, uma vez que, como diz Retberg (2014), isso se refere a praticamente qualquer processo literário contemporâneo, mas, agora, para esta Literatura Eletrônica, o meio de computação é apresentado como um elemento essencial.

(HAYLES, 2009, p. 43). A literatura eletrônica propõe uma textualidade participativa, movente e tridimensional. Sobrepõem-se imagens, há trilha sonora, áudios de vozes dos autores, bem como toda uma estética de ruídos e silêncios reproduzidos em um texto envolvente, no qual os olhos fixam-se desafiados, e nele se permite a intervenção do usuário-leitor.

A leitura em meio eletrônico requer alguns protocolos conforme o livro *A leitura em nós* do autor Santos. Para o autor (2003, p. 198) “a literatura eletrônica se investe e se reveste de uma materialidade a ser (re) construída incessantemente”. O autor complementa também que “é necessário mapear os processos de materialização dessa obra, discutir o que seria objetualidade”. Nesse transitar pelo espaço digital é importante distinguir o excesso, que é o transbordo de significantes e significados que permite estabelecer significações coerentes e o excessivo, que é a proliferação articulada de leitura, em que significantes e significados não remetem a significações articuladas. Segundo o autor, é preciso perscrutar vestígios à procura de fragmentos de nós que organizem uma cadeia de coerência. Fica evidente o deslocamento do lugar comum diante desse novo espaço, requerendo uma readaptação dos costumes, um interesse em estar à frente deste suporte e manuseá-lo em outro tipo de letramento. Aqui, cita-se o caso da adolescente Lawver referida por Jenkins (2009), a menina leu o livro de Harry Potter levada pela onda de leitores que estavam empolgados pela coleção. Em razão disso, ela desejou promover o letramento lançando um jornal escolar pela web e envolvendo outras crianças na produção do material. Inclusive conseguiu que professores se utilizassem do material em sala de aula. Um material que se propaga rapidamente, forma comunidade de fãs, aprendendo a lidar com o feedback recebido. Alguns estudantes se contentam em criar um perfil e seguir os eventos, para outros, quando se sentem tocados querem escrever também, postar comentários, interagir.

É importante salientar que há protocolos de leitura que se verificam no próprio ato da leitura, mesmo que não seja suficiente. Para Santos (2003, p. 22) “o texto literário nunca saberia ser idêntico a si próprio, já que sua objetividade não se confunde com uma materialidade que na tradição impressa assenta no livro”. É nesse contexto que atua a obra *Amor de Clarice*, as propostas de adentrar o mundo da personagem por diversas vias, se alteram em cada novo percurso. São disponibilizados temas, isenção da rima, trechos não lineares, sensações. Segundo Santos (2016) nesse novo meio, o leitor vai e volta, e quando retorna está como que em outra circunstância de formação. Ele complementa ainda que haverá pessoas com dificuldades em manusear os aparatos eletrônicos, talvez nem conseguirão utilizá-los, mas deve-se lembrar que a escrita é uma tecnologia que existe há cinco mil anos e até hoje não atingiu a todos os habitantes do planeta. Consequentemente, a dificuldade apontada por Santos

(2016) com relação à literatura altamente tecnologizada, como é a literatura digital, assemelha-se à mesma relutância que havia no concretismo, muito mais por parte da crítica do que do leitor. Inclusive, em reação adversa ao concretismo surgiu o movimento neoconcretismo carioca, que não admitia que a arte se transformasse em objeto tal qual os poetas paulistas propunham. Os cariocas priorizavam a expressividade. Do outro lado, no movimento da poesia concreta, atuavam professores, críticos, estudantes os quais, não tendo familiaridade com publicidade, propaganda, artes gráficas, evidentemente não conseguiam dialogar com uma estética renovada e reorientada no verbivocovisual da literatura, em circunstância assemelhada ao que pode ocorrer com quem não tem familiaridade com o meio digital. Até mesmo, instalou-se a partir da internet uma crítica à qual poderia ser chamada de amadores, saindo do terreno de pessoas especializadas e passando para qualquer pessoa que integre o universo digital. Por um lado, há a abertura para as pessoas se posicionarem e trocarem ideias, elas se sentem à vontade e se isso realmente funciona, poderá haver aprendizado. Por outro lado, os sujeitos se posicionam sem autoridade sobre o assunto, em áreas que não são especializadas. Por isso, quanto mais leituras o sujeito tiver, melhor será seu domínio nas discussões. Eis a razão para pensar em uma proposta diferenciada de fazer poesia, utilizando-se do digital. Com formas renovadas, essa invenção estética é modificada pelo fazer poético denominado *verbivocovisual*, que surgiu com o concretismo. Nas definições presentes no livro *Teoria da poesia concreta*, Campos (2006) afirma

Os poemas concretos caracterizar-se-iam como uma estruturação ótico-sonora irreversível e funcional, e, por assim dizer, geradora de ideia, criando uma entidade todo-dinâmica, “verbivocovisual” – é o termo de Joyce de palavras dúcteis, moldáveis, amalgamáveis, à disposição do poema. Com essa estrutura diferenciada a poesia concreta fixou-se como um movimento que repaginou os padrões da poesia. (CAMPOS, 2006, p. 55).

Essa passagem ilustra o quão importante foi o concretismo para a criação, posteriormente, das poesias eletrônicas, esse caminho de transição para chegar na literatura digital. O movimento iniciou “sob o signo da ruptura e da negação vanguardista, o que a predispôs, como é comum nessas formas artísticas, a um violento embate com alguns setores da sociedade, da crítica literária e artística e da própria criação poética então dominante” (SILVA, 2013, p. 121). Seus precursores foram Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari em 1950. A arte relacionou-se com as novidades industriais e tecnológicas desse período, como no caso da televisão, que estava em ascensão, com predominância do visual, o que veio a calhar com a proposta concretista transitando entre o verbal e não verbal. Por ocasião, o que se torna normal nos meios de comunicação gera estranhamento ao leitor de

poesia. Em termos gerais, Silva adverte “trata-se de libertar os sentidos diante da palavra escrita”. Essa observação faz compreender o que o poeta Pignatari manifestou:

Sinto-me aventurado a acreditar que o poeta fez do papel o seu público, moldando-o à semelhança de seu canto, e lançando mão de todos os recursos gráficos e tipográficos, desde a pontuação até o caligrama, para tentar a transposição do poema oral para o escrito, em todos os seus matizes. (2006, p. 24).

Menezes (1998c) concorda com o surgimento do movimento concreto como algo positivo para o Brasil, o qual “trouxe uma nova concepção da poesia, uma visão de cultura integrada aos meios de comunicação, de artes relacionadas entre si, que mexeram com os padrões artísticos brasileiros”. (MENEZES, 1998, p. 15). Entretanto, o autor critica a poesia concreta atrelada ao verbal, mesmo a considerando de grande importância para o surgimento de outras formas de poesia que se ocupam do visual. “O concretismo, como o movimento de maior alcance da consciência crítica até então produzido pela vanguarda brasileira, prepara o caminho da crescente presença da visualidade”. (MENEZES, 1991, p. 13). Sendo assim:

Tem-se, então, que a poesia concreta é uma poesia, por excelência, da palavra, e se inscreve nos limites extremos do campo da tradição verbal, apontando, nos poemas diagmáticos, para o ingresso de fenômenos não-verbais na poesia, que se iniciará com a poesia semiótica, o poema processo e o que se convencionou chamar “poesia visual” dos últimos vinte e cinco anos. (MENEZES, 1991, p. 45).

Com o olhar voltado ao verbivocovisual, Menezes trouxe contribuições para a poesia digital. Aliás, para o autor a poesia tecnológica está ligada à poesia visual. Com a utilização de novos suportes e com a tecnologia, os poemas concretos chegaram em 1990 com os clipoemas, dentre outras denominações e variedades de poemas que foram surgindo. Assim, o poema adentrou o domínio das formas, do visual, do auditivo, ao toque, ressaltando-se que a procura por acompanhar os avanços tecnológicos estava entre as prioridades dos poetas, sem perder a intenção de manter a qualidade. Via de regra, os concretistas, foram os precursores da chegada das poesias na virtualidade que se concretizou no computador com uma variedade de recursos proporcionados pelo acesso às mídias digitais. Cabe resgatar as informações de Pignatari (2006, p. 7) o qual admite que “antes da poesia concreta: versos são versos. Com a poesia concreta: versos não são versos. Depois da poesia concreta: versos são versos. Só que a dois dedos da página, do olho e do ouvido. E da história”.

Examina-se com Barcelos (2017) que os concretistas propunham a quebra com a tradição poética através da substituição da estrutura frásica, peculiar ao verso, focando-se no formato das palavras, som, significado e plasticidade (reflexos desse movimento cibernético,

digitalizado, multimodal que ganhava forças). Então, no que tange ao contexto, o que se resgata é que há uma tendência nas últimas décadas para a poética ir ao encontro da tecnologia. A fim de complementar, acentua-se que o cenário, a migração e a adaptação de poemas concretos para o meio digital denominam-se, nos termos de Jorge Luiz Antonio (2008, p. 184) poesia-migrante, isto é, trata-se de poemas compostos originalmente para serem impressos e somente depois adaptados com linguagem de computador. Silva (2014, p. 28) é categórico ao afirmar “a sobrevivência da poesia se deve justamente às mudanças pelas quais tem passado ao longo dos anos numa resistência de múltiplas faces”.

Fica evidente nessas relações descritas o quanto o sujeito modifica e é modificado nesse processo de transição, nessa “cultura eletrônica” expressão sugerida por Marcuschi (2002, p. 2). Na virtualidade a tela é o espaço para a construção dos sentidos dos poemas e ela altera os procedimentos de interpretação, inclusive pelo uso do vocabulário pertinente a esse ambiente. Com o mesmo viés crítico, Spalding (2016) distingue os poemas digitais dos poemas visuais ou concretos, pela interpretação de seus sentidos verifica-se que no digital não é executável sem que o leitor coopere com os seus vários recursos de multimídia e, em alguns casos, de hipermídia. Estendendo essa reflexão, Rui Torres (2017) estabelece uma definição para poesia do virtual: “Texto codificado em símbolos numéricos, convertendo-os em informação estética. Uma arte sem ‘Aura’, sem características irreprodutíveis, é certo, mas uma textualidade sem percurso pré-determinado, de estrutura não-linear. Uma poesia / obra aberta”.¹⁹ Aliás, na década de 60, os poetas Décio Pignatari e Luiz Ângelo Pinto já elaboraram poemas por meio de computador, numa mistura de textos existentes, com supressão de letras de poemas. Com isso, observa-se que há uma tendência nas últimas décadas do século XX para a pesquisa poética relacionada com a máquina.

Justamente porque a literatura eletrônica é criada e executada em um contexto de rede e meios de comunicação digital programáveis e movida pelos elementos da cultura contemporânea como os jogos de computador, filmes, artes gráficas, animações, é que ela é considerada um “monstro esperançoso”, composto por partes extraídas de diversas tradições. (HAYLES, 2019). Como se pode depreender não há algo totalmente inédito, mas de igual forma, não se pode associar simplesmente ao passado. “Os caminhos não são inteiramente novos nem tampouco suficientemente percorridos.” (FERREIRA, 2010, p. 27). Além disso, para a autora o passado não pode ser destronado pelo presente. É o caso de instigar os estudantes

¹⁹ Texto preparado para a oralidade durante a Conferência (via Skype) “Poesia digital: um cruzamento de linguagens” do Seminário Internacional de Leitura, Literatura e Linguagens, 16ª Jornada Nacional de Literatura, Org. Universidade de Passo Fundo (UPF) -RS em 6 de outubro de 2017.

de Ensino Médio a esse novo olhar para a poesia, semelhante a tantos produtos e programas que retornam em novo contexto. Um aspecto essencial para Ferreira é que “a arte é uma infinidade de potência. Sua função vislumbra o imensurável. O objeto estético pode passar do útil em certa época para o admirável numa outra. É algo que atravessa tempos, rompe barreiras, instaura novos modos de ver, e, sobretudo, de o ser humano se fazer.” (2010, p. 28). É poesia em processo criativo que surge, dialogando com os meios eletrônicos, mudando o próprio ato da leitura.

Ferreira (2010) admite que as tendências modernistas são de espírito de ruptura com o intuito de acompanhar as inovações científico-tecnológicas da época. De tal constatação, se depreende, que há procura por fugir da repetição, suprimir a pontuação, implodir a estrutura, rompimento com o verso e com a rima, buscando aspectos que o lúdico da linguagem poderia oferecer. Signos verbais mesclam-se com signos gráficos e com a plasticidade das cores, meticulosamente dialogam com outras artes. Essa interação e dinamicidade está presente na poética digital. Tal como afirma Couey (1991 apud Lemos, 2003, p. 213) “a arte na era eletrônica vai abusar da interatividade, das possibilidades hipertextuais, das colagens (*‘sampling’*) de informações (*bits*), dos processos fractais e complexos, da não linearidade do discurso [...]”. Entretanto, é inegável dizer que:

De um lado está a crítica conservadora, constando, inclusive, estudiosos que nem sequer aceitam a poesia concreta, de outro lado estão aqueles que buscam um olhar mais aberto, chegando algumas vezes ao fetichismo tecnológico. Assim, há que se pensar numa postura crítica, aberta às novas linguagens, consciente de que o lúdico não é sinônimo de esvaziamento de significado. (FERREIRA, 2010, p. 29).

Jorge Luiz Antônio (2008, p. 356) chama a atenção de que a poesia eletrônica não passa de poesia, do dia a dia, do romantismo, da concreta até a atual “poesia artificial cibernética”, nada mais que a velha poesia do ser humano, mesmo que sem rima, apenas a mesma direção em um suporte diferenciado. No que toca diretamente essas relações entre poesia e mídia, Santaella (2005, p. 389) atenta para o fato de que esta revolução tecnológica é psíquica, cultural e socialmente mais profunda do que a invenção do alfabeto e do que a revolução originada pela invenção de Gutenberg. Ainda, mais profunda do que a explosão da cultura de massas. Certamente, a literatura impressa muda as percepções do leitor, porém os vocábulos na página não mudam literalmente em resposta às percepções do usuário. Já com a mídia em rede e programável as malhas de retroalimentação são executadas do computador para o usuário e do usuário para o computador (HAYLES, 2009). Isso permite pensar o computador como um agente subcognitivo e as operações dentro da mídia em rede e programável como sistemas

distribuídos.

A acuidade dessas discussões destaca-se que a coleção de Literatura citada acima é um projeto da *Organização de literatura eletrônica* (ELO) fundada por Scott Rettberg, Robert Coover e Jeff Ballowe dividida em três volumes. O primeiro é datado de outubro de 2006 e nele constam 60 trabalhos de variados gêneros. Complementa-se que é a primeira grande antologia da literatura eletrônica. Procedem de diversos países: Austrália, Brasil, Canadá, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra e México. Já o volume 2 é de fevereiro de 2011, contendo sessenta e três obras da literatura eletrônica. Países presentes: Alemanha, Áustria, Austrália, Canadá, Catalunha, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, França, Israel, Países Baixos, Peru, Portugal, Reino Unido. E por fim, o volume 3 é de fevereiro de 2016 com 105 poemas dos seguintes países: Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Brasil, Canadá, China, Colômbia, Coréia do Israel, Japão, México, Noruega, Peru, Polônia, Portugal, Porto Rico, Reino Unido, República Checa, Rússia e Suécia. Abarcando tantos países, conduz a pensar que a poesia digital é um fenômeno global. Quando se olha para o terceiro volume da *Electronic Literature Collection* que a *Electronic Literature Organization* publicou, verifica-se que 13 línguas estão representadas e inclusive, deste mesmo volume, procedeu-se a análise de alguns poemas nesta tese. “Nesse sentido, a poesia digital está também a tornar-se um espaço e um fórum no qual a rede global se unifica e se encontra (isto é, na qual se cruza...)”.²⁰ De acordo com um Editorial *Statement* que consta no 3º volume, não é possível saber completamente o que a informática pode fazer e não se compreendeu inteiramente as capacidades expressivas da literatura eletrônica. Ainda, a literatura eletrônica está para o engajamento artístico da mídia e da linguagem digital assim como a literatura está para o engajamento artístico da linguagem.

Muitos dos trabalhos nesta coleção já são bits ameaçados. Algumas plataformas que os apoiaram, entre elas o *Adobe Flash* e o *Unity Ed* estão ultrapassando os novos padrões, enquanto as plataformas de materiais como celulares e tablets cuja tela é sensível ao toque estão sempre à mercê de atualizações. Os maiores perigos ao campo da literatura eletrônica é o rápido avanço e novidade das novas mídias.

Notavelmente a Organização de literatura eletrônica é sem fins lucrativos, conforme consta no *site* da Organização e criada para promover a redação, publicação e leitura da literatura eletrônica. Com isso, há probabilidade de que muitas pessoas acessem o material e se envolvam num tipo de literatura diferente da forma com que se trabalhava com o impresso. A

²⁰ Texto preparado para a oralidade durante a Conferência (via Skype) “Poesia digital: um cruzamento de linguagens” do Seminário Internacional de Leitura, Literatura e Linguagens, 16ª Jornada Nacional de Literatura, Org. Universidade de Passo Fundo (UPF) -RS em 6 de outubro de 2017.

ELO é um corpo acadêmico dos EUA dedicado exclusivamente à investigação de literatura produzida para o meio digital. Essa organização internacional foi criada em Chicago em 1999, com Ballowe como seu primeiro presidente e Rettberg como Diretor Executivo. Durante este período, a Organização abraçou juntamente com narrativa e ficção de hipertexto, formas emergentes de obras literárias baseadas em eletrônicos, incluindo, por exemplo, a narrativa interativa e a poesia líquida. Esse projeto tem ligação direta com o Canadá, o continente europeu, Ásia, entre outros e mantém, em sua página, uma coleção atualizada de obras e autores de literatura digital, a *Electronic Literature Collection* aqui estudada. Juntamente promove encontros e concede prêmios para artistas e críticos.

Mesmo uma análise rápida das obras selecionadas para compor o terceiro volume da coleção, publicado em 2016, já permite perceber a heterogeneidade tanto no que se refere aos tipos de software utilizados como no que se refere às propostas estéticas e temáticas das obras. (SPALDING, 2016, p. 118)

A Organização apoiou-se em patrocínios, mudando após para a UCLA por orientação de Katherine Hayles. Com a saída dela no ano de 2006 da UCLA para a *Duke University*, o ELO mudou-se para o *University of Maryland, College Park*, onde foi apoiado pelo *Maryland Institute for Technology in Humanities*. A Organização desenvolveu o Consórcio sobre literatura eletrônica (CELL), um recurso de acesso aberto e não comercial a bancos de dados literários, arquivos e programas institucionais em artes literárias e bolsas de estudos, com foco na literatura eletrônica. Esse projeto recebeu financiamento de uma Bolsa Nacional de Doação para a Humanidade. O crescimento da Organização devido às suas afiliações acadêmicas criou a necessidade de reunir estudantes e artistas de literatura eletrônica mais frequentemente. Essa consciência levou ao simpósio ELO, *O Futuro da literatura eletrônica*, que teve lugar na Universidade de Maryland, *College Park* em 3 de maio de 2007 e sua primeira conferência e festival aberto, *Visionary Landscapes*, na *Washington State University Vancouver*, presidido por Dene Grigar e John Barber em junho de 2008. O ELO começou a organizar conferências e festivais em vários países. Conjuntamente, realizou exposições, leituras e performances em vários locais e eventos. Em primeiro de julho de 2017, a Organização mudou-se para a Universidade Estadual de Washington, Vancouver. Durante sua trajetória, a Organização foi apoiada por bolsas da Fundação Ford, da Fundação Rockefeller, da Fundação Nacional para as Humanidades e do Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais e Ciências Humanas (Canadá).

Complementa-se que a Coleção de literatura eletrônica criada pela Organização e analisada neste trabalho surgiu com a intenção de fornecer leitura, uso em sala de aula,

compartilhamento e referência dentro e fora da rede. Os editores e autores trabalharam para permitir que os poemas fossem compartilhados livremente, não comercialmente, entre indivíduos, bibliotecas, escolas, desde que a atribuição seja mantida e os trabalhos não sejam modificados. Salienta-se que os poemas são apresentados em sua maioria em língua inglesa, embora a intenção fosse promover relações com artistas fora dessa língua, envolvendo outras partes do globo. Realmente ao se proceder a escolha dos poemas para análise, houve dificuldade em escolher poemas que fossem de autores que falassem a língua portuguesa.

Salienta-se que os artistas-programadores da coleção trabalham sozinhos ou em colaboração. A quantidade de pessoas que dispõem de tempo, treinamento e acesso para criar essas obras é pequeno. A ELO procura disseminar livremente a coleção a fim de que mais artistas se engajem na proposta de publicação. O referido material está disponível em CD-ROM e online. O leitor pode acessar a primeira página que contém miniaturas que representam os poemas. Ele pode escolher qual poema quer acessar por meio de palavras-chave, autores ou títulos. Palavras-chave disponibiliza detalhes das diferentes formas, de acordo com o gênero do trabalho, a linguagem de programação, tom do trabalho (paródia, sátira). Assim, leitores que se interessam por estilos literários podem encontrar um conjunto de categorias, já programadores podem encontrar outro. Segundo informação coletada na própria coleção, seja usando linguagem natural ou linguagens do computador, animação ou jogos, os trabalhos oferecem sensação de metamorfose da literatura eletrônica. O desejo de compartilhar essas formas de arte, revela o objetivo comum entre esses artistas, a promoção do próprio campo por meio do desenvolvimento e circulação de obras que podem ser retrabalhadas. Entretanto, a coleção apresenta a ressalva de que não é adequada para todos os públicos, isto é, há poemas na coleção que são sexualmente explícitos. Além disso, a coleção apresenta como palavra-chave *literatura infantil*, entretanto, há apenas um poema eletrônico infantil *Alice inanimada*. Outrossim, vários trabalhos brincam com imagem da infância para o reflexo de adultos. O que induz a saber que é desejável que os docentes caso queiram usufruir de outros poemas além desses utilizados nessa análise, façam uma escolha prévia para encaminhar os trabalhos em sala de aula.

Hayles espera que os Electronic Literature Collection futuros apareçam em uma base bienal. Com este trabalho, os editores da *ELC* revelam-se parte de uma tradição muito mais estabelecida de comunidades literárias, comemorando, preservando e defendendo formas que desafiarão, inspirarão e, por enquanto, compilarão.

Observando-se cada volume da coleção, constata-se que a poesia eletrônica, assim como no impresso, não é um texto fechado; só que em meio digital, potencializa-se que os leitores participem do processo de construção e interatividade. Como é possível observar, “o cenário

atual obriga a repensar não só a poesia, mas a própria literatura” (2010, p. 14). Para essa construção poética, poetas trabalham junto com técnicos e aprendem a utilizar os novos aparatos (FERREIRA, 2010). Ao fazer uso, assim, desses equipamentos eletrônicos para a leitura o docente oportuniza ao estudante o domínio das técnicas para a inserção na sociedade. Sobre o tema, debruça-se a teórica Amanda Starling Gould (2012), destacando que a *E-lit* fornece aos alunos novos objetos para pensar e novas maneiras de pensar os objetos (o *texto*). Atenta-se para o fato que a apresentação do material bem como sua disseminação torna-se uma importante estratégia de leitura, já que se está proporcionando a atividade pelo uso do computador. Cumpre reconhecer, pelas veredas dos estudos de Jenkins (2014) que

O crescimento da comunicação em rede, especialmente quando associada às práticas da cultura participativa cria uma diversidade de novos recursos e facilita novas intervenções para uma variedade de grupos que há muito tempo lutam para se fazer ouvir. Novas plataformas criam aberturas para mudanças sociais, culturais, econômicas, legais e políticas, além de constituírem oportunidades para a diversidade e a democratização, pelas quais vale a pena lutar. (JEKINS, 2014, p. 20-21)

Esse público escolar que é atuante das mídias digitais, precisa ter contato com esses meios na escola. Uma aula de literatura pode ser bem explorada como se pode reconhecer pela amostra dos poemas utilizados nesta tese. Um poema acessado e inúmeras atividades podem ser criadas pelo professor. É preciso que este conheça, manuseie e se interesse pelos poemas especialmente aqui analisados que estão em língua portuguesa, pois, em sua maioria, os poemas da Organização oferecem o conteúdo em inglês como dito anteriormente, o que dificulta o trabalho para aqueles que não dominam o idioma, seja docente ou estudante. Também é necessário que o docente mostre aos discentes o gosto pela leitura dos poemas e tenha os conhecimentos necessários para acompanhar os estudantes no uso da tecnologia. Katherine Hayles (2009) defende que é preciso novas formas de ensino, interpretação e execução, além do que ela denomina de “pensar digital”. Diante do fato elencado, Santaella (2011) chama a atenção para a função da escola, que é a de conseguir complementar as suas finalidades com esse potencial que as novas mídias apresentam. A posição da autora quanto a essa conjugação das novas tecnologias com os processos educacionais é a de que isso não se faz do dia para a noite: é preciso pensar em projetos que tenham continuidade e na formação dos professores. De imediato, para tranquilizar o meio educacional, é significativo apontar que o uso das mídias digitais não diminui a importância do livro impresso. Entretanto:

A contraposição entre a literatura “feita do” e “para o” livro – a poética do papel – e a literatura que nasce a partir da cultura digital – a poética da hipermídia – segue os

mesmos princípios de todo debate gerado a partir da evidência de uma transformação em curso. (DOMINGOS, 2015, págs. 259-260)

Sob essa perspectiva, Hayles (2009) assevera que os livros não vão desaparecer, mas também não vão escapar dos efeitos das tecnologias digitais que os interpenetram. A digitalidade tornou-se a condição textual da literatura do século XXI. Nesse emaranhado, não se trata de excluir uma ao aparecer a outra, ou seja, comunicação digital substituindo comunicação impressa, mas de ambas terem funções diferentes. Corroborando essa ideia, Santos (2013a, p. 47) afirma que “o digital não se opõe ao escrito ou ao impresso, mas é o que permite pôr estes em contato com as ferramentas e as estratégias de informática”.

Embora semelhantes, as experiências em si da leitura em meio impresso ou em meio digital são distintas. O cheiro do papel, o manuseio e o folhear do livro como um objeto físico difere da manipulação de um leitor eletrônico. Quando comparados, cada um deles apresenta vantagens e desvantagens. No caso do meio digital, o leitor é convidado a abrir, ler e manipular textos por meio de um intercurso com o espaço eletrônico permitido pelo computador como mídia eminentemente interativa. De fato, no texto eletrônico, a espacialidade é de crucial importância. Embora a obra possa ser a mesma, em forma impressa e em formato eletrônico, sua função se modifica quando sua materialidade está interpenetrada por padrões computacionais. (SANTAELLA, 2013, 159).

Quanto a essas transformações, Ferreira (2010) repara que nem no suporte papel o texto é imutável, e que com certeza ele é fruto de uma série de escolhas do autor, entre muitas outras pelas quais ele poderia optar, ainda se transformando, no ato da leitura, de acordo com as experiências do leitor. O texto pode se definir linear, mas a leitura jamais será. “Ler telas, apertar teclas, utilizar programas computacionais com interfaces gráficas, dar ou obter respostas ao computador, está para a inclusão digital de forma semelhante à alfabetização no sentido de identificação das letras”. (ALMEIDA, 2005, p. 173).

Em se tratando desse diferenciado espaço literário, Hayles (2009) repara na variedade de literatura digital e, entre suas múltiplas manifestações, aponta para a poesia em mídia digital, a qual disponibiliza variações experimentais que não param de se expandir, porque as práticas composicionais evoluem no mesmo ritmo frenético da tecnologia computacional. Especificamente dedicar-se-á o próximo capítulo para falar sobre a poética digital.

Dando sequência ao novo corpo textual em estudo, Pedro Barbosa introduz termos que estão em estreita correlação “Literatura Gerada por Computador (LGC), Infoliteratura ou Ciberliteratura”, os quais designam um procedimento criativo novo, nascido com a tecnologia informática, em que o computador é utilizado, de forma criativa, como manipulador de signos verbais e não apenas como simples armazenador e transmissor de informação, que é o seu uso

corrente (BARBOSA, 1998, p. 181). Em semelhante ótica, Antônio (2008, p. 295) defende que as várias operações textuais propiciadas por sistemas digitais reinventam as práticas tradicionais de leitura e escrita e induzem a novas concepções de texto, autor, leitor, escrita e leitura. É claramente visto que o espaço de leitura ganha outras dimensões, atrelados ao estímulo da leitura e a postura que devem assumir os participantes nesse novo formato. Ao rastrear o pensamento de Cope (2001) depara-se com o esclarecimento de que

A book is no longer a physical thing. A book is what a book does...a book in this definition does not have to be printed. It can be rendered in many ways, including electronic-visual and audio (talking books). **A book [is] not a thing. It is a textual form, a way of communicating.** A book is not a product. It is an information architecture. (COPE, 2001, págs. 6–7. Grifo nosso)²¹.

Surgem, ao mesmo tempo várias críticas com relação a essa literatura. A primeira delas é que os livros interativos não são livros. São jogos. Mas o que são, então, os livros infantis com textos enxutos e ilustrações exuberantes ocupando toda a página, todas as páginas? Negar à literatura essa transposição para novas mídias é dificultar sua chegada ao terceiro milênio, subtrair sua força e subestimar sua função na sociedade (SPALDING, 2016, p. 79). Além do mais, ao desprezar o misto de opções que ora as técnicas oferecem fere a criatividade, uma vez que o estímulo pode ser o termômetro do aprendizado. Baker e Wigfield (1999), procuram demonstrar que a motivação para a leitura, perspectiva-se por ‘engagement’ (envolvimento). Análogo a esse termo está ‘engaged reader’ (leitor envolvido), associado ao sujeito motivado para ler com várias intenções. Com isso, a motivação para a leitura é um requisito indispensável para que exista envolvimento na leitura. (GUTHRIE; KNOWELS, 2001 cit. por MATA, 2006, p. 99). Ao que tudo indica, o lúdico presente nos meios disponíveis para ler incentiva o ato de ler. De modo especial, Chartier (2003) sustenta que no mundo contemporâneo, a revolução é, antes de tudo, uma revolução dos suportes e das formas que transmitem o escrito. Benjamin (2002, p.74) lembra que

em 1840, já existiam livros que como por um passe de mágica, revelam acontecimentos divertidos e libertadores quando se move uma tira na margem do livro. Estão construídos de maneira semelhante àqueles outros livros nos quais as portas, cortinas, representadas em imagens, abrem-se e deixam aparecer pequenas gravuras por trás. (BENJAMIN, 2002, p.74).

²¹ Um livro não é mais uma coisa física. Um livro é o que um livro faz ... um livro nesta definição não precisa ser impresso. Ele pode ser renderizado de várias maneiras, incluindo o eletrônico-visual e o áudio (livros falados). Um livro não é uma coisa. É uma forma textual, uma maneira de se comunicar. Um livro não é um produto. É uma arquitetura da informação. (COPE, 2001, pgs. 6–7)

Por certo, são formatos literários que vão se ampliando e encontrando novos espaços de contato, de interação bem como de percepção. Diante dos novos meios em que habita o objeto cultural livro, o jovem pode participar da leitura e construir valores intensos. O que o jovem procura nessa fase é sentir-se integrado a um grupo, de partilhar experiências e aflições, e o contexto literário pode atender a essas expectativas, inclusive com comunidades via rede.

Sobre os postulados discutidos até aqui, resta dizer que a literatura digital é o gênero das próximas gerações, é ela que consolidará sua presença, elegerá seus precursores, definirá sua poética, justamente por quê: “enquanto houver um poeta, uma língua e um leitor, lá haverá literatura. Seja na pedra, no papel, na tabuleta, no *tablet*, na terra, no espaço ou no ciberespaço” (SPALDING, 2016, p. 80).

5.2 O uso da tecnologia como mediadora da leitura no Ensino Médio

Como pôde ser observado nas discussões estabelecidas nos capítulos anteriores, o modo de ler sofreu transformações promovidas pelas múltiplas tecnologias. A leitura em ambientes digitais torna-se um desafio constante nas mais diversas situações com que o indivíduo se depara no seu cotidiano. Essa realidade tecnológica acarreta pensar em adequações no processo ensino-aprendizagem. Assim sendo, Valente propõe:

A mudança da função do computador como meio educacional acontece juntamente com um questionamento da função da escola e do papel do professor. A verdadeira função do aparato educacional não deve ser a de ensinar, mas sim a de criar condições de aprendizagem. Isso significa que o professor precisa deixar de ser o repassador de conhecimento- o computador pode fazer isso e o faz muito mais eficientemente do que o professor – e passa a ser o criador de ambientes de aprendizagem e o facilitador do processo de desenvolvimento intelectual do aluno. (VALENTE, 1993, p. 6).

Pensando em formar leitores no Ensino Médio, a tarefa do professor de literatura consiste em atrelar algumas de suas aulas com a tecnologia, rompendo muitas barreiras criadas para o uso dela, o comportamento *tecnofóbico* denominado por Xavier (2010). Conforme prevê a Base Curricular Comum:

A escola precisa, assim, comprometer-se com essa variedade de linguagens que se apresenta na TV, nos meios digitais, na imprensa, em livros didáticos e de literatura e outros suportes, tomando-as objetos de estudo a que os estudantes têm direito. As crianças, adolescentes e jovens, mesmo os que ainda não dispõem de acesso a novas tecnologias da informação e comunicação, encontram-se imersos em práticas nas quais são utilizados computadores, caixas-eletrônicas, celulares, entre outros suportes, cujos usos exigem conhecimentos próprios, inclusive para criticá-los. Por julgar os letramentos digital e midiático relevantes para a cidadania e para a atuação

crítica na vida social, eles são considerados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como direitos a serem assegurados em vários objetivos de aprendizagem, não apenas do componente Língua Portuguesa, mas também dos demais componentes curriculares. (BRASIL, 2016, p. 87-88).

É fato que várias escolas já adquiriram computadores, porém, o equipamento não melhorará o desenvolvimento da leitura pelo simples fato de estar presente na escola, é necessário um planejamento pedagógico que se adeque ao público alvo. Conforme prevê o PCN (2010) é essencial investir na formação dos docentes, uma vez que as mudanças determinadas pelas tecnologias exigem alterações na seleção, tratamento dos conteúdos e incorporação dos instrumentos tecnológicos modernos, ou seja, o uso da informática. A informatização da educação só dará retorno se conduzida por docentes que saibam direcionar o trabalho, atribuindo sentido às atividades que envolvam o ato de ler, levando em consideração que para vários estudantes, manusear os equipamentos tecnológicos passou a ser atividade rotineira. O contato deles com seus colegas, familiares, acontece, às vezes, muito mais pela forma virtual do que presencial. Crystal (2001, p.169), a propósito da participação dos jovens nesta cultura digital interativa como nos *bate-papos* em salas abertas, por exemplo, avalia a atividade como “um enorme jogo maluco sem fim” ou, então, assemelha-se a uma “*festa linguística*” (*linguistic party*) para onde levamos nossa “língua.” Em síntese, a escola enquanto instituição preocupada com a socialização dos adolescentes, precisa se aproximar da tecnologia a favor do ensino.

A velha ossamenta (as rotinas internalizadas que os docentes aprendem) está em conflito com uma pedagogia na qual a preocupação principal é ajudar os alunos a chegarem a suas próprias respostas, a explorarem horizontes de possibilidades, a levarem adiante compreensões iniciais e torná-las interpretações mais profundas. Para nos sentirmos mais confiantes profissionalmente, precisamos de “nova ossamenta”. Precisamos conhecer as opções disponíveis para uso na sala de aula, em resposta ao que os alunos fazem e dizem. (LANGER, 2005, p. 133).

Respaldando-se na necessidade do conhecimento das mídias digitais pelo viés educacional, pela sensibilização dos sujeitos quanto à multiplicidade de produções artísticas, entre as quais se inclui a literatura eletrônica, essa leitura realizada na tela, pode ser trabalhada por várias disciplinas, mas aqui, especificamente, está se tratando de aulas de literatura. As Orientações Curriculares para o Ensino Médio atestam que é preciso buscar novas formas de circulação dos poemas e em meios audiovisuais, os quais permitiriam ver e entender a poesia como uma prática social integrada à vida cotidiana. A escola tem o dever de engajar os estudantes na prática leitora, com incentivo e de forma que possa capacitá-los para o desempenho na sociedade. E isso deve ser de fácil alcance, delineando prazos para dar conta de que serão bem preparados antes de sair do Ensino Médio. Jenkins enfatiza:

A cultura contemporânea está cada vez mais participativa, especialmente se comparada com a ecologias de mídias anteriores, principalmente as dependentes da mídia tradicional de massa. No entanto, nem todo mundo tem permissão para participar, nem todo mundo é capaz de participar, nem todo mundo quer participar e nem todo mundo que participa o faz em igualdade de condições. (JENKINS, 2014, p. 358).

Nessa perspectiva, o autor acima citado argumenta que, pensando em construir uma sociedade informada, torna-se imperioso o envolvimento de várias instituições engajadas em apoiar e não restringir esse ambiente, tornando-o cada vez mais inclusivo (JENKINS, 2014). Essa problemática engloba pensar ações para proporcionar acesso às conexões digitais pela maioria das pessoas. Primordialmente, para Couto (2016) não pode ser ignorado que metade das escolas não são conectadas e várias das que oferecem conexão, encontram-se muito precárias. Dado relevante é apresentado pelo conselho gestor de internet no Brasil (CGiBr, 2019) com relação à infraestrutura nas escolas, para a Coordenadora da Pesquisa TIC Educação, Daniela Costa, a infraestrutura ainda é um desafio aos docentes, pois além da carência de computadores, há falta de conexão, atualização dos computadores existentes e velocidade da conexão. Assim, uma das alternativas encontradas está no uso do próprio celular dos discentes ou no 3G e 4G dos docentes para realizar atividades pedagógicas. Como se percebe, esse é um hiato que se formou no ensino, por isso, de bom grado, é válido escutar as vozes que estão inseridas no meio educacional e a partir delas pensar em suprir essa lacuna. “São milhares de pessoas excluídas da cultura digital, impedidas de viver em rede. Em suma, os letramentos para o impresso e para o digital são limitados e nos desafiam” (COUTO, 2016, p. 50). Ao abordar essa questão da participação, Jenkins (2009) menciona que as mídias são vistas, repetidamente, como ameaças, em vez de recursos. Focalizam-se mais nos perigos da manipulação do que nas possibilidades de atuação, restringindo-se, por vezes, o acesso. É notório que estão incrustados muitos embates para o uso tecnológico e isso pode aos poucos se constituir o abismo da educação.

É preciso enxergar o universo virtual como uma oportunidade crucial à formação do leitor, não como uma ameaça, pois esse universo traz consigo desafios incontestáveis de aprendizagem que vieram para ficar, além de colocar à disposição um mundo de informações em contexto de interatividade. (SOUSA, 2019, p. 185).

Esse é o caminho que faz repensar os objetivos da educação midiática a fim de que os jovens possam efetivamente tornarem-se participativos dessa cultura, construindo uma relação significativa para seu aprendizado. Enquanto se comprova uma aceleração vertiginosa das possibilidades de leitura na atualidade, observa-se, amiúde, que a inclusão democrática dos sujeitos nas práticas sociais de escrita e leitura ainda não é uma realidade a se comemorar no

Brasil (CAVALCANTE, 2018). No tocante a posição de Castells (2016), outros segmentos da sociedade já aderiram de forma mais efetiva à essa cultura, enquanto nas organizações escolares essa realidade ainda deixa muito a desejar, revelando o abismo existente entre o mundo do estudante fora da escola e as práticas realizadas nos sistemas educacionais. Embora, é possível verificar um pequeno aumento nos índices de uso. A pesquisa TIC Educação em sua 8ª edição (Cetic.br, 2018), realizada com 857 escolas públicas e privadas, aponta que 79% das escolas privadas urbanas usam o computador de mesa para se comunicar, enquanto nas escolas públicas o índice cai para 46%. Com relação a equipamentos com maior mobilidade o uso é de 56% nas escolas particulares e 33% nas escolas públicas. Fato curioso é que o índice de frequência nos laboratórios de informática teve queda. De um total de 76% em 2015, confirmou em 2017 total de 65%. A parcela em pequeno declínio demonstra que esse ambiente que serviu de ingresso ao mundo digital pode ser um modelo que já não serve mais para a escola, já que muitos aparelhos são versáteis e podem ser acessados em qualquer lugar. Ademais, tal espaço conta com equipamentos velhos, inutilizados, em manutenção como se pode constatar na própria prática aqui realizada.

Feitas essas considerações com relação à sala de informática, é preciso reconhecer que o uso dos equipamentos aumentou dentro da sala de aula, de 43% em 2015, foi para 50% em 2017. No quesito sobre as atividades que são realizadas na sala de aula, o que predomina é o uso para tirar dúvidas, na sequência envio de conteúdo do professor para os estudantes. Já atividades que demandem produção e autoria como criação de blogs ou de jogos os índices são de 5% e 4%. Em alguns casos, os públicos ligados em rede estão aproveitando esse aumento da capacidade de comunicação para criar uma cultura mais diversificada, que desafia instituições arraigadas. Em um encadeamento de informações, Santaella (2005) observa que essa volatilidade é desprezada nos currículos escolares e universitários, colocando-se as linguagens em campos estanques: a literatura e as narrativas em um setor, a arte em outro, a fotografia e o cinema separados, a televisão e o vídeo em uma área, já a música em outra, e por aí prossegue.

Essa separação das linguagens ocorre somente nos currículos escolares, pois na vida a mistura entre as linguagens é fato. A maioria das experiências dos jovens com a tecnologia está ocorrendo fora da escola, no contexto do que é denominado de “cultura tecnopopular” (BUCKINGHAN, 2010, p. 37). A propósito dessas afirmações, um diagnóstico contundente permite vislumbrar que, nas poesias digitais, profissionais de diferentes áreas trabalham juntos, na união de poetas e técnicos na construção desta literatura que propõe uma ressignificação ao texto e à leitura. A essas constatações Santos pronuncia-se

O poeta, o programador, o artista, ao exercerem as experiências de escritas, escritos ou escrituras do meio digital, extraem do mundo o que o mundo tem de mais atual para ajudar a compreender o fenômeno próprio da arte. Esta não nos quer fazer enxergar algo nela própria, numa relação de contiguidade, como tenderíamos a pensar tanto matando o autor quanto preenchendo espaços de indeterminação. Ela, a arte, tende antes a nos fazer ver, por meio do que Merleau-Ponty chamou de reversibilidade, com os olhos dela e não para ela. Ou seja, a transformação da arte não é o que vemos nela com nossos olhos, mas sim o que podemos ver em nós com os olhos dela. (2006, p. 44-45).

O certo é que o leitor contemporâneo transita por várias linguagens (visual, verbal e sonora), conta com a tecnologia nesse passeio virtual e usufrui do caráter estético da obra. Diante dessa diversidade de escolhas que a internet proporciona, a escola precisa continuar a ensinar a ler, interpretar textos literários e, além disso, articular a escola com a sociedade conectada, ensinando a ler, a ter o domínio das formas de textos que se circulam na internet. Para Rojo e Barbosa:

As demandas sociais devem ser refletidas e refratadas criticamente nos/pelos currículos escolares. [...] para que a escola possa qualificar a participação dos alunos nas práticas da web, na perspectiva da responsabilização, deve propiciar experiências significativas com produções de diferentes culturas e com práticas, procedimentos e gêneros que circulam em ambientes digitais. (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 135)

Em face dessa contingência, acredita-se na necessidade de criar ambientes convidativos para que esse contato com a leitura aconteça. Esse ambiente não é somente uma questão de lugar: “Também é uma questão de ter os livros dos quais queremos, de com qual humor estamos, com quanto tempo contamos e se seremos ou não interrompidos” (NÓBREGA, 2002). Essa ambiência depende da disposição para a leitura, de como as pessoas leem naquele momento, se por obrigação ou prazer. Enfim, levar em consideração vários fatores, pensando no antes, no durante o uso tecnológico e o que se fará posteriormente. Assim foi planejada a prática desta tese. Demanda pensar no letramento literário, que seria “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p.67), o que significa que as pessoas devem se apropriar dos textos literários, fazer deles seu patrimônio, inclui-los em seu repertório de vida e de leituras e dar a esses textos, sentidos construídos por elas, nessa íntima relação de interação com os textos. (COSSON, 2014). A escola é, como bem colocado por Angela Kleiman (2007), a principal agência de letramento de nossa sociedade. Para elucidar um pouco mais, é preciso levar em conta que

crianças leitoras nascem, e crescem, e vivem, e criam em ambientes em que a leitura desimpedida ocorra espontânea e frequentemente: ambientes com muitos e bons livros, com muitas e boas histórias e poemas, com muitas palavras e desafiadoras

frases desajustadas, novidadeiras, voadoras, atrapalhadas, consoladoras, brincalhonas... Palavras mudas e tagarelas. (BRITTO, 2015, p.58)

Diante dessa preocupação das diversas maneiras de incorporar as modalidades do letramento às práticas educacionais é que se pode falar em outra cultura, exigindo diferentes habilidades às quais podem ser observadas no conceito de letramento digital, que pressupõe o escritor e o leitor em contínua navegação (COSCARELLI; RIBEIRO, 2007). Nessa contenda, Couto (2016) explica:

O letramento digital requer um repertório aberto de manipulação e inferência no texto. Estamos diante de um leitor que soma, que de muitas e diferentes maneiras modifica e amplia o texto. O nível de letramento aumenta quando o sujeito é capaz de manipular igualmente texto e suporte, explorando as possibilidades do hipertexto num continuum. (COUTO, 2016, p. 43)

Essas abordagens reconhecem que é preciso formar leitores na contemporaneidade e, em decorrência disso, o Ensino Médio precisa se reinventar principalmente no que concerne à leitura e à literatura em suas relações com atividades tecnológicas. Aliar leituras, vivências do texto poético a procedimentos de mediação da leitura é o caminho para o letramento literário do leitor. (SILVA, 2014, p. 27). Não é cabível que se prossiga com programas obsoletos, fragmentados e distantes do vasto e diversificado material de leitura oferecido em ambientes digitais e um deles descreve-se na sequência, pelo capítulo que sucede.

5.3 Mais um arremate parcial: a poesia na tela e o (jovem) leitor que lê (e se vê)

O prenúncio de que a tecnologia provocaria transformações irreversíveis na sociedade se concretizou. Tal fenômeno pode ser percebido, principalmente na relação dos jovens com esses suportes, as mudanças acarretaram diferenças no comportamento e nas formas de leitura. Desde então, as transformações exigem um olhar cuidadoso da escola, especialmente do professor de Literatura no Ensino Médio que precisa adaptar-se aos novos modos de fazer literatura, já que uma boa parte desse perfil de estudante tem acesso aos meios eletrônicos e o faz com frequência. O grupo específico apontado também é um dos pontos tratados por Sales (2011, p. 2), para o autor “falar de juventude e das novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) implica em percorrer um território sempre em fluxo”. Imersos no universo tecnológico os jovens utilizam os apetrechos digitais para atividades de seu interesse. Logo, apura-se que ao fazer uso desse ambiente, é preciso que a escola escolha atividades que sejam profícuas. Para o contexto escolar, as poesias digitais oferecem múltiplas maneiras de interação

para acolher esses estudantes dentro de um território amplamente diversificado. Como discute Kirchof (2008, p.7) “a poesia digital permite realizar experimentos que abrangem desde a mera animação computadorizada até hibridismos com a música eletrônica e com clips televisivos”. Diante de criações que articulam várias linguagens em um único material, é preciso que o leitor amplie seu leque nessa interação com a leitura tendo em mente não apenas o sentido do texto, mas também o que é oferecido pelo meio digital como o hipertexto, os sons, as imagens em movimento entre outros aspectos. Certamente, é alcançável explorar a dimensão estética e tecnológica, nesse prisma é relevante as contribuições de Kirchof

A poesia digital, portanto, sendo um produto cultural possível unicamente a partir da cibercultura, permite não apenas perceber inúmeras nuances da cultura digital: enquanto objeto que se pretende artístico, a poesia digital é capaz de levar o receptor a uma experiência de fruição. (KIRCHOF, 2008, p. 10)

Essas mudanças precipuamente afetam o autor que de forma mais afastada organiza o texto, agora tendo à disposição os aparatos digitais. Não é possível prever a reação dos leitores, a linha de chegada é como que imaginária. Ao mesmo tempo em que se escreve para alguém que estará supostamente tão próximo do autor, já que adentrará seu texto, desnudando-o, por outro lado pode estar muito afastado e essa distância pode ser em medidas, pela localização no espaço entre autor e leitor como também ser mediada por equipamentos, numa relação mais técnica. Porém, afirma Campos que

A utilização das novas mídias não assegura por si só, arte, poesia e invenção. Mas a massagem das mídias pode ser altamente estimulante para o artista, sugerindo caminhos não batidos pela imaginação, reciclando-a, ajudando-a a criar outras imagens e magias. (CAMPOS apud KHOURI, 1996, p. 143)

Pensando em acompanhar as transformações e que vai ao encontro desse público leitor é que a literatura sofreu adequações, originando a literatura eletrônica, à qual fomenta-se impulsionada pela cultura contemporânea transitando, por exemplo, pela arte digital, jogos e filmes e do qual a poesia digital faz parte. Nesse ambiente com característica lúdica, o leitor é convidado a usar os poderes concedidos pela atividade. Dependendo do poema há maior liberdade do leitor interferir, em alguns há menos permissão e, ainda, em outros apenas uma breve participação é oferecida. Contudo, “não podemos entender a criação digital como uma criação sem precedentes, como algo que surge espontaneamente, pois ela, como toda forma de expressão, se insere dentro de um contexto histórico-cultural e dialoga com outras obras que a antecederam” (TAVARES, 2010, p. 14). Vale lembrar que o uso da tecnologia para compor

esse texto digital tem familiaridade com a intenção oferecida pela poesia concreta e tecnológica. No entendimento de Carvalho (2007), os procedimentos entre eles são semelhantes, com relação à distribuição não linear dos signos verbais na página, a utilização de diversos tipos gráficos, a sintaxe desmembrada, a exploração das formas geométricas, estruturas anagramáticas, incorporação de elementos pictóricos, participação do leitor, uso da cor. Unem-se a isso o movimento e o som. Augusto de Campos, no seu último livro de poemas denominado *Não* (2003) coloca à disposição juntamente um CD-ROM com poemas novos e antigos, os quais foram recriados pelo meio digital. No início do CD o autor anuncia:

A possibilidade de dar movimento e som à composição poética, em termos de animação digital, vem repotencializar as propostas da vanguarda dos anos 50. VERBIVOCOVISUAL era, desde o início, o projeto da poesia concreta, que agora explode para não sei onde, bomba de efeito retardado, no horizonte das novas tecnologias. Desde que, no início da década de 90, pude pôr a mão num computador pessoal, percebi que as práticas poéticas em que me envolvera, enfatizando a materialidade das palavras e suas inter-relações com os signos não-verbais, tinham tudo a ver com o computador. As primeiras animações emergiram das virtualidades gráficas e fônicas de poemas pré-existentes. Outras já foram sugeridas pelo próprio veículo e pelos múltiplos recursos de programas como o Macromedia Director e Morph. Os CLIP-POEMAS são o produto de dois anos de experiências, entre muitos tateios, curiosidades e descobertas.

Esses poemas proporcionam a renovação da poesia, ou como apontou Pignatari durante a entrevista realizada com a Folha (1998), a poesia concreta foi a primeira manifestação clara e sistemática de que o universo verbal estava agonizando e era preciso revivificá-lo com o Viagra do não-verbal. O plano piloto para a poesia concreta foi sem dúvida o último grande manifesto na área da literatura deste século. Essa poesia trouxe contribuições para a produção no suporte digital. Durante uma entrevista de Augusto de Campos a José Carlos Prioste (citado por Carvalho, 2007) o poeta argumenta:

É indispensável redimensionar o uso da palavra poética, já agora em pleno deslanche do universo digital, no qual ela tem que ser reciclada, curto-circuitada com a dimensão não-verbal, as imagens e os sons, chegando a ser interdisciplinar, intertextual e muitas vezes interativa, além de projetar-se em parâmetros materiais mais amplos, que devem levar em conta critérios de forma, cor, espaço e movimento. Não há porque excluir o livro e outros suportes matéricos e textuais, que seguem seu curso e até se beneficiam das novas mídias. O que ocorre é a abertura irreversível para o universo virtual, em situações em que a palavra, potencializada em todos os seus parâmetros, já não cabe no livro. Sem dúvida o universo da informática oferece condições ideais para quem deseja trabalhar com a palavra em movimento e em novas sintaxes espaciais. [...] Quando lanço um olhar para trás chego a pensar que o concretismo prenunciou a nova tecnologia dos textos digitais.

Na mesma direção, Risério (1998) fundamenta que a poesia concreta pode ser vista como pré-digital. Tal pensamento vai ao encontro de Vieira (2017, p. 42) “se a poesia digital põe em xeque a estrutura lógica discursiva tradicional, a poesia concreta já havia causado essa fissura na teoria da composição poética”. O verbivocovisual da poesia concreta configurou-se no meio eletrônico como verbivocovisual-digital, nas palavras de Vieira (2017, p. 41). A hipertextualidade, interatividade e hipermedialidade proporcionam novos significados à vida cibercultural. É uma espécie de materialização atingível do que o leitor imagina quando lê um poema. Esse leitor jovem tem a sua disposição um local especial da escrita, “outro lado da visualidade que se mostra na tela, uma escrita de potencialidades que constrói a possibilidade de uma obra que restringe para se abrir e criar uma obra” (TAVARES, 2010, p.12). Ainda, para o citado autor, há um encontro de um eu e de um outro através da obra, por meio da interação com aquela materialidade. Pelo meio digital há a subversão e um *craft*²², de uma forma de criação técnica para fins estéticos (TAVARES, 2010, págs. 24-25). Essa arte permite fazer escolhas e essas para Marcuschi (2005, p. 25) “vão gerar caminhos diversos para cada leitor, de modo que as leituras, no caso do hipertexto, estão sujeitas a uma variabilidade muito maior do que no caso dos textos impressos”. A passagem pelas telas é efêmera. Nas palavras de Tavares

Temos uma manipulação de telas, a partir das quais criamos nossos caminhos de leitura sedimentando tela sobre tela, palavra sobre palavra. Rearranjo uma espacialidade da leitura que está presente nos versos que manipulo e ordeno (com sua leve transparência que permite que as palavras se embaralhem sobre o fundo imagético, consistindo até mesmo na sobreposição maciça de palavras, na sonoridade que se sobrepõe entre versos recitados, fundo com leitura do conto e trilha sonora). Ainda nessa sobreposição, temos as telas, a estrutura disposta a nossa manipulação labiríntica da qual quase poderíamos dizer que se coloca a nossa frente como uma corporeidade de telas e, por conseguinte, construímos o sentido nesse espaço significativo deixando pouco a pouco que uma ceda seu lugar à outra. (TAVARES, 2010, p. 74)

Tais afirmações reforçam a ideia apresentada por Santos (2003) de um *nós* na tela, pensando no interator que age no poema, é como um espelho que promove o reflexo da imagem, as ações do leitor têm importância, a leitura de si mesmo conta. As construções que o leitor opera diante da leitura na tela não são fixas, essa situação significa que na próxima leitura ao mesmo poema as construções exercidas durante a primeira leitura não estarão lá, será necessário a interação do leitor para que uma nova versão interpretativa aconteça, o *script* a ser seguido pode não ser igual. Da mesma maneira, com a fabricação de um novo objeto estético, produzido em um meio diferente, acarreta a criação de uma sensibilidade singular em quem frui. Essa

²² Técnica de fazer, a arte é um *craft*

nova sensibilidade implica um modo diferente de construir e olhar o mundo, com relação às obras produzidas naquela sensibilidade e nas que a antecederam. (MERLEAU-PONTY, 2006).

Diante do que foi pontuado até aqui o que se constata é que através da técnica o leitor se depara com um novo modo de leitura, são “expressões estéticas que se adequam aos signos da contemporaneidade dialogando com a poesia. Lirismos reconfigurados em meio ao belo extraído de equações matemáticas, num sistema binário que faz do belo um resultado de feixes de luz a bailar numa tela” (VIEIRA, 2017, p. 198). Tenha-se presente conforme descrito por Tavares (2010, p. 98) que “o poema digital não representa uma experiência alienígena como algo de uma ficção científica, mas algo presente no mundo e convergente com tantas outras criações que a precederam”. Nessa interação constante que é previamente pensada pelo autor “as palavras são também gestos do meu corpo. E todo gesto do meu corpo é também um ato expressivo” (TAVARES, 2010, p. 108). Seguindo a linha desse autor, posicionar as palavras e observar onde se pode mexer no poema é uma prática de leitura da obra muito similar a leitura das palavras. Mesclam-se palavras e atos e com eles o sujeito toca e é tocado.

6 POESIA ELETRÔNICA: A PALAVRA EM NÓS

A poesia é simbólica, tendo como modo de expressão a linguagem, por meio de seus efeitos rítmicos, da combinação das palavras e sua disposição atinge-se a significação. Quanto mais diversificados esses elementos, maior será a experiência estética. Para Hegel, em seu tratado de Estética, a poesia seria expressão pura, contemplação pura e figuração:

Podemos dizer que o caráter do pensamento poético é ser essencialmente *figurado*. Ele coloca diante de nós não a essência abstrata dos objetos, mas sua realidade concreta, não os aspectos ocasionais da existência, mas uma aparência que apreendemos imediatamente e de maneira indivisa, por meio da forma exterior e individual, a essência: a representação é nos oferecida com um único e mesmo todo, o conceito da coisa e sua existência. (HEGEL, 2012, p. 131)

O filósofo, ao tratar da poesia, ainda estende seu fenômeno à leitura:

Ocorre aqui algo semelhante ao que acontece na leitura. As letras são apenas sinais da linguagem falada; todavia, olhando para elas não precisamos ouvir seus sons, entendemos o que lemos numa única inspeção das palavras. Somente o leitor pouco exercitado necessita pronunciar os sons para compreender o sentido das palavras. Mas, o que aqui aparece como defeito dessa falta de exercício é exatamente o que é belo me constitui a excelência da linguagem poética. Pois a poesia não se contenta só da inteligência abstrata, ele evoca diante de nós os objetos enquanto não estão presentes em nosso espírito sob a forma do pensamento puro e da generalidade abstrata. (HEGEL, 2012, p. 131).

A poesia para Hegel faz compreender a ideia em sua forma real, mas há, contudo, que observar que variantes podem deslocar a ideia de um centro a outro. A lírica, por exemplo, permite ao espírito destacar-se dos objetos, “encher-se e de si mesmo”, segundo uma necessidade representar não o exterior, “mas o que está na impressão subjetiva, na experiência sentimental, na reflexão; em uma palavra, o fundamento de seu pensamento e os movimentos de sua vida íntima. (HEGEL, 2012, p. 144).

Embora as considerações de Hegel possam parecer deslocadas quando se tematiza a poesia e a literatura em telas digitais, é importante que se observe que, como argumenta Hayles, a literatura, ao saltar de um meio a outro, não deixa para trás a que se pode chamar de tradição na própria constituição estética dos clássicos gêneros literários estudados por Hegel:

Quando a literatura salta de um meio para outro – da oralidade para a escrita, do córtex manuscrito ao livro impresso mecanicamente, e à textualidade eletrônica – ela não deixa para trás o conhecimento acumulado e inscrito em gêneros, convenções poéticas, estruturas narrativas, tropos figurativos, e assim sucessivamente. Em vez disso, esse conhecimento é levado adiante para o novo meio tipicamente por uma

tentativa de reproduzir os efeitos do meio anterior de acordo com as especificidades do novo meio. (HAYLES, 2009, p. 74)

Por abranger instantaneidade e dinamicidade das palavras, imagens e informações, a poesia eletrônica adquire um formato especial, com uma estrutura estética renovada e em constante desenvolvimento. Esses efeitos estéticos vêm a somar e com suas peculiaridades atribui-se a ela diferentes denominações. Diante dessa vastidão de designações Menezes completa

A poesia que circula nos computadores pode ser chamada de poesia experimental, nova poesia visual, poesia digital, poesia internética e se constitui um gênero, chamado gênero da poesia digital. Esse é mais um dos já existentes gêneros poéticos, como a poesia verbal, visual, sonora etc. (MENEZES, 1991, p. 136).

Em consonância a esses termos, Antônio (2008) cita mais alguns: computer poetry, poesia informacional, infopoesia, poesia hipertextual, poesia hipermídia, tecnopoesia, ciberpoesia, poesia animada por computador, clippoema digital, interpoesia, multipoesia, poesia midiática, entre outras denominações. Por certo, o autor sinaliza que essa poesia contemporânea só existe nos meios eletrônicos e só se expressa, em sua plenitude, através deles (ANTÔNIO, 2008, p. 18). Numa mescla de linguagens, a poesia digital oferece ao leitor o manuseio desse objeto artístico diferenciado e por meio de sua participação compor os sentidos. Não se pode negar que essa poesia impressiona, paralelamente passa-se do estático ao movimento, à interação deixa, muitas vezes, de ser apenas mental, com maior proximidade da obra de arte.

Neste capítulo apresenta-se esclarecimentos sobre o tema em estudo, há elementos teóricos específicos que antecedem diretamente a pesquisa propriamente dita, dada a necessidade de se pontuarem e esclarecerem aspectos sobre o corpus, um gênero muito pouco compreendido.

Com a disseminação do uso da internet e o avanço da convergência das tecnologias digitais, em ambiente de comunicação em rede, torna-se possível a leitura de mobilidade conectada. Essa cultura digital, diferente das anteriores, dá a possibilidade de a leitura ser ampliada para outros contextos. Não no sentido de romper com o que havia antes, mas como continuidade, em tempos diversos. Jenkins (2009) desenvolve a ideia de que o contexto atual é marcado pela emergência de uma cultura participativa, relacionada de maneira direta com a possibilidade de os indivíduos se expressarem pelo uso da mídia, criando ou respondendo a ela. O que é considerado velho hoje, já foi tecnologia outrora, e o novo de hoje será antiquado rapidamente, bem como pode-se dizer que a novidade dura pouco.

Essas práticas sociais emergentes são atrativas aos jovens, por isso o docente precisa deixar o seu lugar de professor *mor* e buscar o conhecimento pertinente à tecnologia, a fim de auxiliá-los a construir esse saber ligado ao contemporâneo. Ao professor cabe convidar o estudante à participação e esse convite deve ser atrativo. É preciso levar em conta que em razão desse diferencial de materiais que se apresentam e diante da vida frenética hodierna, os leitores também vão sofrendo modificações. Pode-se pensar desde o leitor da pintura até o leitor virtual. Isso não significa que o leitor atual não guarde resquícios dos anteriores, mas é preciso entender que o leitor do presente é navegador. Santaella (2004, p. 36), estudiosa desse fenômeno comunicacional e cultural, ressalta que, “fora e além do livro, há uma multiplicidade de modalidades de leitores”. É necessário perceber o universo virtual como uma oportunidade indispensável à formação do leitor, não como uma ameaça, pois esse universo traz consigo desafios inegáveis para a aprendizagem e que, pelo que se percebe, vieram para ficar, além de colocar à disposição informações num contexto de interatividade. Para atender esses leitores desenvolvidos na era digital, eis que surge como estratégia uma leitura intrinsecamente computacional, a literatura eletrônica, formatada pela linguagem de programação. Nesse contexto, o poema eletrônico se insere e junto com ele uma gama de possibilidades de atuação do leitor. Um dos desafios nesse processo se encontra no hipertexto, ele possibilita uma leitura interativa de textos que misturam imagem, som e outros elementos multimídia os quais disponibilizam links construindo uma multiplicidade de trajetos na tela sem seguir uma sequência determinada. Por isso a leitura na tela torna-se um diferencial da leitura impressa, pois naquela o leitor pode alterar sua leitura caso não deseje mais permanecer nela. Além disso, há mudança de postura do leitor, que se constitui em pensar na ação diante da obra, condição para a materialização do texto.

Destaca-se pontos específicos, trazendo abordagens especialmente de Hayles com relação à leitura e tecnogênese, esse sistema complexo em adaptação, que sofre rápidas transformações, entrelaçando o sujeito nesse universo. Nesta discussão, destaca-se a hiperleitura (suporte digital) e a leitura atenta (suporte impresso) provocando divergências de opiniões entre pesquisadores.

Adiante, haverá a voz dos autores e de suas produções. Apresentando-se sucintamente informações com relação à carreira dos autores, a importância das poesias eletrônicas, processo de criação, o alcance e aceitação desses poemas na atualidade.

Por último, a pesquisadora realiza a análise dos quatro poemas, os quais fizeram parte da prática aos estudantes.

6. 1 Criações poéticas digitais: #Nós na rede de conexões

Como ficou chato ser pós-moderno. Agora serei
pós eterno. (Augusto de Campos)
Pós-tudo.
:agora, pós-tudo, ex-tudo.
Pós-humano.
E nos vemos no mundo contemporâneo.
Tecnologicamente expandidos e tecnologicamente
sitiados. Isto é: em rede. (Jorge Luiz Antonio)

As pessoas são “nós” na rede da qual participam. A rede pode ser encontrada em muitas áreas do conhecimento e inclusive, mesmo sem a tecnologia, é plausível pensar em rede, quando se tem saberes compartilhados. A isso corresponde dizer que os conhecimentos são tecidos na rede. Nesse emaranhado, o sujeito seleciona de qual rede quer fazer parte dependendo daquilo que tem interesse. Para explicar como essa trama é tecida, colhe-se as opiniões de Antônio (2008):

A ideia de rede é uma imagem emergente para a representação do conhecimento, inspirada, em grande parte, nas tecnologias informacionais. Nessa perspectiva, conhecer é como enredar, tecer significações, partilhar significados. Os significados, por sua vez, são construídos por meio de relações estabelecidas entre os objetos, as noções, os conceitos. Um significado é como um feixe de relações, por sua vez, articulam-se em uma grande teia de significações e o conhecimento é uma teia desse tipo. (ANTÔNIO, 2008, p. 74).

Para melhor compreender a tessitura é significativo registrar, reportando-se à Silveira, o conceito de *cluster*, que remete ao nó de uma rede com suas diversas conexões. Ao mesmo tempo, é admissível colocar numa mesma rede práticas que não seriam exequíveis sem a ajuda dos recursos tecnológicos. Observa-se que a teia é composta de dezenas de milhares de sub-redes, elas mesmas conectadas a redes chamadas de “espinhas dorsais” ou “redes federativas” (ANTÔNIO, 2008, p. 306). É, pois, entrelaçada no ambiente virtual que as pessoas participam ativamente, configurando, muitas vezes, tais espaços como local de aprendizagem. Embrenhadas no universo interativo “também a arte e a literatura vêm sofrendo drásticas mudanças, inclusive propiciando a emergência de novos gêneros, alguns dos quais compõem uma poética exclusivamente virtual” (PEREIRA, 2013, p. 174), muitos gêneros só conseguem ser disponibilizados para a prática graças à realização do apoio tecnológico. As poesias eletrônicas surgem como uma arte mediada pelo digital. Maués (2010) clarifica o termo digital em latim *digitus* (dedo) recebeu outro sentido, o de dígitos, ou seja, com relação ao estudo aqui apresentado, poesia digital, a poesia traduzida em dígitos, o que torna hábil para transitar no

espaço tecnológico. Os leitores podem ser atraídos pelo o que de diferencial ela oferece. Em se tratando de poesia digital Rui Torres retrata:

Poemas são sempre cruzamento, intercâmbio, troca, diálogo. Produzindo em arco-íris: e o arco luminoso criado, esse caminho e mediação entre o céu e a terra, aparece como ponte entre mundos. Poesia como escada, em diálogo com a tradição e com o futuro. Poesia processo. Fusão expressiva de vozes comunicantes, em canto paralelo. (TORRES, 2017)

Uma mescla, o hibridismo da poesia é o que se apresenta, graças à atuação do próprio leitor e com as opções proporcionadas pelos criadores. “[...] the machine is only an extension of the poet’s will” (IRBY, 2018, p. 12).²³ A palavra mantém a sua força para transmitir as emoções, as ideias, mas agrega-se a ela o ambiente em que transita, os meios utilizados, como por exemplo o uso do teclado e do *mouse* para conduzir as ações, a interatividade com o aparelho eletrônico. Eis a relevância desse contato direto do leitor com a máquina, que tem o poder de arrematá-lo ao universo paralelo, proporcionando a sensação de imersão. Além do mais, é uma maneira de aproximar os jovens da poesia.

No poema eletrônico pode haver cor, imagens, ritmo, sons, movimentos e interatividade. Esse conjunto de diversos tipos de expressões poéticas é denominado de poesia eletrônica ou poesia digital. A forma como se apresenta os poemas digitais não exclui o formato anterior, o que ocorre é o aperfeiçoamento ou disponibilidade de mais funções, combinando vários estilos, em mutação contínua. O poema digital é um convite para o leitor interagir, é como se o chamasse por meio das estratégias que o beneficiam e com efeito capturar o leitor. “Ler significa ramificar-se, espalhar-se indeterminadamente” (COUTO, 2016, p. 43). Essa linguagem cujos nexos se estabelecem entre inúmeras janelas transforma a leitura em uma reescrita, justamente porque muitos dos caminhos são decididos pelo usuário.

Certamente, é possível dizer que a poesia virtual não é um *fast-food*. (termo cunhado no Curso Fundamentos de Educação a Distância da UEMS, Módulo 1, direcionado aos docentes da instituição bem como interessados que buscam aprendizado nessa área). Por tal expressão entende-se que o estudante não se serve de algo pronto, é preciso ação, exige tomada de decisões, pois a leitura proporcionada nesses aparatos digitais diferenciados requer a colaboração do leitor. Nesse sentido, o formato da leitura passa a ser outro, com possibilidades diferenciadas de construção dos saberes e centralizado no ambiente virtual.

Existe uma linguagem verbal, linguagem de sons que veiculam conceitos e que se articulam no aparelho fonador, sons esses que no ocidente receberam uma tradução visual

²³ “A máquina é apenas uma extensão da vontade do poeta.” (Tradução nossa).

alfabética (linguagem escrita), mas existe simultaneamente uma enorme variedade de outras linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo (SANTAELLA, 2005, p. 1-2). Alinhavando-se os fios, detecta-se que dentre os recursos utilizados pela poesia digital está a multimodalidade e o trajeto inusitado de leitura por meio dos hipertextos. A multimodalidade (múltiplos e diversificados recursos de construção de sentidos) das obras de arte digitais desafia os escritores, os usuários e os críticos a reunir diversas especialidades e tradições interpretativas para que as estratégias estéticas e as possibilidades de literatura eletrônica possam ser compreendidas, em seus atributos, como hipertexto, no que Lévy defende como:

Um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. (LÉVY, 1993, p. 3)

É mister dizer que o hipertexto já existia anteriormente aos mecanismos eletrônicos. Basta pensar na possibilidade do impresso de conectar os dados através das notas de rodapé, sumários, dicionários, enciclopédias, oportunizando o leitor avançar na leitura ou retornar para algum ponto específico. Entretanto, no hipertexto eletrônico, ao clicar sobre o que se deseja, tem-se à disposição várias opções com mais rapidez, exigindo maior envolvimento de todos os sentidos do corpo nesse processo. Numa obra hipertextual a reunião de vozes e olhares, é subversiva em relação ao monologismo, no qual um único sentido se sobressai. Construído na soma de muitas mãos, e aberto para todos os *links* e sentidos possíveis, o hipertexto contemporâneo é, de certo modo, uma versão da polifonia que Bakhtin buscava; e, portanto, uma possibilidade para o diálogo entre as diferentes vozes, para a negociação dos sentidos, para a construção coletiva do pensamento. (RAMAL, 2012). Esse dialogismo seria um aspecto de leitura presente no romance. Para Bakhtin, o romance “caracteriza-se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal” (BAKHTIN, 1990, p. 73). Em contraposto ao romance, Bakhtin alude a poesia à condição de texto monológico, uma fala “de Deus”. Nesses termos, para o autor “o poeta é definido pelas ideias de uma linguagem única e de uma única expressão, monologicamente fechada”. O autor diz ainda que “cada palavra deve exprimir de maneira espontânea e direta o desejo do poeta.” (BAKHTIN, 1990, p. 103). Nesses termos a poesia eletrônica poderia ser vista como algo que contesta os parâmetros de Bakhtin, sendo polifônica em todos os seus atributos.

Entretanto, diante de conflitos tanto sociais quanto individuais que atravessam o campo

da linguagem e por estar rodeado de valores que se modificam historicamente, Bakhtin considera o romance ambíguo. Esse é o primordial ponto de encontro com a poesia, pois essa também é ambígua. Quanto mais se aproxima das imagens poéticas, mais polissêmico ele se torna. Disso decorre dizer que a polifonia não é dada a priori, é construída num processo de leitura. Outrossim, Friderich (1978, p. 17) considera que o artista não participa mais como pessoa particular de sua obra, mas como “inteligência que poetiza, como operador da língua, como artista que experimenta os atos de transformação de sua fantasia imperiosa ou de seu modo irreal de ver um assunto qualquer”. Nas palavras seguintes o autor professa que se “trata de uma polifonia e uma incondicionalidade da subjetividade pura que não mais se pode descompor em isolados valores de sensibilidade”. Essa multiplicidade de vozes está presente também no uso da tecnologia, em que a interação no espaço virtual provoca a identificação com o outro, num movimento entre o eu e o outro. Essa mobilidade do sujeito que se une a mobilidade da rede origina um perfil de leitor inédito.

Em outras palavras, o leitor-navegador não lê como o leitor de livro por justamente apresentar o fragmentário, o combinatório e o não linear. Tal ato se faz presente na literatura eletrônica, conceito explicado no capítulo anterior, acentua-se que a poesia digital presente na *Organização*, analisada neste trabalho, usa a capacidade do computador para exibir animações, utiliza-se de multimídia (imagem, áudio, texto), é interativa e hipertextual, pelo uso desses nós mencionados anteriormente, na estrutura do poema, a serem explorados pelo leitor. Como se vê

There are basically two difficulties in writing sequential text: deciding on sequence--there are so many possible connections! – and deciding what’s in and out. Both of these problems go away with hypertext. You no longer have to decide on sequence, but on interconnective structure, which provides much greater flexibility. You no longer have to decide what’s in or out, but simply where to pote things in the searchable maze. (NELSON, 1993, p. 1)²⁴

Alinhada a essa noção de hipertexto Hayles (2012) atesta que *links* de hipertexto, hierarquias de exibições de tela, guias de *home page* e daí por diante, todas contribuem para o efeito. Gráficos, animação, design, vídeo e som adquirem força argumentativa e tornam-se parte da busca pelo significado. “É uma tessitura inacabada, permanente, diversificada, emergente,

²⁴ Existem basicamente duas dificuldades em escrever um texto sequencial: decidir sobre sequência-- há tantas conexões possíveis! – e decidir o que fica dentro e o que fica fora. Estes dois problemas desaparecem com o hipertexto. Você não tem mais que decidir sobre sequência, mas sobre estrutura de ligação, que fornece uma flexibilidade muito maior. Você não tem mais que decidir o que fica dentro ou fora, mas simplesmente onde colocar as coisas no labirinto que pode ser procurado. (Tradução nossa).

criativa, móvel, significativa, plural, viva” (LÉVY *apud* LIMA JUNIOR, 2005, p. 152). O leitor tanto pode influenciar como ser influenciado num “roteiro multilinear, multissequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com nós” (SANTAELLA, 2007, p. 33). Essa prática fluida é potencializada por diversas experimentações técnicas numa intersecção de linguagens, numa mistura de estética com tecnologia.

Buscando avançar, diferencia-se multimídia de hipermídia. Enquanto aquela dispõe ao receptor mídias diferentes – imagem, som e texto; esta possibilita a intervenção do usuário na composição do texto que essas mídias podem formar, a hipermídia existe nesta convergência atual, o usuário é agente. (SANTAELLA, 2007). A essas urdiduras dos fluxos das linguagens hipermidiáticas que povoam as redes digitais fixas e móveis de comunicação, Santaella (2007) costuma chamar de linguagens líquidas. De tal modo, “as mídias cruzam-se, aglutinam-se, dialogam, condicionam-se e referem-se umas às outras, que novos objetos surgem diante de seu leitor”. (DOMINGOS, 2015, p. 152). O local para essa convergência é o ciberespaço (computador, smartphone). À luz desse estudo, Santos fundamenta:

Daí nossa escolha em andar pelos caminhos da poesia eletrônica, essa que é feita, desfeita e refeita no ciberespaço apreendendo deste as nuances da interatividade (homem-máquina, homem-homem, máquina-máquina) e da interatividade (essa retomada incessante de dados e rotinas que deve exaurir o processo antes de cansar o usuário). Em outras palavras, propomos utilizar a perspectiva literária para delimitar um objeto – a Rede – inserido em um novo campo de sentidos e de possibilidades – o ciberespaço –, mapeando um objeto cultural não mais limitado necessariamente ao campo literário. (SANTOS, 2003, p. 21).

À vista de tudo isso encontra-se um processo de recodificação das linguagens transformando a poesia feita da fusão de signos verbais e não verbais, seguindo raciocínio de Menezes e Azevedo (1997, 1998, *apud* ANTONIO, 2008). A poesia tem como essência a palavra, e esta, por sua vez, irá dialogar com outros tipos de signos; essa conexão será a base para esta criação e para as leituras que o indivíduo fará com o uso da máquina. Será a ferramenta para que ele (indivíduo) possa manipular/interferir na criação do poema digital ou, como escreveu Antônio,

Assim, a palavra, essência da poesia, negocia: com imagens e grafismos da letra e da palavra manuscrita ou manipulada graficamente e interfere neles, para a produção da poesia visual; com o som para produzir efeitos sonoros (poesia sonora); com animação para produzir a poesia animada, para que essa transformação, leitura/releitura, aconteça. (ANTONIO, 2008, p. 24).

Nesse intrincamento, “a imagem, o movimento, a interatividade, a linguagem de programação passam a ser a regra para balizar o que é poema digital e o que não é poema digital” (LAIN, 2013, p. 96). Levando em conta tais colocações, não há como negar que as linguagens, os códigos e os suportes encontram-se em uma circunstância de pluralidade jamais vivenciadas anteriormente. As pessoas se deparam imersas nesse imbricamento por entre códigos, gêneros e meios: imagens, sons, jornais, livros, música, televisão, internet, de forma a conseguir se comunicar com quaisquer outras, em qualquer canto do mundo, com rapidez.

Como se percebe, em todas as demandas de um texto no qual se navega, e se atua como um *singleplayer*, a poesia em ambiente digital avança no que jamais houve de fechado na leitura de um poema; os leitores participam do processo de construção e interatividade, quando a relevância da leitura se encontra justamente no percurso da navegação que pode promover diversos tipos de leitura em campos variados. Cabe aqui registrar o perfil do leitor que se delineou com os novos espaços da virtualidade, referenciando Santaella (2007). Porém, antes de apresentá-los é importante comentar que anteriormente a ele está o leitor contemplativo, cujo perfil é de um sujeito focado, sozinho, reflexivo, não tendo pressa para encerrar a sua leitura, precisa entender o que está lendo, visualizando e admirando. Na sequência apresenta-se o leitor fragmentado, este surge com a Revolução industrial diante de um cenário de consumo, de publicidade espalhada por todos os lados da cidade, tudo muito rápido, sem tempo para fixar-se em algo. E, chega-se ao leitor da era digital, considerado imersivo, virtual, o qual conecta-se entre nós e labirintos que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nexos que transitam em textos, imagens, músicas, vídeo. É adequado descrevê-lo como o sujeito que passeia por várias dimensões de conteúdos através desses nós que os unem, nesse ambiente pode haver uma leitura que não tem fim, que entrecruza os dados com outros textos, os compara e gera um terceiro ou um quarto conteúdo. Desse perfil de leitor, encadeia-se o seguinte, pode-se denominar de leitor ubíquo, um tipo de leitor que está circulando pela rua, escola, casa e, no simples toque do dedo no celular, pode falar com pessoas próximas ou muito distantes, com poucas pessoas ou muitas, conectar-se em mais de uma tarefa ao mesmo tempo e com rapidez sem perder a noção de sua presença física no espaço em que se encontra, dissolvendo-se, por conseguinte, as fronteiras/separação do físico e virtual. Em consequência do leitor produtor e consumidor de mídia é eminente falar em leitor “prossumidor”. Trata-se de uma forma de consumir e influenciar a obra. “É provável que, do ponto de vista educativo, mediar, na era das tecnologias digitais, implique enfrentar o desafio de se mover com engenhosidade entre a palavra e a imagem, entre o livro e os dispositivos digitais” (BALESTRINI, 2010, p. 35 apud SANTAELLA, 2014, p.36).

Tais aparelhos estão por toda parte, os *gadgets* estão cada vez mais cedo no meio infantil, as crianças consomem tecnologia, essa tomou conta da geração mobile. Ressalta-se que em janeiro de 2019, Santaella publicou um artigo pelas redes sociais com o último tipo de leitor: o leitor precoce cognitivo, o qual remete às crianças de dezoito meses ou pouco mais, na espantosa habilidade em manipular interativamente *smartphones* ou *i-pads*. Isso já começa na maneira perfeita com que seguram o dispositivo e manuseiam o objeto com os dedinhos. A criança nasce rodeada pelos aparelhos *high tech* e além do mais visualiza o contato que as pessoas ao seu redor mantêm com esses instrumentos, desde checar e-mails a utilizar televisores sofisticados. Para aqueles que não têm contato direto em casa com essa tecnologia, basta sair no comércio que os olhos se sentem atraídos pelo o que se apresenta. Veementemente há que se pensar numa educação digital a fim de que proporcione o contato com esse espaço flexível adequando-se a era onde a midiatização se faz presente.

Interessa observar que para o leitor em formação, as poesias eletrônicas se constituem em recursos para se engajar à leitura. Porém, não há como negar que mesmo com o impresso, a luta para formar leitores é imensa, e o digital pode ajudar e ao mesmo tempo trazer complicadores se não tiver um bom direcionamento educacional. Nesse viés, é importante que o docente perceba a necessidade dos estudantes em terem contato com esse tipo de atividade envolvente, bem como os benefícios que agregam na formação dos leitores. Essa reflexão evoca, por vezes, a falta de letramento digital por parte de alguns docentes, os quais deixam de promover essa mediação da leitura com o jovem. Sem contar que muitos dos profissionais não são leitores. Petit (2008), declara que a transmissão do amor pela leitura se dá pela experimentação desse amor. No mesmo sentido Cavalcante (2018) expressa que o professor é aquele que se forma e forma. Ele ocupa um lugar maravilhoso nessa história, é causa, e consequência, partida e chegada. Para a autora, o docente reúne em si duas ações fundamentais: ele deve ser responsável por um processo de formação interior, posteriormente, de posse desse aperfeiçoamento, vai transformá-lo de maneira a ajudar o aprendente a se formar. Por sua vez, especula-se que quando o professor tiver contato com esse material digital e manuseá-lo, poderá motivar e direcionar seus estudantes para o uso. A ênfase no novo pode ser percebida pelas colocações de Lain:

O salto que a poesia digital dá é libertar as investigações estéticas das ferramentas da tradição literária, alavancando-as para um ambiente no qual a espacialização e a temporalidade são fluidas e as opções de criação se estendem até as capacidades de linguagem de cada programa, constantemente atualizados. (LAIN, 2013, p. 96)

A tarefa de se adaptar a um novo instrumento de leitura desarraigando-se de um anterior não é nada fácil, essencialmente para quem nasceu em uma sociedade que mantinha como exclusivo o suporte antecedente. Essa ocasião pode tornar-se mais simples para aqueles que estão imersos nas possibilidades de práticas leitoras nesse novo suporte desde que nasceram. Para eles esse novo suporte não os assusta, os velhos suportes é que causam estranhamento. (ARAÚJO, 2016)

Pensando especialmente nesses leitores com certo conhecimento eletrônico é que a recepção crítica desse tipo de texto é feita por meio de discussões do software usado, dos recursos de combinação e dos parâmetros utilizados na máquina para o resultado a que se chegou. Nesta direção, o texto torna-se um experimento *in progress*, um possível e contínuo rearranjo de letras, palavras e frases. Elas passam a disputar espaço – e comumente perdem com números e sinais gráficos. O uso desses sinais gráficos origina paisagens, conjuntos de texto que formam desenhos, perante os quais a leitura oscila entre a sequência de letras, os sons e a *landscape*, quase como uma plantação de sinais diacríticos ou um deserto pontuado de arbutos. O que pode ser elencado, conforme Antônio (2008), é a tendência a uma poesia generativa:

produzida através de programas geradores ou modificadores de texto, *parsers*, codificadores a partir de parâmetros arbitrários ou não. Os resultados desse processo têm uma tendência a serem proliferantes e mesmerizantes. Proliferantes porque as possibilidades de combinação – se aberta as variáveis para além da língua usada e mesmo na própria língua – tendem ao infinito. Mesmerizantes porque é difícil emitir juízos sobre uma produção cujo principal princípio construtivo é gerado a partir de um processo maquínico aleatório. Curiosamente, porém, como costuma se descrever a propósito de sistemas caóticos nas ciências, podem se tornar tão interessantes quanto a mais curiosa produção de escrita automática surrealista. (ANTÔNIO, 2008, p. 94).

Ademais, a poesia digital prescinde da página impressa. A par disso, Ferreira (2010) aborda que a referida poesia sai da fixidez que prepondera na espacialidade do papel e se abre em termos de linguagem, sugerindo traços importantes como a mobilidade, a multiplicidade, adaptabilidade, plasticidade, não linearidade, interatividade, entre outros. Para isso, explora-se texturas, grafismos, movimento e imersão. Ainda, segundo a autora, a poesia digital se diferencia das outras manifestações em poemas com que divide espaço pela sua sustentação em procedimentos de linguagem próprios do meio informático, não se tratando de uma mera utilização das ferramentas computacionais, mas de suas implicações no modo de ser do texto poético. Entretanto, Bergamini evidencia:

Podemos notar que esse tipo de poesia ainda é pouco praticado; temos um poeta português conhecido no Brasil, Pedro Barbosa e o brasileiro Alekmar Luiz dos Santos, que apostaram nessa nova tendência. Porém, ainda percebemos a resistência tanto ao fazer, quanto ao ler esse tipo de obra em meio eletrônico. (BERGAMINI, 2010, p. 87).

Em decorrência do comentário acima, complementa-se que há outras poesias fora da coletânea aqui em estudo, podendo-se citar que há vários poemas do músico e poeta Arnaldo Antunes, que promove um encontro entre música e literatura. Entre alguns seus poemas cita-se *Cultura*. Nesse poema há movimento, sons, mas não exige interação, já ao se observar o poema *Máquina* de Philadelpho Menezes percebe-se a interação, porém com um único caminho a ser seguido pelo leitor, percorrendo as teclas que piscam. Acrescenta-se que poemas com interação e em língua portuguesa, diferindo apenas o grau de interatividade podem ser encontrados nos seguintes endereços eletrônicos (páginas da internet fornecidas pelo autor Rui Torres):

Título	Autor	Ano de publicação	Localidade	Site
Amor-mundo, ou a vida, esse sonho triste	Rui Torres	2006	Portugal	https://telepoesis.net/amor-mundo
Mar de Sophia	Rui Torres	2004	Portugal	https://telepoesis.net/mardesophia
Scriptpoemas	Antero de Alda	2005	Portugal	https://www.anterodealda.com/scriptpoemas.htm
Machines of disquiet	Luís Lucas Pereira	2017	Portugal	http://mofd.dei.uc.pt/
Mathy (Poemário)	André Soer e Rui Torres	2015	Portugal	https://s373.net/x/mathx_poemario/
Hipopótamos	Rodrigo Melo	2006	Portugal	https://po-ex.net/taxonomia/materialidades/di

				gitaish/rodrigo-melo-hipopotamos-releitura-helder/
Fragments de uma experiência (Releitura)	Rodrigo Melo	2006	Portugal	https://po-ex.net/taxonomia/materialidades/digitais/rodrigo-melo-fragmentos-marques-releitura/
AlletSator-Ópera Quântica	Pedro Barbosa e Luís Carlos Petry	2007	Portugal	https://po-ex.net/taxonomia/materialidades/digitais/pedro-barbosa-luis-carlos-petry-alletsator-opera-quantica/

Ao se conectar com qualquer uma dessas poesias acima percebe-se justamente como as define Rui Torres (2017) “uma espécie de poesia-amor-leitura à procura do novo nos convoca”. Ainda, o autor afirma:

Passagens entre mundos, do conhecido ao desconhecido, da luz à treva. A rede aparece ao poeta digital com as suas portas fechadas. A poesia responde: «Abre-te, Sésamo!». procurando um novo alfabeto, um novo corpo-linguagem. Atravessar não é apagar, nem negar, a presença do meio, ou do acto de mediação: a poesia digital implica, pelo contrário, um acentuar da materialidade do suporte, articulando de um modo expressivo as várias linguagens que a constituem, afirmando o caminho. Essa é a expressividade última das linguagens em que se cruzam as imagens e as artes: o fascínio pela construção. (TORRES, 2017, p. 3-4)²⁵.

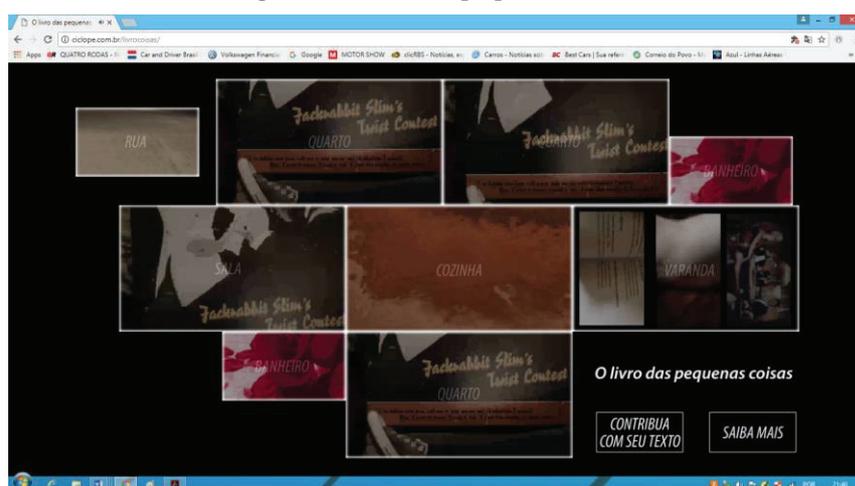
Esse mesmo autor cuja poesia está entre as análises presentes nesta tese, ao participar da entrevista proposta, considera que esse tipo de poesia permite atingir leitores jovens, interessados em interagir com experiências tecnológicas, mas que também prezem por poesia e literatura. Aqui, vê-se nitidamente que a interação não está somente na relação entre leitor e material digital, mas também na relação do leitor com a obra literária. Essa interação, proporcionada pelo uso dos poemas digitais, oportuniza a troca de experiências de acordo com as habilidades e interesses de cada um, por isso são espaços de afinidade voltados para a

²⁵ Texto preparado para a oralidade durante a Conferência (via Skype) “Poesia digital: um cruzamento de linguagens” do Seminário Internacional de Leitura, Literatura e Linguagens, 16ª Jornada Nacional de Literatura, Org. Universidade de Passo Fundo (UPF) – RS em 6 de outubro de 2017.

aprendizagem. Pode-se pensá-la como uma forma de otimização, já que os estudantes reagem positivamente para as descobertas.

No que tange a faixa de idade aqui, nesta pesquisa investida, qual seja, estudantes do segundo ano do Ensino Médio torna-se relevante adequar às condições da atividade de leitura a essa demanda, pois permanecer apenas com o impresso não é mais viável. Esse tipo de atividade funciona bem, quando se abre espaço para práticas de recriação. Se os estudantes não podem programar, há outras possibilidades como vídeo, pintura, desenho, colagem. Um exemplo a ser citado foi o trabalho coletivo durante a Oficina de criação poética digital desenvolvida no VI Simpósio Internacional de Literatura e Informática e VIII Simpósio Nacional de Literatura e Informática promovido pela UPF-Passo Fundo em 2016. Por meio dela, os participantes tiveram a oportunidade de integrarem o *Livro das pequenas*²⁶ coisas no site <http://ciclope.com.br/livrocoisas/>, utilizando-se de poemas curtos, produzindo vídeo e um toque final dos responsáveis da oficina, como a criação da trilha sonora e efeitos nas imagens. O espaço em que se propõe pensar essa poesia é uma planta de casa com alguns objetos dentro e os poemas criados têm relação com esses objetos. A relevância não só da inspiração, mas também do espaço, a ideia da materialidade. A composição dos fatores envolvidos na confecção desses poemas enriquece, o leitor além de visualizar o texto, participa e compõe. Segue abaixo a imagem desse espaço:

Figura 1: Livro das pequenas coisas

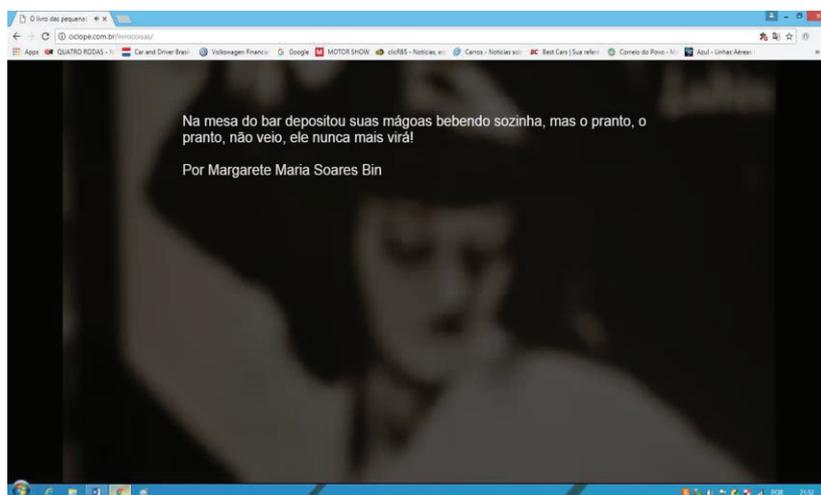


Fonte: <http://ciclope.com.br/livrocoisas/>, 2016

²⁶ Em 2020, tendo em vista o bloqueio aos softwares Flash e seus derivados livres na internet e nos apps obrigou a que muitas produções poéticas fossem retiradas da rede. *O livro das pequenas coisas* se inclui dentre essas produções. (cf. <https://www.ciclope.com.br/holocausto>, acesso em 01 de março de 2020.)

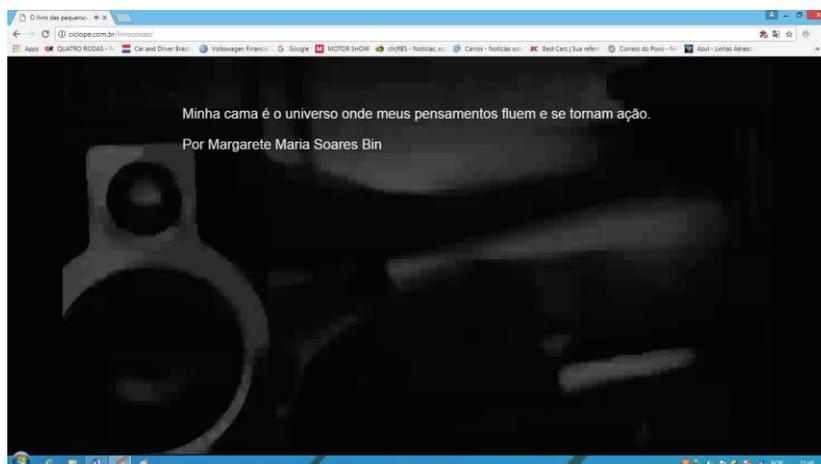
Interessante apontar que pessoas que não participaram desse evento de criação do *Livro das pequenas coisas*, também puderam ingressar e postar seus poemas. Pôde-se acompanhar o trabalho e perceber o envolvimento dos integrantes nessa atividade cativante. Abaixo, seguem algumas criações:

Figura 2: Livro das pequenas coisas



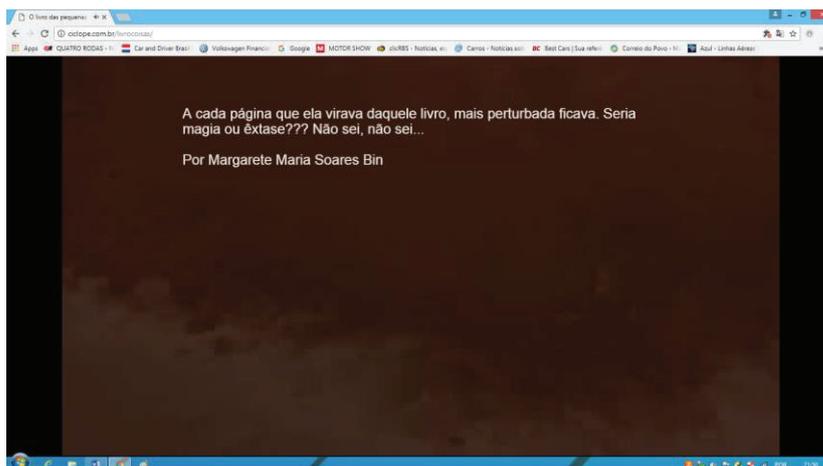
Fonte: <http://ciclope.com.br/livrocoisas/>, 2016

Figura 3: Livro das pequenas coisas



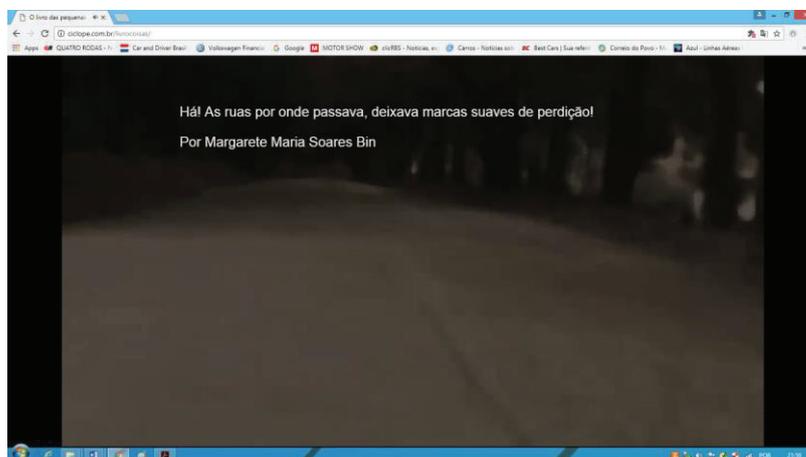
Fonte: <http://ciclope.com.br/livrocoisas/>, 2016

Figura 4 Livro das pequenas coisas



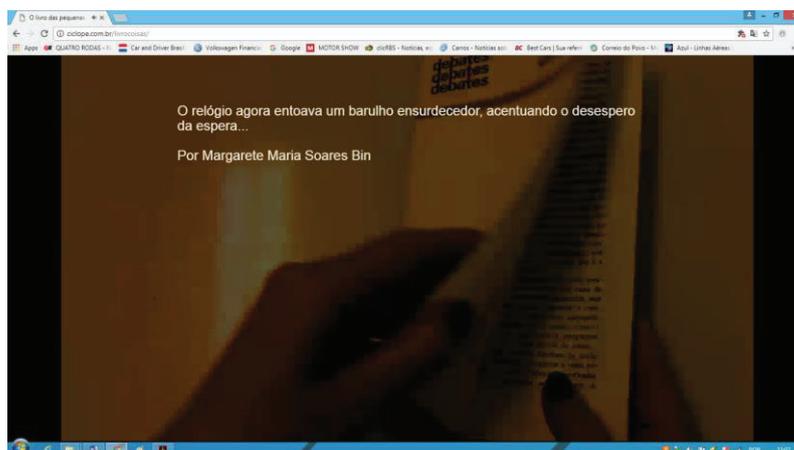
Fonte: <http://ciclope.com.br/livrocoisas/>, 2016

Figura 5: Livro das pequenas coisas



Fonte: <http://ciclope.com.br/livrocoisas/>, 2016

Figura 6: Livro das pequenas coisas



Fonte: <http://ciclope.com.br/livrocoisas/>, 2016

O que se constata é que quando se pensa em trabalhar com poesia eletrônica é porque acredita-se no retorno positivo que trará para os leitores, pois há precedentes de outras práticas que contemplaram o digital e se obteve o êxito.

A poesia eletrônica, em suas diferentes fases, é composta por uma linguagem tecno-artística-poética e é sob esse viés que ela pode ser lida e apreciada. É um tipo de poesia contemporânea, formada de palavras, formas gráficas, imagens, grafismos, sons, elementos esses animados ou não, na maior parte das vezes interativos, hipertextuais e/ou hipermediáticos, formatados pela linguagem de programação do (s) computador (es) e que constituem um texto eletrônico, um hipertexto e/ou uma hipermidia. Ela existe no espaço simbólico do computador (internet e rede), tendo como forma de comunicação poética os meios eletrônico-digitais que se vinculam a esses componentes. (ANTÔNIO, 2008, p. 5).

Em virtude das colocações elencadas pode-se sintetizar que as poesias eletrônicas, principalmente as que estão presentes na *Electronic Literature Collection*, sob a curadoria de Katherine Hayles, às quais são o fio condutor deste trabalho, envolvem todos os sentidos no ato da leitura – dependendo do poema e do leitor, alguns sentidos terão maior relevância- fazendo com que o usuário se sinta imerso diante da tela. Sem mais delongas, destaca-se que a utilização das poesias eletrônicas potencializa uma experiência diferente de leitura, na qual é natural misturar as variadas modalidades que pertencem as três matrizes da linguagem e pensamento. No ambiente descrito, as imagens, as palavras e o som formam o texto, podendo haver o predomínio de um deles; mas o significado será determinado pelo conjunto desses elementos nessa intrincada rede de nós, pois como observa Yunes (2009, p. 71) somos vários leitores em um só, que temos modos de ler que variam do “solitário” ao “solidário”.

“É nesse fluxo vivo e grupal que leitores e escritores da era digital constroem as suas deslizantes subjetividades em meio aos contínuos lidos e relidos, escritos e reescritos” (COUTO, 2016, p. 44). Essa riqueza de leituras e escritas exigem letramentos múltiplos, com outras dimensões, em rede, com diferentes tipos de conexões. “Nenhuma rota é dada ou definida. Tudo é busca, aventura e construção” (COUTO, 2016, p. 53). Tal constatação aproxima-se de Witte (2008):

Somente na tela do computador é que as palavras perdem sua consistência, mostram-se como “um turbilhão de letras cambiantes, coloridas e flutuantes”. Somente aqui, onde não permitem mais que nenhum fruto da árvore do conhecimento amadureça, é que elas exibem toda a sua agressividade e voracidade, que é sugerida pela imagem da nuvem de gafanhotos. (WITTE, 2008, p. 294).

Portanto, seja através de trabalho artísticos que utilizam avatares e que fomentam uma espécie de duplicação do sujeito, seja por meio de criações compartilhadas em rede, o sujeito

traspassado pela interface, ou o sujeito interfacetado é um sujeito intimado a redefinir-se continuamente: um sujeito em trânsito, o constante vir a ser, onde a relação entre o Eu e o Nós é colocada o tempo todo à prova. (ANTÔNIO, 2008, p. 336). Essa ligação permite dizer que a prática de leitura em rede pode ser o elo entre o sujeito e o mundo, proporcionando laços de identificação não só com o conteúdo como também pelos artefatos digitais que estão espalhados na sociedade. Pautados pelos sentidos e pelas mudanças que ocorrem, os poemas digitais tornam-se a ponte para formar leitores nos meios educacionais.

6.2 Um recorte sobre leituras e tecnogênese em Hayles

Primeiramente é primordial dizer que tecnogênese corresponde a ideia de que os humanos e as técnicas co-evoluíram juntos. Nesse patamar, a leitura evidentemente não pode ficar de fora. Hayles (2012) faz uma interessante abordagem sobre leitura e humanidade. Além da leitura atenta e da leitura distante que já fazem parte do meio acadêmico há a hiperleitura, isto é, a leitura associada com máquinas. Como o próprio prefixo *hiper* sugere, hipertexto, excesso. Caracteriza-se como hiperleitura quando, em um ambiente de informação intensiva, identifica-se rapidamente as que são relevantes de forma que poucos trechos do texto sejam realmente lidos. Inclui leitura superficial, digitalização e fragmentação. Relaciona-se com hiperatenção, com limiar baixo para o tédio. Já a leitura de perto se relaciona à atenção profunda. Um único fluxo de informações. Focaliza em um único objeto cultural e alta tolerância ao tédio.

No dizer de James Sosnoski (1999, p. 167) a hiperleitura é a “leitura assistida por computador, orientada por leitor, baseada em telas”. Como exemplo poderiam ser citadas as consultas de pesquisa (*google*), filtragem por palavras-chave e fragmentação. Hayles (2012) acrescenta justaposições, o caso de várias janelas abertas que possibilitam a leitura de vários textos e a varredura, como quando se lê rapidamente em um blog para identificar itens de interesse. Tal como é descrito pela autora, a leitura deveria ser ampliada com atenção para hiperleitura. (HAYLES, 2012, p. 21). Alastrando o repertório por incluir a leitura nas máquinas, oferece uma solução potente para a crise nacional da leitura que muitas pesquisas detectam.

Enquanto os estudos literários continuam a ensinar leitura atenta aos alunos, estes não se saem tão bem em explorar a tendência para o digital. A literatura não pode direcionar-se apenas para o leitor contemplativo, conforme denominado por Santaella. Esse perfil é necessário, mas deve-se lembrar que ele se agrega aos demais. É preciso lembrar do leitor

dinâmico, de mistura sígnicas. Além do mais, os estudantes leem incansavelmente em mídia digital e escrevem nela também, mas raramente são estimulados a fazê-lo em aulas de literatura ou em ambientes que incentivam a transferência de habilidades de leitura impressa para o digital e vice-versa. É o perfil do terceiro tipo de leitor, vinculado à virtualidade. Assim, o impresso e digital, caminham lado a lado, mas as mensagens de cada um não saltam para o outro lado (HAYLES, 2012). Para a referida autora “a evidência está aumentando: as pessoas em geral, e os jovens em particular, estão fazendo mais leitura de tela de materiais digitais do que nunca” (2012, p. 55). Em ambientes digitais, a hiperleitura tornou-se uma necessidade. A mídia digital está afetando as práticas em que os alunos estão envolvidos, com atenção às implicações dessas mudanças para a pedagogia. Não é de se admirar que a tela parece interpelar o leitor para que acesse várias coisas ao mesmo tempo e a poesia digital, por vezes, remete a isso. O estudante pode desejar clicar em todas as opções ao mesmo tempo, na ansiedade de ler com rapidez e curiosidade com o que está por vir já que, de certo modo, uma parte do poder do autor (ou sua autoridade) é transferida para o leitor. Esse desejo pela interação, leva a crer que assim como é disponibilizado ao leitor o conhecimento, pode-se levá-lo à leitura superficial caso não se destine a ele um acompanhamento da atividade e se preocupe com um leitor ativo.

Estudos recentes indicam que a hiperleitura não requer apenas diferentes estratégias de leitura do que a leitura atenta, mas consideravelmente pode estar envolvido com mudanças na arquitetura do cérebro que torna a leitura atenta mais difícil de alcançar. Nicholas Carr, em *The Shallows* (2010), se preocupa que a hiperleitura leve a mudanças na função cerebral que dificultam a concentração, deixando as pessoas em constante distração, na qual nenhum problema pode ser explorado por muito tempo antes que a necessidade de estimulação contínua se manifeste. O mesmo sentido ecoa com Coscarelli (1996), ao questionar se o excesso de estímulo não distrairia o leitor para elementos diferentes do texto e se há comprovadamente rapidez ao proceder a leitura nesse local, embora a autora considere o entendimento de que a leitura no computador traga bons resultados quando se trata de adquirir informações novas. Nessa mesma linha crítica, Marcuschi (2001) destaca a necessidade do leitor nesse ambiente saber lidar com informações fragmentadas, inclusive, pode acontecer de o leitor esquecer o propósito inicial de sua leitura e há uma grande probabilidade dele se perder em razão da velocidade de acesso aos informes em comparação ao impresso (LÉVY, 1993). Diante da pressão cognitiva a que um leitor de hipertexto está sujeito, Marcuschi (2001) denomina de stress cognitivo. Por conseguinte, o trabalho aplicado em sala de aula precisa ser bem preparado, para que o leitor navegue nesse espaço sem se dispersar. O professor precisa pensar no estudante iniciante da literatura eletrônica que, justamente por estar ambientado com o

universo eletrônico, quando exposto ao contato com atividades tecnológicas em sala de aula, pode refletir os mesmos atos corriqueiros da leitura volátil a que está sujeito. Hayles (2012) comenta sobre as formas distraídas de leitura, em que pequenas ações habituais como clicar e navegar aumentam a carga cognitiva e, mais penetrantemente, a enorme quantidade de material a ser lido, levando a o desejo de roçar tudo porque há muito material para prestar atenção e por muito tempo.

Frente as colocações compartilhadas, observa-se que há pesquisadores que veem o hipertexto e a leitura na web como desfavoráveis para a compreensão do mesmo. Carr cita a memória do trabalho (conteúdo da consciência). O material é mantido na memória de trabalho por apenas alguns minutos e a capacidade de memória de trabalho é severamente limitada.

Para retenção de assuntos mais complexos, o conteúdo da memória de trabalho deve ser transferido para a memória de longo prazo, de preferência com repetições para facilitar a integração do novo material com os esquemas de conhecimento existentes. As pequenas distrações envolvidas com hipertexto e leitura na Web - clicando em links, navegando em uma página, rolando para baixo ou para cima e assim por diante - aumenta a carga cognitiva na memória de trabalho e, assim, reduz a quantidade de material novo que ela pode conter. Com a leitura linear, pelo contrário, a carga cognitiva é mínima, precisamente porque os movimentos oculares são mais rotineiros e menos decisões precisam ser feitas sobre como ler o material e em que ordem. Conseqüentemente a transferência para a memória de longo prazo acontece com mais eficiência, especialmente quando os leitores relêem as passagens e fazem uma pausa para refletir sobre elas à medida que avançam. (CARR, 2010, p. 129).

Entretanto, DeStefano e LeFevre (2007) afirmam, por exemplo, que “pode haver casos em que o enriquecimento ou a complexidade da experiência de hipertexto é mais desejável do que maximizar a compreensão e facilitar a navegação”, comentando que isso pode ser especialmente verdadeiro para os alunos que já leem bem. Em complemento ao exposto, Hayles (2012) afirma ouvir com frequência, da parte dos docentes, queixas dizendo que os estudantes não leem livros longos, por causa disso os educadores atribuem histórias curtas, capítulos e trechos. Em contrapartida, uma mudança nos modos cognitivos está acontecendo, da atenção profunda à característica de hiperatividade. Essa mudança nos modos cognitivos é mais visível quanto mais jovem for a faixa etária.

Para o delineamento do contexto, a autora diferencia a atenção profunda da hiperatenção. Para ela, cada uma tem vantagens distintas. Enquanto aquela é essencial para lidar com fenômenos como teoremas matemáticos, trabalhos literários desafiadores e composições musicais complexas, esta, é útil por sua flexibilidade na alternância entre diferentes fluxos de informação, sua rápida compreensão da essência do material, e sua capacidade de se mover rapidamente entre diferentes tipos de textos.

Hayles partilha da ideia que a leitura bem-sucedida de uma obra literária tradicional requer a mobilização de estratégias de leitura que preconizam a atenção profunda (leitura profunda), já a leitura de textos em hipermídia necessita estratégias que priorizam a construção de associações efetuadas segundo um fluxo muito veloz de informação (hipermídia). Como os ambientes contemporâneos tornam-se mais intensivos, não é surpresa que a hiperatividade (e sua leitura associada à hiperleitura) está crescendo e essa atenção profunda (e sua correlação associada à leitura atenta) está diminuindo, particularmente entre jovens adultos e adolescentes. Nesse viés, a autora arrisca dizer que o problema não está em hiperatividade e hiperleitura como tal, mas nos desafios que a situação apresenta para pais e educadores a fim de garantir que a atenção profunda e leitura atenta continuem a ser componentes vibrantes de nossas culturas de leitura e interajam sinergicamente com o tipo de web e hiperleitura em que nossos jovens estão cada vez mais imersos. Oren Etzioni, Michele Banko e Michael J. Cafarella (2006), definem a leitura da máquina como “a compreensão automática e não supervisionada do texto”. Complementando, afirmam:

By ‘understanding text’ I mean the formation of a coherent set of beliefs based on a textual corpus and a background theory. Because the text and the background theory may be inconsistent, it is natural to express the resultant beliefs, and the reasoning process in probabilistic terms. (Etzioni et al. 2006:1).²⁷

Culler (2010), enfatiza que a leitura atenta é admirável (também típica dos estudos literários), e que a leitura na máquina é um exercício mecânico desprovido de criatividade, *insight* ou o valor literário. Com a mesma linha de pensamento une-se John Guillory, que mesmo reconhecendo que a leitura da máquina é uma “prótese útil” para a habilidade cognitiva de varredura, afirma que “há lacuna no conhecimento cognitivo. O nível entre a pesquisa de palavras-chave e a interpretação é, imensurável ”(2008, p. 13). Esse aspecto também é comentado por Hayles, a autora se manifesta dizendo que a hiperleitura pode interferir na capacidade de concentração e a atenção profunda do leitor, porém não concorda com Carr quanto a sua conclusão de que há apenas perdas com a hiperleitura. Essa constatação deve-se ao fato das transformações epigenéticas do cérebro, às quais são motivadas pelo desenvolvimento de inovações tanto na escrita quanto na leitura na web. Isso significa que “tanto a atenção profunda quanto a hiperatenção possuem suas vantagens próprias” conforme vislumbradas anteriormente (Hayles, 2012, p. 69). A referida autora reconhece que as

²⁷ Por texto de compreensão quero dizer a formação de um conjunto coerente de crenças baseadas em um corpo textual e uma teoria de fundo. Como o texto e a teoria de fundo podem ser inconsistentes, é natural expressar as crenças resultantes e o processo de raciocínio em termos probabilísticos”(Etzioni et al. 2006, p. 1).

estratégias de hiperleitura e as de leitura profunda precisam ser mobilizadas por qualquer leitor competente de literatura digital. Não se pode isolar a leitura humana em uma redoma e a leitura da máquina em outra, desprezando a coesão entre elas. Em vista desses equívocos, a recapitulação explícita do valor da leitura da máquina é útil. A leitura de máquinas tem a enorme vantagem de nunca dormir, nunca se distrair por outras tarefas. Por último, chama a atenção a existência de um terceiro tipo de leitura, apontado por Hayles: a leitura computacional ou mecânica, referindo-se à leitura realizada por algoritmos computacionais que examinam padrões em conjuntos de textos tão grandes que se tornam inconcebíveis de serem analisados por seres humanos. O tipo de leitura realizada por um computador pode abarcar desde algoritmos simples, designados a contar as palavras mais frequentes de textos, até programas mais complicados, capacitados para identificar estruturas complexas, comparar enunciados, num processo de apreensão de leituras anteriores.

A julgar pelo que foi escrito, tentou-se disponibilizar um panorama da leitura profunda (suporte impresso) e hiperleitura (suporte digital), e especialmente destaca-se esta última diante das práticas da cultura digital. Assim pensando, os poemas aqui analisados promovem essa reflexão, tendo em vista esta capacidade de estar aqui e lá, o estudante enquanto leitor pode se jogar, permitindo ler esteticamente um poema digital. É importante complementar que é possível identificar algumas características específicas desse perfil de leitor no mundo digital de acordo com Santaella (2004). Há o leitor errante, considerado o iniciante, aventureiro a transitar o espaço sem ter claro o que deseja percorrer, a navegação é mais importante do que a chegada a um ponto definido. Não temem o erro e vão tentando adivinhar suas ações. Quando há resultados positivos de suas ações, tornam-se leitores detetives. Quanto a esse perfil, são vistos como leigos, os quais aprendem com os percalços, examinam com cuidado, investigando. O outro tipo de leitor é o previdente, mostra-se um entendedor que consegue prever as consequências. Provavelmente também seja proficiente em textos impressos dada a sua característica de raciocínio rápido. Diante desses três tipos, a autora acredita que o hiperleitor é aquele que agrega qualidades dos três perfis. Assim, a leitura irá se configurando, percebendo-se que:

Ler um texto hipermídia significa estar conectado. Todo receptor de hipermídia reveste-se do internauta, a persona que navega: olhos na tela, dedos no mouse e no teclado, todos os sentidos convergindo para a hiperpercepção – visão, audição, fala e tato. É o hiperleitor, termo que eu considero apropriado para o receptor de hipermídia, aquele que pratica a hiperleitura, palavras que ainda não são usuais – muitos críticos preferem o termo “leitor de hipertexto”. E é assim que o hiperleitor lê: assistindo, escutando, falando e Tateando. Esse receptor da era cibernética, no entanto, carrega consigo tais atributos e formas de receber mesmo longe da máquina, pois o

ciberespaço irradia-se além do hardware, influenciando nossa maneira de perceber e interpretar o mundo – e todos os seus textos. (DOMINGOS, 2015, p. 152-153).

Na linha dessas reflexões, merecem consideração os tipos de leitura, cada uma apresenta suas especificidades, mas aqui, no que concerne a esta tese, voltada para a leitura e tecnologia, resta dizer que o leitor que se move nesse ambiente poético digital é realmente um hiperleitor, como dito acima por Domingos, em que o próprio prefixo reforça o sentido de algo mais que um simples leitor, ele é *hiper*: navega, conduz, comenta, altera e decide o processo de leitura. Esses componentes não necessitam necessariamente estarem presentes juntos num mesmo poema, mesmo que apenas algumas dessas possibilidades sejam ofertadas, já bastam para a hiperleitura se fazer presente.

6.3 A estética das redes-vozes poéticas que por aqui se cruzam

A intenção desta etapa está em apresentar os autores, seus posicionamentos em relação ao tema discutido e com isso complementar o que já foi apresentado na base teórica bem como colaborar com as análises das práticas discentes. A abordagem dos autores, que são os criadores diretos desse processo digital, traz informações pertinentes ao envolvimento na produção dos projetos digitais, apresenta como acontece a confecção dos poemas, as intenções ao se produzir os textos, as ferramentas utilizadas, o ponto de vista sobre os temas alvos: leitor, poesia e tecnologia, registrando como veem as pesquisas nessa área, a postura da escola e a aprendizagem por meio digital.

Vale lembrar que esta pesquisa está dividida em três grandes partes. Há uma base bibliográfica, da qual se estabelecem fundamentos para as posteriores elaborações. Tais partes que se apresentam subsequentemente à teoria tratam com tipos distintos de sujeitos, na poesia eletrônica, gênero central desta pesquisa direta e provocativamente associados: escritor e leitor.

No que se refere aos escritores foi elaborado um questionário, como já referido, sendo os autores Alckmar Luiz dos Santos (poema *Liberdade*), Antônio Abernú (poema *Água, um conto digital*), Pedro Barbosa (poema *Cyberliterature*) e Rui Torres (poema *Amor de Clarice*). Apenas Santos é brasileiro, os demais são portugueses. Para o autor Rui Torres, em razão de já estar disponível uma versão atualizada do *Amor de Clarice*, versão esta que aprimora o poema, acrescentou-se mais uma questão e ao autor Santos foram acrescentadas mais 7 questões, contando com a colaboração do segundo grupo de sujeitos, estudantes do segundo ano de ensino médio, os quais tiveram a curiosidade em saber mais detalhes desse poema e esse grupo terá tratamento no capítulo 7, ao se apresentar as atividades propostas e o envolvimento

para a realização delas. Para colher as informações, devido à distância entre pesquisadora e entrevistados, utilizou-se de Facebook, e-mail e WhatsApp.

É preciso lembrar que a entrevista ocorreu entre os meses de agosto e setembro de 2018. O questionário, como já dito, tinha como objetivo obter um olhar de quem organizou o material, isto é, o responsável imediato da confecção do poema. Foi formatado em questões tipo de fonte Times, tamanho 12, na quantidade de 17 perguntas comum a todos os autores e específicas aos autores apontados acima. As perguntas abertas têm como característica dar maior liberdade ao respondente, o que, em termos desta pesquisa, possibilitava trazer maiores informações e de forma espontânea ao tema. Pode-se dizer que o questionário se dividia em quatro partes, sendo que nas questões iniciais (1 a 7) focalizou-se na formação de leitores com o uso da tecnologia. Nas questões 8 a 10 direcionou-se às perguntas para o processo de criação. Nas questões 11 e 12 centralizou-se na Organização de literatura eletrônica. Por último, nas questões 13 a 17, direcionou-se a pontos subjetivos de cada autor com a sua criação específica. As respostas, aqui estabelecidas e comentadas, serão base para as considerações analíticas, associadas aos conceitos estabelecidos nos capítulos anteriores.

Foi um trabalho gratificante, pois aproximou a pesquisadora dos autores a fim de atender especificamente esta tese, sendo que normalmente, em uma pesquisa, as informações que se deseja são averiguadas nas publicações que se oferecem e podem não atender as particularidades de cada trabalho.

Registra-se que na primeira questão, foi perguntado sobre a relação entre a literatura e a tecnologia. As respostas foram diferentes, mas elas se complementam. A pergunta foi: Como você vê a relação entre literatura e tecnologia?

Santos percebe essa relação como algo que deve ser encarado de forma tranquila, salienta que o que observa é a existência de tecnofobia. Além disso, as pessoas demonizam as tecnologias novas e fazem de conta que as antigas não são tecnologias, quanto a esse posicionamento ele critica. Diante das colocações do autor, o que se percebe é o baixo retorno ainda das produções digitais na educação, quem realmente precisa estar engajado, que são os estudantes, desconhecem esse gênero em formato eletrônico. Como se verá nos questionários com os estudantes, para eles poesia é algo impresso e desmotivador e tecnologia é aquilo que fazem no seu dia a dia, fora da escola.

Os estudantes não conseguem associar aprendizado com uso de equipamentos digitais, por que a escola não oferece essa possibilidade. Porém, ao terem a oportunidade, sentiram o quanto gostariam que os professores proporcionassem esse contato com o digital. Entretanto, como algumas vezes já se expôs nesta tese, o profissional na maioria das vezes encontra-se

vinculado à educação do passado, muitas vezes pelo receio ao novo, outras vezes porque falta estrutura na escola para um trabalho mais elaborado, não se investe em capacitações aos docentes e maior entendimento pela sociedade de que a tecnologia precisa estar na escola. Contudo, não pode ser um faz de conta, os estudantes manusearem computadores sem ter um direcionamento, apenas para cumprir um dever, sem um projeto alcançável, simples e bem delineado.

Para Antônio Abernú literatura e tecnologia estão associadas, pois para escrever é necessário utilizar uma tecnologia. Em se tratando de literatura eletrônica percebe um grande potencial no nível de propagação dos trabalhos no campo dos conhecimentos que se abrem. “Este tipo de literatura, cria novos universos do próprio universo da obra, muitas das vezes, universos em aberto, não fechados, que podem levar o user a criar outros a partir dele.” Não há limites para a criatividade e o conhecimento.

É a leitura infinita encontrada mais adiante durante a análise do poema *Cyberliterature* de Pedro Barbosa. Com o hipertexto, o leitor vai acessando os links, hiperlinks, numa sucessão de movimentos que o conduzem para outros textos. É uma articulação que desafia o leitor a saber estar de frente à tela, ele precisa aprender a direcionar suas leituras. Quando se pensa em poemas digitais, há uma diferença de escolha, pois aqui há possibilidades de interação, estratégia dos passos a seguir, a estética envolvente remete naturalmente ao conhecimento pelo prazer, o lúdico. Já quando se pensa em uma pesquisa, é comum o leitor perder-se pelos caminhos, já que dispõe de uma literatura self-service nas palavras de Xavier (2010), assim, pode desviar-se do que realmente necessita.

Torres inicia sua resposta conceituando a literatura como arte da linguagem e esta associada à tecnologia. “A literatura é arte da tecnologia feita linguagem”. O autor acrescenta que “a ciberliteratura oferece auto-reflexividade estética e tecnológica, é um ato de resistência, uma categoria textual de escrita que se apropria da tecnologia - e que não emprega apenas formas de expressão existentes”. O que se percebe é a ênfase do autor nas produções das novas textualidades poéticas. Seu poema *Amor de Clarice* é um exemplo dessa textualidade em que representa as emoções pelo uso da máquina, permitindo ao leitor interagir nesse universo tão íntimo, mas ao mesmo tempo tão presente no mundo corriqueiro, em que as pessoas vão se enclausurando nos seus afazeres e se esquecem de que ainda são humanos, quando se dão conta a bomba explode. Cada palavra no poema do autor é como se representasse a própria personagem, que saiu do conto e está ali na tela personalizada nesta intertextualidade.

Dando sequência a apresentação das questões presentes na entrevista, na segunda pergunta focou-se no trabalho digital produzido por eles, questionando sobre o que os levou a

desenvolver esse tipo de poesia. As respostas são diferentes, cada um dos autores tem a sua história. Santos foi movido por curiosidade, é um dos precursores na área, como se pode perceber.

Eu já vinha mexendo com computador e quando voltei aqui do Doutorado na França em 93/94, estava começando a internet com integração visual, com a interação visual na página, os navegadores saindo do Mosaic, chegando o nest caip, aqueles outros, eu fiquei me perguntando por que não fazer criação digital com isso, o que pode acontecer.²⁸

Como foi apresentado em seu curriculum (subcapítulo 4.1), o autor alia as experiências de engenharia com sua formação literária. Suas pesquisas se desenvolvem nessa área de literatura e informática. Para o autor (2008) nas funções de poeta e programador pode-se chegar a um denominador comum, em que ambas as funções se caracterizam por sobrepor uma linguagem a outra. Alckmar atua em parceria com outros autores e já possui vários trabalhos de criação digital.

Abernú informa que o contato com essa forma de poesia se deu em decurso de um seminário de E-Textualidade com o Rui Torres. A obra de Abernú é desenvolvida em vídeo e nela o autor participa, atuando nesse espetáculo.

Quanto ao Rui Torres, registra-se fielmente suas palavras dadas na resposta:

O conhecimento e enamoramento pela poesia enquanto máquina textual: barroca (labirintos), concreta-visual-sonora (expansões do texto, integração de linguagens, intersemiose), a experimentação com a linguagem e a utilização do computador como ferramenta de complexidade, criatividade, semiose. Vontade de desautomatizar as tecnologias digitais. Sempre me interessei por artes de vanguarda, ou artes que se jogam nos limites: os meus trabalhos estão conscientes da processualidade da escrita, eles têm uma incompletude e abertura intencional. A escrita aparece aqui como um mecanismo de libertação da imaginação.

O autor não para de criar, ora está em congressos, ora publicando artigos, ora sendo utilizados seus materiais para análises de pós-graduandos. Ao enviar seus últimos poemas a esta pesquisadora, o autor classifica-os como virtualmente infinitos e sempre diferentes, com som variável. Pode-se exemplificar com o poema *Árvore*, ideado pelo próprio ciberalista Rui Torres. As palavras brotam na tela diante dos olhos do leitor e vão sofrendo alterações, aparecendo para cima ou para baixo dos versos já escritos e estáticos na tela, tal qual a árvore que aparece e some na tela de fundo, reconstituindo-se em diferentes formatos. Enquanto se

²⁸ Os testemunhos dados pelos autores em resposta ao questionário estarão na forma de citação, mas em itálico para diferenciar das partes teóricas.

processa o poema na tela, os leitores são acometidos por diversos sons da natureza. Letras após letras vão formando os poemas.

Nota-se que há uma paixão por poesia, pelo processo de criação e é disso que se origina a criatividade na elaboração dos trabalhos. O autor (em sentido amplo) se adequou à tecnologia para a comunicação poética, proporcionando uma dinâmica diferente ao gênero. Como já apresentado no capítulo *A importância da poesia*, Pignatari envolve-se pelas palavras de Peirce ao dizer que “o poeta faz linguagem fazendo poema. Está sempre criando (...) ele trabalha as raízes da linguagem”. Certamente, explicar este grau de interação que acontece ao estar diante de um poema é mais dificultoso do que a ação propriamente dita, por isso, espera-se que o meio acadêmico de posse dessas informações aqui lançadas, não se contente apenas em ficar informado sobre as poéticas digitais e seus autores, mas que realmente proceda esse percurso de leitura, acessando a coleção de literatura eletrônica.

O poeta faz linguagem para generalizar e regenerar sentimentos, diz Charles Peirce. (...) O poema é um ser de linguagem. O poeta faz linguagem, fazendo o poema. Vale dizer: Está sempre criando o mundo (...) ele trabalha as raízes da linguagem. Com isso o mundo da linguagem e a linguagem do mundo ganham troncos, ramos, flores e frutos. (PIGNATARI, 2004, p. 10,11).

Parte-se para a terceira questão, na qual foi perguntado como percebem a recepção desse material. Examinando as respostas, vê-se que os autores identificam como positiva. Porém, Abernú ressalta que é um universo ainda um pouco desconhecido, o que gera desconfiança pela obra. Quando incluiu o trabalho da poesia digital no próprio espetáculo de teatro a aceitação foi boa, acredita que esse resultado se deve ao fato de que este trabalho não estava isolado e sim enquadrado no espetáculo. Eis a razão do autor preferir que nesta tese se apresentasse a poesia no espetáculo, isto é, que se passasse no telão a peça teatral aos estudantes assim como o próprio autor tem feito para divulgar o material. Essa poesia conta a dinamicidade do autor atuando em cenas de teatro e o contato do leitor é com a imagem real, para aqueles que conseguem presenciar o evento ao vivo ou aqui no caso dos leitores em análise pela tela, numa espécie de auditório de cinema. Antecipa-se aqui a falta de um espaço maior na escola, um centro de eventos, um auditório, em razão disso o telão teve que ficar restrito ao ambiente de sala de aula e com áudio precário.

Quanto a Santos, este percebe a recepção voltada apenas para especialistas desse material. Tal informação valoriza este trabalho de tese aqui realizado, pois oferece aos estudantes de ensino médio de uma escola pública, o contato e manuseio com as poéticas digitais, ou seja, um público não especializado. Outrossim, ressalta-se que quando se pesquisou

para esta tese, observou-se que a maioria dos pesquisadores estão ligados à Pós-graduação ou já são autores dessas poéticas. Está se engatinhando essa forma de leitura. Mas o que há de espanto nisso? A leitura ainda não está no patamar desejado, a informática encontra-se distanciada das escolas, a internet é, para muitas instituições, um sonho de consumo. Retoma-se Castells (2016), para o autor a cultura digital está distante das escolas. Nesse direcionamento, Valente (1993) vê o protagonismo do docente nesta mediação, como criador do ambiente de aprendizagem.

Espera-se que continuem existindo autores engajados com projetos literários digitais e quem sabe, mesmo que aos poucos, possa se disseminar em maior proporção essa leitura que intensifica o estar lá, imerso no ambiente. Com relação a essa propagação, Rui Torres enfatiza que os contatos acarretam a divulgação do seu material, como teses, e-mails, *post* no seu blog.

Na sequência questionou-se, na pergunta número quatro, se nos Congressos em que participam, os professores ficam interessados em acessar o material e desenvolver atividades em sala de aula. Rui Torres diz ter havido interesse especialmente nos últimos anos. Alckmar também concorda que há um pequeno aumento, mas disse que desconhece escolas que usaram criação poética no ensino médio e em graduação de Letras.

Provavelmente, esse interesse parte dos docentes de ensino superior ou ensino médio, envolvidos com pesquisas. Quando os docentes estão engajados em atividades que promovam o aprendizado sentem-se motivados ao que é novo, a experimentar novas práticas ou a divulgá-las. Há muitos profissionais que independentes do tempo de serviço em uma escola, estão dispostos a aprender, porém há uma grande parcela que prefere o mais fácil, o já sabido, atividades que se sentem seguros, pois com tecnologia o estudante ensina muito e nem sempre o professor quer colocar-se no patamar de aprendiz. Reitera-se que a velha ossamenta referida por Langer (2005) está em conflito com a nova ossamenta, à qual tem como inquietação auxiliar os estudantes a buscarem e alcançarem suas respostas, explorando o novo com qualidade. Para isso é necessário conhecer e oportunizar o novo.

A questão cinco é complemento da anterior, nela foi indagado em caso de ser afirmativo, se é possível delimitar o perfil de estudantes que têm mais acesso a esse material. Alckmar e Rui foram unânimes na resposta. Para eles está mais presente nos Cursos de Pós-Graduação. Os dois são da mesma opinião acreditando que seriam aqueles que tem familiaridade com a área de criação digital, programação, estudo dos média, vídeo-jogo.

Sendo assim, os jovens encontram-se mais adequados ao perfil descrito, pois são eles que estão na faixa dos que cresceram com produtos digitais, gostam da tecnologia e a manuseiam sem medo. Essa familiaridade descrita pelos autores, também pressupõe sujeitos

que gostem de tecnologia e apreciem formas inovadoras de leitura, o que pode acontecer entre um ou outro pertencente às gerações mais velhas e voltados à educação.

Na questão seis interpelou-se sobre o fato de se trabalhar com poesias eletrônicas, se essa prática pode formar leitores e em caso afirmativo, de que forma. Os três autores concordam que trabalhar com poesia eletrônica pode formar leitores. Segundo Alckmar, para que isso aconteça irá depender das estratégias utilizadas na criação. O autor complementa “estamos tentando formar leitores, embora eu não saiba o tipo específico dele”.

Abernú acredita que essa formação acontece quando o interesse das pessoas vai além, ou seja, fazendo com que pesquisem as ligações das obras bem como seus autores. Entretanto, complementa-se aqui, que nem todos que conhecem as obras têm interesse de pesquisar os autores, isso acontece particularmente quando se envolve numa pesquisa como esta da tese.

Rui, coloca como fundamental na ciberpoesia:

a sua adequação aos novos meios, mesmo que de uma forma crítica, permite atingir leitores jovens que estão interessados em interagir com videogames, experiências lúdicas intermediais, imersivas, etc., mas que também se interessam por poesia, texto, literatura.

Quem se interessa por poesia, quando entra em contato com poemas digitais, poderá perceber que esse ambiente lhe oferece um sabor diferente a uma marca que já é conhecida. Porém, o mais difícil é fazer o docente entender que o que se faz na tela é poesia e que usar em sala de aula deve ser uma das pautas do seu planejamento, desde que a escola tenha estrutura para isso. Entretanto, caso não tiver, pode-se ousar na criatividade, levá-los a uma LAN house (se ainda existirem), usufrui de celular com finalidade pedagógica em sala de aula, se nela houver alguns estudantes com o equipamento, o qual pode ser habilitado pela internet, os estudantes podem trabalhar em dupla com o aparelho, vão gostar muito da ideia. Ainda, o docente, se for proprietário de um *not*, poderá exibir a poesia aos estudantes no telão e quem sabe permitir que tenham acesso/manuseio para entender como funciona. Com tal dinâmica, é possível que eles se interessem e queiram executar a atividade fora da sala de aula. O fato de o professor oferecer pelo *not* é como última opção, pois não é a mesma coisa que terem o controle de acesso com maior liberdade e mais tempo para manusear.

Na sequência, pediu-se para citarem os países que divulgaram seus poemas. Alckmar citou Brasil, Portugal, França, Espanha, um pouquinho nos Estados Unidos e Itália. Abernú relatou Portugal, Espanha e Inglaterra e como a obra está online, acredita que tenha chegado a mais países, como o Brasil por exemplo. Rui Torres mencionou Alemanha, Brasil, Canadá, China, Espanha, Estados Unidos da América, França, Índia, Itália, México, Noruega e Portugal.

Como se percebe a poesia digital está em vários países, embora prevaleça a língua inglesa nos poemas da coleção. Todavia, independente dos poemas em língua portuguesa desta coleção, há outros poemas em língua portuguesa disponíveis na internet, como já foi apresentado em capítulo anterior. Ainda não são muitos, mas é possível encontrá-los.

Na questão oito tratou-se sobre a maior dificuldade para desenvolver as poesias. As três respostas apontam para as questões referentes a programação. Alckmar acentua a falta de pessoas que dominem conhecimentos tecnológicos para exercer as atividades com o grupo. Abernú declara o desafio de sintetizar as informações para passar ao digital e Rui Torres cita a manutenção da operacionalidade das obras (a obsolescência é um problema recorrente) e assim como Abernú o fato de listas lexicais muito densas e longas, o que torna a atividade de organização ser extensa.

Talvez essa seja uma das dificuldades em se constituir mais poetas que sigam essa linha digital. Ao que parece, não se pode demorar para construir um poema, pois corre-se o risco que esteja pronto e se depare com opções defasadas. É preciso correr contra o tempo para oferecer algo inédito e que se adeque ao momento, caso contrário pode causar desinteresse.

No tocante ao número de profissionais que se envolvem nesse processo, questão nove, Antônio Abernú especifica que no caso deste trabalho que está presente na análise aqui desta tese, apenas ele se envolveu. Rui Torres descreve que, além dele próprio, que escreve e programa os textos e que acaba fazendo um pouco de tudo, trabalha com artistas sonoros (Luís Aly), criadores de imagem e imagem em movimento (Ana Carvalho, Daniela Duarte), programadores (Nuno Ferreira, Luis Grifu), e atores (Nuno M. Cardoso). O autor Alckmar disse que varia muito, depende da criação, da época, há criações maiores feitas com o pessoal de Minas, com o Chico Marinho, com Álvaro Andrade Garcia, com Rogério Barbosa, além de envolver pessoas com criação, com programação, depende muito do que se quer fazer.

Levando em conta que o público principal da tese são os jovens de Ensino Médio, interessados em tecnologia, perguntou-se na questão 10 se há condições dos estudantes de criarem poemas eletrônicos, se há programas mais simples para esse público. Os três autores afirmam que os jovens podem criar poemas eletrônicos. Alckmar cita o HDML e complementa que depende de o estudante buscar conhecimento nessa área. Para Abernú, as ferramentas gratuitas que se encontram na internet, são bastante fáceis, através de um processo generativo, é possível criar poemas a partir de outros, de pequenos excertos. Rui preconiza os contextos multidisciplinares e com competências como àquelas já mencionadas.

Como já se disse, o jovem cresceu neste ambiente, ele pode não conseguir traçar um poema completo, até porque envolve mais pessoas da área, inclusive quando profissionais

executam o trabalho, mas o estudante consegue alavancar pequenos passos, como a participação na criação do *Livro das pequenas coisas* já apresentado anteriormente. Essa criação desenvolvida na Oficina durante o Simpósio de Literatura e Informática da Universidade de Passo Fundo, possibilitou a criação de poemas tendo como espaço simulado os cômodos de uma casa. As criações foram postadas, permitindo inclusive acesso a quem desejasse visualizá-las ou também experimentar criar seu próprio poema.

Dando continuidade às perguntas, questiona-se na questão 11 sobre a fundação da Organização de literatura eletrônica (ELO). Abernú e Alckmar disseram não fazer parte dela. Abernú acrescentou que apenas se candidatou a uma *call*, e seu trabalho foi selecionado. Já Rui Torres informou que:

A ELO foi fundada em Chicago, em 1999, mas agora tem uma presença e membros da América do Sul, Europa, Ásia, Austrália, e começa e afirmar-se em África. Os membros da ELO vêm de disciplinas e áreas de estudo muito diversas: Arte, Literatura, Comunicação, Computação. Temos uma Conferência anual, com exposições e festival (eu organizei no Porto a edição de 2017), coordenamos uma série de livros na editora acadêmica Bloomsbury Publishing, já editamos 3 volumes da Electronic Literature Collection, temos um Electronic Literature Directory e os Electronic Literature Archives, e produzimos múltiplos livros e relatórios.

Engajados nessa Organização, perguntou-se na questão 12 sobre os critérios de escolha dos autores que participam dela. Alckmar respondeu que participou, não da fundação, mas de duas ou três ontologias, em que o Rui Torres foi um dos principais mentores, colocou criações digitais em Língua Portuguesa e fez o convite para participar. Rui Torres respondeu que

A ELO é uma organização que acolhe quem quiser dela fazer parte, desde que pague uma membership fee anual (25 dólares para estudantes, 50 dólares para professores). A ELC (Collection) e as Conferências têm uma open call, todos podem submeter propostas, sendo as mesmas avaliadas por comissões científicas.

Prosseguindo a entrevista, questionou-se na questão 13: em se tratando das poesias digitais, qual a pergunta mais frequente que as pessoas lhe fazem? A resposta-pergunta para esta questão dada por Abernú foi: *Como é que te lembras disto?* Já para Alckmar a pergunta mais frequente diz respeito justamente a esse espanto com tecnologia e Literatura: *mas literatura não vai se perder, não vai ficar desumanizada com a entrada da tecnologia?* Rui Torres, por sua vez aponta as seguintes perguntas: *Mas isso é poesia?* (a que responde com Décio Pignatari: *Poesia Pois é Poesia*). Ou então: *Você não tem problemas com direitos de autor?* (nesse caso assobia para o lado).

Como se vê as pessoas sentem-se inseguras, pouco informadas com relação a poesia digital. Para os três autores a pergunta da entrevista foi respondida com uma pergunta dirigida em razão do desconhecimento das pessoas. O mesmo temor da poesia concreta, de que o diferente possa afastar-se do gênero, de que a poesia possa se perder. Retoma-se o trecho de Bergamini (2010, p.87) quando afirma que a poesia digital ainda é pouco praticada “temos um poeta português conhecido no Brasil, Pedro Barbosa e o brasileiro Alckmar Luiz dos Santos, que apostaram nessa nova tendência. Porém, ainda percebemos a resistência tanto ao fazer, quanto ao ler esse tipo de obra em meio eletrônico”. Por outro lado, Silva (2014, p. 28) é categórico ao afirmar que “a sobrevivência da poesia se deve justamente às mudanças pelas quais tem passado ao longo dos anos numa resistência de múltiplas faces”.

Isso posto, há curiosidade, na questão 14, desta pesquisa em saber de onde surgem os temas das poesias que elaboram. Abernú sinaliza o texto e espetáculo de teatro *O homem que queria ser água*. Rui destaca o diálogo entre tradição literária (seus autores preferidos) e soluções tecnológicas interessantes com as quais quer brincar/experimentar. Provavelmente aí reside sua resposta por *Amor de Clarice*. Essa junção entre apreciação pela autora e o gosto pelos aparatos tecnológicos. Alckmar postula que varia muito, mas em geral o objetivo é fazer as pessoas refletirem sobre o mundo, a vida, o sentido profundo da existência. E parece que conseguiu, pois, a obra *Liberdade* teve uma grande aceitação pelos estudantes e provocou curiosidades.

Na questão quinze, foi solicitado o poema favorito dentre os que criaram e o porquê da escolha. Alckmar sinalizou *A derrubada do Sarriá*, pois acredita que foi a criação digital que mais chegou perto do que pretendia, não exatamente a ideia que havia no início, mas deu para fazer quase tudo que queria fazer. Para Abernú, não há um favorito, pois todos fazem parte da mesma obra. Já Rui Torres sentiu dificuldades em nomear, mas arriscou a dizer o *Estou Vivo e Escrevo Sol*, porque resulta em infinitos textos com um sentido poético muito denso e que sempre lhe surpreendem pela sua inquieta tranquilidade. E ressalta o *Poemas no meio do caminho*, o qual é o melhor conseguido, pela complexidade de elementos que integra.

Com relação a questão dezesseis, relacionada à sensação de saberem que as pessoas acessam suas poesias, é notório que apreciem. Tanto Rui quanto Alckmar pensam no que virá adiante, com relação a fazer novas obras e ao aumento do acesso às mesmas. Perante as colocações dos autores, é possível ser otimista em relação ao gênero, quanto mais poesias forem criadas, maior a oportunidade de divulgar esse material no meio educacional e mais trabalhos poderão surgir ampliando as pesquisas para os implementos tecnológicos futuros.

Para Abernú o acesso às poéticas é:

Um grande prazer e ao mesmo tempo admiração, pois não tinha a ideia concreta que isso pudesse acontecer, isto é, criei a obra, foi colocada online, teve um reconhecimento internacional, foi mais além do que esperava. Apenas criei a obra num âmbito de um trabalho de um seminário, tudo o que veio além disso, foi uma surpresa e orgulho para mim.

Na última pergunta, questão 17, questionou-se se os autores percebem se está crescendo o número de autores de poesias digitais e a procura por acessá-las. Os três concordam que veem um crescimento nesta área. Rui complementa que

Há toda uma nova geração de poetas digitais a fazer coisas magníficas. Basta olhar para o último volume (o terceiro) da Electronic Literature Collection para entender isso, ou participar das conferências da ELO: nesta última, em Montreal, vi trabalhos fabulosos, a maioria deles movendo-se para fora do écran.

O autor Abernú diz que “apenas percebo, porque como a Margarete, mais duas académicas me entrevistaram por causa do trabalho. O que me leva a pensar que sim, vai crescendo o número de acessos e o próprio interesse por este tipo de literatura”. Sem demora, Alckmar cita que “crescendo sim, acho que devagarinho, mas não vejo como poderia isso ser acelerado, tem crescido sim bastante, a gente compara quando eu e o Gilberto começamos naquela época éramos nós e nós, hoje tem muita gente mexendo já com isso”. Com relação a este último autor foram acrescentadas mais algumas perguntas em razão do trabalho prático com os estudantes e eles tiveram a curiosidade em elaborar esses questionamentos, pois a entrevista aconteceu posteriormente à prática. Na primeira delas, os estudantes pediram sobre a inspiração para criar os poemas. O autor respondeu que há inspiração, mas prefere falar em assunto, tema, e se trabalha em cima deles. Complementa que

há muito trabalho para definir as interatividades, as lógicas de imersão, aí para passar para a fase de descrever os poemas, depois a estratégia de colocar os poemas como interatividade, como elemento dentro de um ambiente digital e assim por diante.

Na sequência foi perguntado como o autor formula as ideias para criar um poema coerente. Nesta questão Alckmar dos Santos comenta que é tudo muito planejado, discutido em grupo e desenvolvido. A fase de escrita dos poemas é mais solitária, mais exclusiva do próprio autor, mas na sequência o que fazer com esses poemas, como usá-los dentro de uma lógica digital aí é feito em grupo.

Na próxima questão os estudantes perguntaram se quando o autor criou *Liberdade*, se imaginava que iria interagir tanto com o público e se as palavras que colocou dentro do poema, se havia nelas o toque do autor. Os estudantes tentam explicar melhor a questão, dizendo se havia alguma coisa que fosse familiar ou ele se baseou em outras coisas. O autor, de forma

humilde, responde que não se vê interagindo ainda tanto com o público. Acrescenta que as palavras tinham todo o toque, pois foi o autor mesmo que escreveu os poemas. Ainda,

qualquer criação vai acontecer a partir do que nos é familiar, ou seja, do que nós vivemos, da nossa vivência, não dá para criar qualquer coisa que seja, em qualquer arte que seja, usando vivências/experiências de outros, são as nossas vivências/experiências que colocamos nas nossas criações.

Na penúltima questão os estudantes perguntaram o que representava as imagens, se havia uma história, se são de pessoas que moram lá realmente, se elas são de alguém do bairro Liberdade. A resposta do autor foi

As histórias todas foram inventadas, inventamos pessoas, inventamos histórias para elas, mas a ideia é que de alguma forma elas representassem o particular e o universal, ou seja, o particular de pessoas que verossimilmente podem passar ou pertencer aquele bairro, em termos universos que reflitam algo da experiência humana, a gente tentou jogar aí nas duas pontas.

Questão instigante essa apontada pelos estudantes, pois procuram uma relação entre literatura e a experiência, a experiência territorial. Essa busca pela identificação, à qual Petit (1998) se refere ao falar da função do autor, que ajudam a nomear as situações em que os leitores estão passando, com às histórias, os leitores conseguem entender as suas próprias por entre as linhas. As palavras tocam o mais profundo da experiência humana. E é isso que o jovem leitor procura quando lê um livro. Após uma prática realizada com o ensino médio de uma escola do RS, constatou-se que os jovens percebiam que havia reciprocidade quando o escritor escrevia o que estavam sentindo, parece que escrevia para eles. Os livros mais apreciados foram justamente os que tratavam sobre temas que se aproximavam de sua realidade. Nas palavras de Petit “ler, permite ao leitor decifrar sua própria experiência. É o texto que lê o leitor, de certo modo é ele que o revela, é o texto que sabe muito sobre o leitor. [...] As palavras do texto constituem o leitor” (1998, p. 36).

Na última pergunta, os estudantes questionaram sobre o tipo de programa que o autor fez a poesia, pois nunca viram ninguém fazer algo igual. Ainda, se foi 3D. Em razão dessa pergunta, o autor informou que o Programa usado foi o UNIX, que é um programa para criação de objetos 3D, interativos, imersivos. Registra-se que é um sistema operativo multitarefa, portátil (poderia se dizer “programa de computação gráfica Unix”). O autor complementa que é um programa muito complicado. Acrescentou que o Lucas Junqueira é especialista nessa área e trabalha com o autor, citou também o Álvaro que sabe um pouco e o Chico Marinho que é muito bom nisso.

Ainda, destaca-se a pergunta extra realizada somente ao autor Rui Torres: Por que criou nova versão do *Amor de Clarice*? O autor respondeu: Porque sempre quis que esse texto fosse verdadeiramente generativo, variável, usando de um modo dinâmico o léxico completo da Clarice, e não apenas o do conto em que se inspira. Quando montei a primeira versão, não tinha disponíveis as ferramentas necessárias, mas com a criação do poemário (por mim e pelo Nuno Ferreira), isso foi possível. Na segunda versão, há milhares de milhões de Amores de Clarice em potencial.

As poesias sofrem a ação do tempo para se adequar às mudanças ocorridas na tecnologia, as alterações sofridas pelo próprio leitor, a aceitação do público que busca a inovação. Com essa resposta do autor encerra-se este capítulo das entrevistas, reiterando-se que a passagem por essas considerações dos autores visa fortalecer o que foi posto na parte teórica da tese, bem como o que será apresentado na sequência durante a análise das poesias e logo mais adiante, com a análise das práticas aos leitores. Diante dessas vozes intelectuais, pretende-se fechar a tríade autor-texto-leitor, contemplando os assuntos principais que integram esta tese. Pelo que se percebe, nos depoimentos colhidos dos autores, as poesias digitais ainda são uma novidade, porém, trata-se menos de explicar ou de convencer do que seduzir. Mais exatamente, a literatura segue cumprindo sua finalidade estética.

6.4 Os labirintos em *Amor de Clarice*

A condição hipertextual de uma produção literária eletrônica, no que concerne sua evidente constituição de ser feita na tela para ser lida na tela e armazenada na nuvem, implica outro elemento importante, talvez tão relevante quando a hipermodalidade que a constitui: o fato de que essas produções, por mais inovadoras que pareçam ou que sejam, não negarem jamais o passado. Nesse sentido, como já referido, a poesia pode mesmo saltar de um meio a outro, mas não abandona os elementos canônicos que garantiram a permanência da estética literário dos tempos da oralidade à era digital. A poesia eletrônica, assim, tem links pelo tempo. Procura transações. O texto *Amor de Clarice*, de Rui Torres, provoca ligações com a literatura impressa, com as palavras e as imagens de antes, com os mistérios de Clarice Lispector.

O autor, por meio do poema *Amor de Clarice* promove um diálogo com o conto “Amor” (1960) de Clarice Lispector. Aparentemente um mesmo texto em outro espaço, já que não deixa de se constituir, mesmo em versos, na narrativa apresentada no conto. Porém, vai além, pois utiliza de uma obra já existente para realizar as transformações midiáticas possíveis, tornando uma fonte de experiência para o leitor, especialmente para observar as mudanças diante do

poema impresso e do que interfere o digital. Um bom exemplo disso vem das palavras de Alckmar (2013, p. 34) “durante muito tempo dizia-se que um artista só sobreviveria do seu trabalho se tivesse o que dizer. Hoje, o trabalho do artista também se relaciona em organizar o já dito”. Ou ainda, o autor complementa que se trata de transformações a partir dos significantes originais.

Não há como negar que o autor parte de um conto *vintage* para atribuir-lhe um novo valor, da mesma forma em que o novo produto (poesia eletrônica) foi inspirado no anterior, ou seja, na poesia concreta. Esse conteúdo disseminado pode ser considerado *mainstream*, isto é, que apresenta um conteúdo relacionado ao cotidiano e distribuído com êxito. Talvez seja o caso de mencionar aqui as palavras do autor do poema em estudo, ao conceder entrevista para esta pesquisa. Quando lhe indagado sobre de onde surgem os temas de suas poesias, uma das respostas do autor referiu-se ao diálogo com a tradição literária, destacando que procedem de seus autores preferidos. Crê-se que isso explica muito sua tendência em optar pela criação da análise. A outra resposta do autor, referiu-se a soluções tecnológicas interessantes com as quais deseja brincar e experimentar. Em virtude disso, não se pode deixar de acrescentar, que este poema eletrônico é uma forma interessante de trabalhar com o conto tão importante na literatura.

Se o conto consiste em uma das maravilhas da literatura brasileira, a transcrição de Rui Torres não apenas faz jus a beleza do conto, sendo uma obra prima da literatura portuguesa contemporânea, mas consegue criar uma obra com peso e força que nos leva a uma reversibilidade, vendo não só o conto no poema, mas o poema no conto. (TAVARES, 2017, s/n).

Aqui, no poema em análise, o fator determinante é o inesperado. Ao clicar, o leitor não sabe o que vai acontecer, o autor vai abordando de forma surpreendente a precariedade da situação humana, o que não se conseguiria se a leitura fosse feita apenas no papel. Além disso, é interessante resgatar que o conto de Clarice permite muitas interpretações e a leitura feita por meio digital poderá resultar em outros sentidos ou, ainda, ratificar o que se tinha como interpretação.

É pertinente registrar, de forma concisa, sobre o que trata o conto *Amor*, presente na obra *Laços de família* da escritora Clarice Lispector: Ana, personagem principal, era uma dona de casa, casada, com filhos e dedicada aos afazeres da rotina. Certo dia, retornando para casa de bonde, após efetuar compras para o jantar que seria oferecido aos seus irmãos, um acontecimento simples interrompe sua rotina: um cego, parado em um ponto, mascava chiclete com muita naturalidade. Esse fato, provocou reações íntimas na personagem, mudando sua

perspectiva da vida. Era a hora perigosa da tarde, em que não estava se ocupando. Quando o bonde retornou a andar, Ana deixou cair as compras, alguns passageiros a ajudaram. A distração com seus pensamentos foi tanta que Ana perdeu o ponto que a levaria para casa, tendo que descer no Jardim Botânico, local do próximo ponto. Ficou ali a observar cada detalhe. Em determinado momento lembrou-se do marido e dos filhos e do jantar, o que a faz acelerar os passos. Quando chegou em casa começou a ver os filhos, o marido e a casa de forma diferente. Parecia que havia aumentado o amor por eles. No jantar encontravam-se a família e convidados. Após Ana e o marido foram dormir.

Significativamente, é elementar que o estudante primeiramente tenha contato com o conto, que aqui sintetizou-se, mas é rico em detalhes que fazem a diferença para fisgar o leitor na interpretação e após essa leitura, explore este poema. Nele, o autor proporciona a interação do leitor e, apesar do poema estar sustentado pelos aparatos digitais, não se perde a profundidade, pelo contrário. Há, por exemplo, a possibilidade de navegar por dentro dos sentimentos da personagem Ana, ao tentar traduzir suas emoções, seja pela música que envolve o poema, trechos recitados, seja pelas imagens que refletem as coisas que estão perturbando a personagem, pois elas agem de acordo com a confusão, em que o movimento representa o fluir do pensamento. Tal poema aguça outras percepções, pois ao disponibilizar fragmentos de frases, podem ser acionadas sensibilidades ao leitor, podendo recriar aquilo que se vê e ouve em busca de se aproximar ao máximo da realidade.

Nessa dinâmica, o visual é um recurso a mais para retratar o que acontece com o poema. Como bem colocado por Santos (2013), uma situação é aquilo que é dito em uma leitura ouvida e lida mentalmente pelo leitor e outra situação apresenta-se no que é mapeado pelas imagens que se alteram na ambiência da fala, ora mantendo-se fixas, ora em movimento. As imagens e as palavras frequentemente são usadas juntas, ainda, no que prevaleça ou texto escrito ou predomine a imagem, ou ainda no que o significado de um deles esteja ligado pelo outro. A imagem em movimento é flagrada pelo leitor neste poema, como se ela estivesse chacoalhando a tela, em várias ocasiões parece não estar nítida quando o texto sugere a ação que pode estar retratando à confusão da protagonista, fazendo com que o leitor, que está interagindo com o texto, projete a cena tal qual como acontece com o impresso e recrie o ambiente. As imagens bem como o vídeo que aparece vão e voltam, como se fossem *frames* fixos em um determinado instante. Num recorte de um momento se esgotam naquela parte, comportando-se em *looping*. Com tal reflexão é pertinente as colocações de Kress (1998), segundo o qual os recursos visuais estão presentes no texto eletrônico de diferentes modos: formato da fonte, diagramação, imagem estática ou em movimento. Porém, o próprio autor afirma que deve haver uma

interdependência entre texto verbal e elementos visuais, sob o risco de termos mera ilustração do que se lê no discurso verbal. As imagens, cujo alcance é sem dúvida universal, não exigem menos do ato de leitura. Ora, tanto quanto o texto verbal, a imagem requer atenção, conhecimento de seus respectivos códigos e uma verdadeira interpretação. (VAN DER LINDEN, 2011, p. 8).

A imagem aproxima o leitor da situação da personagem para que se sensibilize, proporcionando resgatar a vivência da personagem nesses *flashes* proporcionados pela narrativa. Inclusive, uma vez imbuídos do que o poema quer retratar, percebe-se que em muitos momentos há realce da palavra *escolheu* simbolizando a opção escolhida pela personagem a manter-se no caos existencial ou sair dele bem como a escolha do leitor entre as veredas da leitura para organizar os versos e dar sentido ao poema. Afinal, as questões existenciais vividas pela personagem criada nos anos 60, ainda permeiam a vida de muitas mulheres da sociedade que enfrentam situações em que o sentido da vida é ofuscado pela rotina. Verifica-se com Bella Josef (apud RAMALHO, 1999, p. 173), que nos textos de Clarice Lispector “o mistério estabelece-se em torno de situações insólitas extraídas do cotidiano”. Entretanto essas mulheres não completam o seu processo de despertar para a autoconsciência, nem se libertam das garras que as aprisionam. (HELENA, 1997, p. 45). O final da narrativa não será de felicidade. É pertinente registrar que o próprio título do poema digital já comunica sobre o que irá tratar, referindo-se à autora Clarice. Ou seja, o amor mencionado no título é particularizado. Mediante essa convicção, o texto impõe um significado exclusivo para aquele amor vivido pela personagem da autora Clarice.

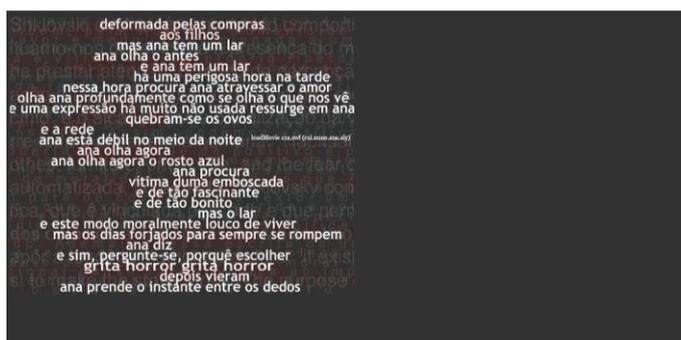
Em *O amor de Clarice*, atenta-se que um dos eixos norteadores do poema está basicamente na interatividade, é ela que conduz, por exemplo, por meio do clicar nas opções no início do poema, a ser arremessado para representações diferentes, inclusive, em algumas palavras, mais de uma representação no mesmo verso. O sistema fará *loading*, remetendo a outras palavras, imagens e som.

Seguindo novamente para os passos percorridos na análise do poema, percebe-se que após o primeiro momento já mencionado, a interação acontece pelo uso das flechas. A flecha (branca) para cima permite retornar ao poema inicial, flecha para baixo direciona para outras palavras, imagens, sons. Flecha (vermelha) para a esquerda retorna aos trechos anteriores, para frente remete à nova imagem.

Em contrapartida, registra-se que a estrutura dos versos (conforme se observa no *print* da tela abaixo), não contém linearidade, são trechos do conto, sem pontuação, é como se as palavras dançassem refletindo/simbolizando os pensamentos confusos da personagem, podendo

alterar a ordem de leitura. Ademais, é instigante a escolha das palavras com o *mouse* a fim de formar o verso como quiser. É uma desordem permitida, num acúmulo de interrogações. Essa não linearidade da escrita é presença marcante nas obras de Clarice Lispector, além do tempo dirigido pelo fluxo de consciência (técnica que transcreve o pensamento do personagem, que fala para si mesma) e o espaço utilizado para compreender os aspectos psicológicos dos personagens (SEGATO, COQUEIRO, 2012). Tal ato dá-se em forma de intertextos, conexões que no transcorrer dos segundos as pessoas realizam ao pensar em várias coisas, às quais vão-se tecendo mais e mais informações.

Figura 7: Amor de Clarice, de Rui Torres



Fonte: Organização *eletronic literature collection*, 2005.

É interessante que a leitura se torna instigante – quanto mais se avança, mais se quer ver o que acontece nas telas seguintes. De certa forma se constitui na expertise do autor, numa consciência criadora, à qual conduz o poema, muito mais pelo não dito do que pelo que está dito. Com esse impulso, Chartier, alude:

O leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir no coração, no centro. Que resta então da definição do sagrado, que supunha uma autoridade impondo uma atitude de reverência, de obediência ou de meditação, quando o suporte material confunde a distinção entre o autor e o leitor, entre a autoridade e apropriação? (CHARTIER, 1988, p. 91).

É assim que se opera à leitura com o uso de nova técnica de criação literária. A poética digital chega até o público, o qual pode colaborar agregando valor ao que é visto. Os poetas que se engajam nesta forma de apresentação de poemas, utilizam-se tanto de recursos teóricos quanto de tecnológicos a fim de materializar experiências seja com o corpo ou a natureza. Santos (2013a, p. 26) oferece uma contribuição essencial “se antes, nas tradições pré-digitais, havia uma distância maior entre leitor e autor, ela agora se encontra bastante reduzida”.

A literatura aqui elencada pede um autor diferente do que aparecia na literatura impressa, em decorrência disso surge um novo leitor, que se utiliza de novas linguagens. Esse embrião leitor de tecnologia dos poemas, por meio de sua participação garante a produção de significados e um leque de possibilidades colaboram para isso. É o caso das letras, no percurso, perdem e ganham opacidade, como o pensamento de uma pessoa. Contudo, a intenção do autor não está relacionada a manter-se fiel às palavras do conto, pois muitas palavras diferenciam-se do conto, utilizando de cores diferentes para algumas delas, outras com letras maiores para chamar a atenção. Um convite para clicar nelas, arrastá-las e ouvir os textos. Para dar maior ênfase a esses elementos articulados, Rui Torres promove a oralização do poema, recitando partes, palavras, misturando sons da fala e sons artificiais. Uma das partes que se recita é “vítima de uma emboscada”, o que reelabora o sentido do texto a uma voz masculina, no que pode se interpretar como a presença causada pelo cego, a perturbação que ele causou à Ana, como se estivesse lhe tirado a máscara da vida “boa”. Ana percebe a falta de sentido da vida, pela situação mesquinha que levava.

Os recursos oferecidos permitem que o estudante vá desvendando o poema. É justamente o que Santaella (2013, p. 165) reforça “o espaço virtual gerado pelas redes de computadores funciona como um novo meio. Abre-se com ele uma miríade de oportunidades que expandem o conceito de literatura em função de emergência de novas formas de criação literária”. Um outro aspecto que deve ser examinado são as palavras GRITA HORROR, às quais aparecem duas vezes em sequência e estão escritas com fontes maiores. São as únicas que não se movem na tela, como se a personagem estivesse imóvel, paralisada pela sua vida que veio à tona, com pensamentos incontroláveis, um descobrir-se, um súbito iluminar-se. Isso leva a considerar que o ponto primordial tanto do conto quanto do poema digital é a epifania, denominada por Benedito Nunes (1973, 1989) e Affonso Romano de Sant’Anna (1973)

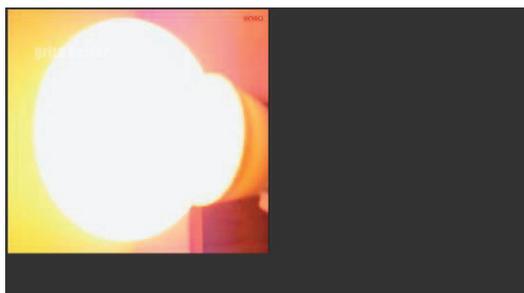
como tensão conflitiva, instante existencial, uma espécie de descortinamento interior, um momento revelador que ilumina a vida da personagem, abrindo-lhe a consciência, levando-a a uma reflexão, fazendo-a a dar-se conta de sua problemática. A epifania clariceana é decorrente do encontro entre o Eu e o Outro e entre o Eu e o Mundo. (NUNES, 1973, 1989, SANT’ANNA, 1973).

A epifania é provocada por algo banal do cotidiano de Ana, ocasionando o clímax, é uma “ruptura da personagem com o mundo” (NUNES, 1973, p. 79). Curiosamente, na releitura o autor deixou as palavras mais destacadas ainda. Aliás, nesta releitura criada pelo autor, há alterações de imagens, sons e palavras. Retomando a questão apresentada e a resposta do autor, registra-se que ao ser questionado durante a entrevista sobre as razões de ter criado essa releitura

para esse poema, o autor declarou que sempre quis que o texto fosse verdadeiramente generativo, variável, usando de um modo dinâmico o léxico completo da Clarice, e não apenas o do conto em que se inspira. Quando criou o poema, não tinha disponíveis tantas ferramentas necessárias, na releitura, há milhares de milhões de Amores de Clarice em potencial.

Voltando as palavras em destaque, não deve causar espanto se o leitor, ao se deparar com o poema, clicar primeiro nelas. Tais palavras sugerem o horror da situação, ao clicar no primeiro GRITA HORROR que aparece na tela, vão surgindo outras palavras “GRITA HORROR” que se movem, mas a frase “porque não há vida sem felicidade” está paralisada na tela. Ressoa a voz do autor dizendo GRITA HORROR, após começa uma música (batida) a tocar. Na sequência as palavras “GRITA HORROR” estrategicamente congelam na tela e continua a batida do som juntamente com a voz do autor. Ao clicar, no segundo GRITA HORROR da tela, desponta uma luz que ora acende ora apaga-se, ao som da voz do autor que repete: “Não há vida sem felicidade.” (a voz do autor ressoa como se fosse um eco, da mesma forma que ecoa o que está importunando a personagem). A estabilidade até aqui sentida é colocada à prova, no acender e apagar-se das luzes, surgindo a incerteza. Com maior minúcia, é notável a tentativa de representar os sentimentos por meio dos objetos.

Figuras 8 e 9: Amor de Clarice, de Rui Torres



Fonte: Organização *eletronic literature collection*, 2005.

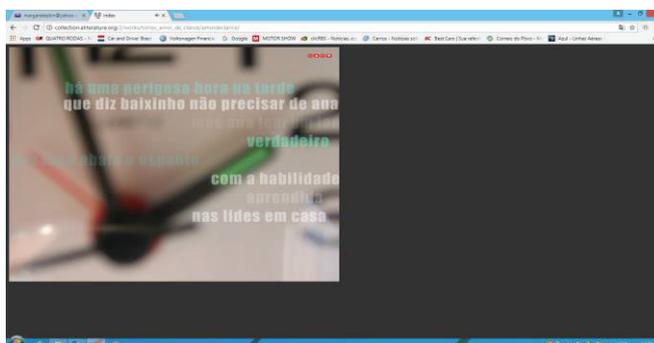
Provavelmente, tais imagens simbolizam a divisão entre a vida e a morte, viver, mas sem ter objetivos, sem sentido, uma vida quase morta, rotina. A mesma frase que aparece estática ao clicar no primeiro “Grita Horror”, reforça a ideia da infelicidade da personagem. Após permanece a luz acendendo e apagando, agora sem a voz do autor, apenas aparecendo a frase que norteia o seu pensamento juntamente com as palavras Grita Horror. É como se o autor oportunizasse o leitor aqui a refletir sobre essa estreita correlação, deixando apenas uma música

de fundo. Esse som instiga para à tensão vivenciada, fazendo o leitor se sentir parte da história. Essas duas palavras que o autor escolheu representam a explosão do que Ana experienciava, o caos que se encontra a sua existência. Típico das obras da autora, rubricadas como introspectivas.

De lampejo, o impacto da leitura pode ser maior do que simplesmente a leitura linear realizada. Por isso, a figura do mediador citada por Zoara Failla (2006), quando se refere a formar leitores, aqui torna-se primordial, já que ele fornecerá a direção da atividade, mas quem escolherá por quais caminhos quer seguir é o próprio leitor.

Cabe aqui as colocações de Hayles (2009) ao pontuar sobre a necessidade de o mediador ter conhecimentos necessários para acompanhar os estudantes. Quanto mais ações mediacionais o professor puder participar, mais se dará conta do quanto é preciso impulsionar as memórias efetivas dos estudantes. Isso pode ser observado no subcapítulo 2.2, nele são citadas algumas práticas de leitura que tornam possível o estudante se reconhecer nas leituras, sentindo que não está sozinho, ajudando-os a construir seu universo interior e exterior. Nessa estrutura, o leitor das poéticas digitais expressa pontos de vista provocados pela simbiose entre aquilo que faz parte do seu meio e o que a leitura no suporte tecnológico disponibiliza. A harmonia entre os elementos presentes na poesia eletrônica colabora para a interpretação. O que se percebe é a existência de uma gama de arranjos os quais propiciam à leitura e assim, as imagens podem ser as vedetes desse show, remodelando o contato entre o leitor, que se apoiava geralmente apenas em palavras, agora encontra aporte maior na imagem esteja ela em movimento ou não, nesse processo de virtualidade da literatura. As imagens aparecem e são condizentes com o texto escrito. Por exemplo, quando diz neste poema em análise: “há uma perigosa hora da tarde”, aparece um relógio funcionando.

Figura 10: Amor de Clarice, de Rui Torres



Fonte: Organização *eletronic literature collection*, 2005.

O autor utiliza do espaço eletrônico para construir de forma renovada a reflexão que envolve a personagem principal, priorizando, para isso, alguns elementos que figuram no conto.

Há qualquer coisa de uma proximidade suficiente para que nos lembremos do conto, de seu percurso cronológico e suas cenas particulares, porém distantes e diferentes o suficiente para que notemos que, como Ana, estamos em um mundo que não tolera volta, não tolera um retorno à aparente estabilidade de antes. Não há como recompor o mundo. O mundo não tolera nostalgias. (TAVARES, 2017, s/n).

Embora aparentemente banal, a imagem do relógio reflete que o tempo não volta, assim, as figuras a todo momento tentam ser interpretadas nessa “cascata de atualizações” conforme se referiu Lévy (2010, p. 35). Essa imagem do relógio no *Amor de Clarice* significa também a o musicar do tempo, o passar de um instante que se tornou uma eternidade entoada pelo som dos ponteiros. Santaella (2005) especifica que sonoro não significa trilha sonora, mas pode ocorrer com imagens em movimento relacionadas à duração, a música das imagens num ritmo quase que imperceptível. A mesma batida que o autor faz lembrar ao som da música que vai ao encontro desse pequeno espaço de tempo, horrorizante.

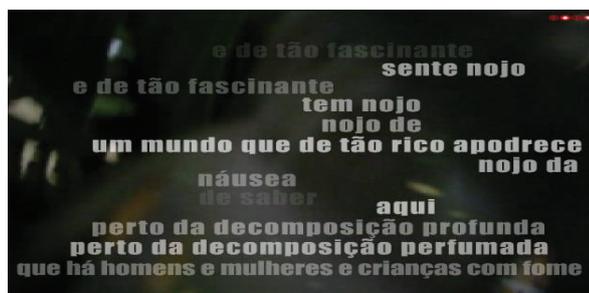
De imediato, identifica-se que há outro traço marcante na poesia relacionado ao aparecimento das palavras. Dependendo dos vocábulos em que se clica, surgem termos no poema, os quais se sobrepõem aos que ali se encontram compondo o fundo da tela. Mas à medida que surgem, vão desaparecendo e surgindo outros, numa espécie de ciclo constante. Ainda, há a troca de cores nas palavras de fundo. Ao passo que vão chegando, essas palavras são posicionadas em versos, encobrendo parte das letras umas das outras e após tornam-se fixas, o movimento acontece apenas com as palavras de fundo, causando uma espécie de desarrumação. Essa confusão está semelhantemente nos sentimentos da personagem como dito anteriormente, pensamentos entrecortados, falta de organização das ideias. Antes, no texto impresso, era natural imaginar a situação com o auxílio dos vocábulos, já aqui, no digital, o autor procura demonstrar a perturbação enfrentada pela personagem por meio também das palavras e de toda multimodalidade que ali se instalou, na totalidade do cenário que compõe a leitura. Versos aparecem e se cruzam na tela, palavras que chegam num tom claro, sombrio e aos poucos tornam-se mais nítidas, notadamente a vida da personagem vai sendo disponibilizada ao leitor aos poucos pelo poema. É possível, por meio do cursor do mouse rearranjar o texto na tela, de modo que visualmente seja sempre outro poema, na medida em que muda a ordem de versos e palavras.

Assim, como Ana, perdida no Jardim Botânico, somos jogados perante uma exuberância gráfico-textual, em que nada pode permanecer fixo, nada pode permanecer

sendo por mais de um segundo. Tudo flui e redobra sobre si em um emaranhado vivo de palavras, imagens e sons. (TAVARES, 2017. np).

O suporte da leitura mudou e nessa mudança a materialidade por meio de cada movimento executado no ato da leitura coloca em evidência “uma literatura corpórea, uma literatura que clama pelo corpo e o instaura como lugar central do ato de leitura” (TAVARES, 2017). A principal interferência acontece com a interação do visual, pois os poemas exploram essa dimensão em que as palavras submergem num jogo de vocábulos que precisam ser interpretados. No poema em estudo, ao clicar em “e de tão fascinante” aparecem palavras que estão numa tela em que a imagem não é nítida, tais quais as imagens que povoam a cabeça da personagem (imagem a seguir).

Figura 11: Amor de Clarice, de Rui Torres



Fonte: Organização *eletronic literature collection*, 2005

Outra imagem semelhante a essa refere-se ao verso “e este modo moralmente louco de viver”, a imagem de fundo é de um colorido de algo que não é preciso e sua apresentação é rápida. O que se percebe é que o poema digital tenta representar de forma próxima o que se propõe o tema do conto. Quando se clica no enunciado “mas os dias forjados para sempre se rompem”, se a ação for no início do verso, chama a atenção o som do eletrocardiograma, registrando as batidas do coração ou como um sinal de alerta de algo que não está bem. Se a escolha for no final do verso, a imagem de fundo que aparece é desbotada, mas parece ser um relógio que pulsa como um coração. A vida de Ana está por explodir, à proporção que o bonde avança, vão avançando seus pensamentos e o coração acelera. Como se vê, o campo de possibilidades interpretativas é amplo e conta com a ajuda da tecnologia como fomentadora do protagonismo leitor. Para além do verbal, constrói-se aqui uma poesia em que é possível compartilhar do conhecimento por meio da técnica.

Tal como formulado por Vieira (2017, p. 41) nas discussões presentes nos capítulos teóricos, para o autor “o verbivocovisual da poesia concreta configurou-se no meio eletrônico

como verbivocovisual-digital”. Esse movimento que se sucedeu com o projeto da poesia concreta para o digital eclodiu aos poucos e foi abrindo caminhos para mais e mais possibilidades, avançando conforme ocorre as inovações tecnológicas, o que se comprova pelas novas versões que vão surgindo dos trabalhos, como é o caso dessa própria poesia aqui em análise, em que o autor sentiu que era preciso fazer ajustes de acordo com a evolução e inovações que surgem. Nesse encadeamento envolvente, pode-se pensar como um convite à formação de leitores.

6.5 *Água, um conto digital* – uma proposta de renovação literária

O projeto *O homem que queria ser água* (@gua um conto digital, v. 3) promove uma consciencialização artística em torno da ontologia da água. Ela tem a ver com a evolução temporal, a contaminação, a mistura, a fusão de materiais e a recodificação permanente de memórias. A água é transformação, metamorfose, regeneração formal, articulação da vida e da morte. Isto posto, o tema água está presente em tudo na natureza, atribuindo a ela, a base para a vida, com o sentido da vida como o fluir das águas. É quase um apelo para que valorize a água como um bem precioso. Coadunando-se com essa ideia, o próprio autor considera como “um problema vital que nos seca a passos largos” (ABERNÚ, 2019), referindo-se a data de 1º de outubro, considerado como o dia nacional da água. O autor lamenta que ela tenha ficado em segundo plano diante das alterações climáticas. Essa constatação reflete a inquietação do autor no ano de 2019, em que completa 8 anos deste projeto na qual a poesia está inserida. Nada mais propício do que referenciá-la como forma de manifestação e mesmo transcorrendo esse espaço de tempo, o tema da poesia está muito presente, se não mais evidente do que nunca. Retoma-se Cosson (2019, p. 34) ao afirmar que “obras atuais são aquelas que têm significado para mim em meu tempo, independente da época de sua escrita ou publicação.”

À guisa dos acontecimentos atuais, o autor do poema atribui ao próprio homem a culpa pelas questões ambientais, pois os atos por ele praticados acarretam escassez, aos poucos, da água. Examinar de forma poética esse tema torna-se uma proposta interessante, levando em conta que o projeto desenvolvido pelo autor se apresenta com trabalho teatral e vídeos. A animação foi projetada aos estudantes participantes desta tese, por orientação do próprio autor, pois a atividade foi pensada dessa forma, para integrar o próprio espetáculo. A ideia de animação, além de contar a história do espetáculo, é criar um espaço e universo de pensamento diverso em que os conteúdos abram novos caminhos para quem vê-los. Acredita-se que poderia ser denominado como poema em prosa, pois nessa recriação lírica e artística da realidade revela

um certo grau de anotação subjetiva e uma boa quantidade de reflexão. Em linguagem conotativa, a água assume um papel primordial no evento, sendo personificada. Ao mesmo tempo que o autor narra a história no palco, ele descreve e disserta. O autor faz parte da história desde sua criação até sua disponibilização para que ela chegue até o leitor, na qualidade que ele, o autor, deseja. Para Santos (2013, p. 26) “se antes, nas tradições pré-digitais, havia uma distância maior entre leitor e autor, ela agora se encontra bastante reduzida”.

Tenha-se presente que é um espetáculo que promove uma sensibilização e formação para o universo da água e os problemas ambientais. O ator é o próprio autor, que se desdobra na personagem principal que poeticamente conta sobre água, contando a sua própria história. Um homem que sempre sonhou em se transformar em água. O espetáculo exhibe os processos que este homem passou. O seu percurso de vida, as suas experiências e transformações de uma forma mágica, alquímica e poética.

Nota-se que ali naquele cenário só há espaço para o presente, fugaz, movente, que não permite escolhas assim como os demais poemas em análise. A oralidade predomina no corpo do autor, embora a montagem das peças do cenário colabore para o brilho das palavras. É a força da oralidade que ganha peso, relembra a poesia de outrora, em que não era possível o apagar do dito, vivenciando-se o momento. Também se percebe a representatividade, a voz que apresenta de forma harmônica um tema eterno dos debates: a água. É para matar a sede de poesia, de conhecimento, de literatura feita no palco. Essa tradição oral traz a riqueza histórica, é para saborear dessa fonte poética e sentir-se provocado a se abastecer desse manancial. Parece essencial acentuar que “a linguagem poética ultrapassa limites dentro do universo artístico dialogando com os demais gêneros literários e com outras formas de arte”. (RETTENMAIER; ROSING, 2013, p. 173).

Além da narração da história do personagem Água e da sensibilização para o mundo da água e para as questões ambientais, é surpreendente que o conto digital criado tem como ponto de partida o próprio espetáculo, apresentado com uma animação digital. Na primeira parte da apresentação, o autor começa falando sobre o que irá contar. Sob penumbra o autor/ator/narrador vai montando seu próprio cenário: pendura espelho na parede, abre uma mesa de montar, ajeita a iluminação, coloca manga de blusa nos braços e deposita um livro sobre a mesa, aproxima um banquinho junto dela e se senta. Abre o livro e começa a folheá-lo. Para finalizar se senta e numa espécie de apelo fala da água, dizendo que esta não pode morrer.

Figura 12: O homem que queria ser água, de Antônio Abernú



Fonte: Organização *eletronic literature collection*, 2013

Já na segunda parte da apresentação, ela inicia com o autor conversando com o público, após torna-se personagem novamente. Nesta parte, o autor/ator/narrador fala bastante, contando a história, enquanto monta simultaneamente a tela na qual passa imagens de água. Em seguida, retorna a manter contato com o público, volta para o cenário, como um homem comum, trabalhando numa oficina, uma espécie de laboratório que seria seu local de estudo para investigar sobre a água. As pausas com o público acontecem com frequência, ele vai explicando os acontecimentos. Em determinado momento diz que o personagem não entendia por que o planeta se chama Terra se composta majoritariamente por água. Explica ao público sobre a água, traz dados estatísticos, locais, consumo. Em uma das encenações o autor aparece como se estivesse contemplando-se no espelho e na tela grande aparece seu rosto. Observa-se que o autor é narrador, personagem, organiza o cenário, interage com o público, tece considerações, enfim, dá uma aula no palco. Encerra enfatizando a importância da água.

Figura 13: O homem que queria ser agua, de Antônio Abernú



Fonte: Organização *eletronic literature collection*, 2013

Já com a hipermídia (por meio de vídeos), primeiramente, o que se vê é a cor de fundo da tela em tom gelo, nela está uma espécie de antena com ramificações na cor azul escuro, cujas pontas vão acendendo uma luz branca. Essa espécie de antena, ao se deslocar, vai criando outras antenas e o som que segue é o de pingos de água caindo e o borbulhar. A imersão é maior

quando se está fazendo uso do fone de ouvido, é como um jogador que está no jogo. Na frente da tela sem o fone o jogador separa o mundo real do virtual; o fone dá, por outro lado, a sensação de que os dois mundos se misturam. Assim, promove a sensação de uma realidade aumentada com recursos sonoros.

Do conto original tem-se a adaptação para o conto digital. Nesse espaço é possível interagir, enquanto se conhece o percurso do personagem. Com o objetivo de se transformar em água, o personagem deve passar pelos quatro elementos: ar, água, terra e no fogo morre e renasce. Imagens poéticas vão compondo o cenário a fim de demonstrar a importância da água, salientando os aspectos ecológicos. Na medida em que o autor fala as imagens surgem de fundo, pertinentes ao seu discurso, bem como as músicas e os sons como relâmpagos, barulho das gaivotas e da água gotejando. Na sequência aparecem os estados da água: sólido, líquido e gasoso, agora a tela de fundo é a água que caiu e formou bolhas no chão. Insetos voam sobre o local e um *mouse* toca-os provocando uma metamorfose nos insetos. Visualiza-se o clicar do *mouse* no primeiro estado. É o momento em que o autor começa a narrar uma história. As imagens e o som vão se alternando. É preciso ficar bastante atento ao que se diz, pois, o autor fala o português de Portugal e o som, que era para ser de fundo, por vezes fica no mesmo tom da fala, como por exemplo, o borbulhar das águas.

Na sequência o *mouse* da tela clica no estado gasoso, a imagem é escura e aos poucos vão surgindo frases e girando pela tela. As frases são poemas que brilham nessa escuridão: *Foram os sonhos ao longo dos anos que lhe deram a confiança de querer transformar-se em água, descobrir os segredos da vida e do universo e assim fazer com que o futuro de todos nós fosse composto de mais amor e gratidão.* Usa de provérbio: *Enquanto o poço não seca não sabemos dar valor à água.* No transcorrer de sons, imagens e palavras emergem na tela, o autor vai contando a história. Ao som de música orquestral uma gaivota sobrevoa a área. A tela escura torna-se repleta de estrelas, pequenos brilhos que vão sumindo ao som forte de várias gaivotas entoando seu som e levantando o voo em uníssono e trazendo presságio de tempestade. No misto de alegria e medo sentidos pelo autor, as palavras oriundas de um livro de alquimia vertem pela tela, juntando-se lentamente para comporem a frase e dar sentido ao texto: “A putrefacção filosófica consiste na corrupção ou destruição dos corpos, porque mal uma forma é destruída, a natureza introduz logo outra no seu lugar, simultaneamente melhor e mais sutil.” Tanto na forma teatral quanto no uso midiático o autor/ator/personagem proporciona aos seus leitores um show de habilidades numa construção incorporada na performance sutil e técnicas bem elaboradas. O autor ao mesmo tempo que manipula, explora o que produziu artisticamente, provocando uma quebra visual de leitura.

O traço que diferencia este poema está no espaço utilizado. Além do uso do computador, o autor é presença no poema e no contato direto com os leitores por meio da peça teatral gerando maior proximidade do autor e obra. Conforme Doval (2015) “temos cada vez mais zonas de contato com quem escreve, e isso nos dá cada vez maior intimidade com os escritores e seus processos de criação”. Essa é a ideia do espetáculo, aproximar, interagir, provocar e ousar na criatividade e na liberdade de produção. *Liberdade*, eis o título do próximo poema em estudo.

6.6 *Liberdade* - a poesia digital e o sujeito leitor

Liberdade é uma obra coletiva com a direção de Alckmar Luiz dos Santos e Chico Marinho. Ao acessar o v.3 da Organização *Eletronic Literature Collection* e selecionar o corpus, o que primeiro aparecem são informações sobre o poema. Significativamente, registra-se que *Liberdade* é uma criação de autoria coletiva, unindo poesia, arte midiática e ferramentas computacionais. Os créditos envolvem vários profissionais e criadores, de diferentes áreas: concepção-além de Alckmar, Chico Marinho, Álvaro Andrade Garcia, Dalva Lobo, Lucas Junqueira e Wilton Azevedo. No design gráfico, Chico Marinho e Francisco Marinho (filho); na criação computacional, Lucas Junqueira, Letícia Cherchiglia e Chico Marinho; na programação adicional, Flávio Hoaisen. Quanto à criação literária-além de Alckmar dos Santos, Álvaro Andrade Garcia, Chico Marinho, Dalva Lob e Rogério Barbosa. A criação musical conta com Wilton Azevedo (participação de Lane Lucarelli). As vozes ficaram por conta de Santos, Carlos Falci, Chico Marinho, Cláudia Vilarouca, Dalva Lobo e Rogério Barbosa. Ainda, registra-se a participação especial de Almir Aquino Correa e Gilberto Prado. Dentro dessa lógica de poemas que são de múltipla colaboração, difícil saber de quem é a voz diante dessa multiplicidade de vozes. Ao mesmo tempo que é de todo mundo é de ninguém. Não há mais noção de completude.

Salienta-se que a criação digital *Liberdade* é um ambiente em três dimensões (profundidade, altura e largura).

Um espaço tridimensional é aquele que trabalha com a noção de não existência do espaço plano. Portanto não há sequência lógica de leitura, nem qualquer espécie de hierarquia regendo as combinações, tanto mais que o simples deslocamento do leitor diante do objeto virtual já faz com que o arranjo tridimensional se altere em relação a ele. (MACHADO, 1993, p. 167).

Antes de iniciar a obra há a informação de que se trata de uma criação digital inspirada no bairro Liberdade, de São Paulo, onde convivem várias etnias e culturas. Nesse espaço digital

se encontram ruas, pessoas, lugares, um cenário condizente com a população que lá habita. O poema tem influência especialmente japonesa, dado obtido pelo vídeo de abertura do poema. Eis a razão pela qual a cultura do papel aparece com estruturas de origamis, principalmente dos pássaros, além de ser usada como metáfora (de placas, cartazes, pichações). Pela obra o leitor é provocado a conhecer uma ilha imaginária, cercada de água, onde a poesia emerge em forma de grafismos e de textos na interface visual e áudios com declamação. A propósito, se o leitor em determinado momento cair na água, deverá reiniciar o percurso – é como se caísse no mar do esquecimento, quando se apaga tudo que passou até aquele momento e isso impossibilita o retorno ao ponto de partida, ao mundo deixado na despedida. A imagem, então, fica ofuscada.

O leitor vai vagando pelo texto, envolvendo-se com várias linguagens, conforme Torres (2017) proclama que há nova relação com a literatura. Para percorrer os caminhos utiliza-se de letras do teclado, e o *mouse* é usado para controlar o campo de visão. Deste modo, mais do que simplesmente mover os olhos em direção ao objeto de leitura, o leitor deverá dispor de sua função cognitiva, pois, como afirma Hayles (2009), essa função foi afetada diretamente com as mudanças nos procedimentos de comunicação digital. O leitor-navegador agora precisa escolher o que irá clicar para seguir adiante, pensar sobre os sentidos desse texto, já que encontrará, na maioria das vezes, pistas, e não um texto acabado. Além disso, utilizando-se o botão esquerdo do *mouse* é possível obter as memórias do que se conseguiu capturar/salvar no ambiente do poema. Tais memórias são quadrinhos que aparecem na tela; para acessá-las, basta clicar em cima daquela memória que se deseja, e para sair desse ambiente é só clicar na letra X. Essas memórias estarão disponíveis a qualquer momento; basta clicar com o *mouse* no canto superior direito da tela e se abrirá um painel de opções. Quanto mais o leitor lê nos espaços, mais aumentará a memória. A ideia de jogo, de imersividade.

A memória, elemento central da leitura desse poema, implica não só a memória do personagem e a memória do leitor envolvido com o ambiente, mas a relação da memória com o digital. Além do que, muitas informações são armazenadas na memória do computador. Para Santaella, “graças à digitalização e compressão dos dados, todo e qualquer tipo de signo pode ser recebido, estocado, tratado e difundido, via computador” (SANTAELLA, 2003, p. 71). Por sua vez, a internet guarda as memórias humanas. Assim, tendo como tema essas memórias, o leitor é convidado a ler e interpretar o poema, a juntar as peças que compõem histórias de vida, a memória do imigrante, sua língua, seu passado, suas tradições, tudo impresso nas ruas e no voo de um origami que acompanha todo o percurso. Isso explica que o poema, embora interativo, não deixa de ter seu caráter literário.

Antes de adentrar os caminhos da obra, são primordiais alguns conhecimentos do bairro Liberdade. Sakurai (1998) registra que a imigração japonesa para o Brasil se iniciou por volta de 1908. Os imigrantes japoneses trabalhavam em situações precárias e tinham seu salário reduzido, levando grande parte dos grupos japoneses a desistir da estadia brasileira e voltar a sua terra natal. A imigração japonesa que ficou no Brasil em definitivo e se estabeleceu no bairro Liberdade foi abrindo comércios, construindo escolas, igrejas, clubes e moradias.

Desse espaço, onde o trânsito e a permanência mutuamente orbitam, onde a identidade se liga ao passado de partida com o presente de um destino sempre em aberto, surge um novo “bairro” de sentidos, projetado como um sítio virtual ligado ao que existe de real. Na representação do que se conjuga como *Liberdade*, o voo de um origami faz da obra algo mais aberto. Um dos pássaros de origami está em cima de uma plataforma, e nela está escrito “aqui o papel vai ao vento”. Quando o leitor se aproxima deles, esses pássaros tornam-se coloridos, uns vermelhos, outros roxos. Com isso, há a intenção de se representar, dentro do ambiente digital, o pássaro que é constituído pelo papel. A expressão “ir ao vento” faz referência ao espaço em que a poesia se insere. Nesse ambiente digital o pássaro ganha movimento, em um voar livre encontra com o leitor que não será o único a percorrer o trajeto em que a poesia circula sem regras, pois os versos deslizam na tela, palavras são lançadas no local, e o leitor tem a função de percorrer esse espaço com liberdade, ou melhor, a possibilidade de escolha dentro do que é factível usufruir, tal qual o título polissêmico do poema sugere. Justamente observa-se aqui o que foi dito pelo autor Antônio (2008) em linhas anteriores, em que o autor menciona que o espaço de leitura ganha outras dimensões, ligados ao incentivo da leitura e a postura que devem adotar os leitores nesse novo formato. A imagem 14 ilustra a presença do pássaro origami sobrevoando a área, e a figura 15, os espaços por onde se passa.

Figuras 14 e 15: Liberdade, de Alckmar Luiz dos Santos et al.



Fonte: Organização *eletronic literature collection*, 2013.

Registra-se que o caminho da atividade começa justamente passando pela palavra *liberdade*, pichada no chão e escrita em várias línguas. Inclusive, há uma seta entre as palavras *livres* e *servil*, uma antítese, diante de trabalhadores que se instalaram no Brasil na esperança de uma vida digna, mas que foram explorados, assujeitados à situação de refugiados.

Grande parte desse mundo criado é feito em páginas com linhas de caderno em branco, o berço das palavras, conforme se observa na Figura 15. Tais linhas revelam pedaços de uma construção que se encontram no chão: algumas imóveis, outras em movimento. De igual forma aparecem nas paredes assimétricas, sugerindo que o leitor preencha essas lacunas por meio de sua leitura, ou seja, reescrevendo a história pela sua interpretação. O que se observa é que aqui há o processo *mise en abyme*, que consiste na reflexividade literária – há uma consciência estética sobre a ficção. De acordo com o Dicionário de Termos Literários, “a *mise en abyme* favorece um fenômeno de encaixe na sintaxe narrativa, ou seja, de inscrição de uma micronarrativa noutra englobante”. É um recurso estilístico, a narrativa que contém outra narrativa, promovendo um vínculo entre as histórias, por meio do real e ficção.

Assinala-se que há várias palavras soltas e versos espalhados por essas linhas e nas paredes, como se vê na Figura 15. Sem obedecer a construção das palavras em cima das linhas, vão seguindo aleatórias, e em alguns momentos é possível ouvir trechos recitados por vozes femininas e masculinas, remetendo às lembranças dos moradores, mostrando a transitoriedade do tempo. Vislumbra-se que aparecem fragmentos sem pontuação; é como se as palavras simbolizassem a liberdade de escolha na página. É um convite para proceder à leitura. São substantivos, vocábulos prontos para serem apreciados; são poemas andantes, versos que se movem, se misturam, proporcionando ao leitor montar sua própria poesia ou sua própria “recordação”. Isso atesta que a leitura pode se apresentar de forma diferente e mesmo assim não perde a qualidade, podendo passar da forma de leitura tradicional da esquerda para direita, de cima para baixo, uma página após a outra. A leitura linear, sequencial, dá lugar à leitura multilinear, multissequencial, conforme escreveu Lévy (1993); há uma multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem predefinida. A dimensão do texto no papel é materialmente definida: claramente informa seu começo e seu fim, as páginas são numeradas, o que lhes atribui uma determinada posição numa ordem consecutiva; já a leitura pelos meios digitais tem a dimensão que o leitor lhe der, por meio de um clique. Para o teórico, “a página é uma unidade estrutural, a tela do computador é uma unidade temporal” (LÉVY, 1993, p. 40-41). Ou ainda, no dizer de Chartier “a leitura em frente à tela é geralmente descontínua” (2002, p. 23).

Entre traços, vazios, sombreamentos e espaços irregulares essa criação digital explora

também o uso de vários gêneros textuais. É uma capacidade que o mundo eletrônico oferece. O poema permite a proximidade entre os gêneros, bem como suas relações. Tanto é que os autores trilham neste poema um labirinto, que pode ser visto de cima, o qual é feito de classificados de jornais, aparecendo nomes, telefones. Novamente aqui aparece a dualidade: papel x impresso. Ou melhor, a representação do papel dentro do digital. Ao se aproximar de um determinado local desse espaço, uma música oriental começa a soar; quanto mais se aproxima, mais aumenta o volume do som, e quando se afasta, ela some. Nesse local estão espalhadas algumas luzes de cores diversas; quando o leitor as ultrapassa, trechos são recitados. A audição fica gravada na memória do poema.

As palavras cruzadas também marcam sua presença dentre os gêneros textuais disponíveis (elas exercem a função de ponte no poema) e por meio delas simbolizam as lembranças. Ao se aproximar do local, uma voz feminina vai tecendo oralmente outro gênero dentro daquele: as cartas de amor, que compõem essa teia de palavras cruzadas. Ela fala, por exemplo, sobre cada quadradinho, como se fosse uma gaveta que guardasse as lembranças; num dos trechos, “Gavetas são ilhas de lembranças de toda sorte”. Esses traços do poema permitem o contato com um mundo até então inexplorado ou pouco explorado, experiências que, nas palavras de Lain (2013), só se tornam possíveis no meio digital. Um cenário vasto a se desvendar: quanto mais se avança, mais se tem a noção de quão rico é esse universo poético. Para integrar o ambiente desta poesia digital, há o jogo sonoro das rimas, as quais tornam-se visíveis neste verso: “O inverso em ver só inverso”. Aqui, o texto brinca com a rima da palavra *verso*, numa melodia e no ritmo que se repete pela audição presente no poema, e vai formando a música aos ouvidos: “inverso em verso”. Observa-se aqui a musicalidade do verso, própria da lírica de acordo com Staiger (1993). Para o autor, é a junção entre som e sentido que gera a qualidade artística desse tipo de poesia. Logo, quanto mais profundamente estejam ligados esses dois pontos, maior a dificuldade em observá-los de forma isolada.

É notório também o uso do prefixo *in-* na palavra *inverso* mostra a possibilidade de contrariedade da apresentação do verso de um ao lado do outro, pois o movimento do verso acontece de cima para baixo, mas com cada palavra posicionada uma abaixo da outra (as palavras aparecem rolando na vertical, em uma espécie de cortina na janela). Inclusive, nota-se que a palavra *verso* está separada em sílabas, fazendo com que a sílaba *ver* fique destacada, o que sugere novas dimensões de visualização da poesia pelo uso do digital. Esse passeio pelo bairro Liberdade traz como desafio a leitura, o sabor em transitar por percursos literários e não pela competição, por pontos, um dos fatores que o diferencia de um jogo. Entretanto, exige uma certa capacidade de se movimentar, diferente de outras obras, mesmo que digitais, nas quais

não são necessários comandos específicos. Salienta-se que o primordial é o trajeto, já que não há um destino certo. Enfatiza-se que, ao transitar pela rota literária, o leitor constrói significados de acordo com o seu conhecimento de mundo e com sua sensibilidade como leitor de literatura. A mera operação nos comandos não permite interpretações; a manipulação no *mouse* não é suficiente para que se navegue na profundidade dos sentidos. O envolvimento e identificação que a tela oportuniza tornam-se uma forma de influenciar leitores: o participante sente-se questionado e instigado a querer saber mais sobre esse mundo. Quanto a tal aspecto, Santaella pondera:

O espaço virtual gerado pelas redes de computadores funciona como um novo meio. Abre-se com ele uma miríade de oportunidades que expandem o conceito de literatura em função de emergência de novas formas de criação literária. (SANTAELLA, 2013, p. 165).

Com isso, há um percurso de leitura que pode surpreender tanto na forma como se constrói essa variabilidade dos recursos (com movimento, palavra, imagens e sons) quanto no sentido gerado pelo leitor amparado pela interação. Outrossim, transitando pelo espaço digital, observa-se que determinados movimentos realizados geram registros nas memórias. É o caso, por exemplo, das memórias relacionadas com nomes dos personagens, já apontado anteriormente. Esses nomes referem-se às respectivas fotos com as quais o leitor se deparou no trajeto. Em vista disso, os personagens dispostos na tela, podem ou não compor a história que está sendo formada pelo leitor; tudo dependerá das escolhas de leituras feitas, do desejo de colher maiores detalhes de um personagem em detrimento de outro. Ainda, esta leitura tem a capacidade de ser superficial ou profunda, de acordo com o grau de valoração que é concebido durante a trajetória de navegação. Por exemplo, na memória com o título *Júlio*, aparecem as fotos do passado, que contam a história vivida por ele, protagonista da foto. É preciso fazer a interpretação dessas imagens, já que não há fala. Quando se visualiza e se aproxima dessa foto durante o percurso do poema, é como se ela estivesse em um *outdoor*, em que as imagens (fotografias) vão se alternando. O rosto não é mostrado, escurecido por uma sombra que projeta formas na parede. Júlio está com a cabeça baixa, rosto fixo, provavelmente imerso nas lembranças, evocando o sentimento de ausência. No final, o painel some, ficando só o vazio do espaço. A seguir, a imagem:

Figura 16: Liberdade, de Alckmar Luiz dos Santos et al.



Fonte: Organização *eletronic literature collection*, 2013.

Na sequência, algumas das fotos que aparecem no painel após a foto do personagem principal:

Figuras 17 e 18: Liberdade, de Alckmar Luiz dos Santos et al.

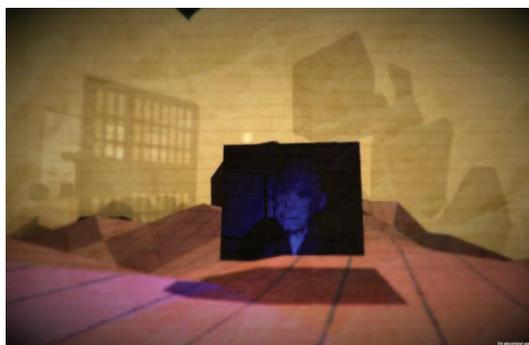


Fonte: Organização *eletronic literature collection*, 2013.

Depreende-se que a maioria das imagens são de fotografias antigas. A fotografia é um objeto de arte que já é, em si, algo estático, mas jamais deixa de se referir ao que passou. Há a representação de um passado distante, com imagens de um tempo perdido, dada a própria aparência de foto envelhecida pelo decorrer dos anos, retratando a sociedade de uma determinada época, a vida de outro momento. Basta verificar, por exemplo, em uma das fotos, a profissão de sapateiro, praticamente em extinção, a brincadeira das crianças de soltar pipas, as roupas utilizadas pelos personagens que compõem as fotos, como repara-se nas imagens acima, a presença do bonde, a arquitetura da cidade e a sala de aula. Aliás, esta parece ser a que menos alterações sofreu quanto ao *layout* do recinto e que persiste na maioria das escolas: a disposição das carteiras, a presença da lousa, o professor posicionado na frente da sala e o uso do material impresso. Sintetiza-se, por certo, que é marcante o papel da memória do coletivo no poema, mas também há a presença da memória individual, como se ambas fossem

complementares. Além da memória do personagem Júlio, há a do Hiroschi, que é o senhor que aparece na Figura 19.

Figura 19: Liberdade, de Alckmar Luiz dos Santos et al.



Fonte: Organização *eletronic literature collection*, 2013.

É visível a intenção de introduzir o personagem pelo retrato, ou melhor, o destaque do rosto. Ele não olha para frente, seu olhar está distante, preso ao passado, remetendo ao silêncio; as próprias fotografias complementam esse olhar solitário visto pela iluminação de cor azul colocada na tela do protagonista. Da foto principal de Hiroschi surgem outras fotografias. Hiroschi traz tipicamente a cultura japonesa, recordações que permeiam a vida dele e de tantos que habitam o bairro. Repara-se que essa fotografia do personagem principal, dentre outras fotografias que estão em evidência no poema *Liberdade*, são de pessoas em idade avançada, momento em que as recordações são marcantes, pois há saudades do passado. Esse estado nostálgico presente na poesia remete a muitas situações vividas pelas pessoas que tiveram que abandonar seu local de origem. Sem dúvida, percebe-se quão rico é o poema, por registrar as vivências desses moradores do bairro, mesmo sendo invenções, como diz Alckmar, nem por isso chegam a ser mentiras. Além do mais, o sentido do poema não depende apenas das palavras: as imagens falam muito da comunidade. É notório que

As imagens devem aparecer na tela de forma a convocar ou permitir determinadas perspectivas, desenhando certos traços de olhares, inclusive de outros. Habitando esse espaço de visualidades várias, o leitor poderá, então, presenciar e perceber a instalação do verbal nas/como imagens. (SANTOS, 2003, p. 82).

Nesse caminho entre o verbal e não verbal, aos poucos é apresentado o bairro, as pessoas, suas memórias e seus conflitos. Há as recordações, a exibição dos integrantes da família, das brincadeiras ingênuas, das amizades, enfim, da vida que não volta mais. Mais do que apenas contemplar, durante o itinerário há autonomia do leitor no ato de escolha sobre em

quais figuras clicar para saber mais detalhes; ele também decide se deseja ouvir apenas uma parte ou o texto na íntegra. Ressalta-se que essa ação é possível apenas pelo poema digital. É mais do que simples contato visual: há ação e intervenção do leitor simulando o percurso pelo bairro e utilizando-se para isso dos elementos periféricos, como teclado e *mouse*. Porém, mesmo com o auxílio desses instrumentos, o poder de interferência é limitado, de acordo com o que é ofertado pelos autores.

É o que acontece nesta outra etapa, por exemplo, onde ocorre uma chuva de haicais (poema curto de origem japonesa), como se fosse algo que se arreventou, uma rocha, e dela sobrassem as partes que compõem o todo, mas que agora estão soltas, voando ao vento, sem rumo – apenas pedaços. O leitor não pode interferir na ação da queda dos poemas, mas, enquanto os poemas estão caindo, poderá direcionar o *mouse* para conseguir ler rapidamente todo o verso (é como se o interator estivesse olhando para cima e lendo) ou, ainda, tem a opção de se aproximar dos que já caíram e proceder à leitura com maior facilidade. Ora caem para a direita, ora para a esquerda. As cores utilizadas em cada cartão são diversificadas, com a função de realçar os versos para que não passem despercebidos pelo leitor. Observa-se que no impresso seria impossível essa movimentação das cores no ato da leitura. Santos declara que “o movimento cromático, por mais simples que seja, vem perturbar o costumeiro e o automático da leitura dos versos” (SANTOS, 2003, p. 83); é um ruído que, inicialmente, apenas se insinua e incomoda, justamente por não haver nenhuma simbolização direta ou indireta das cores.

Com a agilidade de um cometa e nas mais diferentes formas, a palavra orbita sem lugar específico na tela e faz morada na memória do leitor. Ao mesmo tempo em que se mostram independentes, os versos que constam na construção digital *Liberdade*, bem como as palavras que aparecem separadas, têm relação com o propósito dos temas do poema, como a solidão, os encontros e desencontros, e com isso o avatar-jogador vai preenchendo o seu ser.

O ciberespaço pode ser a celebração ou a instauração de uma nova esfera mítica, propiciando a produção de avatares que, no exterior de nossa capacidade visual, criam perspectivas, objetos e esboçam tracejados em que nos reconhecemos e até nos vemos vendo. (SANTOS, 2003, p. 77).

A intenção é de que o leitor estabeleça uma relação entre as partes, promovendo a intervenção por meio da imersão no objeto – a ideia de transformação que se assemelha ao jogo; abarca, inclusive, o descompromisso que a poesia digital tem com a padronização; ela pode surgir de onde quiser, pois sua presença tem autonomia de aparecer no espaço. Obviamente, não é fixa, não há necessidade de sua permanência; ela pode aparecer e sumir – característica

de sua singularidade. O mais extraordinário é que se simula a situação do uso do papel, mas num ambiente virtual, numa relação ao mesmo tempo de oposição e transição do impresso para o digital, o que retoma a representação de um origami digital, como representação de outra representação: a de um pássaro em papel. É preciso reconhecer que nesse mundo o leitor se desenvolve e cria. A forma utilizada surpreende ao retratar de maneira diferente a leitura e talvez como ela é no inconsciente das pessoas. É um mundo muito diverso, o relevo é irregular, dotado de formas geométricas variadas. Para Santos, “deve-se cultivar e apreciar o plural de que é feito esse livro eletrônico tanto quanto o texto que dele se faz derivar” (SANTOS, 2003, p. 22). Compreende-se pela reflexão do autor, que se trata de articular uma correspondência de geometria variável entre um espaço de construção de sentidos – o ciberespaço; uma base material – o livro eletrônico; e o próprio texto. Disso constata-se que

As próprias técnicas, os próprios processos e instrumentos também passam a ser inseridos em uma estratégia de simbolização. Trata-se de trazer para a ribalta os objetos técnicos – colocados usualmente como coadjuvantes no processo de produção artística. (SANTOS, 2003, p. 53).

Como disse o autor, são “elementos incorporados às estratégias de escrita do poema, tão legitimamente como qualquer dos operadores poéticos tradicionais, como a rima ou o ritmo” (SANTOS, 2003, p. 51). Em um trabalho de enquadramento, encontram-se presentes as vozes no poema, que muitas vezes aparecem num jogo de aproximações e distanciamentos. Conforme o leitor se aproxima de onde ressoam as vozes, vindas próximas de uma imagem ou uma luz, elas são compreensíveis de se escutar, mas se o leitor se distanciar do lugar que está declamando a poesia, a voz para de recitar. Assinala-se que os versos do percurso são contemplados rapidamente; se o leitor desejar realmente analisá-los, deverá buscá-los nas memórias registradas. A mesma situação acontece com a nitidez das imagens. Quanto se está distante delas, ficam turvas, mas quando o jogador se aproxima, vão ficando nítidas. Agrega-se a isso imagens em que as cores se destacam; elas não são construções com apenas matizes apagados, mas têm cores realçadas, na medida que o leitor chega perto; para determinados ambientes tornam-se exuberantes, como no local em que as linhas vão passando e há um tom de amarelo ouro, como se estivesse presente ali um sol forte, brilhante. Na visão de Farina, Perez e Bastos, “[...] a cor exerce uma ação tríplice, a de impressionar, a de expressar e a de construir. A cor é vista, impressiona a retina. É sentida, provoca emoção. E é construtiva, pois, tem um significado próprio” (FARINA; PEREZ; BASTOS, 1990, p. 27). Sem esquecer que a cor amarela é primária, sem mistura; a cor do sol, em consequência disso, da iluminação. As cores colaboram

para criar uma atmosfera de amplitude, neste universo em que a palavra habita e o sentido acontece das mais diferentes maneiras. Elas vão compondo a arquitetura tão bem planejada, que promovem o envolvimento. Quanto a esse efeito diferenciado, Alckmar propõe:

É preciso que habitemos as imagens como quem lê uma cadeia de palavras, inaugurando correntes de significantes e redes de sentidos, flexionando e conjugando cores, formas, aparências, buscando acima da disposição física ou óptica das imagens um estado de dicionário e uma disposição sintática. (SANTOS, 2003, p. 78).

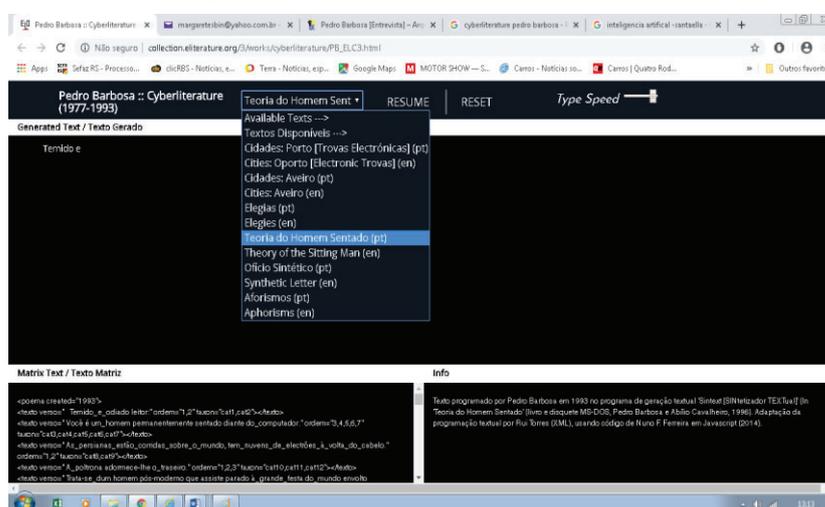
Nesse deslocamento pelas imagens, há um local onde a cor escura presente no ambiente provoca apreensão, pois é uma espécie de caixa grande –semelhante a uma prisão, contrária à liberdade. Quando se adentra à caixa, é como se ocorresse um *blackout*, um espaço na cor preta seguido por um discurso. Ao passar sobre uma chave feita de palavras de jornal impresso, o leitor será guiado para fora do local escuro, no ponto onde se estava quando se avistou a caixa. Tal dinâmica não seria exequível na leitura impressa. Esse ato traz à tona a díade papel e digital, o que ocorre a todo momento no percurso. Observa-se que, ao se aproximar da chave, ouve-se a sentença de Joaquim José da Silva Xavier, vulgo Tiradentes, um intertexto. O leitor resgata nesse discurso a imagem histórica do que passou e tenta reconstruir a fala dentro da sociedade de que faz parte. Complementa-se que antigamente, quando ainda não havia tal denominação do bairro Liberdade, os traidores do império, bandidos, escravos fugitivos, eram enforcados na praça local. As imagens são traçadas, recriando as memórias, provocando a inquietação. Como bem denota Santos (2003), não há subjetividade na máquina, pois quem pensa é o homem; o computador oferece estratégias a serem lidas. Ao encontrar a chave, o leitor promove a alteração do estado em que estava, ele tem o poder da mobilidade, e isso propicia uma relação diferenciada com a obra. Ao executar tal ato, confirma-se que na poesia não há limites para explorar aquilo que o artista deseja colocar na tela. Portanto, afirma-se que há muito o que se extrair desse poema. Pelo que se constatou, a atividade leitora, instrutiva, proposta neste poema é um singular exemplo de que é viável unir tecnologia, leitura, aprendizado e fruição.

Esse panorama, proposto neste subcapítulo, permitiu que se visualizasse a relação do poeta com o ambiente tecnológico, o destaque para a multimodalidade nesse processo de mediação da poesia (considerando que tudo que participa da construção do poema compõe as partes que irão tecer os fios desse grande tecido que é a leitura), bem como a forma interativa de se ler no novo espaço de significações. A cada acesso, o leitor amplia as chances de entendimento da obra, podendo sair do status de estranhamento, bem como, tendo várias direções a escolher, decidir de forma diferente o rumo de sua leitura.

6.7 *Cyberliterature*: uma aproximação à leitura infinita

Cyberliterature consta no v. 3 da *Eletronic Literature Collection*, contém seis poemas gerados por computador e que foram originalmente programados por Pedro Barbosa em 1976. Dado o ano de publicação este texto é embrionário na área da inteligência artificial, mas mostra a aproximação entre o tecnológico e o humano, causando uma ruptura provocada pelas inovações tecnológicas. Estas experiências foram pioneiras no campo da geração por computador de poesia. A escolha para esta análise foi o poema *Teoria do homem sentado*. Percebe-se que há a opção na escolha pela língua para visualização do poema:

Imagem 20: Teoria do homem sentado



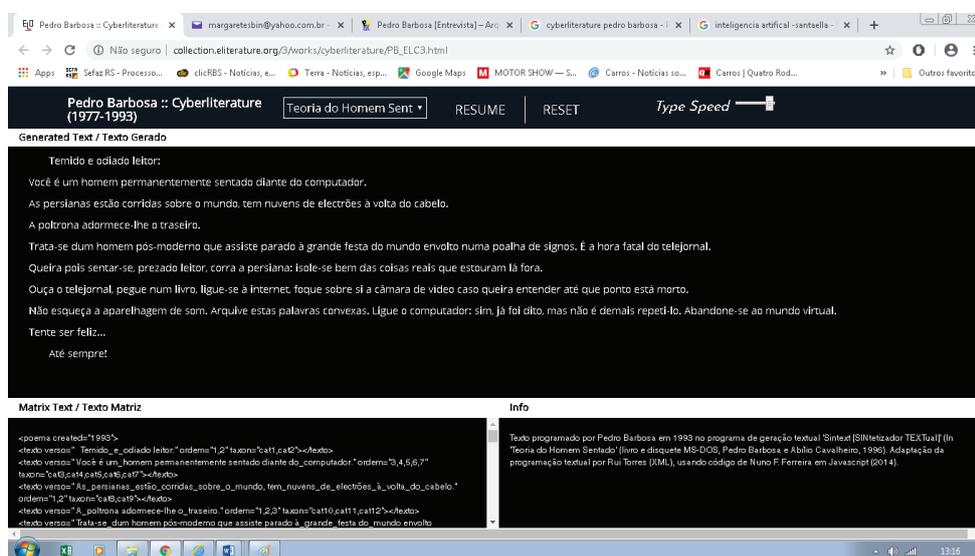
Fonte: Cyberliterature, 1976.

O autor aborda um tema atual e interessante neste poema. Utiliza-se da metalinguagem, ou seja, usa o computador para fazer uma crítica ao meio digital, mais especificamente à dependência tecnológica. Uma vez inserido no contexto, o leitor seleciona o poema e as palavras brotam na tela como se fossem pertencentes a um algorítmico de computador, comandos de programação no computador. Dito isso, parece que o autor faz uma inversão de papéis, ao invés do leitor comandar o computador, ele é que orienta e afirma, dizendo o que o leitor é. O próprio título constando a palavra “teoria” remete a um conjunto de regras aplicadas a determinada área. A ênfase encontra-se nas palavras, pois ao contrário dos poemas anteriores, neste não há presença dos sons. O texto é reconstruído pelo leitor e embora seja dinâmico, não há hiperlinks.

Segundo a interpretação sugerida, a estética em preto e branco não oferece nada fantasioso, o autor deixa a subjetividade para o leitor, é preciso que ele crie significado ao texto.

Propõe pelo texto, o cotidiano pós-moderno e invariável, o qual se sustenta pelas pequenas coisas, o dia sempre igual. Além das palavras demonstrarem isso, a forma pela qual o texto foi produzido comprova a afirmação: o texto é construído e reinicia, porém com pequenas mudanças na estrutura, mudam-se trechos de lugar, trocam-se palavras por sinônimos e o vocativo que sofre mudanças: Temido e odiado leitor, Parado e confuso amigo, Odiado amigo, Sentadíssimo leitor, Confuso amigo, Parado leitor, Enigmático leitor, Sentadíssimo amigo e Indecifrável amigo. O autor é irônico no final, repetindo com diferentes construções que o leitor é para entregar-se ao mundo virtual e a ressalva que coloca é sempre esta: *Tente ser feliz!*

Imagem 21: Teoria do homem sentado



Fonte: Cyberliterature, 1976.

A inserção das palavras, observadas na tela do poema conforme a imagem 21, assemelha-se a um grande texto feito pelas contribuições do usuário como se fosse a wiki, uma rede de participação, surgindo daí a possibilidade de uma *network*. A ideia de partilhar com mais pessoas cada verbete inserido neste texto, como um projeto colaborativo em que mesmo sem se conhecerem, as pessoas estão articuladas nas redes. Este sujeito, solitário no seu espaço de casa, do trabalho, sentado em sua cadeira, não se encontra isolado quando acessa a internet, muitas pessoas estão nos seus cômodos em sentido semelhante, porém podem estar conectadas com o universo. A solidão torna-se parcial. Como já dito no início deste capítulo, as pessoas são “nós” na rede da qual participam. O conhecimento não fica na mão de alguns, pois todos compartilham informações, as pessoas se tornam geradoras de informação.

Ao oferecer a inserção de palavras que se modificam na tela, depreende-se que o texto se configura na transição do que era fixo (papel, palavras estáticas e cópias iguais) para se

constituir na disponibilização de material diferente tanto em construção verbal e reconstrução quanto em possibilidade de ser dinâmico, com o movimento, com a possibilidade de poder pausá-lo, reiniciá-lo e remixá-lo. O texto pode ser atualizado a todo momento pelo leitor. Numa espécie de mutação, o sentido extraído do texto que se apresenta aos olhos do leitor, também pretende provocar ironicamente a posição do indivíduo diante das mudanças cada vez maiores provocadas pela tecnologia e a atitude passiva do receptor, embora o controle da velocidade do texto esteja com o leitor assim como está com o homem o controle da criação de mais e mais equipamentos tecnológicos.

Ressalta-se que apertando a tecla *Reset*, reinicia o mesmo texto numa nova série de combinações para o poema selecionado, o que se assemelha ao um Palimpsesto. A tecla *Stop* faz parar a escrita do poema que está a ser gerado. Ao clicar na opção *Resume* continua escrita do mesmo poema. *Type Speed* ajusta a velocidade de escrita das letras. No canto inferior direito da página, o leitor encontrará informação mais detalhada acerca de cada poema. Para esta análise copiou-se as diversas combinações que o texto se arquiteta, mas elas não se limitam, por vezes parece ser o mesmo texto, porém sofre pequenas alterações. Isso demonstra que a leitura pelo computador pode ser infinita, não há limites a contar do momento em que o leitor interage com a tela, abrem-se múltiplas perspectivas de conexões com vários textos e estes com mais outros e por aí segue-se sucessivamente. Pedro Barbosa, de acordo com a reportagem da Ípsilon (2017) foi o primeiro português a criar poemas gerados por computador em meados de 1970. O que fascinou o autor na época foi:

[...] o modo como o computador permitia uma aproximação inesperada à vertigem do infinito face à finitude humana, podendo gerar em poucos segundos milhares de textos diferentes dentro da mesma matriz literária”. O texto dava assim lugar a “um campo textual sem horizonte à vista e que já não fazia sentido imprimir em papel.

Diante dessas transformações provocadas pelo uso virtual o autor (2017) reforça que “todos os conceitos na comunicação literária – autor, texto, leitura – tinham de ser reformulados e era preciso inventar palavras novas”. Pode-se vislumbrar que se aproveitou desse arcabouço que o mundo digital oferece surgindo a literatura gerada pelo computador. É isso precipuamente que o autor quis demonstrar no poema *A teoria do homem sentado*, a criação da literatura, a construção dela pelo computador e, muitas vezes, a perda do controle do que se criou, extrapolando o que o autor pensou para a obra. O traço distintivo desse gerador automático de textos eletrônicos é a criatividade pelas opções de montagem do texto, propostas nessa relação entre a tecnologia e a literatura. Disso se constata que o computador é um extensor da criatividade: converte o infinito em finito (Abraham Moles). A leitura transforma-se numa "arte

variacional", e o leitor torna-se "escreitor". Sugerindo, inclusive, que quanto mais o leitor clica e vai sendo conduzido pelos comandos da tela, mais ele quer permanecer naquele estado confortável, sentado, imóvel, recebendo as informações. O leitor sofre a ilusão de estar conduzindo o equipamento quando, na verdade, está seduzido por ele.

O homem sendo escravo daquilo que ele mesmo criou, na perspectiva de que talvez a voz presente no poema "ria" da situação do leitor. E o autor tenta despertar o leitor desse estado em que se encontra. Essa escrita híbrida propõe que a leitura aconteça de forma que se tenha à disposição a criação do autor e o leitor criador, que direcionará o texto conforme deseja, obtendo um texto com várias combinações, sem ser acabado. Isso evidencia que a tela, conforme Lévy (2010) seja considerada como novo espaço de escrita, trazendo significativas mudanças nos modelos de interação entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto, e até mesmo, mais amplamente, entre o ser humano e o conhecimento. Na aparente desordem é que se constrói esse texto, provocando a expectativa por um texto com final, mas que tal ação não acontece.

6.8 Poemas atualizados, leitores em potência

É relevante pontuar o que foi exposto de forma geral até aqui, para passar a nova discussão que acontecerá na sequência a este capítulo.

Não há como negar que a cultura digital busca integrar o atual e virtual. Nesse contexto, as transformações das práticas de leitura são visíveis, permitindo novas formas de ver e agir em sociedade com suportes que se aprimoram constantemente. Diante desses avanços, o desafio da escola está em justamente acolher essas tecnologias e oferecê-las com qualidade aos estudantes. Alinhada a esse sentido, a literatura se abre a novas possibilidades como é o caso da presença da multimodalidade encontrada nos poemas digitais ou *digital-bom* conforme dito por Santaella (2012), quando se refere as produções poéticas realizadas no próprio meio. Esta estética renovada aqui em estudo propõe uma resignificação para o poema, agora em contexto tecnológico. Nota-se que ainda há muitas lacunas no ensino da literatura e uma delas está vinculada à leitura, por vezes, empobrecida dos poemas. Entretanto, o que deve ser ponderado refere-se ao grau de importância para a descoberta da sensibilização estética que o poema proporciona. É preciso oferecer esse gênero literário aos jovens, a fim de desmistificar a ideia que persiste em muitos meios educacionais. E isso deve ocorrer primeiro com o professor que é o agente do processo. Este sujeito deve ser leitor de poemas e provocar os estudantes para o exercício dessa atividade prazerosa, pois a literatura é uma necessidade para o sujeito em

formação. O docente deve se permitir viver essa experiência sensorial, assim como procedeu esta pesquisadora. Como já referenciado em palavras anteriores nesta tese “a literatura é uma forma humanizadora (CÂNDIDO, 1972, p. 95)”.

A proposta aos jovens é de que leiam poesia não só como forma de compreensão dos próprios sentimentos, mas também como um texto que pode vir carregado de referências, potencializando o desenvolvimento crítico que servirá para toda a vida. Há de se convir que

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza [...] Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem [...] Filha do acaso; fruto do cálculo. Arte de falar em forma superior; linguagem primitiva [...] Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. (PAZ, 2003, p. 15).

O poema, como resistência, uma forma de contestação, um “respiradouro contestário” nas palavras de Campos (2019) proferidas no subcapítulo que trata da importância da poesia. Assim, trabalhar poesia na sala de aula consiste em oportunizar ao estudante a vivência estética. Eis que, tal vivência literária pode acontecer no ambiente virtual. É o caso do poema digital, uma manifestação artística que merece espaço principalmente nas aulas de literatura. Porém, é preciso estar ciente de que várias barreiras encontram-se pelo caminho, com equipamentos nas escolas os quais não funcionam, o receio dos docentes de manusear os equipamentos, a desmotivação dos estudantes para aulas de literatura, além de que é preciso elaborar atividades pensando no que será feito com o material levado para os estudantes acessarem. Embora haja alguns obstáculos, existem também muitos pontos positivos que enaltecem a atividade como o fato da familiaridade de vários jovens com equipamentos eletrônicos, a facilidade com que operam à tecnologia, o gosto por dinâmicas diferenciadas e o incentivo que deverá partir do docente para o contato com essa tarefa. Quanto mais proximidade o estudante tiver com poemas, maior será a sua compreensão e aumento de bagagem para outras leituras. É a experiência objetiva e subjetiva que caminham juntas na busca pelo significado conforme dito por Langer (2005). Assim, o poema deve ser um recurso para formar um leitor ativo, por isso que ao se envolver com os poemas digitais e suas possibilidades de sinergia, torna-se viável conseguir construir os sentidos capturados pelo texto, fomentando a fruição. Esse é um passo que será discutido nas próximas páginas, quando efetuar-se-á a análise da prática realizada com os estudantes do segundo ano de ensino médio.

7 VERSOS E BITS: UMA PROPOSTA AOS JOVENS

Diante de um quadro difícil que se apresenta para os caminhos da leitura, com precariedades de materiais nas escolas, despreparo docente em razão de falta de incentivo e ausência de promoção de cursos de aperfeiçoamento, muitos profissionais da educação mantêm-se no *status quo* não inovando suas aulas, seguindo com aulas conteudistas, tentando provar que isso ainda é o melhor a fazer a fim de não afastar o jovem das atividades escolares, justificativa essa que perpetua o ato de sempre fazer a mesma coisa. Aliando-se a isso, a posição de resistência ao novo, como foi o caso da resignação da primeira escola em que se visitou para realizar à prática, forma um quadro alarmante que ao se pensar em querer ingressar com a tecnologia no ambiente escolar e disseminar essa ideia aos docentes que deveriam ser os mediadores da materialidade da palavra, torna-se uma tarefa hercúlea, mas não impossível, principalmente para àqueles a quem a atividade se destina: os jovens pesquisadores digitais. A tecnologia torna-se um instrumento desse processo entre o leitor e a poesia que foi o gênero escolhido para a prática leitora, porém, cientes de que ela não deve ser considerada como tecnolatria, a solução para todos os problemas da educação e precisa dos docentes para conduzir o processo. Mapeia-se na sequência como procedeu-se as atividades relacionadas com os quatro poemas e as análises dessa prática com os estudantes, tendo em vista a teoria apresentada nos capítulos anteriores e a entrevista com os autores das poesias em análise.

Ao se pensar na leitura da poesia pelo meio digital, torna-se por um lado mais fácil, por ser mais curto do que um texto em prosa o que justificaria ter mais leitores, mas por outro lado ela requer um conhecimento particularizado, tarefa, nesse caso, que exige mais dos leitores. Também, há de se convir que a maioria das pessoas não adquiriram esse hábito de leitura pelos meios digitais, não aquela leitura passageira pelas redes sociais e sites para acompanhar os acontecimentos, mas a leitura literária, de fruição. Um dos fatores que ainda determina essa falta de acesso é o econômico para que as pessoas obtenham equipamentos, como é o caso de um tablet, de um telefone celular, embora este, por ser usado para outras finalidades também, é um dos equipamentos almejados pelos jovens, que procuram adquirir assim que ingressam na vida profissional ou, até mesmo aqueles que não trabalham circulam com um deles por escolas públicas. Principalmente os aparelhos estão presentes nas escolas de Ensino Médio do sul do país, região em que a pesquisadora transitou, difícil não se deparar com estudantes circulando sem o equipamento nas mãos, entretanto, poucos têm acesso à internet. O fato é que nesse espaço tecnológico o jovem encontrou lugar para se expressar, conhecer o mundo ou até quem

sabe, aprender, por que não?

7.1 Do conto ao poema “à/há” interação: Clarice Lispector

Sem pretensões de exaurir o tema, é preciso lembrar que nesta tese o objetivo central está em analisar a viabilidade de formação do leitor por meio das pesquisas sobre poesia que aqui se apresentam e pela prática realizada em sala de aula tendo como corpus as poesias digitais presentes na Coleção de literatura eletrônica. Entre os objetivos específicos destacam-se verificar a recepção dessas poéticas para o perfil de estudantes em análise, ou seja, de quem usufruiu da prática e estimular o estudante no sentido de querer literatura, e em especial acolher os poemas percebendo o quão importante é o tempo dedicado para contemplação e imersão de si próprio e das coisas que o circundam por meio da leitura.

Complementa-se que as falas dos adolescentes, as atividades realizadas, os questionários por eles preenchidos compõem o quadro de atividades práticas realizadas, permitindo que se confronte a teoria com esses dados práticos. Da mesma maneira, registra-se que a escola Estadual Ministro João Paulo dos Reis Veloso, em que transcorreu a pesquisa no segundo semestre do ano de 2018 está situada em Dourados-MS e a turma escolhida foi do 2º ano do Ensino Médio, totalizando oito aulas de atividade prática.

Com relação especificamente ao poema Amor de Clarice, este teve encaminhamento já no início da prática, terça-feira (2 períodos, 2ª e 4ª aula), a primeira atividade realizada foi a exibição de *slides*, falou-se da esfinge, de poesia concreta, apresentou-se como exemplo a poesia do Décio Pignatari *Beba coca-cola* (elementos verbivocovisuais) à qual exemplifica o diálogo com a publicidade. Bem como apresentou-se a transcrição do poema com vídeo *A odisseia musical de Gilberto Mendes*. Prosseguindo, mostrou-se a entrevista de Clarice (Imagem 4), complementando que esta entrevista foi gravada um pouco antes da morte dela. Solicitou-se que comparassem Clarice com a esfinge visualizada nos slides. Após, registraram com canetão no quadro essa relação, em apenas uma palavra. (Imagem 5). Para finalizar, trabalhou-se o conto Amor de Clarice Lispector (leitura e discussão) e explicou-se o conceito de epifania.

No segundo dia de atividades, quarta-feira (1 período, 3ª aula), após o preparo do dia anterior, os estudantes puderem conhecer e interagir com o poema *Amor de Clarice* do autor Rui Torres, como se pode ver no Anexo (Figuras 6, 7 e 8). A pesquisadora projetou o acesso na tela até chegar ao poema.

7.1.1 A AUTORA E A ESFINGE

A atividade aqui apresentada está relacionada principalmente ao último vídeo de entrevista da Clarice Lispector (Imagem 4) bem como da exibição de *slides* mostrando o que é a esfinge. Solicitou-se aos estudantes que comparassem a autora com a esfinge visualizada nos slides. Após, registraram com canetão no quadro essa relação, em apenas uma palavra. (Imagem 5). Salienta-se que a proposta de atividade era para que usassem o quadro de forma livre, como quisessem registrar as palavras, de preferência, de maneira diferente, mas percebeu-se que persiste a escrita das palavras uma abaixo da outra, uma ao lado da outra tal qual a leitura linear a que estão habituados (Ilustração-fotografia 5). Isso indica que a escola não se renovou conforme já comentado nesta tese e mencionado por Hayles (2009) quando diz que é preciso novas formas de ensino, interpretação e execução. Aqui, nesta atividade se pensou em usar a criatividade, em organização diferenciada para a exposição das palavras, mas predominou a aprendizagem tradicional, o que comprova a dificuldade que sentem em inovar. Ao encontro de tal informação Jenkins (2009) acredita que há um enorme potencial para o desenvolvimento deste jovem leitor e escritor que está no período escolar. Assim, é preciso dar condições para que o estudante evolua e isso implica incentivar e provocar mudanças, dentro de um ambiente adequado e acolhedor.

Observou-se, ainda, que se sentiam envergonhados para deslocarem-se de suas cadeiras. Foi preciso um deles ter a iniciativa, para outros ficarem encorajados para o ato. Mesmo assim, nem todos quiseram registrar a sua palavra no quadro. Tal comportamento revela que alguns estudantes ficaram com medo da resposta não ser a correta, pois estão habituados a exercícios com apenas uma única resposta prevista como certa e esta se encontra no livro didático. Para Geraldi (1996) a tradição do ensino gramatical não leva o estudante a fazer análise, pois há respostas dadas e perguntas que os estudantes sequer formularam. Em consequência tais respostas não lhes dizem nada e os estudos do texto se constituem no que se tem para estudar, sem saber para que aprendê-los.

Une-se a isso, o fato de que estão acostumados a produzir textos em que o professor, na maioria das vezes, não realiza um trabalho de reescrita do texto em que o estudante perceba o que precisa ser melhorado, assim, não basta devolver ao aluno o texto com a nota, é preciso oportunizá-lo de reconstrução do texto. Caso isso não ocorra, o estudante não avançará na escrita. Também, é preciso oportunizar o estudante para se posicionar oralmente, mas para que isso aconteça, ele precisa de leituras, debates na sala de aula fim de se sentir apto a manifestar-se. Nesse sentido, pode-se dizer que “a inclusão democrática dos sujeitos nas práticas sociais de escrita e leitura ainda não é uma realidade a se comemorar no Brasil (CAVALCANTE,

2018). Além do mais, é necessário considerar a realidade linguística dos estudantes para ampliar suas experiências linguísticas. Por último, os estudantes podem ter sentido receio de serem ridicularizados pelos colegas. Assim como a situação de leitura apontada por Petit (2008), quando cita um exemplo dos meninos que viam a leitura como uma atividade arriscada, que poderia fazer com que se distanciasse do grupo, aqui nesta atividade do registro do quadro também se percebeu que não queriam sentirem-se fora da turma, por isso alguém precisou ter a iniciativa.

Vale apontar algumas palavras que os estudantes registraram no quadro: imponente, intimidadora, guerreira, mistério, atenção, marcante, amarga, poderosa, coragem, bipolar, independente, desconfiada, determinada, potente. Percebe-se assim, que o desafio foi aceito quando tentaram decifrar o enigma do perfil da autora, mas quanto à atitude de exporem seus posicionamentos no quadro, a participação foi parcial.

Arrola-se abaixo algumas considerações do que os estudantes comentaram oralmente com relação à essa atividade de comparação, às quais foram gravadas e depois transcreveu-se: Estudante 1 *Ela era corajosa, eu acho que a esfinge era corajosa e a escritora também. A forma como a escritora se posiciona diante da entrevista demonstra rigidez no corpo, nas respostas. Seu olhar é fechado assim como suas respostas são secas, não faz rodeios para falar. Fixa num ponto, fuma um cigarro, está desconfortável diante das câmeras, como se estivesse o tempo todo na defensiva. Comporta-se com seriedade absoluta, pois em nenhum momento sorri, provavelmente foi o motivo que o estudante a tenha relacionado com coragem. A leitura e interpretação em outros suportes que não seja o impresso tem proximidade com a leitura em movimento das poesias digitais. A intenção é apresentar progressivamente a leitura diferenciada, até chegar no o poema em estudo. “É nesse fluxo vivo e grupal que leitores e escritores da era digital constroem as suas deslizantes subjetividades em meio aos contínuos lidos e relidos, escritos e reescritos” (COUTO, 2016, p. 44). Assim, aproximaram-se da prática com a poesia, conhecendo a escritora e seu estilo de escrita, manifestando suas considerações sobre a o que visualizaram nos slides e no vídeo e aos poucos, sentindo-se seguros para exporem seus pensamentos, pois a participação deles durante o contato com *Amor de Clarice* tornou-se relevante para a pesquisa.*

Já para este Estudante: 2 *Acho ela bem intimidadora, a esfinge, ela transmite isso e a Clarice também. Enquanto um dos estudantes a viu como corajosa, o outro a percebeu como intimidadora. Cada um leu de acordo com sua realidade, suas construções, visões de mundo, bagagem literária, conhecimentos prévios. É preciso dar essa liberdade de expressão aos estudantes, para que entendam que a sua fala é importante, nem sempre podem estar no rumo*

adequado ao que se pede, mas poderão ir ampliando sua análise à medida que forem praticando. Nesse sentido, a leitura pode ser extensão do horizonte de referência, um caminho para despertar o espírito crítico, apropriação da língua, ajudar o jovem a ser mais autônomo e não objeto de discursos repressivos (PETIT, 2008).

Espontaneamente os estudantes vão construindo suas opiniões, sem cobrança, apenas uma interpretação daquilo que entenderam, daquilo que visualizaram. A resposta da Estudante 3 vai ao encontro da resposta do colega anterior: *acho ela bem intimidadora, a esfinge, ela transmite isso e a Clarice também*. Clarice tinha um histórico psiquiátrico, um dos motivos para esse seu jeito estranho. Fora isso, a autora diz na crônica *Ao linotipista*: “e se você me achar esquisita, respeite também. Até eu fui obrigada a me respeitar”. (LISPECTOR, 1984, p. 154). Ela mesma torna-se irônica diante da sua própria postura, sabendo que causa estranhamento, provavelmente nem ela se sinta confortável, talvez ela também estivesse em crise existencial, assim como deixa claro tal sentimento em algumas personagens e uma delas é Ana, a personagem principal do conto, que está presente no poema aqui analisado.

Para outra Estudante 4 *Determinada porque a esfinge é uma mistura de leão com mulher, mas eu achei ela um pouco triste, não sei se muita relação com a esfinge, a esfinge é toda*. Neste final a estudante complementa pelo uso não verbal, faz careta com o rosto. Destaca-se que a escola tem a função de facilitar a ampliação da competência comunicativa dos estudantes, para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas. (escrita e oralidade). Assim, atividades que proporcionem a liberdade de expressão vão permitir que na próxima atividade o estudante participe novamente e aprimore cada vez mais seu discurso.

Nota-se que a entrevista provocou curiosidade, chamou a atenção dos estudantes, conseguiram observar detalhes, procedendo a leitura do que a autora quis dizer e da forma como ela disse. Baker e Wigfield (1999), procuram demonstrar que a motivação para a leitura, perspectiva-se por ‘engagement’ (envolvimento). Análogo a esse termo está ‘engaged reader’ (leitor envolvido), associado ao sujeito motivado para ler com várias intenções. Os efeitos do envolvimento do leitor na entrevista também foram revelados pelo Estudante 5:

Eu achei que as duas têm uma relação assim que as duas são bastante assim amarga digamos e elas também são bem desconfiadas também assim. Igual a Clarice na entrevista, ela respondia às perguntas, ela respondia assim com ar de desconfiada, ela sempre parece que tava com o pé atrás com a pessoa que tava com ela.

Com relação à Clarice, complementa-se que realmente é difícil decifrá-la. Nesta entrevista quando perguntada sobre seus escritos na adolescência considerava-os como caóticos, fora da realidade da vida. Julgava-se tímida e ousada ao mesmo tempo. Com relação à resposta oral da estudante sobre Clarice, a aluna utilizou-se de um estilo não monitorado da linguagem, pois a resposta foi dada informalmente, por isso atendeu as expectativas. Provavelmente se a atividade exigisse que o estudante se posicionasse em frente aos colegas, haveria poucos voluntários. Da forma como foi disponibilizada, a atividade fortaleceu a participação, não ficaram preocupados em como estavam respondendo. Via de regra, tentou-se demonstrar que “não basta um vocabulário dicionarizado, é preciso entender que a língua ali se encontra explorando aspectos da coletividade e da capacidade criadora de seu autor e de seu leitor” (AMARILHA, 2006, p, 26). O importante é promover uma ação reflexiva, já que os jovens hoje estão turbinados pela tecnologia e pelo imediatismo, exercitando pouco as pausas para compreensão do que leram.

A Estudante 6 tece as seguintes considerações: *a imagem passada pela esfinge assim como a autora no vídeo passava uma imponência, quis me referir a postura dela, assim como a esfinge mais imponente, mais dura, mais firme*. Essas características se revelam no ato da entrevista, basta pensar na postura da escritora durante a entrevista, do início ao fim se mantém na mesma posição, sentada, rosto fechado, reflexiva, apática. Porém, ela não se considera hermética. Nota-se que os estudantes em sua maioria conseguiram perceber esse jeito reservado da autora. Além do mais é preciso levar em consideração que para muitos estudantes talvez a escola seja o único espaço social de acesso a bens culturais como a literatura (CAVALCANTE, 2018) e complementa-se que possivelmente seja o lugar exclusivo em que o estudante exerce seu posicionamento crítico e com subsídios para isso, amparando-se em algo real, aprendendo que para opinar é necessário estar embasado na fonte, o que oportuniza comentar sobre a intoxicação causada pelo excesso de opiniões de quem desconhece o que espalha, mais popularmente conhecidas como Fake news.

Na sequência, a Estudante 7 anotou no caderno trechos do que a pesquisadora passou nos *slides* e comentou e em razão disso a estudante falou:

Tem uma frase que você passou pra gente que a esfinge, do enigma da esfinge ou devoro ou me decifre, as duas elas dão a aparentar que são bem intimidadoras tanto na entrevista quanto a esfinge na suas falas, as duas são bem intimidadoras. Só que no fundo elas dão aquele ar de mistério que chamam muito a atenção.

A escritora não gosta de revelar algumas informações, suas respostas são curtas, algumas vezes prefere não responder e em outras vezes diz não saber a resposta. A autora confessa ter períodos que produz intensamente e outros de hiatos. Nesses períodos a vida fica intolerável. Essas passagens podem ser longas e vejeta nesse período. Ou então para se salvar se lança em outra obra. A estudante acima citada utilizou-se das informações aprendidas em sala e as usou no momento de relacionar com a leitura que fez da entrevista. Como dito por Petit (2008) pela leitura os leitores aprendem a arte de argumentar. A estudante não quis responder de qualquer jeito, quis apresentar argumentos, citação. Além do mais:

As demandas sociais devem ser refletidas e refratadas criticamente nos/pelos currículos escolares. [...] para que a escola possa qualificar a participação dos alunos nas práticas da web, na perspectiva da responsabilização, deve propiciar experiências significativas com produções de diferentes culturas e com práticas, procedimentos e gêneros que circulam em ambientes digitais. (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 135)

Nem todos têm acesso à internet, assim, o contato com diferentes formas de aprendizagem cativa muitos estudantes, para os quais já não basta meramente abrir o livro didático e ler o conteúdo de literatura, o qual se exhibe de forma maçante, fragmentada e distante do que esses educandos almejam sentir nos bancos escolares. É preciso que a escola se preocupe com a leitura da literatura, ou seja, a compreensão do texto e não se atenha somente no ensino da literatura, isto é, o estudo da obra literária, tendo em vista sua organização estética.

Tudo parece, por fim, girar em torno das condições escolares de aprendizagem e isso inclui professores-leitores aptos a lidar com o que é novo, escola adaptada às mudanças tecnológicas da sociedade e em consequência disso estudantes motivados a aprender.

Para este Estudante 8 *ela é misteriosa, a esfinge é um bicho meio que uma pessoa, é meio confuso pra uns e pra outros, mas são iguais a uma mulher: ela é confusa, ela é decidida, ela é determinada. Reflete ela na esfinge e a esfinge nela.*

Essa ideia de enigmática se comprova com as palavras da própria autora. Ao relembrar passagens pelos desertos egípcios, a escritora disse ter olhado fixo para a esfinge e assim constatou: “Eu não decifrei ela. Tampouco ela me decifrou.” A fala da estudante ficou um pouco confusa assim como a própria palavra que utilizou e ela foi contraditória. Ao falar oralmente não teve o tempo de elaborar sua resposta e talvez não esteja acostumada a contribuir com suas opiniões nas aulas, o que comprova que trabalhar com leitura deve ser um “espiral quase sem fim que pode e deve começar na escola, mas não pode encerrar-se nela”. (LAJOLO, 1993, p. 7). Vê-se, atualmente, acadêmicos de graduação, que dizem não gostar de ler e a proporção não é pouca. A lacuna pode estar no ensino básico, pois como se observou na

pesquisa Retratos da leitura no Brasil, o estudante começa a engrenar a sua leitura na infância e depois declina, também a mesma pesquisa revela que há outras atrações que estão entre as preferências juvenis, disputando o lugar com a leitura.

Diante das reflexões dos estudantes aqui apresentadas, percebe-se que a imagem de uma mulher determinada, marcante, prevalece nas falas. O leitor tentou decifrar o perfil da autora pelas palavras e pelo jeito que se comportou durante a entrevista. O contato com os slides apresentados e com o vídeo da entrevista, permitiram que o estudante exercitasse sua capacidade interpretativa, utilizando-se para isso da comparação entre a autora e a esfinge, procurando o grau de proximidade entre as duas. Vê-se que as atividades literárias provocam o desenvolvimento da aprendizagem do leitor junto ao contexto, permitindo valer-se da cultura que ele traz consigo, e isso precisa ser exercitado.

7.1.2 O AMOR IMPRESSO E O AMOR DE CLARICE DIGITAL

Inicialmente, para os estudantes participantes desta pesquisa mergulharem no poema, foi preciso realizar a leitura e discussão do conto *Amor* de Clarice Lispector. Os discentes ouviram falar da autora, porém não conheciam o conto *Amor* escrito por ela. Segundo a professora da turma, os estudantes só trabalham no 3º ano com o Modernismo, razão pela qual Clarice e suas obras são estudadas nesta série. Ressalta-se que se conceituou epifania aos estudantes, antes de iniciar a prática, para melhor entendimento.

Tendo por base a leitura do conto, a intenção também, foi de que conseguissem maiores contribuições do conteúdo para depois partir para a prática no digital, pois, além de situarem-se no contexto, puderam interagir com mais interesse. Um dos motivos pela escolha do referido poema se deve ao fato de representar a transição da cultura do papel para o eletrônico, pois com ele poderiam aprender uma estrutura diversa daquela que muitos estavam acostumados, o que se tornaria um desafio. Ademais, a atividade proposta representa, como se referiu Failla (2016, p. 89) uma “múltipla fruição”, trânsito entre linguagens e suportes, mesclando-se modalidades.

Quanto a leitura do conto, pode-se dizer que o dilema existencial presente na história, gerou algumas discussões em sala de aula, principalmente, as meninas foram as que mais se posicionaram no curto espaço de tempo que tiveram para discussão. Provavelmente se não existia alguém da família que fizeram a comparação com a situação vivida pela personagem, é possível que conhecessem alguma outra mulher que estivesse nesta posição. Mesmo sendo um conto extenso a ser lido, percebeu-se que os estudantes se mantiveram atentos. Vale ressaltar que assim como nos círculos da leitura, aqui a leitura do poema *Amor* foi lida pela pesquisadora,

numa atitude de “leitor-guia, figura que mobiliza, provoca, costura as demais falas, sem fazer prevalecer a sua própria” (YUNES, 2009, p.80). Os estudantes puderam participar no final da leitura, pois a intenção era de que durante a leitura não se trocasse de leitor, em razão de que ao ser solicitado para cada estudante ler uma parte de um texto, muitas vezes, na troca de leitores se perde a condução do texto, ainda, era preciso dar ênfase ao conto, assim, optou-se pela leitura centralizada na voz da pesquisadora. Para Petit (2008), na leitura em voz alta, os gestos de ternura, a inflexão da voz, se misturam com as palavras.

Nota-se que um dos fatores que mais causaram surpresa, principalmente nos comentários das meninas da sala, foi o fato de que no final do conto a personagem Ana continuou sua rotina. Houve uma quebra de expectativa, elas imaginavam que a personagem sofreria, a partir da epifania, uma mudança radical. E elas torciam para que isso acontecesse como se fosse a sua própria vivência, colocando-se no lugar da personagem. Encaixa-se perfeitamente aqui o que foi referenciado por Cosson (2009, p. 17), segundo esse autor, “no exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda, sermos nós mesmos.” Partindo-se desse contato com o texto impresso (conto) e após com a forma analisada (poema), observou-se que vai ao encontro do que afirma Hayles (2009) referindo-se aos efeitos das tecnologias digitais que interpenetram a leitura do impresso. Além disso, para a autora como a literatura eletrônica é normalmente criada e executada em um contexto de redes e meios de comunicação digital programáveis,

Ela também é movida pelos motores da cultura contemporânea, especialmente jogos de computador, filmes, animações, artes digitais, desenho gráfico e cultura visual eletrônica. Nesse sentido a literatura eletrônica, é um “monstro esperançoso” (como os geneticistas chama as mutações adaptativas) composto por partes extraídas de diversas tradições e que nem sempre se posicionam juntas de forma organizada (HAYLES, 2009, p. 21).

Hayles (2012) também comenta que raramente os estudantes são estimulados a utilizarem da tecnologia nas aulas de literatura. Diante das colocações dessa notável pesquisadora e crítica literária, pode-se complementar que há falta de contato com o digital nas escolas e isso foi verificado nesta prática, pelos comentários dos estudantes e pelo questionário que preencheram.

Assinala-se que no segundo dia, passaram para a etapa prática, quando interagiram com o poema. Observou-se que demonstraram ter facilidade com os meios eletrônicos, o que é normal, já que a maioria deles tem celular. Quase todos fizeram a atividade no computador com

afinco, pelo que se pôde perceber. Alguns sentiram dificuldades em entender o poema digital, por ser fragmentado, mas todos acessaram o poema. Quando a internet ficava lenta é que uma minoria se dispersou acessando outros *sites*. Aliás, o fato de a internet ficar lenta aconteceu com frequência durante as aulas.

Essa foi a primeira atividade prática e a pesquisadora foi observando como se portavam quanto ao uso da internet e a concentração. O rendimento, como se disse, foi dificultado em razão da lentidão da internet. A pesquisadora pediu que observassem a diferença entre o impresso (o conto lido *O amor*) e o poema digital (*Amor de Clarice*). Também solicitou que ficassem atentos para os dois títulos e as semelhanças com a poesia concreta (a pesquisadora reiterou brevemente o que era esta poesia). Enquanto desenvolviam a atividade, a pesquisadora foi passando entre os estudantes e gravando as falas espontâneas que foram surgindo. O primeiro sujeito, a Estudante 1, afirmou: *É como se ela dissesse, como se o vídeo tivesse reproduzindo o que passou na cabeça dela, as frases se repetindo e devagar e lentamente e contando*. Nas palavras da estudante se reconhece a experiência literária, esse contato efetivo com o texto, o experimentar da sensação de estranhamento que a elaboração peculiar do texto literário, pelo uso incomum de linguagem, consegue produzir no leitor, o qual, por sua vez, estimulado, contribui com sua própria visão de mundo para a fruição estética. (BRASIL, 2006). Ainda, ao fazer uso dos advérbios de modo “devagar e lentamente”, a estudante pronunciou essas duas palavras devagar, como se dando ritmo às palavras para se fazer entender. Ao mesmo tempo dando ritmo ao poema, pois conforme Lobledo (apud Petit, 2009, p. 27)

A poesia é antes um ritmo, um ritmo que sustenta, que protege do vazio, que impede a vertigem, pois quando nós nos abandonamos ao ritmo, ele nos acolhe: algumas vezes lentamente, outras de forma rápida e cadenciada, restituindo-nos o ritmo original e binário do coração: sístole, diástole.

O ritmo é constante no poema, seja pelo envolvimento do som que foi apontado com frequência pelos estudantes, seja o ritmo das imagens ou das palavras em movimento. É o que pode ser percebido na fala do próximo estudante, que ao ser questionado sobre o que estava achando do poema, este Estudante 2 disse: *Tem até uma batida nesse grita horrores, ele traz uma sensação de* (o estudante faz uma pausa) *de medo só que também traz uma sensação boa, assim de com aquela batida não dá tan* (expressa o barulho) *não deixa você fica com tanto medo*. Entre as palavras o estudante faz uma pausa, procurando encontrar a palavra certa, já que foi pego de surpresa para responder. Essa foi a intenção, pois respostas pensadas deveriam

escrever no questionário final. O estudante interpretou o efeito causado pelo som, justamente trouxe para a sua fala a parte principal do texto, o momento do GRITA HORROR, em que começa a tocar uma batida. Para Santaella (2005) a música produz estados de sentimentos, certos ritmos sonoros acompanham certos modos de sentir. Os sons, justamente surgem para causar esse horror no leitor, fazer com que vivencie o sentimento que estava explodindo na personagem, causando uma espécie de medo, um efeito que por permitir um tempo para reação do leitor, pode provocar esse sentimento de despertar do estágio inicial de pânico para alívio. É o leitor vivenciando a poesia por meio dos elementos fornecidos pelo digital. Como disse Bordini (1986), pela poesia se exige essa introspecção que o leitor sentiu, ele condensou múltiplos sentidos e ficou com o olhar atento, ao mesmo tempo que mobilizou o conteúdo intelectual, prendeu-se ao afetivo, percebendo suas emoções, suas avaliações.

Ao circular pela sala, o ponto seguinte de parada da pesquisadora foi onde estavam sentadas próximas duas garotas às quais comentaram, na voz da Estudante 3: *É mais legal de fazer, chama mais atenção do que papel*. Nota-se que a fala entre as estudantes permite dizer que a tecnologia despertou o interesse. Está apenas se aplicando o que se encontra disposto nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio, quando indicam que a aprendizagem de poemas deve acontecer em novas formas de circulação, de maneira que a poesia seja realmente uma prática social integrada à vida cotidiana. Ainda, pode-se lembrar o que foi dito por Gutiérrez (2017), segundo o autor, o texto digital permite “tener versiones alternativas de un texto inicial (por decir algo un texto escrito) que se vi alimentado en una versión interactiva, en el que los usuarios pueden realizar conexiones y comentarios adicionales que el texto escrito no permite”. Além do mais, o próprio autor da poesia em análise, Rui Torres, na entrevista concedida para esta pesquisa define a literatura como a arte da tecnologia feita linguagem”. O autor acrescenta que “a ciberliteratura oferece auto-reflexividade estética e tecnológica, é uma categoria textual de escrita que se apropria da tecnologia”.

Entretanto, ao se fazer uso dos materiais tecnológicos nas escolas, percebe-se a precariedade desses equipamentos. Ao observar a fala de um dos sujeitos, o Estudante 4 que ao se deparar com a presença da pesquisadora, disse: *Tá bugado, travou. É diferente. Hoje em dia ninguém quer mais tipo no papel assim, quer mais no computador*. O estudante clama pelo uso dos meios eletrônicos na sala de aula. Por outro lado, percebe que tais mecanismos nem sempre funcionam. Para adotá-los em sala de aula, não cabe somente ao professor, depende de que esse querer parta de vários setores até chegar ao uso pelo docente. Conforme exposto no transcrito desta pesquisa, vale retomar que o conselho gestor de internet no Brasil (CGiBr, 2019) referencia-se com relação à infraestrutura nas escolas, de acordo com a Coordenadora da

Pesquisa TIC Educação, a infraestrutura é um desafio aos docentes, pois há carência de computadores, falta de conexão, necessidade de atualização dos computadores existentes e velocidade baixa da conexão. Como se vê, as dificuldades a serem vencidas não são poucas a fim de se conseguir uma educação informatizada com qualidade.

Ao passar por duas meninas que estavam trocando informações, uma delas, a Estudante 5, disse: *Se fosse impresso seria parado ali o movimento dele, acho que como seria impresso seria preto e branco, ficaria estranho as letras ali, não daria para entender muito*. Lembrou-se de que a pesquisadora havia pedido que comparassem o impresso e o digital. Elas observaram que o movimento das letras faz diferença para a compreensão do poema e em razão disso não daria a mesma emoção da leitura. Como dito por Hayles (2009, p. 74) “o computador pode funcionar como um parceiro na criação de dinâmicas de intermediação de formas que um livro não pode”. Com isso, pôde-se verificar que o estudante tem a percepção de que a literatura antes vinculada somente à materialidade verbal passa a adequar-se com a utilização também da materialidade digital. Outrossim, ela percebe que as cores também tornam a leitura mais interessante. Santos declara que “o movimento cromático, por mais simples que seja, vem perturbar o costumeiro e o automático da leitura dos versos” (SANTOS, 2003, p. 83). É uma gama de traços que se estabelecem no mesmo poema: a leitora nesse pequeno trecho aponta a presença do momento que diferencia o poema impresso do digital, o uso cores, a posição das letras contribuindo para a interpretação, elas não estão apenas ali para serem decodificadas, mas fazem parte do poema, geram juntamente com o conteúdo, a interpretação. Vale lembrar:

As próprias técnicas, os próprios processos e instrumentos também passam a ser inseridos em uma estratégia de simbolização. Trata-se de trazer para a ribalta os objetos técnicos – colocados usualmente como coadjuvantes no processo de produção artística. (SANTOS, 2003, p. 53).

Rui Torres conseguiu reunir várias técnicas para compor seu poema e essa é uma característica sua, em muitos dos seus poemas vai aprimorando e tentando sempre adequar-se às tecnologias da atualidade, inclusive, em razão disso, lançou uma reescrita desse mesmo poema, procurando aprimorar a versão inicial. Além do mais, o autor participa de eventos constantemente e informou na entrevista concedida a esta pesquisadora que há uma nova geração de poetas digitais a fazer coisas magníficas, cita o terceiro volume da Electronic Literature Collection como exemplo e sua participação na última conferência da ELO em Montreal, lá o autor se deparou com trabalhos interessantes, a maioria deles movendo-se para fora do ecrã.

Estendendo essa reflexão quanto aos aparatos tecnológicos presentes no poema *Amor*, observa-se a fala de uma das meninas, a Estudante 6, todas empenhadas em mergulhar no poema:

Dá para você formar frase. Dá para brincar com o negócio lá, dá para formar de outro jeito, vendo assim se mexe é mais massa. Parece que tipo assim, na hora que tá assim sem timidez, sem estar nítido parece que é a hora que ela tava tipo naquele mundo dela, pensando sabe, depois que veio o toque do opa, daí ela enxerga melhor, assim as coisas, fico mais nítido, Ó lá, não é? Ó lá é isso.

Depois que ela pronunciou *Dá para você formar frase*, leu uma parte do poema em voz alta aos colegas que estavam ao seu redor. Quanto a esse *Ola* utilizado por ela, é uma abreviação oral de *Olha lá*, ela disse isso e apontou para a tela. Ela percebeu que o poema quis reproduzir o conto por meio das imagens, do vídeo. Nota que as imagens não são nítidas como reflexos do pensamento da personagem do conto. Além do mais, o fato de não ser estático atrai. Ao utilizar a expressão *o toque do opa* está se referindo à epifania, definida por Nunes (1973, p. 79) como “ruptura da personagem com o mundo”. A estudante utiliza a linguagem não verbal a fim de complementar o sentido da verbal: entonações, gestos, tal atitude auxilia a tornar a comunicação oral mais clara. Usa a linguagem informal *mexe, tá, tava*, como marcas da oralidade. Utiliza gírias *tipo assim, mais massa*, pois na fala não há um intervalo entre o momento da produção e o da recepção como na escrita. A estudante percebeu um novo modo de leitura de poemas, manifestando a hiperleitura, já discutida no capítulo 6, conceito que remete a um ambiente de informação intensiva e nele a educanda identificou o que foi mais relevante. Como se viu, o autor lançou mão de diversas estratégias e pistas textuais na construção do poema e o leitor, ao decifrá-lo, deixa de ser um sujeito passivo, integrando-se à construção do texto.

Na sequência das análises, ressalta-se que um dos sujeitos, meninos, o Estudante 7, quando avistou a pesquisadora por perto disse: *Se esse mesmo poema fosse impresso embalharia nossa vista. Eu nunca tinha visto. Eu gostei. Ele é diferente do conto, no jeito, as palavras embaralhadas, o jeito de falar*. Nota-se que a forma utilizada pelo autor na criação pode ser assim resumida, conforme as palavras do próprio autor: “Os meus trabalhos estão conscientes da processualidade da escrita, eles têm uma incompletude e abertura intencional. A escrita aparece aqui como um mecanismo de libertação da imaginação”. Percebe-se que o estudante quando fala que o poema digital é diferente do conto, está se referindo a forma impressa. No impresso, o texto apresenta-se linear, uma linha abaixo da outra, em sequência, de cima para baixo. No digital deparou-se com frases aleatórias, mas quando se analisa, elas fazem sentido. Isso quando se tem o conhecimento do conto, por isso torna-se imprescindível

ao trabalhar com este poema, disponibilizar primeiramente o conto de Clarice Lispector. Eles imaginavam que esse poema seria digitalizado e impresso, ou seja, transposto tal qual a tela para o papel e isso realmente não teria graça nenhuma. O estudante lembrou também que há áudio no digital, o que seria impossível no impresso. Tal afirmação lembra a poesia do Instagran. A Instapoesia impressa desloca o "conteúdo" sem problemas do digital para o impresso. Mas sem contar a vivacidade, a Instapoesia impressa acaba parecendo banal, sem a interação em um espaço dinâmico. É preciso ver o universo virtual como uma oportunidade à formação do leitor, pois esse universo traz desafios de aprendizagem, além de colocar à disposição um mundo de informações em contexto de interatividade. (SOUSA, 2019). Essa interatividade presente na inovação estética digital é ocasionada, muitas vezes, pelo envolvimento que o som provoca. O grupo 8, composto por participantes assíduos desta prática relata que o poema em estudo:

Mexe com o psicológico, parece que a gente tá em transição, porque a gente tá parado, dá um medo, uma sensação muito estranha porque ainda mais esses barulhinhos, é parece que não sai do lugar aquilo. Parece que leva para outra parte da sua cabeça que você não tinha assim parado pra pensar nisso e ele fica repetindo as palavras induzindo a pensar naquela palavra e ela não sai da sua cabeça. É tipo um. Isso é legal.

Percebe-se que usam as gírias condizentes com essa fase em que estão vivendo, falam espontaneamente, linguagem coloquial, embora alguns tentem encontrar a palavra correta pensando em não errar, já que a pesquisadora está por perto. Fazem referência ao áudio do autor, que fica repetindo as palavras. Os estudantes envolveram-se com o poema, isso comprova que diante de algumas dúvidas sobre a atuação da poesia digital em relação à impressa, comprova-se que a poesia digital tem certamente a fruição e mexe totalmente com o emocional, principalmente nesta observando os relatos dos estudantes. Depois de descreverem o que sentiram em relação ao contato com o poema, os estudantes terminam a fala dizendo “Isso é legal”, ou seja, tem nossa aprovação. Diante disso, complementa-se que quando os três autores (Santos, Torres e Abernú) afirmam que trabalhar com poesia eletrônica pode formar leitores, é nesse sentido que pode ser verificado a unanimidade presente na fala dos autores, ou seja, é algo que está sendo estudado e é novo na literatura, mas que provoca um novo prazer originado pelo contato entre o digital e a literatura, numa transmutação de linguagens. Isso é possível porque no caso específico aqui presenciado, os estudantes interpretaram o poema, conseguiram se envolver com ele e, por fim, mostraram que isso é diferente, percebendo, inclusive a intenção do autor do poema. Tal fato permite dizer, conforme já referenciado em páginas anteriores que

as poéticas digitais contemporâneas permitem uma gama de interpretações, uma infinidade de leituras possíveis utilizando-se da multimodalidade para atrair os leitores.

Prosseguindo com os relatos dos estudantes e suas implicações, é conveniente destacar que a prática foi realizada com gravações das falas de forma informal, espontânea, assim, em um dos momentos, passou-se por duas estudantes que estavam conversando e gravou-se as falas. Uma delas comentava com a outra sobre o poema como se realmente estivesse imersa nele:

Tem uma parte que é como se você tivesse vendo um filme de terror, mesmo que você feche o olho, o som continua ali e é uma coisa muito perturbadora e o som te induz a lembrar da palavra que tá repetindo, sempre a mesma palavra que repete, deixa uma coisa perturbadora.

Se o objetivo do autor era transportar os sentimentos desconcertantes da personagem, provavelmente conseguiu, pois os estudantes se deram conta disso, provocando um estado de euforia nessa nova textualidade que difere do que faziam até o momento. É a imersão referida por Ferreira (2010), a poesia saindo da fixidez do papel e sugerindo a mobilidade, multiplicidade, adaptabilidade e interação. Torres (2017) ao definir a poesia digital a considera como fusão expressiva de vozes comunicantes, em canto paralelo. Poder-se-ia pensar justamente nessa integração do som com a voz do autor, combinando sentidos, lembrando a todo momento a epifania vivida pela personagem Ana. A Estudante 10 faz referência a epifania:

Eu achei meio confuso só que (espichou o que com pausa queeeee) é (espichou o é) dá pra lembra assim um poema porque é uma coisa meio bagunçada assim e também ela convida até o momento que ela teve o estralo né, estralo ela percebeu isso. Só que é meio difícil de compreender, mas eu acho que essa é a ideia né, de relembra isso.

Ao utilizar a frase “Eu achei meio confuso só que”, esse “que”, ela pronunciou “queeee”, espichou e fez uma pausa. Depois espichou a pronúncia do “é”, organizando o que queria dizer. A fala, diferente da escrita, conta com esses recursos, de poder contar com gestos, pausas, em poder utilizar uma linguagem mais descontraída. A estudante tenta pensar em como esse poema digital se encaixa no impresso, traz presente a linearidade deste e não percebe naquele, considerando o espaço digital como bagunçado. Os livros para esses estudantes trazem essa perspectiva de ser tudo “redondinho”, cada palavra no seu lugar, uma linha embaixo da outra, com margens formatadas, em sequência. Provavelmente também associando à escrita em versos e à poesia concreta. Ainda, continuam bastante presos à cultura impressa, mesmo quando estão em contato com o digital. Como tudo acontece de forma acelerada no campo do eletrônico, provoca impactos na educação (SANTAELLA, 2003).

Aos poucos vão percebendo que assim como não leem linearmente pela internet ao buscarem outros links, o mesmo pode acontecer com a leitura da poesia digital. Quando entendem essa dinâmica sentem-se mais tranquilos. Foi a primeira experiência com esse tipo de poesia.

Ainda, a estudante fala na epifania como estalo, consegue distinguir esse momento, possivelmente pela leitura prévia que teve do conto. Cabe lembrar que Benedito Nunes (1973, 1989) e Affonso Romano de Sant’Anna (1973) definem a epifania como “tensão conflitiva, instante existencial, uma espécie de descortinamento interior”. No caso da personagem Ana, a epifania, conforme Nunes (1973, p.79) “é provocada por algo banal do cotidiano de Ana, ocasionando o clímax, é uma “ruptura da personagem com o mundo.”

Assim, ao que tudo indica, a forma de trabalhar os poemas é tão importante quanto os poemas escolhidos para se trabalhar em sala de aula. Não se pode desvalorizar o cânone e nem supervalorizar o contemporâneo, o poema em estudo é a prova disso. Há um entrelaçamento entre uma obra clássica transportada ao digital, mostrando a valorização do cânone. Trata-se, sobremaneira de lembrar:

De um lado está a crítica conservadora, constando, inclusive, estudiosos que nem sequer aceitam a poesia concreta, de outro lado estão aqueles que buscam um olhar mais aberto, chegando algumas vezes ao fetichismo tecnológico. Assim, há que se pensar numa postura crítica, aberta às novas linguagens, consciente de que o lúdico não é sinônimo de esvaziamento de significado. (FERREIRA, 2010, p. 29).

Para dar continuidade à análise, o próximo comentário tem como procedência um grupo de jovens, na voz do Estudante 11:

Fica fixo na cabeça, brinca com as palavras e com a sua cabeça. A gente pode ficar mudando ele através das mesmas palavras, fazer outro poema, de várias formas. As palavras não têm uma ordem. Dá vontade de saber o que tem na próxima frase.

Essa é uma percepção clara do projeto digital. Os estudantes acima constataram que a escolha das palavras possibilitava formar o verso como quisessem. Era permitido alterar a ordem da leitura. Também notaram que havia trechos sem linearidade. “Nenhuma rota é dada ou definida. Tudo é busca, aventura e construção” (COUTO, 2016, p. 53). Sentiram-se aguçados em manusear cada vez mais como num jogo, porém sabiam que se tratava de um poema. Torres, autor da poesia em estudo, afirmou durante a entrevista realizada para esta pesquisa, que a poesia digital permite atingir leitores jovens que estão interagindo com videogames, experiências lúdicas, imersivas, mas que também se interessem por texto e literatura. Nesse sentido, a equiparação entre o escrito e o digital se fez presente na fala de um

casal 12-de namorados que sempre se sentavam juntos, a pesquisadora, inclusive, questionou sobre o que perceberam na poesia impressa e digital. A resposta que veio: *Os dois têm várias formas de interpretar, os dois tipos te induz a pensar*. Parece vital pontuar nessa discussão entre impresso e digital as colocações de Hayles (2009), para ela os livros não vão desaparecer, mas também não vão escapar dos efeitos das tecnologias digitais que os interpenetram. A digitalidade tornou-se a condição textual da literatura do século XXI. Nesse emaranhado, não se trata de excluir uma ao aparecer a outra, ou seja, comunicação digital substituindo comunicação impressa, mas de ambas terem funções diferentes. Nessa mesma linha, Santos (2013, p. 47) afirma que “o digital não se opõe ao escrito ou ao impresso, mas é o que permite pôr estes em contato com as ferramentas e as estratégias de informática”.

Ao contrário do que muitas vezes se pensa, a leitura digital leva a reflexão, quando bem planejada, os estudantes precisam ser estimulados a utilizar, quando possível, da tecnologia na disciplina de literatura, pois como diz Hayles (2012), os estudantes leem incansavelmente em mídia digital e escrevem nela também, mas raramente são estimulados a fazê-lo em aulas de literatura.

Observando-se ainda, essa relação do impresso (conto) com o poema (digital) uma integrante de uma dupla, a Estudante 13- disse: *Ele quis inverte algumas coisas igual ao texto. Ele quis desmembra o poema para você ter a sua perspectiva do poema, a sua visão diferente*. Interessante eles perceberem essa liberdade de poder interpretar o texto e pensar na intenção do autor. Por isso, é preciso que o professor de Ensino Médio compreenda que estes poemas devem ser aplicados nesta fase em que os estudantes estão vivendo e acreditarem que é possível promover a formação do leitor partindo do que os aproxima: a informática. Conforme a entrevista do autor desta poesia nesta pesquisa, Rui Torres, são os estudantes de Pós-Graduação que estão acessando mais o material. Com certeza, é um fator positivo para disseminar o material, porém, os docentes de Ensino Médio precisam usar com mais afinco esse material, pois é nessa etapa da vida escolar, que o estudante pode, ainda, ser mediado para obter interesse à leitura. Conforme as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, é necessário buscar novas formas de circulação dos poemas, a fim de entendê-los como uma prática social integrada à vida cotidiana.

Pelo que foi presenciado durante a realização desta prática, os estudantes mantiveram a concentração e o interesse do início ao fim do poema, inclusive porque a aula iniciou com o impresso e terminou com o eletrônico, causando impacto na mudança de suporte, mas com uma narrativa semelhante.

Registra-se, neste término das análises do poema *Amor* que houve outros depoimentos dos estudantes da turma, entretanto procurou-se aqui apresentar os mais relevantes. É mister relatar que quando a pesquisadora passava entre os espaços de atividades dos estudantes durante a prática, nem todos componentes falavam, alguns, inclusive, se calavam naquele momento, com vergonha de se pronunciarem. Já outros, pelo contrário, estavam sempre prontos para dizer alguma coisa e muitas vezes se destacavam quando instigados para falar. No geral, se pôde perceber que os estudantes gostaram, por ser o primeiro que conheceram ficaram divididos entre o estranhamento e a oportunidade de utilizarem em sala de aula como material pedagógico. Sentiram-se empolgados durante a realização da atividade e interessados em entender como se desenvolveria a prática.

7.2 O homem que queria ser água -uma proposta de renovação literária

A atividade principal aqui realizada foi assistir ao poema que lhes foi apresentado com o auxílio do data show. Vale lembrar que em 2017, após contato que a pesquisadora teve com o autor, ele sugeriu que este poema fosse passado em um telão, pois fora pensado para integrar o próprio espetáculo. A ideia de criar um outro espaço e universo de pensamento em que os conteúdos abrissem novos caminhos para quem assistisse. Nas palavras do autor durante sua entrevista a esta pesquisa: “Quando incluí o trabalho no próprio espetáculo de teatro a aceitação foi boa, acredito que esse resultado se deve ao fato de que este trabalho não estava isolado e sim enquadrado no espetáculo”.

Fazendo um apanhado do dia que trabalharam com o poema, salienta-se que gostaram da música *Água* (Anexo E), do cantor mineiro Sanráh. No refrão, percebia-se que cantavam junto. Foram recepcionados com a música à medida que iam adentrando o Laboratório de Informática, conforme se posicionavam em suas cadeiras (não tinham lugar definido para se sentarem) e para não se perder tempo. A música atrelada ao poema, vista nos PCN's como benéfica ao aprendizado do jovem, pois:

Construindo sua competência artística nessa linguagem, sabendo comunicar-se e expressar-se musicalmente, o aluno poderá, ao conectar o imaginário e a fantasia aos processos de criação, interpretação e a fruição, desenvolver o poético, a dimensão sensível que a música traz ao ser humano (BRASIL, 1998, p. 80).

Quanto ao tema da água, originou-se uma pequena discussão. Os alunos comentaram sobre a importância da água e a pesquisadora registrou no seu caderno de anotações algumas delas que foram apontadas: *a água é utilizada para consumo dos seres vivos, higiene e limpeza,*

na agricultura através da irrigação, na indústria, também para facilitar o trabalho humano, como nos casos da roda d'água, do monjolo, das máquinas a vapor, além da produção de energia elétrica. Nota-se que aqui foi uma preparação para o tema relacionado à água e que faz parte do poema digital, o qual foi apresentado na sequência na tela aos leitores. Nesses termos, percebe-se que é preciso dar vez e voz ao aluno no ambiente escolar através de leitura e da escrita, esse ato pressupõe um exercício de escuta sensível, conforme MAFESSOLI (2007). Cumpre adicionar a participação argumentativa, a oralidade, a exposição do pensamento.

Em virtude do avançar das aulas, o que se observou é que os estudantes aumentaram a proporção de participação do primeiro dia até aquele momento, porém, ainda não eram todos que se sentiam encorajados para se pronunciarem. Geralmente os mesmos estudantes que participavam e, aos poucos, os outros foram percebendo que poderiam contribuir.

Nota-se que o contato prévio com o tema foi importante, pois os estudantes relataram que sentiram um pouco de dificuldade em entender o sotaque presente na pronúncia do autor do poema, Antônio Abernú, que fala a língua portuguesa, porém é de Portugal. Registra-se que prontamente os estudantes assistiram ao espetáculo do autor, comentaram que era algo diferente *O homem que queria ser água* (Figura 9) dos outros já trabalhados até o momento. A forma inovadora de apresentação prendeu a atenção dos estudantes, como se estivessem assistindo a uma peça teatral, foram acompanhando os passos do poema, ora pela oralidade, ora pelas imagens presentes da tela dentro do ambiente da apresentação do autor, ora pelas palavras pronunciadas por ele. Isso conduz a lembrar que antes da era digital, os suportes estavam separados: o desenho, a pintura e as gravuras nas telas, o texto e as imagens gráficas no papel, a fotografia e o filme na película química, o som e o vídeo na fita magnética. (SANTAELLA, 2005, p, 390). Agora, pelo espetáculo do poema analisado, o autor além de promover a junção dos suportes, também participou ativamente do texto, não foi preciso imaginar quem era o autor, ele estava ali atuando na peça.

Neste poema, não se procedeu a gravação dos estudantes, pois a intenção era de que assistissem ao poema apresentado em forma teatral. Foi necessário o silêncio para tentarem entender o que o poeta dizia, bem como relacionar com o que já haviam comentado anteriormente. Observou-se que um estudante ingressou à escola neste dia, veio de transferência. Dessa forma, teve que se inteirar das aulas. Sua postura, então, foi de informar-se do andamento das aulas, logo conseguiu adequar-se e acompanhar a prática.

Salienta-se, ainda, que neste dia tiveram uma tarefa de casa, em que deveriam gravar um dos lugares que considerassem a presença da água essencial e filmar com o auxílio do celular, forma de convergência das mídias, conforme referido por Jenkins (2009). Deveriam

cuidar para que não aparecesse o rosto deles e gravar um áudio sobre isso relacionando com o que viram em sala de aula. Na sequência deveriam enviar ao grupo de *WhatsApp*: Literatura eletrônica. A pesquisadora solicitou que agissem como se fossem “repórter amador” por um dia, de forma criativa. Os estudantes pediram que a pesquisadora exemplificasse a atividade, mesmo com receio de que fizessem tal qual ela iria sugerir, arriscou e exemplificou, alertando-os que não utilizassem o exemplo, teriam que criar o seu próprio trabalho. Por incrível que pareça, dos que fizeram atividade, a maior parte fez exatamente o que foi utilizado como exemplo: um copo de água na mão e falando sobre a água ou ligando a torneira da pia e falando sobre a água. Muitos não realizaram a atividade e grande parte pediu para enviar no privado da pesquisadora. Observou-se que os trechos falados estavam sendo lidos e o áudio não ficou bom, não era possível entender direito o que falavam, pois em algumas filmagens havia ruído e em outras, os estudantes falavam baixo. Quanto a sugestão da atividade, observa-se que quando se trabalha com atividades diferentes corre-se este risco: ou os estudantes extrapolam o que é solicitado ou ficam com a comodidade e a segurança de que se fizerem conforme o exemplo estarão garantidos de que não executarão a atividade de forma incorreta.

Em relação ao poema em estudo, os estudantes acompanharam atentos esta outra forma poética passada na tela. Aos poucos, o repertório de conhecimento de diferentes manifestações da poesia que foi-se instalando nas aulas, foi preenchendo a lacuna que existia na vida escolar. Paz (2003, p. 39) em suas reflexões, adequa-se claramente a este poema: “El poema es creación original y única, pero también es lectura y recitación: participación. El poeta lo crea; el pueblo, al recitarlo, lo recrea. Poeta y lector son dos momentos de una mesma realidade. Vale ressaltar que para Abernú, autor desse poema aqui analisado, o acesso das pessoas às poéticas tornou-se um grande prazer, o autor não tinha a ideia concreta que isso pudesse acontecer, pois criou a obra, postou online e teve um reconhecimento internacional, conforme dito na entrevista a esta pesquisadora.

Pelo que se pode acompanhar, a obra continua sendo divulgada, já que o tema estará sempre em pauta e é atual. Esteticamente falando, obras atuais possuem significado, independente da época de sua escrita ou publicação. A fruição de uma obra de arte implica sempre uma reinvenção, e o leitor de um poema atua como um intérprete de uma composição musical, na recriação do trabalho do artista. Dessa maneira, deve-se conceber por obra um objeto dotado de propriedades estruturais que permitam, mas também coordenem a sucessão das interpretações, a evolução das perspectivas. Conforme Pignatari (2004, p. 10-11) “o poeta faz linguagem, fazendo o poema. Vale dizer: Está sempre criando o mundo (...) ele trabalha as

raízes da linguagem. Com isso o mundo da linguagem e a linguagem do mundo ganham troncos, ramos, flores e frutos”. E água!

7.3 Imersos no espaço apresentado – o poema liberta

A atividade principal centralizou-se no contato com o poema *Liberdade*. Como havia dois períodos, os estudantes puderam iniciar no final do primeiro período a prática do poema *Liberdade* e prosseguiram no período seguinte. Antes de manusear o poema, tiveram informações do bairro. Percebeu-se pelo envolvimento deles que gostaram de ler nesse ambiente, o qual diferiu do que faziam costumeiramente quando se pensa em leitura, na forma tradicional. Foi possível constatar isso pelo comportamento e interação com os colegas, pela fala e pelo interesse em perguntar. Isso mostra que a atividade digital é interativa, envolvente e proporciona que se desenvolva tantas outras práticas relacionadas a ela. Para Antônio Cícero (2014) é preciso olhos e ouvidos atentos para ler, ouvir, fruir um poema, pois se trata de um gênero que desafia o leitor ao apresentar uma gama de correlações improváveis e sentidos imprevisíveis, seja via recursos sonoros e gráficos, seja via figuras de linguagem. (2014, p. 382).

O encadeamento do poema sucedeu-se quando os alunos realizarem dinâmicas com o papel utilizando-se de texto escrito (ao criarem uma frase sobre liberdade) e da arte (confeccionando o origami). Doravante, pode ser percebido, que o próprio poema trata a díade papel digital em diversas passagens: pelos pássaros origamis que passeiam pelo bairro, quando se visualiza e se adentra a sala escura e nela se encontra uma chave feita de papel de jornal e ao pegar a chave esta promove o deslocamento do espaço em que o avatar se encontra, na chuva de haicais que estão escritos em papel colorido e que há movimento desses poemas, no labirinto de palavras que transitam pelo percurso, ainda, ao circular pelas palavras cruzadas, essas provocam o surgimento de uma voz que declama poema, o que não pode ser encontrado no impresso. Conforme Santos (2013, p. 47) “o digital não se opõe ao escrito ou ao impresso, mas é o que permite pôr estes em contato com as ferramentas e as estratégias de informática”. Além do mais “ler telas, apertar teclas, utilizar programas computacionais com interfaces gráficas, dar ou obter respostas ao computador, está para a inclusão digital de forma semelhante à alfabetização no sentido de identificação das letras”. (ALMEIDA, 2005, p. 173).

Nesse transitar por entre letras do impresso e a tela do computador, procurou-se conversar com os estudantes sobre o origami, já que ele está constantemente em todo percurso do poema e faz parte da cultura presente nessa construção digital. Assim, os estudantes

confeccionaram o origami e depois escreveram nele. Registra-se aqui algumas frases interessantes que foram escritas nos origamis (anexo 12 a 21), a atividade consistia em dizer o que significava liberdade do jeito como os sujeitos desejassem se expressar. Foram registradas abaixo as informações tal qual escreveram, muitas palavras não estão de acordo com a gramática normativa, mas a intenção é perceber como entendem a palavra *liberdade*, sem a pesquisadora interferir na sua escrita. A atividade foi uma prévia para entrarem depois em contato com o poema, livremente.

1-Liberdade é poder tomar as próprias decisões, independência;

2- Liberdade é poder amar sem medo;

3-Liberdade e ter amigos que você pode conversar abertamente;

4-Liberdade é ser você mesmo! Viver livre, ser livre;

5-Liberdade pra mim é poder fazer minhas próprias escolhas;

6-Liberdade é poder se expressar;

7-Liberdade é quando você se sente livre, mesmo que não esteja preso, mas quando você a felicidade com outros olhos;

8-Liberdade: É acordar sem se preocupar com as horas;

9-Ser quem você é sem medo de ser feliz.

Nota-se que alguns estudantes registraram mais de uma frase no mesmo origami, outros não registraram nada, vários escreveram em várias partes do origami, assim, era preciso procurar onde estava escrita a frase, alguns fizeram mais de um origami, pois gostaram da prática. Houve estudantes que escreveram em vários pontos do origami, de forma aleatória, sem sequência. Destaca-se que 2/3 dos trabalhos recebidos foram entregues pelas meninas. A pesquisadora levou papéis de várias cores para a confecção dos origamis, observa-se que a cor rosa somente foi utilizada pelas meninas. Essa postura lembra os obstáculos sociais apontados por Petit (2008), nos meios populares, mas não só neles, existe a ideia de que ler efeminiza o leitor, assim como a cor neste caso do poema, pode causar esse temor pelo julgamento. Para a autora o medo centra-se no que os outros dirão, neste caso agir diferente do que o grupo pensa é escapar dos lugares predeterminados, uma forma de traição.

Feitas essas ponderações com relação ao comportamento, é relevante destacar que mesmo não citando todas as frases que constaram nos origamis, pois muitas delas se repetem, o que mais apareceu foi: liberdade relacionada com amar, ser feliz, não ter medo, livre arbítrio. Palavras significativas que refletem o período de conflitos pertinente a fase da vida em que estão vivendo. Inclusive, observa-se que uma das meninas da sala é casada há dois anos, constando na data da pesquisa com 17 anos. Esses traços observados nos jovens levam a crer

que a leitura e em especial os poemas podem lhes ajudar. Nos escritos de Petit (2008) verifica-se que os autores ajudam a nomear os estados pelos quais esses jovens estão passando, a distingui-los, a acalmá-los, a conhecê-los melhor. Graças a suas histórias, os jovens podem escrever suas próprias por entre as linhas. Eles tocam o mais profundo da experiência humana, a busca de sentido.

Esses adolescentes puderam nesse espaço da aula, se posicionar com liberdade, extrapolando as linhas do impresso que costumeiramente utilizam, partindo de forma descontraída e aleatória à escrita em uma estrutura diversificada, registrando o que pensam sobre liberdade. Vale dizer que esse público adolescente de acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil é a categoria que mais lê, embora ainda seja pouco. Acredita-se que as formas diversificadas agregadas ao uso da tecnologia vai de mansinho, formando leitores, pois o leitor, aqui nesta atividade, trouxe suas leituras prévias e conhecimento de mundo para emitir um conceito.

Dentre todos os poemas, esse foi um dos mais provocativos, principalmente pela estrutura semelhante a um *game*. Fica evidente nesse espaço virtual que os limites entre o jogo e as tarefas realizadas são tênues. Basta atentar-se para as palavras de Hayles: “A demarcação entre literatura eletrônica e jogos de computador não é clara; muitos jogos têm componentes de narrativa, ao passo que muitas obras de literatura eletrônica têm elementos de jogo” HAYLES, 2009, p. 25). O poeta, bem como todos aqueles que se envolvem no processo de construção do poema, fazem com que a leitura se aproxime do *game*, oferecendo escolhas ao leitor. Apresenta-se um espaço de liberdade para o leitor escolher seu caminho de leitura e é nesse trajeto que se registrou as percepções de alguns participantes, nesse desafio literário:

Estudante 1 O poema é desafiador porque o poema tipo faz parar para refletir porque a gente tá acostumado com aquele poema lá, muito simplesinho e ver esse poema digital muda completamente e mais isso, pode refletir, você ficar mais atento.

Nota-se que os estudantes têm a consciência da capacidade de concentração dispendida durante uma atividade, mesmo que seja por curta duração, por ser diferente, ela atrai. Além de sair do papel, o poema agora conta com a ação, o movimento, desloca-se totalmente do tradicional. Assim, o impresso e digital, caminham lado a lado, mas as mensagens de cada um não saltam para o outro lado (HAYLES, 2012). Para a referida autora “a evidência está aumentando: as pessoas em geral, e os jovens em particular, estão fazendo mais leitura de tela de materiais digitais do que nunca” (2012, p. 55). Além dessa mudança drástica, o estudante percebeu que o poema faz o leitor pensar, por exemplo, quando se deseja optar pelos caminhos dentro desse ambiente digital. Nesses espaços, a hiperleitura tornou-se uma necessidade. A

mídia digital está afetando as práticas em que os alunos estão envolvidos, com atenção às implicações dessas mudanças para a pedagogia. Não é de se admirar que a tela parece interpelar o leitor para que acesse várias coisas ao mesmo tempo e a poesia digital, por vezes, remete a isso. Significa também que por ter um formato de jogo, não quer dizer que será apenas lúdico, assim como muitos jogos que precisam de estratégia. Ainda, o poema que o leitor define como simplesinho quer se referir a estrutura impressa e não ao conteúdo.

Para outro jovem, a Estudante 2 *Eu gostei como assim da literatura do poema eletrônico, mostra bastante o movimento e achei legal porque se refere ao bairro de São Paulo, aquele no caso, mostra bastante elementos que puxam da cultura japonesa*. Essa menina já se familiarizou com os termos, utilizando literatura e poema eletrônico. A ideia do movimento, da escolha atrai esses leitores para o contexto, ao contrário do que presumiu Marcuschi (2001) se referindo ao fato do leitor diante de informações fragmentadas pode perder o sentido do texto.

A leitora também observou que há vários elementos no texto, pertencentes à cultura japonesa, os quais podem ser citados: a presença dos origamis nos pássaros que sobrevoam a área, o pórtico, a presença das placas, cartazes, pichações. As imagens comunicam, como dito por Santos (2013), uma situação é aquilo que é dito em uma leitura ouvida e lida e outra situação refere-se ao que é mapeado pelas imagens que se alteram, ora mantendo-se fixas, ora em movimento.

Em contraste ao apresentado, neste posicionamento sobre o poema, a estudante enfatiza a palavra, a interpretação e não o movimento e imagem, Estudante 3: *Eu achei ele bem claro, é, diferente, as controvérsias das palavras: o inverso em verso, achei bem interessante, é um, é assim uma escritura que você vai falar ela, você vai pensar no sentido tipo o inverso verso, é bem diferente*. Disso se constata a intenção de fazer o leitor refletir diante das palavras empregadas às quais se deparou pelo caminho. São palavras geradas para compor uma história e o leitor deverá decifrá-las. À vista disso, de acordo com Menezes e Azevedo (1997, 1998, apud ANTONIO, 2008), encontra-se um processo de recodificação das linguagens transformando a poesia feita da fusão de signos verbais e não verbais. A poesia tem como essência a palavra, e esta, por sua vez, irá dialogar com outros tipos de signos; isso será a base para esta criação e para as leituras que o indivíduo fará com o uso da máquina.

Vale registrar, também, a dificuldade do estudante em se expressar, como a poesia é algo diferenciado não conseguem defini-la, mas percebe que há rima. A poesia como já referenciado em linhas atrás, costuma assustar muito (MACHADO, 2008). Entretanto, conforme Silva (2014) é preciso pensar na formação de um leitor potencial de poesia. Para isso, o autor argumenta que se deve deixar de lado a impressão de que o estudante é incapaz de

absorver qualquer lição mais elaborada além das regras de versificação, pois agindo assim é nivelar por baixo uma realidade de ensino heterogênea, porém com enormes potencialidades para aprendizagem no campo estético. Não se deve subestimar o potencial dos jovens, pois, com a facilidade de manuseio que eles apresentam em relação aos aparelhos eletrônicos, podem, inclusive, criar poemas. Quando foi perguntado aos autores aqui analisados, durante a entrevista se há condições dos estudantes de criarem poemas eletrônicos, se há programas mais simples para esse público, os três autores foram unânimes na informação de que os jovens podem criar poemas eletrônicos. Inclusive, Santos diz que depende de o estudante buscar conhecimento nessa área. Abernú comenta sobre as ferramentas gratuitas que se encontram na internet, que são de fácil manuseio e Rui preconiza os contextos multidisciplinares.

Para dar prosseguimento a análise, apresenta-se a fala do Estudante 4, que viu peculiaridades na leitura do texto em meio digital: *Achei diferente, do jeito criativo, as palavras, os poemas caindo na folha também.* A presença dos haicais que se apresentam em movimento na tela foi destaque pelo estudante, já o estudante anterior, ressaltou a musicalidade do verso, próprio da lírica. Aliás, muitos estudantes ainda acreditam que para ser poesia, é preciso rima. Interessante apontar que enquanto um deles destaca algo ligado ao digital, o outro faz referência mais ao impresso, ao tradicional. Assim, a palavra, essência da poesia, negocia: com imagens e grafismos da letra e da palavra manuscrita ou manipulada graficamente e interfere neles, para a produção da poesia visual; com o som para produzir efeitos sonoros (poesia sonora); com animação para produzir a poesia animada, para que essa transformação, leitura/releitura, aconteça. (ANTONIO, 2008, p. 24). Funcionando como elo, o Estudante 5 destaca esta relação do impresso x digital: *Achei muito interessante, uma coisa nova né, que geralmente vê o poema no papel assim, você não tem muito contato, aí ali você pode, você vê origami passando, os painéis com parte do poema. Tipo a visão 3 D.* Com certeza, o movimento fascina, as cores, a mudança de um poema estático para a apresentação dele em mobilidade. Observa-se a familiaridade já dita na parte teórica desta tese, o conhecimento dos jovens com a tecnologia, eles usufruem dela, mas não imaginaram que era possível em aulas de literatura e ainda mais com poemas, gênero que nem todos apreciam. Aliás, Hayles (2012) comenta sobre essa pouca utilização da tecnologia nas aulas de literatura, entretanto esses jovens escrevem e leem em mídia digital fora das aulas. Para a autora, enquanto os estudos literários continuam a ensinar leitura atenta aos alunos, estes não se saem tão bem em explorar a tendência para o digital. A literatura não pode direcionar-se apenas para o leitor contemplativo, conforme denominado por Santaella. É preciso lembrar do leitor dinâmico, de mistura sígnicas. É o perfil do terceiro tipo de leitor, vinculado à virtualidade. Entretanto, Santos, durante a entrevista para

esta pesquisa comenta que se observa a existência de tecnofobia, além do mais, as pessoas demonizam as tecnologias novas e fazem de conta que as antigas não são tecnologias. Essa aversão que muitas pessoas sentem pela tecnologia está relacionada, muitas vezes pela falta de compreensão pelos dispositivos eletrônicos, ainda continuam muito presas ao impresso. A fala do Estudante 6 caracteriza em partes essa situação:

Eu achei que ele é um poema que trabalha com vários aspectos da liberdade, não tem uma ordem exata, é uma coisa bem livre, você olha e você sente num mundo de animação, diferente, é uma coisa completamente diferente, fôge do padrão. Eu achei um tema bem legal de se estudar.

O que é o padrão para esse estudante? O que a escola apresenta como padrão. Quando fuge disso, causa esse estranhamento num misto de desconfiança, cautela e prazer. Porém, a instituição escolar precisa mostrar que “a arte acompanha avanços tecnológicos e em muitas situações é causadora deles, rompendo com o tradicional e instaurando diferentes modos de criação” (FERREIRA, 2010, p. 13). Esse diferencial da poesia está presente na fala do estudante, quando ele associou o título do poema ao espaço de transição que ele oferece, o leitor percebe que muda sua interação com o texto. O leitor enfatiza que não tem uma ordem exata, como dito por Lévy (1993) há uma multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem predefinida. A leitura linear, sequencial, dá lugar à leitura multilinear, multissequencial; há uma multiplicidade de possibilidades, sem que haja uma ordem predefinida.

O Estudante 7 conseguiu sinalizar muitas informações observadas no poema, no entanto, repete o uso da gíria *tipo*, peculiar dos jovens, o que os identifica de certa forma, mas torna-se desnecessária e atrapalha a informação.

Eu achei bem diversificado tipo, têm vários jeitos de interpretar, tipo não é seguido como uma regra, tipo tem que ser padronizado, tipo têm vários jeitos de interpretar, tipo, é você pode ver, tipo no contexto do jogo, você pode ver que o autor do jogo e do texto ele colocou de várias partes, tipo do chão que dá pra ver aí o mouse você passa e aí as imagens e as cores tem um contraste bem diferenciado de tudo que a gente já viu até agora.

Subentende-se que o estudante quis se referir aos vários jeitos de ler o texto, além disso se refere ao texto impresso, padronizado, comparou a poesia ao jogo, também observou o ambiente tridimensional e a importância das cores. “A cor tem não somente uma presença física, mas também pode afetar as emoções, e está ligada à sensação estética” (ANTÔNIO, 2008, p. 176). Ele ficou impressionado e quis relatar em pouco tempo tudo que visualizou, ficando, por vezes repetitivo. O estudante denominou o poema como jogo e dominou a atividade, com a

utilização dos comandos e do controle pelo mouse., compreendeu a lógica da criação. Essa admiração também pode ser percebida nas colocações feitas pelo Estudante 8: *Nunca tinha visto aquele modelo, gostei bastante, mostrou palavras diferenciadas, poema diferente, não como a gente vê no livro, na lousa, na sala, gostei.* Observa-se aqui que lousa para eles é o data show amarelo padrão do estado. O poema novidade que surge aos olhos de um leitor sagaz envolvido pela poesia arrojada que clama pela leitura do movimento. Esse leitor do mundo digital pode ser classificado de acordo com Santaella (2004) como errante, o qual transita pelo espaço sem ter claro o que deseja percorrer, tentando adivinhar suas ações e quando há resultados positivos de suas ações, torna-se leitor detetive, este examina com cuidado e por último há o leitor previdente, um entendedor que consegue prever as consequências. Ao transitar pelo espaço digital, o perfil do leitor vai sofrendo transformações tal qual este Estudante 9, que de errante passa a detetive, percebendo os avanços de seu percurso:

Achei algo bem inovador, bem interessante o jeito que o cara fez assim, a pessoa que fez aquilo lá, deixo algo bem tocante assim, algo diferenciado do que você vê todo dia de uma poesia, é, as palavras escorrendo, as imagens, tudo que foi colocado, o poema caindo. Gostei bastante, foi uma experiência bem inovadora também, nunca tinha visto.

Pode-se entender que “o leitor vive e age dentro e com a poesia, criando-a, à medida que seus olhos e ouvidos tentam capturar o turbilhão de sensações que esta nova experiência estética provoca” (ASSIS, 2017, p. 448). O tempo foi curto para esta atividade, deixou o gosto de quero mais, desejavam permanecer no ambiente, continuarem imersos nesta atividade que lhes provocou curiosidade tanto em relação ao tema quanto na forma, como se vê nas palavras do Estudante 10:

Eu achei assim uma poesia que o leitor, igual poesia eletrônica a gente interage bastante, mas nessa poesia a gente interage mais ainda pelo fato da gente criar nosso próprio caminho, poder ler da nossa forma, porque às vezes a poesia eletrônica você, igual àquela que a gente viu primeiro, você entrava, tinha aquelas palavras já, já essa não, essa você mesmo cria como você quer. Eu achei assim que a gente cria mais um laço com a poesia, a gente entende mais. Com o áudio você entende mais ainda, vai entender o que o autor talvez tenha tentado passar, expressar com aquilo. A gente deu pra ver bastante que ele quis falar sobre a liberdade, principalmente do bairro, quis falar que eles conseguiram de uma certa forma uma liberdade.

Nota-se que o poema liberta o estudante para outras atividades, pois desenvolve a criatividade. O leitor compara com o *Amor de Clarice*, considerando *Liberdade* como mais interativo, o poder de ação ser maior. Interessante destacar que o leitor diz que *achei assim que a gente cria mais um laço com a poesia.* Sem dúvida, é essa a pretensão, que o leitor goste dos

poemas, se envolva com eles e com a leitura, evidentemente. Por isso, dedicou-se um capítulo em páginas anteriores a fim de se descrever *Para que serve a poesia?* Muitas vozes ecoaram para responder a essa pergunta, dentre elas ouviu-se Pucheu (2007) caracterizando-a como um caminho vital e progressivo de vida. Também com Borgna (2011) ressoaram o pensamento do leitor diante do envolvimento da poesia, esta consegue ser a centelha que lhe provocará o deslumbramento: “não seria possível colher as raízes de experiências emocionais, como a da solidão e a do silêncio, sem as grandes intuições poéticas” (BORGA, 2011, p. 114). É ainda com Vera Lúcia de Oliveira (2013, p. 120) que é plausível perceber a poesia como necessidade dizendo que “há algo de fundamental e enigmático no ser humano, que precisa da linguagem poética e de sua estrutura para se configurar”. Vastos são os exemplos a que se poderia relacionar e que agora se encontram identificados nesta prática que envolve o leitor. A forma apresentada seduziu e aproximou desse gênero literário pelo qual demonstraram receio no início. Percebeu-se que o leitor também entendeu a história do bairro Liberdade.

Tentou-se assim, trazer os apontamentos mais marcantes dos estudantes com relação ao poema *Liberdade*. Observa-se que ficaram tristes pelo tempo curto de acesso a este poema, então a pesquisadora estimulou-os a acessarem em casa ou em outros ambientes que tivessem oportunidade. Alguns se interessaram em solicitar ao autor Alckmar Luiz dos Santos o que tinham curiosidade sobre o poema. Assim, ao entrevistá-lo por *WhatsApp*, a pesquisadora acrescentou as perguntas solicitadas por eles, além das que já estavam previstas.

7.4 A teoria do homem sentado - a dinâmica do ato de ler

Com relação a este poema, a primeira atividade proposta foi conversarem sobre os benefícios e malefícios do uso da tecnologia, bem como internet. As respostas que deram, após discutir oralmente quanto aos benefícios: conhecimento, facilidade de pesquisa, facilidade de comunicação, entretenimento. E aos malefícios: discórdia, *hackers*, ciberliteratura, vícios, pedofilia, limita o conhecimento. Nota-se que estão cientes quanto a utilização da tecnologia. Como já referido por Cupani (2013) nos capítulos iniciais desta pesquisa, toda realização tecnológica vai acompanhada de uma valoração seja positiva ou negativa, dependendo do que ela pode proporcionar. Difícil hoje encontrar alguém que não se envolva com a tecnologia. Enquanto manuseavam o poema, a pesquisadora passou entre os estudantes para registrar seus comentários. Aponta-se na sequência como reagiram ao poema:

O Estudante 1 observou a arrojado do texto, que, para ele era *rápido demais, tava passando muito rápido. Conteúdo bom, ousado, porque ele usa sua criatividade sem medo*. É justamente

a essas modificações na forma de se relacionar com a máquina que Hayles (2009) se refere quando diz que, parece razoável supor que os cidadãos nas sociedades desenvolvidas tecnologicamente e principalmente os jovens estejam literalmente sendo reformulados por suas interações com dispositivos computacionais. A forma da leitura se modificou, o leitor de sala de aula, quando está neste ambiente não costuma presenciar a leitura tecnológica, esta só é praticada fora do espaço escolar ou para atividades extraescolares. Ainda, cabe aqui dizer conforme Ramal (2012) que essa forma de leitura se aproxima do próprio esquema mental, o pensamento é uma forma de hipertexto assim também acontece a cada novo texto aberto, as pessoas navegam em dimensões rápidas que se interpenetram.

Outrossim, registra-se que em *A teoria do homem sentado* as imagens não se fizeram presentes, o desmembrar do texto tem como cerne as palavras e como elas se estruturam. Assim, a estratégia do poema fica limitada a movimentação rápida ou lenta das palavras e ao reinício do poema, pelo controle do próprio leitor. Esse artifício criado pelo autor para compor seu poema eletrônico, foi considerado criativo pelos estudantes, os quais muitas vezes não lembraram que poderiam controlar o movimento das letras para compor palavras e essas a frase bem como essa o texto, partido do micro para o macro texto, originando uma ideia global, que sofre alterações conforme o comando do leitor. Percebe-se que esse estudante qualificou como bom o conteúdo do texto, o que se presume que o tema se torna pertinente ao que os jovens estão vivendo, pois, a tecnologia é indispensável em diversos campos e na educação torna-se viável quando tiver um direcionamento.

A Estudante 2 também se referiu a rapidez: *Achei legalzinho assim do modo que foi feito, ele foi passando rapidinho, só que achei bem rápido, né. Mas achei legal que ele vai rapidinho, você vai acompanhando, bem moderno.* A pesquisadora já havia falado das teclas, que poderiam aumentar e diminuir a velocidade, então mostrou novamente aos estudantes. Assim, puderem perceber que tinham autonomia sobre o agir no texto, essa ação era possível por ser digital, podendo intervir na escrita dele, porém, esse poder de interferência era limitado, conforme o que foi ofertado pelo autor. Nessa fala do estudante também se percebe a classificação que ele dá ao texto, considerando-o como moderno. Essa atribuição provavelmente consiste na inserção das palavras no texto, o que difere do escrito, as palavras surgem e desaparecem dando lugar a outras, conforme o gerenciamento do leitor. Para Antônio (2008, p. 295), “os sistemas computacionais forneceram à criação textual formas inéditas de coautoria, de interface homem-máquina”. Por consequência, o leitor se sente no controle do texto, sendo parte da construção da história.

Mais um sujeito, o Estudante 3, se posicionou com relação a esse poema digital: *Ele remete tédio, medo, ele fala de várias coisas e parece que são iguais, mas são diferentes*. A forma como o poema se apresenta que causa esse espanto, como se o texto fosse igual, mas mudam palavras. Ela observou não só a estrutura, mas o conteúdo ali registrado. O estudante se deu conta de que o novo texto gerado se torna semelhante, mas já é um outro texto. E o medo é a própria tecnologia, que veio avassaladora, ainda é uma incógnita, uma busca sobre até onde se chegará por meio dela, já que as pessoas estão cada vez mais envolvidas nesses meios eletrônicos. E isso, como já dito em linhas atrás, ocorre em momentos da vida diária e em circunstâncias especiais em que se faz uso, por exemplo, de tatuagens ou se faz cirurgias plásticas. O temor pode estar justamente nessa interação, pois nas palavras de Hayles, (2005) o humano que interage com a máquina, ao final da interação, não é mais o mesmo. Ainda, observa-se que ao se referir ao poema como tédio, pode estar relacionado às ações repetitivas do homem no seu dia a dia, como se ligasse o botão da máquina que executa a mesma tarefa, programada, assim como o computador. Assim, é o ser humano e suas relações com variedades de dispositivos que o acompanham em diversas esferas seja profissional, seja familiar.

Semelhante ao pensamento do leitor acima, esta Estudante 4 se referiu ao que propõe o texto: *Acho que seria monotonia né porque é sempre a mesma coisa e tal*. É o uso da tecnologia para criar situações de aprendizagens, conforme dito por Valente (1993). O autor do poema *A teoria do homem sentado* aproveita um tema pertinente para provocar o leitor, é como se o autor sacudisse o leitor para suscitar uma reação, por isso as palavras com que se dirige a ele são duras: caracterizando-o como confuso, indecifrável, parado, temido, odiado. Quando a estudante falou o *né*, olhou para a pesquisadora buscando o consentimento, como se dissesse “é isso mesmo?”. O ato de estar sentado, como se estivesse ali congelado, feito estátua, só recebendo informações é o que ocasiona o tédio. Essa monotonia a que a estudante diz aparecer no texto se destaca no próprio ambiente que o homem sentado está localizado.

Para a Estudante 5 *É bom falar sobre internet, um assunto polêmico porque têm coisas boas e ruins na internet*. Essa estudante enfatizou o que se discutiu no início da aula, talvez, por medo de errar, caso saísse do conhecido e já discutido. Entretanto, sabe da importância de debater sobre o tema, o que muitas vezes está distante desses estudantes. “Para que a escola possa qualificar a participação dos alunos nas práticas da web, na perspectiva da responsabilização, deve propiciar experiências significativas com produções de diferentes culturas e com práticas, procedimentos e gêneros que circulam em ambientes digitais”. (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 135). Assim, além de promover seminários sobre um tema atual, faz-se imprescindível a prática nesses meios, o que nem sempre é possível nas escolas públicas,

conforme dito por Jenkins (2014) “o crescimento da comunicação em rede, especialmente quando associada às práticas da cultura participativa cria uma diversidade de novos recursos e facilita novas intervenções para uma variedade de grupos que há muito tempo lutam para se fazer ouvir. Dessa maneira, a escola proporciona espaço para discussões e os próprios poemas oportunizam isso, como visto no poema acima. Concomitantemente, Santos durante a entrevista a esta tese, postula que varia muito o tema dos poemas, mas em geral o objetivo é fazer as pessoas refletirem sobre o mundo, a vida, o que se aplica para os seus poemas bem como aos demais que por aqui passaram.

Dando seguimento, registra-se outra fala, a do Estudante 6 *Ele começa a inverter, é meio que inverte a ordem né, o começo no final, mas o sentido é praticamente o mesmo. Achei legal.* A participação do estudante neste poema é mais de espectador. Embora ele possa decidir quando quer parar, reiniciar, a interação limita-se a isso, não há imagens, música, o estilo difere do poema anterior, por isso as informações dos estudantes tornam-se mais limitadas ao que está posto e também em razão do tempo que tinham para proceder a interação. Percebeu-se que o leitor ficou nas informações mais superficiais, entretanto o básico sobre o poema, foi dito por ele. O estudante apresentou informações quanto a forma do poema ser apresentado, mas não disse nada em relação ao conteúdo do poema. Também não fez relação entre o conteúdo e o que eles estavam fazendo naquele momento. Este tipo de criação exige uma reflexão maior sobre o código, razão porque se percebe a dificuldade na discussão. Conforme Amarilha (2006, p, 26) “para ler um texto literário é preciso entender que a língua ali se encontra explorando aspectos da coletividade e da capacidade criadora de seu autor e de seu leitor”. Essa competência do leitor pode estar atrelada ao letramento digital. O estudante letrado digital utiliza as plataformas digitais de forma ativa, dominando essas práticas em prol do seu aprendizado, como se estivesse descobrindo um novo idioma. Nesse repertório, diferentes códigos devem ser considerados no ato da leitura. O letramento digital requer um repertório aberto de manipulação e inferência no texto (COUTO, 2016). Diante do que foi expresso até agora, percebeu-se que, por ser uma leitura rápida, não é um texto longo que se apresenta, assim, o Estudante 7 conseguiu tirar a essência tanto do que está escrito como da forma que se apresenta e pôde observar que o uso da ferramenta interfere na interpretação:

Achei interessante porque no meio do poema ele, no início dele ele começa de uma forma simples né, ele é escrito de uma forma simples e depois na segunda estrofe digamos assim, ele já começa digamos usando um vocabulário diferente né, um vocabulário um pouco mais sofisticado. Então ele brinca bastante com as palavras, ele usa diversas palavras para dar o mesmo sentido ao poema inteiro.

Ao avançar no poema com o uso dos comandos, o leitor se envolveu com a atividade e foi percebendo a atuação do autor e a habilidade no uso das palavras de forma a brincar com elas, conforme disse. Com os dispositivos de controle o leitor pôde decidir quando queria recomeçar o poema, sem necessariamente proceder a leitura de um poema até o final. Ele pode clicar para iniciar novo poema. Segundo Ferreira (2010) a referida poesia sai da fixidez que prepondera na espacialidade do papel e se abre em termos de linguagem, apresentando traços importantes como a mobilidade, a multiplicidade, adaptabilidade, plasticidade, não linearidade, interatividade, entre outros. Com isso, o leitor escolhe a forma de leitura.

Interessante apontar que este Estudante 8 comparou *A teoria do homem sentado* com o poema *Liberdade: Achei diferente do outro porque o de ontem a gente via como um filme, não é igual a esse que é tudo descrito na hora, o outro era subindo as palavras, como se fosse filme, dava pra ver como eram os desenho*. Nota-se que aqui, o estudante vê o poema *Liberdade* como um filme já gravado e mesmo que o leitor vá desbravando os caminhos, as imagens estão prontas. Já com *A teoria do homem sentado* há sensação de que as frases são escritas na hora, devido as palavras brotarem na tela, às quais se posicionam da esquerda para direita, tal qual a ordem do texto impresso e letra por letra vai preenchendo o espaço.

Já este outro leitor fala sobre o tema do poema e não faz referência a estrutura em que ele se apresenta. Esse sujeito, o Estudante 9 diz:

Achei bem interessante o assunto tratado que pelo que eu entendi é sobre o homem que cada vez mais vem ficando cada vez mais como fala, é sedentário, que fica só sentado na televisão ou algo parecido, que a cada mais tempo vem ficando mais sedentário, sentado.

Diante desse posicionamento percebe-se a importância das atividades prévias antes do ato da leitura, as discussões que foram realizadas permitiram ao estudante interpretar com maior segurança esse poema. Até por que conforme Marcuschi (2005) a variabilidade de leituras possíveis aumenta nos textos digitais. Em razão disso, o cuidado do mediador é de que o estudante participe e contribua, porém não deve ir além do que o texto diz, extrapolando o tema. Disso se constata que o uso da internet não basta, é preciso a interferência do mediador, este que é “a pessoa que se interpõe entre o texto e o receptor, tendo em vista facilitar sua recepção” (BAJARD, 2014, p.45). Assim, ao se trabalhar com poesia digital, o docente necessita pensar nas atividades que envolvam tal prática. Para isso, torna-se necessário a formação, o letramento docente para as práticas. É preciso que os efeitos provocados pela leitura analógica surtam os mesmos efeitos na digital e talvez até atinjam mais intensamente, já que nesta leitura estão

envolvidos vários mecanismos de interação. Ou ainda, conforme Jean (1990) o docente deveria saber sentir que toda a poesia, cristaliza em algum de seus aspectos, a todo o homem.

Para este Estudante 10 *A internet prende muito as pessoas né, que em vez de elas fazerem outras coisas elas ficam sentadas na frente do computador.* Nesta prosa poética manuseada pelos estudantes, como se viu, os estudantes conseguem perceber o excesso que os envolve ao dedicarem muitas horas do dia em frente à tela. Quando se refere as pessoas sente-se partícipe da situação. Neste caso, o que se percebe é o uso da internet de forma desmedida. Como se verá mais a frente, na exposição dos questionários respondidos pelos estudantes, eles acessam com muita frequência os meios tecnológicos e a maioria desses acessos estão vinculados ao uso da internet. Nessa avalanche de opções que ela proporciona, torna-se mais cômodo ficar na frente da tela, priorizando o virtual em detrimento ao real, conforme comenta a Estudante 11:

Achei interessante porque ele trata exatamente a realidade de hoje que o leitor ele prefere muitas vezes ficá na frente de um computador, sentado, na frente de uma tela, de um celular vendo tudo que acontece no mundo por aquela tela e ele nem se importa em levantá pra pega um livro, pra vê o que acontece lá fora e também pela forma que ele é escrito, ele muda várias vezes, toda vez que ele começa, ele muda e isso te traz assim o entendimento melhor porque às vezes você não entende de uma forma e você entende de outra e você vê que tem muita coisa que precisa mudá.

A fala da estudante é condizente com o próprio ato de realização da atividade. Quando diz que *às vezes você não entende de uma forma e você entende de outra*, vale para o uso da tecnologia como forma de impulsionar seus interesses para a aprendizagem e aqui, especialmente, à leitura. Por outro lado, está ainda presa ao impresso, pois acredita que ler está no livro, não consegue associar leitura também pela tecnologia, pois isso ainda é pouco explorado pela escola. Quando é utilizada, na maioria das vezes, como foi visto na pesquisa TIC educação (2018) é para enviar trabalhos ao professor e para tirar dúvidas, não é para atividade prática. Ainda, a leitora faz referência ao fato de que para que haja interpretação torna-se importante ler um texto mais de uma vez, em decorrência dessas leituras poderá acarretar interpretações diferentes. E nesse contexto, o leitor também muda. Conforme Langer (2005, p. 24) “durante a leitura, por exemplo, as representações vão mudando; à medida que a leitura progride, algumas ideias perdem a importância, algumas são acrescentadas e algumas, reinterpretadas.” Além da construção de sentidos que essa máquina de poesia *Cyberliterature* proporciona, o leitor tem a sua disposição a combinação de palavras, o que ocasiona as múltiplas possibilidades de significação.

As palavras aparecem em contextos diferentes, provocando mudança de sentido do texto

original. Com isso o resultado obtido é aleatório. Assim, o homem sentado pode ser o homem passivo, que absorve todos os códigos da cultura, ou os reproduz. O leitor Estudante 12 consegue perceber estes dois pontos, da execução do poema para os leitores e a função do operador humano misturando-se com o computador a fim de obter a significação: *Achei muito interessante a forma como o poema ele é, ele escreve o leitor como sentado, parado, como ele já prevê algumas ações suas, como ele diz leitor confuso. Eu achei muito interessante essa forma de abordá tanto isso quanto a tecnologia dentro dele.* O estudante apresenta a consequência e a causa do uso exagerado em frente à tela. Ele gostou do que o texto apresentou e do uso dessa tecnologia para explicar sobre ela. Entende que ao se deparar com a ferramenta digital, o autor prevê que o usuário ficará preso a ela, pois a intenção muitas vezes é apenas consultar uma palavra e no emaranhado de informações oferecidas é previsível que passe mais tempo do que desejava. O próprio texto problematiza a configuração da máquina e a reconfiguração do corpo em relação a ela. Pedro Barbosa apresenta uma reflexão do relacionamento com os meios digitais. O autor, quando procedeu uma reportagem à revista *Ípsilon* no ano de 2017, informou que na época da criação, atraiu a forma como o computador permitia uma aproximação imprevista à vertigem do infinito face à finitude humana, podendo gerar em pouco tempo muitos textos diferentes dentro da mesma matriz literária. O autor conclui que o texto dava lugar a um campo textual sem horizonte à vista e que já não fazia sentido imprimir em papel. Diante desse cenário emerge o hiperleitor, caracterizado como o próprio prefixo remete à hiper, ou seja, ele navega, conduz, comenta, altera e decide o processo de leitura. Para Domingos (2015), ele é mais do que um simples leitor, ele lê assistindo, escutando, falando e tateando, em razão disso pode-se dizer nas palavras da Estudante 13 *que é a realidade que a gente vive.* Para ela, o poema *fala sobre a realidade, que a gente vive né, que a gente fica muito tempo na frente do computador e mostra de outro tipo, clichê e começa tipo assim, odiado leitor, como se a gente não gostasse de ler.* Percebe-se aqui a hiperleitura, em que poucos trechos foram lidos e as observações são fragmentadas tal qual o próprio texto sugere que isso possa acontecer, apresentando o texto com estrutura fragmentada, é possível parar a leitura a qualquer momento e reiniciá-la, é permitido promover uma nova leitura e o percurso será outro, ao contrário do impresso, quando o leitor parar, ao retornar ao mesmo texto, ele estará lá na mesma ordem. Convém lembrar que a hiperleitura, para James Sosnoski (1999, p. 167) é a “leitura assistida por computador, orientada por leitor, baseada em telas”. Hayles (2012), entre vários itens apontados, cita a leitura rápida para identificar itens de interesse. Tal ato foi identificado na leitura da Estudante 13- conforme se comentou acima, nesta análise.

É interessante apontar que ironicamente os estudantes desta pesquisa estavam sentados, exatamente na posição criticada pelo texto, executando o ato discutido na leitura. Além do mais, o ambiente retratado no poema, ao que tudo indica trata-se de uma residência pelas pistas encontradas como “A poltrona adormece-lhe o traseiro”, “É a hora fatal do telejornal”, “Ligue a televisão”, conforme a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (2016), é no lar que a maioria acessa os aparelhos eletrônicos, pois ali esses aparatos se encontram disponíveis e com fácil acesso aos leitores, o que ainda não acontece plenamente na escola. Parece oportuno indicar os poemas digitais nessa travessia impresso/digital. Amanda Starling Gould (2012), destaca que a *E-lit* fornece aos alunos novos objetos para pensar e novas maneiras de pensar os objetos (o texto).

Ao chegar ao desfecho da análise, apresenta-se um panorama dessa aula: o que se observou que é a maioria entendeu bem o poema, alguns estavam acessando outros poemas constantes no Cyberliteratura, alguns não leram, mas importante destacar que o fato de todos já estarem com o poema no computador quando chegaram na sala, facilitou o rendimento da aula que tinha uma duração curta. Feito esse contato com a construção digital, ao final os estudantes preencheram o questionário e conforme terminavam de preenchê-lo, aproveitaram a aula para organizar a tarefa que deveria ser entregue no grupo de *WhatsApp* ou no privado da pesquisadora: literatura eletrônica. Assim, iriam criar uma paródia relacionada ao poema *Teoria do homem sentado* e o tema tecnologia, contendo título da música original, letra da paródia, gravação da paródia e nome dos integrantes (poderia ser feita de forma individual, em dupla ou grupo, no máximo quatro alunos). Nesse tempo livre que ainda restava, aproveitavam para escolher a música pela internet do computador da escola e outros utilizaram-se do celular (uso do celular para atividade pedagógica). Aqui, salienta-se que pouquíssimos realizaram o envio da atividade (Figura 24 e 25). Talvez pelo fato de não terem mais aulas com a pesquisadora ou porque realmente não entregavam muitas das atividades, por isso, a preferência por realizá-las em sala de aula. Mas, em razão de pouco tempo para a prática é que se solicitou que algumas atividades fossem realizadas em casa.

7.5 Análise dos questionários

Cumprir fazer alguns comentários em relação à pesquisa, antes de proceder a apresentação e análise dos questionários. É importante destacar que o campo de investigação desta tese consiste em uma turma de estudantes de segundo ano de Ensino Médio de uma escola pública. O espaço escolhido para a pesquisa fundamenta-se no fato de que esse cotidiano serve

de amostra da realidade enfrentada pela maioria das escolas em seus aspectos didáticos, estruturais e sociais. Explicita-se que o critério de seleção pelo período escolar sucedeu-se porque esses estudantes já passaram do período de adaptação quanto à mudança de uma etapa a outra (fundamental II a Ensino Médio) e a rigor não estão centrados nos exames de seleção de vestibular, situação que acontecerá no ano vindouro. Para aferir os resultados, um dos instrumentos de pesquisa foi a aplicação deste questionário aos estudantes de Ensino Médio, pensando em tal técnica em razão da espontaneidade oferecida na escrita e do tempo dedicado para pensarem nas respostas. Tal fato constitui uma das técnicas diferenciadas ao que já fora aplicado, quando do contato que tiveram com os poemas e puderam responder oralmente sobre as sensações, pontos de vista em relação à utilização dos poemas.

Este questionário aos estudantes consta de 10 perguntas sobre tecnologia, poesia eletrônica e leitura. Tais perguntas tiveram o intuito de verificar as concepções dos estudantes com relação ao uso das tecnologias em sala de aula e, principalmente, aos poemas digitais e assim atender ao que foi proposto em um dos objetivos desta tese, quando se dispôs a verificar a recepção dessas poéticas para o perfil de estudantes em análise, ou seja, de quem usufruiu da prática dos poemas digitais. Em decorrência desse objetivo, a intenção de partir para o objetivo geral deste estudo com a pretensão de analisar a viabilidade de formação do leitor por meio das pesquisas sobre poesia que aqui se apresentam e pela prática realizada em sala de aula tendo como corpus as poesia digitais presentes na Coleção de literatura eletrônica <<http://collection.eliterature.org>, disponível na web sob a curadoria de Katherine Hayles nos Estados Unidos, uma coletânea da literatura eletrônica produzida por poetas digitais de vários países, entre eles o Brasil. Aqui se torna primordial que se apresente as colocações de Santos quanto a esse tipo de poema:

Daí nossa escolha em andar pelos caminhos da poesia eletrônica, essa que é feita, desfeita e refeita no ciberespaço apreendendo deste as nuances da interatividade (homem-máquina, homem-homem, máquina-máquina) e da interatividade (essa retomada incessante de dados e rotinas que deve exaurir o processo antes de cansar o usuário). Em outras palavras, propomos utilizar a perspectiva literária para delimitar um objeto – a Rede – inserido em um novo campo de sentidos e de possibilidades – o ciberespaço –, mapeando um objeto cultural não mais limitado necessariamente ao campo literário. (SANTOS, 2003, p. 21).

Pelo poema em estudo surge a possibilidade de formar leitores por meio da interação com os equipamentos eletrônicos, estes que aguçam os sentidos e levando em consideração o comprometimento da escola em utilizar tais poemas nas suas vertentes textuais, numa época em que a mecanização e a fragmentação estão em ascensão. Por isso, para aferir os resultados por meio desses contatos, procurou-se selecionar apenas 10 questões neste questionário e

pertinentes à pesquisa, a intenção era de que não se estendessem muito e ao mesmo tempo dessem a devida atenção às questões. Durante o preenchimento do questionário, houve silêncio por um tempo, em razão de estarem concentrados nas respostas. Foi solicitado que não copiassem dos colegas, pois não existia o certo e o errado, que não se preocupassem com isso, mas que colocassem, no papel, suas posições, caso não entendessem alguma questão que pedissem apoio para a pesquisadora.

Poucas respostas não foram condizentes com o que estava sendo perguntado, ou seja, entenderam a pergunta. Apenas um estudante não entregou a atividade, mesmo estando em sala de aula. Ao ser questionado disse que entregaria outro dia, percebeu-se que não tinha interesse em responder. Assim como era desinteressado em outras atividades. Acrescenta-se que trinta e quatro estudantes responderam ao questionário, os que estiveram presentes na última aula, sendo 12 meninos e 22 meninas. Para as perguntas colocou-se a fonte em negrito. Nas respostas, em itálico, transcreveu-se tal qual as palavras deles e o número identificou a troca de fala. Para cada questão iniciou-se nova sequência. Registrou-se algumas respostas mais significativas e enfatiza-se que essas representam outras também semelhantes, entretanto todas elas encontram-se anexas a esta tese - QR code conforme os links:

<https://drive.google.com/file/d/1J0qYZShcn3BTXSi0o5XgdjX1EvZLfsyn/view?usp=drivesdk>

<https://drive.google.com/file/d/1QzAd7KDkGm8bMZC8rHjIpv7sqF1tZkIY/view?usp=drivesdk>.

Na questão de número 1 solicitou-se: **No início da atividade quando se pensou em leitura com poesia eletrônica, o que você sentiu? Você já conhecia esse mecanismo?**

O que se observou em relação a esta questão é que mesmo que nem todos tenham respondido diretamente que não conheciam as poesias, percebeu-se que nenhum deles teve contato com o material, pelas palavras pelas quais se expressaram, como por exemplo, novidade, e por terem comentado em sala de aula durante as atividades que para eles era algo inédito. Aqui se registram algumas falas: Estudante 1 *No início pensei que fosse apenas poesias digitadas, mas depois vi que era algo totalmente diferente que eu estava prestes a conhecer melhor.* Nota-se que essa confusão entre literatura digital e digitalizada, aos poucos vai se desconstruindo. Hayles (2009) esclarece que para ser literatura eletrônica tem que ser feita nesses meios digitais. O marco digital revela que, no lugar de o leitor folhear o livro impresso, acessa o ambiente virtual. Assim, o Estudante 2 também pensou que a leitura seria como faziam costumeiramente, uma leitura estática: *Eu achei que fosse ler mas em telas de computador, assim como no papel, mas foi bem diferente do esperado.* A vinculação com a leitura linear, mesmo sendo no computador, a associação que fizeram foi com o tipo de leitura que costumam realizar na tela. Entretanto, o leitor é capturado pelas formas interativas. A ideia que o estudante

faz da poesia provavelmente está na origem à forma como foi trabalhada na escola. Conforme dito no Capítulo 1, ela, muitas vezes é usada para se estudar gramática ou como pretexto para atividades avaliativas. Enfim, vista como algo difícil. Outra amostra disso está na fala deste Estudante 3 *Não gosto muito de poesia, mais admiro ainda mais ela eletrônica*. Ainda persiste a ideia de que ler poesia é chato, mas “ela pode ser tudo que quisermos no contexto que escolhermos.” (MENÉRES, 1977, p. 62). Percebe-se que há tentativa de mudança, como é o caso do uso das poesias digitais aqui analisadas e que se pode também verificar no Instapoesia, a poesia eletrônica pelo Instagran. Porém os passos são lentos quanto ao uso em sala de aula. A escola em análise foi uma prova das dificuldades apresentadas para a realização dessa atividade, devido a determinadas circunstâncias impeditivas como a falta de acesso aos instrumentos por vezes necessários dentre eles fone de ouvido e *youtube*. Os equipamentos eram velhos, causando transtornos, como o fato ao se verificar os computadores durante a primeira visita à sala de informática, percebeu-se que eles não funcionavam e assim foi necessário optar pela outra sala de informática disponível na escola. A falta de estrutura dificulta os trabalhos, é preciso ser persistente para efetivar uma proposta, por isso que muitas vezes alguns docentes desistem de praticá-la e mantém o tradicional. Ainda, com relação a sala utilizada, um fator positivo era o espaço amplo, porém nem todos os computadores funcionavam. Outro item positivo era o fato da sala de informática estar localizada em outro ambiente, fora da sala de aula, acredita-se que tal fator permitiu que os estudantes percebessem que além de estarem em outro espaço, fariam uma atividade diferente do que costumavam fazer ao se fixar em papel e caneta. Se se deseja realmente formar leitores na atualidade a atuação do docente deve estar vinculada em atividades que provoquem a diferença e sabe-se que as tecnologias estão entre as preferências dos estudantes.

Eis o cerne da questão que se coloca nesta tese, a preocupação com a formação do leitor, em resgatar o leitor literário propondo a ele formas alternativas de conhecer a literatura por vias dinâmicas. É preciso expandir o acesso a esses meios em sala de aula, é necessário conhecer a diversidade de materiais tecnológicos a serem explorados, incorporar práticas do digital nas atividades pedagógicas, pois o que se percebe é que há, ainda, muita resistência a mudanças quando se pensa em tecnologia, o medo do que ela pode causar aos estudantes ou do docente não saber manusear os materiais. É necessário que os professores busquem pelo conhecimento à tecnologia, que se permitam estar engajados a aprender, vencendo o medo e juntos com seus estudantes construam o saber. É preciso desmistificar a ideia que persiste do educador como centralizador do saber, seus conhecimentos são importantes, mas o estudante tem muito a contribuir, principalmente em relação aos meios digitais para essa geração de *homo zappiens*,

que nasceu na era tecnológica, esse leitor ubíquo definido por Santaella que independente do ambiente conecta-se com o mundo, como visto no decorrer da tese. O texto estático no computador tal qual é encontrado no impresso já é banal para os estudantes, não promove entusiasmo visualizar apenas o escrito na tela, é quando se deparam com a interação que sentem a emoção de estar diante de algo totalmente diferente.

Infelizmente o poema não é uma atividade recorrente em sala de aula. Quanto mais o professor puder oferecer poemas e conduzir o trabalho de forma criativa, mais aproximará os jovens da leitura e proporcionando a eles o conhecimento de si mesmos, da relação com os outros e um entendimento ao que circula na sociedade. Esse conhecimento o torna um sujeito ativo, apto a agir no seu meio. Quando o docente puder agregar à tecnologia nessa mediação, o retorno pode ser mais rápido, pois aproxima o leitor do mundo contemporâneo. Conforme já mencionado nesta tese, o educador deveria sentir que a poesia cristaliza a todo homem (JEAN, 1990, p. 107).

Um fato curioso é que mais de um leitor, ao mesmo tempo que sentia temor pelo desconhecido tinha vontade de conhecê-lo: Estudante 4 *Eu me senti confuso e muito curioso sobre a tal atividade proposta, nunca tinha visto esse tipo de poesia*. Efetivamente esta pesquisa se constitui a partir do momento que se entrou em contato com os estudantes, então não é possível afirmar como trabalhavam literatura durante as aulas, mas pelos que se pôde perceber, o uso acontecia primordialmente pelo livro didático. Contudo, os Parâmetros curriculares nacionais do Ensino Médio falam na consideração ao texto literário como imprescindível e isso inclui o trabalho diferenciado com a tecnologia, pois o texto cita também o fato de aplicar as tecnologias em sala de aula. Unindo os instrumentos digitais e a poesia está se oportunizando ao estudante a fruição estética e contribuindo para ampliar a visão de mundo.

Vale salientar que dois estudantes consideraram a literatura eletrônica como muito importante e sete estudantes a classificaram como algo diferente. Inclusive, um deles disse: Estudante 5 *Senti algo diferente, como se “tocasse” o coração. Não conhecia, mas achei bem legal*. A poesia digital conta com o auxílio da música, principalmente percebida nos poemas *Liberdade, Amor de Clarice e Água*. Conforme se verificou durante a análise, os estudantes comentaram sobre a *batida* presente no poema *Amor de Clarice*, à qual provocou sensações de medo, perturbação e em alguns comentários como algo bom. Também a apreensão pela escolha dentre as opções oferecidas no poema, a surpresa das imagens e dos movimentos devolvidos pela ação do leitor, a interpretação das palavras com as imagens, tudo isso contribuiu para que a poesia os tocasse suavemente.

Outro ponto relevante a se destacar refere-se a três estudantes, às quais comentaram o interesse pelas poesias. Aliás, quatro estudantes se referiram a elas como algo novo. Quatro estudantes, quando ouviram sobre poesia digital tiveram a primeira impressão negativa, após, quando descobriram o que era, mudaram a opinião. Por exemplo o Estudante 6 *Pensei que seria uma coisa muito chata mais no final eu gostei*. Novamente aparece aqui a poesia vista como algo enfadante. A intenção quando se pensa em poesia interativa é a de que todos se envolvam com a atividade, promove a troca, discussões e reflexões ao se analisar em qual opção vai se seguir durante a leitura do poema digital. A poesia tem um caráter de aproximação, não de disputa. Nas palavras de Jenkins (2009, p. 28) “ao invés de falar de produtores e consumidores midiáticos em papéis separados, agora podemos vê-los como participantes que interagem uns com os outros de acordo com novas regras, que nenhum de nós entende por completo.” É pela surpresa que provoca que os poemas acabam atraindo o interesse. Quanto à curiosidade em relação ao material, sete participantes demonstraram estar curiosos para conhecer o que era. Uma estudante disse sentir-se com liberdade de expressão ao manusear os poemas, outra referiu-se às poesias como algo moderno. Cinco estudantes falaram que imaginaram trata-se de tecnologia. Exemplo retirado da informação do Estudante 7 *Eu não conhecia, mas só pelo título “poesia eletrônica” já agradou. Qualquer coisa que envolva tecnologia já prende a atenção, então, posso dizer que só de ouvir o título, já senti curiosidade*. Há muitos recursos dentro da internet para essa aproximação dos jovens com a leitura, conforme Failla (2016), para socializar a literatura hoje, os jovens recorrem as redes sociais, fanzines, blogs, entre outros. Dessa forma, ampliam-se os contatos e de forma rápida entre a leitura e vários leitores ao mesmo tempo. Ainda, percebe-se conforme a própria fala dos autores concedida na entrevista, que a recepção do material é positiva e precisa de atividades direcionadas. Por isso, aqui na prática, os poemas não foram lançados abruptamente aos leitores, pensou-se em atividades prévias vinculadas a eles e para alguns poemas, em atividades posteriores.

Quanto à pergunta número dois: **Comente sobre a utilização de poemas eletrônicos em sala de aula.**

Esta questão exige do leitor participante um certo grau de maturidade, para compreender o que foi feito em sala de aula e o que isso pode acarretar quando utilizado nas aulas de literatura. Destaca-se a fala de um Estudante 1- que disse: *Eu super apoio o uso em sala de aula, pois são aulas mais interessantes e aulas que nos ajudam a conhecer melhor as poesias*. Como se percebe, os estudantes dão indícios desse apelo para inovar às aulas, sair da mesmice e em alguns casos conhecer melhor os poemas. Vale destacar que nove estudantes se referiram aos poemas como interessantes. Dois estudantes se referem à utilização dos poemas como

inovação e um remete ao fato de ser algo moderno. Cinco estudantes utilizam das expressões descontraír/divertida. Esses três itens referidos aparecem de uma vez só na fala da Estudante 2 *a poesia é uma coisa inovadora uma capacidade de estabelecer uma coisa inacreditável. Uma inteligencia superficial e inagreditavel e muito interessante mostra coisas que um poema no papel não mostra e muito divertido.* É pertinente destacar alguns pontos da escrita do estudante. Embora seja possível haver entendimento do que desejou expressar, utilizou palavras repetidas, provavelmente quis se referir à inteligência artificial e não superficial, apresenta ortografia diferente da norma culta, já que o texto era escrito há necessidade de linguagem formal e faltou pontuar adequadamente.

Outro ponto a ser destacado, refere-se ao fato de três estudantes comentarem que gostaram de participar das aulas, pois puderam opinar sobre a atividade e sobre o conteúdo, mas, destaca-se que isso não acontece apenas porque se trabalhou com material digital, em qualquer atividade o estudante pode participar em sala de aula. O professor precisa promover atividades que os estudantes se sintam engajados. Talvez, enquanto docentes, é preciso repensar como estão sendo trabalhados os conteúdos e neste sentido enfatiza-se que os livros didáticos muitas vezes cerceiam a aprendizagem. Basta lembrar que é um livro barato, serve para todo ano, cada estudante tem o seu, o professor é a autoridade, contendo a resposta correta de acordo com o que consta no livro didático, o estudante não questiona. Geralmente o professor trabalha com fragmentos do texto, não com ele na íntegra. Falta leitura e formação aos docentes, em várias situações, para que realize um trabalho mais profundo. Bem como se leva em consideração o estado precário em que se apresentam as bibliotecas, com carência de livros literários e a desvalorização da biblioteca, com falta de profissionais da área, tendo colaboradores que estão de laudo ou prestes à aposentadoria neste ambiente, bem como este se apresentando como desmotivador, mofo, paredes descascadas, cadeiras quebradas e insuficiente para abarcar todos os estudantes de uma turma. Assim, há que se “tirar os livros da caixa” (PAIVA, 2012) e transformar essas bibliotecas em espaços de deleite e não de castigo, além da necessidade de contratar profissionais qualificados para a função. Complementa-se que a biblioteca escolar é “um espaço de aprendizagem físico e digital, onde a leitura, o questionamento, a pesquisa, o pensamento, a imaginação e a criatividade são centrais para conduzir o estudante na sua trajetória da informação para o conhecimento, em direção ao seu crescimento pessoal, social e cultural” (IFLA, 1994, p. 16).

Dando sequência aos posicionamentos, registra-se que este Estudante 3 afirma: *nunca tínhamos utilizado antes.* É lamentável que não são todas as escolas que conseguem agregar tecnologias ao uso do giz e do quadro. Isso acarreta uma discrepância entre a tecnologia que se

desenvolve na sociedade em ritmo intenso e a forma com que está sendo introduzida na escola, em passos lentos. Já se comentou em capítulos anteriores sobre o uso desses novos mecanismos, nas palavras de Santaella “quando novos meios surgem, seus potenciais e usos, ainda desconhecidos, têm de ser explorados” (2008, p, 35).

Vale mencionar que para uma boa parte dos estudantes os poemas foram percebidos como algo que motiva, como pode ser demonstrado a seguir: Estudante 4 *faz nós sentirmos mais interesse pelas aulas*, Estudante 5 *podemos perceber o quanto o poema eletrônico é dinâmico e o quanto faz com que queiramos saber mais e mais*, Estudante 6 *muito legal pois saiu da mesmice da leitura de livros convencionais*. Estudante 7 *é algo muito bom, pois fazem os alunos realmente ter em um interesse pela matéria (conteúdo), e assim querer se “relacionar” ter mais “intimidade” com os poemas*, Estudante 8 *foi bem interessante, pois assim como eu muitos de meus colegas não sabíamos como funcionava e ficamos surpresos ao ver as letras “andando” na tela e com o som a cada palavra*, Estudante 9 *foi uma ótima experiência, conhecer outras formas de poesia foi incrivelmente empolgante e posso dizer que foi mágico*. Verificou-se em algumas passagens o uso recorrente do advérbio de intensidade *muito*, na intenção de intensificar o quanto esse uso revigora sua posição pacata, dando um novo rumo à leitura, mais dinâmico. O fascínio que sentiram remete aos modos de operação do pensamento apresentados por Santaella (2005), nitidamente observa-se a primeiridade por meio dos elementos pré-reflexivos como a cor, a forma, o som, enfim, as sensações que sentiram ao se deparar com algo novo. Na secundidade aparece a reação aos poemas, compreensão do que foi visto, ouvido, o impacto que sentiram. E, por último a terceiridade ligada a interpretação, o poema começa a fazer sentido.

Essa aproximação da poesia e tecnologia pode ir ao encontro do estudante e ao fazê-lo participar do mundo digital, este jovem já incluirá no seu universo a leitura.

Na questão 3 perguntou-se: **“Você sentiu alguma dificuldade em trabalhar nesse ambiente? Comente”**, a intenção de capturar o grau de conhecimento do estudante nestas atividades, pois embora as práticas realizadas já puderam antecipar essa resposta e as discussões teóricas informem a preferência por trabalhos nesses meios, pode ser possível que os estudantes tragam alguma informação diferente do previsto.

Vinte estudantes responderam que não sentiram dificuldades. As justificativas variaram: dois estudantes fizeram referência ao ambiente agradável para uma leitura tranquila e surpreendente, cinco estudantes disseram que foi fácil, principalmente se referindo ao tema/assunto. Um dos participantes Estudante 1 registrou que *traz um outro nível de conhecimento*.

Alguns classificaram como: aula diferenciada, uma atividade legal, algo muito bom, algo relaxante. Com relação à internet: para este Estudante 2 *a internet é, em partes mais acolhedora que os livros e para o estudante 3- ambiente foi apropriado as aulas só a internet que é lenta.*

Três estudantes responderam que sim, sentiram dificuldade. Para um deles, era a primeira vez trabalhando desse modo, antes via poema só nos livros. Para outro, a dificuldade foi em compreender os poemas. Outro Estudante 3, disse: *não sou o tipo de pessoa que gosta de ler e não curto muito essas coisas.* Três estudantes responderam que sentiram um pouco de dificuldade, para um deles isso se deve ao fato de que não conhecia certas palavras já outro Estudante 5 justificou dizendo *houve atividades na qual tínhamos que gravar áudio sobre o que entendeu e para mim é difícil.* Sete estudantes comentaram sentir dificuldades no início. Um deles, Estudante 6 acrescenta que *com a ajuda das ferramentas de pesquisas e com auxílio da professora eu comecei a gostar de poesia eletrônica.* Para outro, com o tempo se familiarizou e se sentiu confortável com o assunto e as atividades. Um deles achou a atividade muito rápida, mas depois viu que tinha como diminuir a velocidade. Outro participante disse que no início não entendeu do que se tratava, mas depois se adaptou e foi super legal. Ainda, um deles comentou que achou complicado, pois os poemas se mexiam, mas depois percebeu que ficou cada vez mais legal e divertido de ler poemas.

Ao se observar as respostas para a questão, o que se percebe é que houve poucos estudantes que sentiram dificuldades, aos que sentiram a dificuldade estava relacionada ao vocabulário empregado e ao fato externo à poesia, a ter que gravar vídeo no celular. Também para um deles a atividade estava relacionada a descoberta do controle da velocidade, quando percebeu que era possível diminuir a velocidade para a leitura (poema *Teoria do homem sentado*) sanou a dificuldade. Alguns estudantes fizeram referência a compreensão do que se tratava a atividade, que era uma novidade. Abernú ressalta em sua entrevista que é um universo ainda um pouco desconhecido o que gera desconfiança pela obra. Normal acontecer isso quando as pessoas se deparam com algo novo, o que não pode é se transformar em tecnofobia. Entretanto, percebeu-se que depois que entenderam o funcionamento do poema, ficaram tranquilos. A maioria sentiu-se familiarizado com o uso e gostaram da utilização, o que vai ao encontro do que diz Kirchof (2008, p. 10) “a poesia digital é capaz de levar o receptor a uma experiência de fruição”.

Quanto à questão 4: **“O que você aprendeu nesse período de contato com poesias digitais?”** as respostas foram variadas, embora em comum houvesse uma noção, mesmo não manifesta, de uma leitura plural, dissociada da exclusividade do impresso.

Com relação ao desenvolvimento da leitura: Estudante 1 *Aprendi muito a gostar mais de poesia voltei a ler mais também.* Estudante 2 *Então, poesia digitais são uma inovação, agora e com a poesia se aprende muito, melhora a atenção, a leitura.* Estudante 3 *Aprendi que existem diversas formas de leitura, até mesmo online, uma coisa, que eu não mais tinha pensado em conhecer.* A intenção foi justamente incentivar à leitura, aproveitando o que eles têm apreço, conforme Antônio (2008) a palavra, que é essência da poesia, negocia com imagens, com o som, com animação, para que essa transformação leitura/releitura aconteça. É notório também que os três autores da tese apontaram durante a entrevista, que o trabalho com poesias digitais pode formar leitores e cabe ao autor o uso de estratégias que facilitem essa mediação além do interesse do leitor, que também é importante. Foi o que ocorreu quando os estudantes se interessaram pela obra *Liberdade*, quiseram maiores detalhes do autor. A iniciativa foi deles, ao saberem que a pesquisadora tinha como contatar o autor.

Outro ponto a ser registrado diz respeito a ler, aprender pela tecnologia e o uso da poesia, relata-se alguns comentários: Estudante 4 *Que mesmo navegando na internet podemos ler livros e adquirir conhecimento a cada clique.* Estudante 5 *Que dá para fazer várias poesias diferentes com uma única.* Estudante 6 *Que existe vários tipos de poesia, e não só aquela padronizada.* Estudante 7 *Aprendi que é uma forma de aprendizado novo; com novas linguagens e que são aulas mais legais pois explora uma nova tipo de pensamentos.* Estudante 8 *De todas as coisas que aprendi, a “diversidade” foi a que mais me marcou, pois é incrível conhecer algo pela “segunda vez” só que em outros olhos.* Estudante 9 *Poesia é uma coisa divertida de ler e de escrever. Saber um pouco mais como é que as outras pessoas conseguisse fazer ela com tanto sentimento e realidade.* Diante das respostas, salienta-se que “as pessoas em geral e os jovens em particular estão fazendo mais leitura de tela de materiais digitais do que nunca” (HAILES, 2012, p. 55). Então, ter contato com a tecnologia não surpreende, mas agrada. O que fascina aqui, é a forma diversa do uso das poesias, isso sim fez com que percebessem que pode haver aprendizado unindo a tecnologia em suas tarefas escolares e que os poemas que tiveram contato foram algo inédito. Tal ação provocou o desafio nos jovens e esse estímulo acarreta a possibilidade de apreço tanto pela poesia quanto pelo ato de ler em ambiente diferenciado.

Outros leitores comparam o digital e o impresso como pode ser visto: Estudante 10 *É que a poesia não precisa ser só no papel também podemos interagir no computador.* Estudante 11 *Que poesia digital é bem melhor que qualquer outra. Nela você pode colocar muito mais nas referências e ainda fazer alguns enigmas.* Estudante 12 *Aprendi que as poesias podem ser diferentes para ler e ser muito mais legais do que nós imaginávamos.* Esse par impresso e digital, foi brilhantemente lido por Campos e Prioeste (2007) de forma que se pensa na poesia

eletrônica como uma forma de redimensionar o uso da palavra poética pelo uso do não-verbal, a interatividade. Mas também não há motivos para descartar o livro, que pode se beneficiar dessas novas mídias. É fato que no digital agradou bem mais, por ser algo totalmente diferente do que lhes era apresentado na escola e por ser próximo das atividades que realizam fora da escola, ou seja, manuseando equipamentos eletrônicos.

Outro item destacado pelos estudantes é justamente a leitura como interação conforme se observa a seguir: Estudante 13 *Que além de ser um tema legal, é uma coisa que traz a nós a vontade de interagir, e o bom disso é que isso de interagir é possível. Aprendi que a poesia não é apenas letras em papel.* Estudante 14 *Que não há apenas uma maneira de estudar poemas (literatura) e que você pode interagir com poemas que te surpreendem.* Sem dúvida é dar espaço na escola para palavra em movimento. A volúpia presente na interação reverbera o diferencial da tecnologia nessa mediação entre o texto e o leitor. No dizer de Hayles, (2005) o humano que interage com a máquina, ao final da interação, não é mais o mesmo. Isso pôde ser observado do início da prática quando desconheciam a atividade e mostravam desdém para poemas e chegam ao final mais revigorados, com apreço maior por poemas e por ler neste ambiente digital.

Mais um dos fatores apontados diz respeito ao gosto pela leitura de poesias, conforme as falas destacadas: Estudante 15 *Aprendi que a poesia já é algo muito bom, e que quando se junta com a tecnologia fica mais atraente ainda, pois te prende na poesia.* Estudante 16 *Eu tive oportunidade de ver a poesia de uma forma diferente, não sendo algo maçante.* Creio que caiba aqui a ambiência de leitura da qual comentou-se no capítulo teórico. Não só criar um espaço aconchegante como também ler com prazer, sem preocupação. A ambiência de leitura (NÓBREGA, 2002) tem a ver com a necessidade de criar ambientes convidativos para que o leitor se sinta confortável em seu contato com a leitura. Isso diz respeito ao preparo para a atividade, desde as discussões, as leituras realizadas, o uso de slides, música, a utilização de vídeo, a troca entre colegas, as atividades práticas desafiantes, a oralidade para os comentários e local propriamente da atividade, na sala destinada a executar tarefas ligadas à tecnologia. Tendo em vista o conceito de letramento literário aqui pode ser aplicado, ao pensar literatura como busca de uma vivência, pessoal e significativa, no encontro do estudante com os textos literários.

Seguindo os registros desse aprendizado, aparecem palavras que remetem à poesia relacionadas ao fato de aprender sem medo, conforme se percebe com o estudante 17 *Aprendi que com contato da poesia é como conhecer outro mundo onde pode se expressa sem ter medo de errar.* Interessante apontar aqui que a pesquisadora utilizou nas aulas a expressão “aqui

vocês podem errar”, no sentido de que na escola, é o lugar para aprender e que o erro faz parte. Mas isso está presente em qualquer atividade, não é exclusivo para atividades com tecnologia. Pelo que se pôde perceber, eles associaram isso às aulas que foram desenvolvidas neste curto espaço de tempo, como não conheciam a pesquisadora, acreditaram que isso só é possível em aulas assim, com tecnologia. Porém, essa liberdade de falar sem medo, de escrever o que deseja, de colocar seus sentimentos deveria ser possível em qualquer aula, de qualquer disciplina.

Com relação à questão cinco: **Como você definiria essa atividade com poesias digitais?**

Entre os adjetivos destacados aparecem: interessante, divertida, diferente, legal, ótima, estimulante, importante, empolgante, mágica, educativa, relaxante, intrigante, inusitado, bacana, muito boa, envolvente, maravilhosa, forma bem mais acessiva, aula diferenciada. Um Estudante complementa 1- *que é uma atividade exemplar a outras matérias, pelo fato de nos colocar em contato tecnológico.* Para outro Estudante 2 *Uma nova visão sobre os poemas.* Ainda, para o leitor 3-*Com a poesia digital a pessoa que não gosta de ler um livro e gosta do computador de celular ela começa a ver a poesia com outros olhos e achar interessante.* O que ocorre é a abertura irreversível para o universo virtual, em situações em que a palavra, potencializada em todos os seus parâmetros, já não cabe no livro. (CAMPUS apud Carvalho, 2007)

Em síntese, as respostas levantadas pelos estudantes só comprovam que esse tipo de poesia rompe com o estanque, nutre o espaço e nesse jogo de linguagens o leitor sente-se atraído a transitar e permanecer nesse local, *mediating realities*, conforme Seppi e Cardoso (2014) referindo-se sobre o sentimento de presença nos ambientes virtuais.

Em se tratando da questão seis: **O que considera mais importante e prazeroso na atividade?**

Dois estudantes responderam que é a leitura. Para outros dois estudantes são os poemas. Seis estudantes falaram da aprendizagem. Seis participantes se referiram ao formato dos poemas, exemplo: Estudante 1 *os jeitos que eles são feitos.* Estudante 2 *a dinâmica que existe em cada poema.* Um deles citou conhecimento. Quatro pessoas falaram sobre a importância da interação. Três estudantes salientaram as discussões em sala de aula sobre o assunto. Foi citado também diversão. Para este Estudante 3: *A ideia de poder colocar em prática nossos pensamentos e criatividade para concluir as atividades.* Este outro Estudante 4: *Criar as popias frases com as palavras do autor.* Outras respostas: Estudante 5 *Poder ouvir os sons que os poemas oferecem.* Estudante 6 *O fato de ser tão fácil e bem mais agradável.* Estudante 7 *A dinâmica de cada poema.* Estudante 8 *Ver poesias pelo computador.* Estudante 9 *As coisas que*

agente fez.... atividades em dupla em grupo e muito mais. Apareceu também: surpresas, emoções, montar as frases.

As respostas foram bem diversificadas, tudo isso faz parte desse quadro digital que foi percebido separadamente pelos estudantes, mas que compuseram o mosaico e promoveram a junção entre a tela e o leitor, fazendo com que seu olhar, seus gestos e seu corpo ficassem confinados nesse local pelo tempo limitado. Essa identificação do jovem com o digital é constante, porém esbarra na falta de utilização nas escolas. Santos confirma esse engessamento no meio educacional, o autor disse que desconhece escolas que usaram criação poética no ensino médio.

Nesse quadro, não surpreende o fato de que o estudante não queira ler, a discrepância encontrada entre o que a sociedade oferece e o que o estudante presencia na instituição escolar torna-se gritante e isso é percebido pelas falas deles registradas tanto na prática quanto neste questionário.

Quanto à questão sete: **Você lia antes de conhecer esse ambiente de leitura? Em caso afirmativo, com que frequência e em que suporte?**

Quatorze estudantes responderam que não liam. Dois complementaram que depois dessas aulas de literatura irão começar a ler mais. Um respondeu que não lia muito, mas agora que gostou está começando a ler mais. Dezessete responderam que sim, liam. Desses, seis responderam que bem pouco. Outro complementou: *Estudante 1 Lia pouco, pois não tinha muito interesse e somos jovens e mechemos mais com eletrônico então com a poesia foi melhor.* Nota-se que a referência do leitor é pela poesia eletrônica, elaborada e muito bem pensada pelos autores. No caso do autor Rui Torres, esse interesse pelas criações está relacionado à vontade de desautomatizar as tecnologias digitais. O autor sempre se interessou por artes de vanguarda, ou artes que se jogam nos limites. Os seus trabalhos estão conscientes da processualidade da escrita, eles têm uma incompletude e abertura intencional. A escrita aparece aqui como um mecanismo de libertação da imaginação.

Os índices de leitura oscilam entre a frequência da leitura, a vontade de ler e o desejo pelo digital. Dois estudantes disseram não ler frequentemente, um deles disse que é mais de um livro por ano e o outro falou que tenta não perder o hábito. Oito estudantes leem frequentemente. Um estudante comentou ler pelo menos dois livros por mês, já outro estudante falou ler um livro por mês. Em uma das respostas a estudante disse ler quando é presenteada e quando sente vontade de ler algo diferente, optando por baixar em um aplicativo no celular. Um dos estudantes falou ler um livro por semana, já outro, de 3 a 4 livros por mês. Um dos leitores ressalta que sempre era aconselhado pela escola.

Entre os suportes destacam-se: celular, livros, um estudante especifica livro de romance, outro cita livros de descobertas na área de biologia. Aparece também cordéis, gibis, crônicas e contos de ficção. Um dos estudantes disse apreciar poesias.

O percentual de leitores apontado parece razoável, dos 34 estudantes, de alguma forma a maioria lê alguma coisa, mesmo que em pequena quantidade. A poesia não se encontra entre suas preferências, porém, percebeu-se que para alguns estudantes a prática realizada nesta tese pode ter provocado tanto à vontade em ler quanto pelo contato por poemas. Verificou-se, também, a escola exercendo seu papel, quando mencionado pelo estudante que sempre era aconselhado pela escola. Para muitos ela talvez seja o único espaço de acesso aos bens culturais como a literatura. (CAVALCANTE, 2008). Nota-se pela fala do estudante, que nessa fase, os professores falam mais sobre leitura, obras, sua importância.

Tomando-se essa turma como referência, a atuação da poética digital é no sentido de manter os que já são leitores; impulsionar os que leem, porém leem pouco e para os não leitores mostrar que é possível ler também pelas telas, consistindo em uma leitura diferente do que tem visto na escola e, portanto, com oportunidade de se aproximar desses jovens. É pertinente lembrar que uma obra de Clarice Lispector atua nesse espaço flexível, é o caso do poema *Amor de Clarice*, inspirado no conto. Por isso cabe ao docente a seleção do material e adequá-lo ao perfil da turma, dos estudantes e seus gostos, seus interesses e suas necessidades.

No tocante à questão oito: **Em que período da vida leu mais? Justifique.**

Obteve-se 14 respostas relacionadas à etapa infantil. Algumas justificativas: Estudante 1 *acho que havia mais interesse ou vontade de saber mais*, Estudante 2 *pois não usava muito a internet como hoje*, Estudante 3 *me chamava muito a atenção as imagens dos livros e das histórias*. Isso comprova os registros da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* que indicam a presença da leitura com mais intensidade na infância e aos poucos vai decaindo o número de leitores. Considerando esses dados apresentados, a reflexão que se faz aqui relaciona-se com a forma como está sendo trabalhada a leitura na escola tanto nesta etapa quanto nas etapas seguintes. É preciso levar em consideração que a leitura deveria começar na fase infantil, o que na maioria das vezes não ocorre. Para Petit (2008) várias pesquisas confirmaram a importância precoce com os livros, de sua presença física na casa, de sua manipulação, para que a criança se tornasse, mais tarde, um leitor.

Vale a pena mencionar que a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* indica que apenas um terço dos brasileiros teve influência de alguém na formação do gosto pela leitura. Essa mediação ocorre especialmente com pais que possuem maior grau de escolaridade. A principal mediadora da leitura é a mãe, em segundo lugar está a escola e na sequência o pai.

Precisamos entender que o letramento literário começa com as cantigas de ninar e continua por toda nossa vida a cada romance lido, a cada novela ou filme assistido. Depois, que é um processo de apropriação, ou seja, refere-se ao ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria, de fazê-la pertencer à pessoa, de internalizar ao ponto daquela coisa ser sua. É isso que sentimos quando lemos um poema e ele nos dá palavras para dizer o que não conseguíamos expressar antes. (COSSON, 2009, não paginado).

Uma reflexão que se apresenta a relação a esta fala do Estudante 4 *pois na escola agente tinha que pegar livros toda semana e fazer um resumo eu sempre pegava gibis, eu gostava muito*. O ponto positivo que se apresenta no trecho desse estudante refere-se ao fato da visita constante que fazia à biblioteca. O ponto negativo está na cobrança do resumo, a literatura como atividade de avaliação e não fruição. Como ilustração cita-se um projeto de leitura desenvolvido por esta pesquisadora em uma escola de Ensino Médio do RS. A docente solicitou aos discentes que escolhessem livros para leitura de acordo com suas preferências. Caso começassem a leitura e quisessem trocar, bastaria comunicar logo no início do projeto, o nome do outro livro escolhido. A intenção era que desenvolvessem o gosto pela leitura sem cobrança de obra específica, de acordo com o que se identificavam. A docente combinou com eles um prazo, com dia específico para o término da leitura. Em nenhum momento a professora falou em avaliação e eles perguntavam seguidamente para quando era o resumo. Disso se constata que muitos docentes passam ano após ano cobrando a devolução do que os estudantes leram pelo resumo. Este é um gênero em que apenas o estudante repassa informações da história, não reflete sobre ela. Complementa-se que a atividade que a professora desenvolveu foi que associassem a leitura do texto com a vida deles e com a importância da leitura.

Dando sequência as respostas apresentadas, oito estudantes se referiram ao ensino fundamental como a etapa em que mais liam. Algumas justificativas: Estudante 5 *era com os livros que eu gostava de ficar era um hobby, hoje não leio com tanta frequência*. Estudante 6 *eu e duas amigas fazíamos competição durante os anos para ver quem lia mais durante o ano letivo*. Estudante 7 *era muito curiosa aí eu pegava livros para ler*. Provavelmente nos anos posteriores o olhar do docente volta-se para cumprir os conteúdos que estão na ementa e deixa de trabalhar com a leitura. Além do mais, como pronuncia o estudante 5, o livro visto como fruição, não como cobrança que acontece nas etapas posteriores de obras relacionadas ao vestibular, bem como aos períodos literários.

Um estudante disse que a partir dos 9 anos até hoje, lê. Um deles Estudante 8 diz *quando comecei a ler As crônicas de Nárnia. Daí eu me interessei muito por esse gênero*. Às vezes é preciso uma identificação para a aproximação com os livros ou ser levado pela onda de leitores por meio de uma obra que todos do seu meio começam a ler, o jovem não quer ficar de fora

para integrar-se no grupo. Foi o caso citado por Jenkins (2009) da menina Lawver, ela leu o livro de Harry Potter levada pela onda de leitores que estavam empolgados pela coleção.

Um estudante citou que lia mais entre 8 a 13 anos. Dois estudantes citaram entre 12 a 15 anos. Salienta-se que um estudante comentou que os professores estimulavam à leitura. Isso significa que o estudante precisa ser motivado para à leitura e isso deve acontecer em todas as fases escolares e não somente no Ensino Fundamental. O docente precisa ser conhecedor e apaixonado pelo texto literário, facilitar este tipo de leitura, tendo em vista que requer uma participação mais ativa do leitor. Nesse mesmo sentido, Petit (2008) fala que o amor pela leitura se dá pela experimentação desse amor. Porém o docente, nem sempre cumpre com o papel de mediador, esse mesmo profissional que deveria ser o exemplo de leitor na maioria das vezes falha como profissional, embora em relação próxima a isso esteja os poucos programas de formação de mediadores de leitura.

Outros apontamentos registrados nas respostas: quatro estudantes citam que leem mais atualmente. Outro comenta que tinha mais tempo de ler no ano passado. Estudante 9-*Eu não gostava de ler mais isso abre a minha mente de uma forma que não sei explicar. Ler e escrever é muito bom.* Aqui o estudante se refere aos poemas digitais, a apreciação somente pelo papel, para esse leitor não basta, ao se deparar com leitura interativa, com o movimento sentiu-se atraído para a leitura, descobriu que há outras possibilidades. Ainda não consegue identificar direito e lidar com as sensações que o conjunto presente pela oferta da multimodalidade lhe provoca, mas conseguiu sentir-se atraído por ela.

Por último, um dos estudantes citou a adolescência por conta de pesquisas e história sobre o mundo. Esse interesse pelo conhecimento desperta à leitura, principalmente com o que é ofertado pela tecnologia. Conforme Hayles (2012) observou, a hiperleitura está crescendo entre os jovens, nesse ambiente em que o leitor identifica rapidamente aquilo que considera relevante. Ressalta-se que se procurou demonstrar o período de leitura apresentado pelos estudantes e, seguindo, respectivamente, uma ordem cronológica escolar, assim, observa-se que a apreciação pela leitura decorre exatamente pela ordem apresentada, tendo como ápice de leitura a fase infantil e depois a pré-adolescência. No período da adolescência a que se relaciona aos jovens desta pesquisa, é o momento que menos leituras acontecem, embora em termos da pesquisa Retratos da leitura no Brasil, esta é a fase que apresentou melhores índices de leitura. Em razão de números baixos a esse público e do grande desinteresse pelos livros e por materiais de leitura é que se fala tanto em cativar esses leitores.

A questão nove: **“O que você pensa sobre aulas com o uso do computador e aulas tradicionais só com material impresso?”** suscitou respostas que apontam à associação entre a preferência dos alunos e os recursos tecnológicos da contemporaneidade digital.

Entre as respostas identificadas destacam-se: Estudante 1 *Aulas com computador são mais divertidas e deixam tudo mais interessante.* Estudante 2 *Com o computador mais dinamico e com impressões também, so depende do andamento da aula.* Estudante 3 *Eu acho muito cansativo as aulas tradicionais, pois não temos oportunidade de avançar nosso conhecimento.* Estudante 4 *Prefiro computador, pois estamos em tempos modernos um século mais tecnológico e também é algo que entendo mais e é algo que utilizo bastante.* Estudante 5 *Com o computador é mais divertido de fazer as pesquisas e atividades. As aulas tradicionais são sempre a mesma coisa.* Estudante 6 *Eu penso que deveríamos utilizar mais essa parte tecnológica já que os tempos de hoje exigem mais comodidade a instrumentos tecnológicos.* Estudante 7 *Acho que a interação da tecnologia no ambiente escolar quebra um pouco daquela coisa monótona e maçante dos livros didaticos.* Estudante 8 *Acho que as duas formas de aula funcionam.* Estudante 9 *Com computador supera qualquer outro tipo pois você não fica limitado no conhecimento.* Estudante 10 *As de uso com computador são melhores, pois prendem mais a atenção.* Estudante 11 *Aulas com computadores são bem mais divertidas, ja o material impresso bem mais aprendizagem. O material impresso, é um metodo que ja considero padrão pois todos aplicam esse modo. Eu acho muito interessante, e muito eficiente.*

O que se constata diante das respostas é exatamente o que se verificou com Araújo (2016), aos estudantes esse novo suporte não os assusta, pelo contrário, causa euforia, os velhos suportes é que causam estranhamento e insatisfação. A negação ao tradicional apareceu nas palavras cansativo, rotina, comum, chata, monótona, limitado. Já com o uso da tecnologia qualificaram como conhecimento, atrativa, facilidade, divertida, interessante, dinâmica, estímulo, pesquisa, vão ao encontro destes tempos, maior participação, interação, prática, diferente.

Em relação ao Estudante 3, quando fala que com as aulas tradicionais não há oportunidade de avançar no conhecimento, acredita-se que a intenção foi falar sobre a evolução pelo uso da tecnologia em sala de aula, pois independente do uso da tecnologia, o que se constrói em sala de aula deve-se possibilitar o evoluir do estudante. Já a fala do Estudante 11, *aulas com computadores são bem mais divertidas, ja o material impresso bem mais aprendizagem,* percebe-se aqui, a ideia de tecnologia ligada apenas ao lúdico, o estudante não consegue perceber que pode existir aprendizagem de forma diversificada, pois o sistema educacional continua preso aos livros didáticos. Ainda, pode-se dizer que a maioria dos estudantes não apoia esse sistema tradicional, mas aceita, conforme lhes é imposto e vivenciado, o que lhes é

apresentado. Para que a transformação aconteça, será necessário um longo período pela frente dedicado a projetos que comprovem que a inovação acarreta aprendizagem, aproximando o estudante para uma área que ele aprecia. Porém, mais do que tudo é preciso investimento seja nos projetos, seja na compra de equipamentos, manutenção, formação de docentes e cada vez mais, para aquelas escolas e professores que têm acesso ao material, que façam uso e divulguem seus trabalhos.

Os estudantes desejavam ser instigados a aprender, a aula precisa ser atrativa. É notório que o apogeu a ser atingido na formação do leitor é “aliar leituras, vivências do texto poético a procedimentos de mediação da leitura” (SILVA, 2014, p. 27). O estudante precisa se sentir tocado pela leitura, nada melhor do que os poemas, pois eles exigem sensibilidade. Paz (1982, p.15) afirma:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. (PAZ,1982, p. 15).

Essa notável passagem ilustra a intensidade da poesia e os efeitos no ser humano. Lotman (1978, p. 66) também denota que “o leitor que sente a necessidade da poesia vê nela não um meio de dizer em verso o que se pode comunicar também em prosa, mas um meio de formular uma verdade particular, que não se podia construir fora do texto poético”. Atente-se para o fato da eminente contribuição dos docentes, os quais devem aproveitar dessa apreciação dos alunos pelo eletrônico para trabalhar com os poemas e nesse impulso pretender formar leitores. Nota-se que os estudantes procuraram registrar que com motivação melhora seu aprendizado, por isso a fuga dos livros didáticos, de aulas que não apresentam nada diferente, associando tecnologia ao aprendizado pela forma diferenciada com que é trabalhada. Mas, salienta-se, que muitas vezes não é o computador que fará toda a diferença e sim a forma como o trabalho é conduzido, em que os estudantes se sintam desafiados a aprender, que se encontrem despertados em sala, movidos pela paixão ao conhecimento.

Por fim, na questão dez: **Com que frequência você acessa os meios tecnológicos, quais são mais acessados e para quê?**

Quatorze participantes responderam-todos os dias. Dez estudantes responderam que acessam frequentemente os meios tecnológicos. Alguns estudantes não falaram se é frequentemente e nem todos os dias. Um respondeu a todo momento.

Entre os meios mais acessados estão o uso do celular, computador, Plataformas de filmes, *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, tablete, televisão, redes sociais, editora de vídeos e fotos, Google.

O acesso acontece para comunicação com amigos, familiares, colegas e entre as pessoas, aplicativos de conversa e fotos, entretenimento, jogos, jogar lol para ser bom, pesquisas escolares, receitas, assistir séries, ler notícias, pesquisa de *sites* de notícias sobre os famosos, *sites* de pesquisas, conhecer coisas novas, estudar, trabalhos, passar o tempo, manter a mente em um certo ritmo, se interessar por coisas novas a cada dia.

Todos eles acessam a internet, isso é fato. O que muda é a frequência de acesso. A maioria deles conecta-se para entretenimento. A leitura, quando é realizada tem como foco os trabalhos escolares ou notícias, não citaram livros, a literatura como fruição. Mais uma vez volta-se na questão de a escola abrir as portas para o uso da tecnologia em sala de aula, direcionar os estudantes para esse aprendizado, pois como foi visto pelo poema *Liberdade*, o estudante se interessou pela história, teve curiosidade de saber do autor o vínculo com os personagens, se era baseado em fatos reais. Sentiram-se envolvidos pelo poema que traz junto uma história de vida. Se o professor puder apresentar esse material nas aulas de literatura proporcionará o contato com uma história semelhante a um jogo, em que as opções estratégicas escolhidas causam prazer pela atividade e o leitor vai lendo trechos, construindo significados.

7.6 Apontamentos finais da prática

Esta parte prática aos estudantes de 2º ano do ensino médio de uma escola estadual de Dourados-MS contemplou a utilização dos poemas *Amor de Clarice* do autor Rui Torres, *Água um conto digital* do autor Antônio Abernú, *Cyberliterature* do autor Pedro Barbosa e *Liberdade* do autor Alckmar Luiz dos Santos et al, bem como atividades prévias e para alguns poemas atividades posteriores ao manuseio do poema. Além disso, utilizou-se, no final da prática com os poemas, do preenchimento de questionário. A maioria dos estudantes da sala preencheram a esse questionário.

Durante a prática observou-se que conversavam bastante, conforme a professora regente relatou que acontecia normalmente, mas atendiam quando a pesquisadora solicitava atenção e em vários momentos era necessário que conversassem sobre os temas em discussão. Quando disseram que nunca tinham visto esses poemas digitais, é possível que foram sinceros. No tocante a esse contato com os poemas, observou-se uma forte tendência do estudante a preterir atividades digitais. Essa apreciação se deve ao fato de que houve um afastamento do tipo de

leitura que fazem costumeiramente na escola. A intenção de que a instituição comece a abrir esse horizonte. Formar leitores nesses níveis básicos é o desafio de tudo.

Realça-se que, como acontece geralmente em todas as turmas, encontravam-se grupos de estudantes mais interessados do que outros, inclusive um grupo sentava-se mais na frente, próximo à mesa da docente, composto por duas meninas e um menino. Esse grupo de amigos em que os integrantes se sentavam próximos um do outro e discutiam com seriedade, percebeu-se que se envolveram bastante e tinham facilidade em aprender. Vale ressaltar que as atividades variavam entre o fazer individual, atividades em dupla e em grupo.

A maioria dos estudantes interessou-se pelas atividades, principalmente porque apresentou-se algo diferenciado. Mesmo com um poema que se originou de outro clássico, como é o caso de *Amor de Clarice*, a qualidade manteve-se e pôde-se atrelar os meios tecnológicos para o fascínio do poema. Destaca-se as constatações das Orientações curriculares nacionais com relação às dificuldades de leitura aos estudantes de Ensino Médio:

É necessário apontar ainda que os impasses ao ensino médio ligam-se mais significativamente aos textos que se encontram mais afastado no tempo e/ou que possuem uma construção de linguagem mais elaborada do ponto de vista formal próprios da cultura letrada que se quer e se deve democratizar na escola (BRASIL, 2006, p. 63)

Isso explica a razão pela qual os poemas aqui analisados causaram apreciação, não se está, de forma alguma, dizendo que não se deva trabalhar com o cânone, mas ele pode se apresentar de forma diversificada ou, ainda, há a opção de que as aulas de literatura não sejam focadas apenas nele, deve-se alternar com literatura contemporânea. Trata-se, portanto de formar o leitor literário, de letrar literariamente o estudante, fazendo apropriar-se do que tem direito. (BRASIL, 2006, P. 54)

Alguns deles chamavam a pesquisadora para sanar as dúvidas ou para falar sobre o poema. Uma estudante, inclusive, indagou se poderia acessar em casa a coleção de poemas. Pode-se perceber, que embora tivessem dificuldades, durante os dados coletados nessa prática que conseguiram ter boa compreensão leitora. Alguns se dispersavam e pesquisavam outras coisas como se pôde perceber quando a pesquisadora passava pelas mesas, o acesso a vídeo de música (Gartic) e ao vídeo de Hungria Hip Hop. Também acessaram jogos, mas quando notavam que a pesquisadora estava por perto, fechavam a janela do site. Identifica-se que um dos grandes entraves que provoca tal distração está no equipamento, com internet lenta, materiais sucateados. E como não poderiam utilizar as caixinhas de som, quando um poema exigia áudio, a solução era o data show que continha som, porém era de qualidade ínfima, por

isso uma alternativa era utilizar os fones de ouvido. Como pôde ser percebido na pesquisa TIC Educação em sua 8ª edição (Cetic.br, 2018), houve queda na frequência aos laboratórios de informática. De um total de 76% em 2015, passou em 2017 total de 65%. Esse declínio demonstra que esse ambiente pode ser que já não serve mais para a instituição escolar, pois, esse espaço conta com equipamentos velhos, inutilizados, em manutenção. Porém, ressalta-se que era o único ambiente disponível da escola para a realização da atividade, já que nele se encontravam os computadores. Entretanto, tais dificuldades fazem parte do processo. Convém citar que os estudantes tinham conhecimento de internet, mas não sabiam clicar no *Begin* para iniciar a poesia, daí a importância da escolha por poemas em Língua Portuguesa, provavelmente não dominem Língua Inglesa ou a conheçam de forma superficial. Se a intenção é formar leitores em língua portuguesa, é necessário que os textos se apresentem a eles nesta língua.

Outrossim, cabe destacar que uma estudante não tinha celular na turma. Os trabalhos dela, foram entregues de forma impressa, pois não conseguia participar do grupo de WhatsApp. Conforme dito por Jenkins (2014) a cultura contemporânea está cada vez mais participativa, porém nem todos conseguem participar e os que participam não o fazem em igualdade de condições. Salienta-se que a criação do grupo da turma foi muito importante para esse período já que a comunicação por WhatsApp é rápida e os estudantes acessavam seguidamente. Nesse meio, os estudantes tiravam as dúvidas uns com os outros, principalmente quando não compareciam à aula. A pesquisadora utilizava o veículo, por exemplo, para lembrá-los de trazerem fone de ouvido, para entregarem trabalhos quando faltavam à aula, enviando modelo de origami para os que faltaram. Interferia quando via que trocavam as informações, como por exemplo, a menina que havia tentado quatro vezes fazer um origami em casa e não conseguiu, aí postou a foto, corrigiu-se, então, a informação dela, dizendo que era apenas para trazer modelos de origamis caso tivesse, não precisava fazer em casa, pesquisariam modelos e confeccionariam em sala de aula, pois nesse ambiente um ajudaria o outro. Destaca-se que muitos solicitaram para enviar atividades no privado da pesquisadora, com vergonha dos outros colegas visualizarem no grupo de WhatsApp.

Deve-se salientar que a professora regente foi legal e prestativa. A atitude que teve solicitando que a colocassem no grupo *WhatsApp* pode ser um primeiro passo para se familiarizar com os materiais tecnológicos com fins pedagógicos, já que fora da escola acessa essa rede social. Entende-se que quando um docente trabalha com tecnologia em sala de aula, fica mais fácil para mobilizar os outros também. Isso vai ao encontro do que aconteceu nos bastidores e vale ser relatado, tal episódio remete à questão do letramento digital aos docentes, conforme referido em páginas anteriores: no dia em que a pesquisadora foi à escola para

conversar com a docente regente e conhecer os estudantes, havia uma professora na sala dos professores que perguntou sobre o que se tratava a tese. Em razão da resposta, ela quis saber os autores, então informou-se os nomes, já suspeitando que ela não os conhecesse. Salientou-se, inclusive, que eram autores portugueses e um brasileiro. A professora da escola disse que só conhecia o Mia Couto, esses outros ela não sabia quem eram. Repetiu-se que se tratava de poetas digitais e explicou-se novamente. Disso, o que se percebe é que os docentes ainda desconhecem a literatura eletrônica, por isso ela precisa ser divulgada. Para um melhor entendimento, retoma-se Hayles (2009, p. 21), a autora menciona que a literatura eletrônica é criada e executada em um contexto de redes e meios de comunicação digital programáveis, também é movida pelos motores da cultura contemporânea, sendo considerada um “monstro esperançoso” composto por partes extraídas de diversas tradições e que nem sempre se posicionam juntas de forma organizada. Os contatos dos aprendizes comprovam que a apreciaram, embora as condições dos laboratórios de informática nem sempre favoreçam conforme já apontado acima.

Inclusive eles diziam repetidamente que com as poesias eletrônicas podem se expressar sem medo de errar. Na poesia impressa também podem fazer isso, basta que o professor diga isso para eles, para que participem das aulas. Provavelmente, esses estudantes vêm de uma trajetória em que alguns professores colocam qual a resposta certa durante uma atividade, como o exemplo que acontece muito com o livro didático, assim, esses estudantes sentem medo de participar e errar, com isso, deixam de opinar e tornarem-se mais críticos por meio das respostas próprias, da escuta da resposta dos colegas e da discussão com conhecimento proporcionado pelo docente. Disso decorre que há necessidade de tecnologia, mas também é preciso oportunizar discussões na sala de aula, para que o estudante consiga interpretar com qualidade em qualquer ambiente de leitura, com qualquer gênero textual. Em relação a esse quesito, observa-se que faltou argumentações muitas vezes quando falavam dos poemas, algumas respostas foram simplórias além da falta de criatividade na realização das atividades práticas. Muitas delas foram superficiais, deixando a desejar.

Aliás, cabe destacar que as tarefas com tecnologia originaram outras atividades com tecnologia, além da leitura, escrita e oralidade. Por exemplo, quando trabalharam com a construção digital *Teoria do homem sentado* (Anexo I), além da leitura realizada, (lembrando que o texto se apresenta ao leitor de diferentes formas), também debateram sobre o tema, pesquisaram uma música para produzir a paródia sobre tecnologia presente na poesia e a proposta era que produzissem um texto escrito: ou seja, a paródia, deveriam apresentar o seu texto com criatividade, gravando, cantando e enviando pelo WhatsApp tanto a letra quanto a

gravação da música, ou seja uma rede social. Sem a necessidade de terem feito uma leitura em texto impresso, respondido questões de forma manuscrita em um texto de forma tradicional, eles tiveram a oportunidade de fazer tudo isso, mas usando a tecnologia. Como é possível observar, “o cenário atual obriga a repensar não só a poesia, mas a própria literatura” (2010, p. 14). Porém, nesta atividade, a maioria não enviou a paródia. Segundo a professora regente, é comum não entregarem os trabalhos solicitados. Das atividades previstas, alguns estudantes fizeram e com capricho, outros fizeram de qualquer jeito e outros, ainda, como foi dito não enviaram/entregaram.

Quanto à frequência, registra-se que no antepenúltimo dia choveu e em decorrência disso vieram somente 12 alunos, a professora disse que quando chove a maioria não vem, pois moram longe. Informa-se, também, que no 3º dia de atividade ingressou um estudante transferido de outra escola, o qual teve que se integrar às atividades.

É mister registrar que, das gravações efetuadas em sala de aula, teve-se que ouvir várias vezes para proceder a transcrição, pois mesmo sendo gravado próximo aos estudantes, ouviu-se no áudio os ruídos, barulhos dos estudantes, algumas vezes choveu e, sem contar o sotaque típico do MS, diferente do RS, que dificultou, por vezes, o entendimento da pesquisadora. Nessas gravações percebeu-se a espontaneidade dos estudantes, pelo uso da linguagem informal, vícios de linguagem, interação com a pesquisadora e colegas.

Concorda-se com a professora da turma, quando disse que fica difícil se aprofundar em algum conteúdo. Percebe-se que o tempo de aula é curto, são muitas atividades paralelas que compõem uma aula, vários estudantes em sala de aula, contratempos que surgem, avisos, por isso é preciso mais aulas para dar conta de tudo que se propõe a fazer. Mesmo assim, pode-se dizer com convicção, que os estudantes se envolveram neste percurso literário digital e começaram a perceber as diferenças entre cada poema que visualizavam conforme conheciam os próximos poemas. De certa forma, foi possível capturá-los bem como eles assim procederam em relação aos poemas. Conforme dito por Assis (2017, p. 448) “o leitor vive e age dentro e com a poesia, criando-a, à medida que seus olhos e ouvidos tentam capturar o turbilhão de sensações que esta nova experiência estética provoca”.

Essa troca realizada entre os estudantes no momento da prática foi importante, pois mesmo compartilhando do mesmo poema, cada indivíduo prioriza algo no contato com ele de acordo com suas experiências de vida. A interpretação de um mesmo poema pode sofrer alterações, o que um percebeu detalhadamente, para o outro passou despercebido. A ideia é justamente provocar transformações, criando relações com o significado. Por outro lado, todos passaram a conhecer esse aspecto da poesia, mais dinâmico, com ação do sujeito. “Nesse

modelo de convergência digital, não é mais possível que educadores, bibliotecários, editores, escritores e mediadores de leitura ignorem a necessária interação com esse público e suas linguagens e textos para formar leitores.” (SOUSA, 2019, p. 184). O que pode ser percebido pelas entrevistas dos autores é que as pesquisas realizadas são de longa data, a confecção dos poemas não acontece do dia para à noite, como foi o caso das colocações do autor Santos, que informou que já atuava com o computador e após retornar do Doutorado na França em meados de 1993, estava iniciando a internet com integração visual na página, os navegadores saindo do Mosaic, chegando o nest caip, a partir daí o autor começou a pensar na ideia de fazer criação digital. Um dos seus trabalhos desenvolvidos junto com outros autores foi *Liberdade*. O retorno a esse universo digital pôde ser acompanhado, mesmo que de forma curta, pela participação dos estudantes nesta tese. Registra-se abaixo uma das falas:

Eu achei que ele é um poema que trabalha com vários aspectos da liberdade, não tem uma ordem exata, é uma coisa bem livre, você olha e você sente num mundo de animação, diferente, é uma coisa completamente diferente, foge do padrão. Eu achei um tema bem legal de se estudar.

O estudante entende o título da obra como polissêmico além de apresentar a liberdade de circulação pelo espaço, compreende tratar-se do tema liberdade, o que pode ser comprovado pela própria origem do nome do bairro verídico existente em São Paulo, ligado à abolição da escravatura. Essa liberdade referida pelos estudantes aparece no percurso do poema seja nos versos que são oralizados ou escritos, nas memórias dos personagens que compõem o poema, na representação dos objetos e pássaros que sobrevoam a área, nas imagens. O percurso a essa construção digital inicia exatamente passando pela palavra liberdade pichada no chão e escrita em várias línguas. Também ao aparecer a caixa preta pela qual o leitor adentra e busca a saída, nela ouve-se a sentença de Tiradentes, que foi condenado à morte assim como o próprio bairro apresenta um histórico de execução.

Embora os estudantes não tenham dito literalmente, por meio das questões respondidas percebe-se que a escola é vista como local e métodos antiquados que não estão motivando os leitores. Os relatos indicam a necessidade do uso da tecnologia por parte desses jovens, da leitura compartilhada, do trabalho com a poesia que os toque. Nas palavras de Lêdo Ivo (2011, p. 13) “há algo, no mundo e sobre o mundo, que só a linguagem poética tem condições de dizer”. Talvez sejam esses fatores apontados que levem esses estudantes a faltarem tanto às aulas, pois não estão sendo motivados.

Cabe registrar a importância da relação entre esse grupo de leitores durante as atividades, que discutia o que estava fazendo, a troca, uma rede de socialização da leitura. Uma leitura sem a preocupação com o final, sedutora, deixando-se levar pelas emoções. O potencial dessa poesia não pode ser ignorado. Diante do uso da tecnologia, fora da escola, o contato dos estudantes com seus colegas e amigos acontece muito mais pela forma virtual do que presencial. Crystal (2001, p.169), a propósito da participação dos jovens nesta cultura digital interativa como nos *bate-papos* em salas abertas, por exemplo, avalia a atividade como “um enorme jogo maluco sem fim” ou, então, assemelha-se a uma “*feira linguística*” (*linguistic party*) para onde levamos nossa “língua.” Como dificilmente o estudante realiza essas atividades em contato pessoalmente com os colegas, é na escola que o *tet-a-tet* acontece. Em razão disso, a intenção de troca entre colegas fortalece o vínculo com os poemas e se oportuniza ao estudante o contato com essas construções poéticas plurissignificativas por meio da possibilidade de compartilhar saberes, dúvidas e intenções. O fascínio da descoberta.

8 CONCLUSÃO: A PALAVRA EM NOVAS JANELAS

A intenção que guiou esta investigação, foi em verificar a formação estética do leitor de poesia em meio eletrônico, a qual pode acontecer pela forma como o docente organiza suas aulas, utilizando-se as poéticas aqui selecionadas da *Eletronic Literature Collection*. Ele deve pensar no direcionamento das atividades antes da prática com os poemas, durante a realização dela e ainda, se desejar, é possível trabalhar com o depois da prática.

Pode-se constatar que há viabilidade de formação do leitor, objetivo principal desta tese e isso está presente tanto na parte teórica aqui desenvolvida, quanto nos aspectos singulares das análises efetuadas bem como na prática realizada em sala de aula e nas entrevistas coletadas pelos autores. Os modos de ler e escrever continuam no digital, pois o desafio consiste em ler literariamente o poema digital. O suporte digital vem como uma ferramenta para auxiliar nesse processo de formação. Pelas falas dos estudantes percebe-se o quanto apreciam atividades voltadas para a tecnologia, envolvem-se com a leitura e isso acarreta a aprendizagem. Porém, ressalta-se que os caminhos para o trabalho com a tecnologia não são tranquilos porque as condições de uso dificultam esse processo, a precariedade de materiais prejudica um projeto voltado à formação do leitor, o abismo social existente e há rejeição muitas vezes do próprio profissional que está em sala de aula. Esses são os percalços da formação de leitores, em qualquer modalidade de uso tecnológico (inclusive o livro impresso).

O contato que o leitor já teve com poemas remete a algo chato e cansativo, o que se percebe, é que o conceito de poema está ainda muito arraigado a algo negativo como se pôde perceber tanto nas falas durante a prática quanto nos questionários preenchidos, falas cristalizadas pela instituição escolar ao oferecer aulas que não contribuem para promover o gosto pela leitura seja pelo uso do livro didático seja por atividades de gramática. Essa aversão pelo poema pode ter se originado pela linguagem arcaica ou pela linguagem formal empregada, distante do universo desses estudantes e condizente com o ensino tradicional. Isso precisa ser desmistificado e as atividades com poesias digitais podem ajudar.

É preciso permitir ao jovem o encontro da leitura pelo viés poético, esse universo foi discutido nos capítulos iniciais e pôde-se perceber que ele permite provocar o sujeito leitor crítico e reflexivo levando-o a sentir emoção, pois conta com uma forma especial de linguagem, fazendo-o sair do costumeiro e se surpreender pelo desnudamento da sociedade circundante. É, pois, uma atividade enriquecedora.

Outro ponto que se percebeu ao longo desse percurso da pesquisa é que a falta de leitura dos estudantes, que foram perdendo o encanto no decorrer do avanço escolar, mostra que houve

de certa forma abandono por parte do educador na medida que a idade escolar do estudante avança. Isso demonstra que é preciso que o trabalho com leitura permaneça, independentemente do nível de escolaridade e esse fator deve ser discutido na formação docente. Muitos parágrafos foram dedicados nesta tese para apresentar o quão significativa é a leitura como processo de significação, principalmente para esta fase da vida desses jovens da pesquisa, em que a capacidade de construir-se e reconstruir-se torna-se essencial. A leitura é a forma deste jovem encontrar-se e se encontrar no outro, percebendo que, pelas palavras do autor, o leitor não se encontra sozinho, muitas dúvidas, angústias e indagações não são apenas suas, mas de outras pessoas. Eis a função do educador, ao proporcionar esse encontro do estudante a práticas leitoras, as opções são variadas e apresentou-se alternativas diversificadas desde batalhas de slams a navegar nos poemas digitais.

Em relação a esses poemas, constatou-se que os estudantes que realizaram a prática desconheciam os materiais apresentados, o que provocou diversas reações como estranhamento, identificação, comparação com o impresso, emoções, dificuldades e troca. A compreensão foi mediana em relação a eles, muito mais pelo fato de desconhecer esse gênero, em como se manuseava e mesmo assim aprenderam rápido, do que pelo tema tratado, pois tiveram uma preparação em relação a ele.

Mediante o tema proposto nesta tese, com o foco na formação do leitor pelas poéticas digitais constando poemas presentes na Coleção de literatura eletrônica, é possível romper com o tradicional, por meio da multimodalidade, da possibilidade de participar da poesia em movimento, desses nós, como chamou Rui Torres, de uma poesia tão presente que carece da presença de alguém para lhe dar vida, direção, profundidade. O poeta digital é então um tradutor que traduz os sentimentos por meio das variadas linguagens, num espaço em que o virar de páginas é substituído pelo manusear do *mouse* e do teclado. Foi possível obter um olhar de quem organizou o material, isto é, o responsável imediato da confecção do poema, com o intuito de atender um dos objetivos específicos desta pesquisa. Com esse contato, muitos materiais interessantes foram coletados e utilizados na prática realizada aos estudantes.

As poesias aqui analisadas têm o que há de melhor para conquistar esses leitores que também sofrem a ação do movimento. Essa geração quer adentrar pelos caminhos do interativo na escola, e o professor, quer receber o tradicional “joinha”, assim como os canais de rede que o jovem frequenta.

Diante disso, ressalta-se a importância de a leitura ser instigadora, disponibilizando recursos que permitam aos estudantes desvendá-la, pois eles gostam de desafios, e isso faz parte da geração dos conectados. Esses mecanismos diferenciados de leitura oferecidos pelas poesias

podem ser observados por meio da análise de cada poema, atingindo assim mais outro objetivo específico.

Apesar de o poema digital estar amparado pela tecnologia, não se perde a qualidade; pelo contrário, multiplicam-se as opções de contato diferenciado entre leitor e a obra como se pôde perceber durante a prática dos estudantes. Aqui se acentua mais um dos objetivos que se pretendeu atender, ao se verificar a recepção dessas poéticas para o perfil de estudantes em análise, ou seja, de quem usufruiu da prática.

Com o poema *Amor de Clarice*, o estudante fez seu primeiro ingresso aos poemas digitais, até então desconhecido. Passou pela fase do estranhamento, tentou decifrar e relacionar com o conto que já havia lido e depois sentiu-se envolvido por ele, de forma que os comentários registrados revelam as sensações percebidas pelo som, imagens e o movimento. O leitor conseguiu adentrar os sentimentos da personagem Ana e vagar nessas sensações. O autor conduziu as percepções do leitor utilizando de imagens rápidas, áudio com trechos do poema, permitiu que o leitor pudesse montar seu próprio poema, enfim, o leitor foi conduzindo sua leitura e pode conhecer uma poesia diferenciada do que até então conhecia e isso relatou durante a entrevista.

Cumpre registrar que é impossível trabalhar a literatura dissociada da vida, assim quando se apresenta um poema como *Amor de Clarice*, o mote está centrado nas angústias vivenciadas pela personagem principal. Para essa tomada de consciência do leitor, o autor procurou envolvê-lo pelo suporte, o que pôde parecer estranho num primeiro momento, dissolveu-se pelo entendimento quando da exposição pelos estudantes no tocante ao que visualizou, inclusive percebendo a multiplicidade de leituras possíveis.

Pelo poema *Água*, a interação foi outra, os estudantes visualizaram um poema em forma de espetáculo, totalmente diferente do anterior. Tiveram que se manter concentrados para tentar entender o que estava sendo dito. A comunicação prévia da pesquisadora com eles foi importante para terem uma noção do que se tratava, já que a leitura e interpretação foram prejudicadas pela qualidade do som e sentiram dificuldades em entender a língua portuguesa do autor de Portugal. O tema, de extrema importância fez surgir um debate crítico sobre a importância da água para a humanidade.

O poema *Liberdade* trouxe um tipo de poema diferente, pois a interação foi semelhante aos jogos que participam, então pode-se dizer que esta poesia eletrônica foi lapidada a fim de promover o contato com a poesia por meio das lembranças, que são o que move as pessoas; tudo que acontece hoje fará parte das memórias que ficarão guardadas, tal qual acontece no poema. Com efeito, na medida que o leitor-navegador passa pelas imagens durante o percurso

do poema, elas ficam gravadas nessa memória. As imagens têm esse poder de perdurar, se não para sempre, por muito tempo, no sujeito. Mas não são só as imagens, a luz, brilhante, pela qual se passa no percurso, deixa sua contribuição ao registrar belos versos que poderão ser apreciados nesse passeio pelo espaço digital: o mesmo iluminar de algo novo promove o encontro entre o eu e a poesia, e permite ouvir várias vezes o mesmo poema e dele extrair versos que provocam o mais profundo do ser. “Vazando-nos pelos olhos, o texto inunda de imagens a alma” (SOUSA, 1996, p. 2). Essa poesia intensa que foi analisada apresenta o requinte na mobilidade e na suavidade das palavras proferidas; mesmo quando elas possam não ser tão agradáveis, por serem reais, são ditas poeticamente. *Liberdade* pode ser considerada uma poesia eletrônica que explora de forma significativa a tecnologia, em que o autor opera as transformações midiáticas possíveis, a fim de tornar a obra interessante. Nada é definitivo e acabado.

Com o poema *A teoria do homem sentado*, o estudante viajou nesse infinito de formas, letras e pode se reconhecer no leitor sentado, que recebe as informações e cada vez mais vai sendo absorvido pela tecnologia, de forma que ela figurativamente está rindo dele, pois foi o homem que a criou para o libertar das tarefas e agora está sendo escravizado por ela. Então é preciso ter um direcionamento para usá-la com qualidade. Tal poema poderia ser denominado também de livro aberto, pela infinitude de possibilidade de leitura que se apresentam.

Quatro poemas distintos, que puderam ser inseridos no contexto do ensino médio e que foram pensados pela pesquisadora para serem executados planejando-se atividades anteriores à prática, na realização da prática e no depois dela, neste último item encontram-se o poema *Água* e Teoria do *Homem sentado*. Isso significa que a atividade precisa ser organizada, não basta disponibilizar aos estudantes poemas digitais, é preciso um trabalho que valorize os poemas e realmente forme leitores. Se não é possível atingir a todos, uma parcela que se consegue atrair para a leitura já faz a diferença, pois esses terão suas vidas transformadas e modificarão a vida de outras pessoas.

Ainda, percebeu-se que não há priorização da tecnologia em detrimento ao conteúdo ou ao prazer da leitura. Tampouco, fica exclusivamente para o leitor uma decisão nos poemas, mas sim sua participação. A proposta, pelo que se constata é utilizar na leitura outros códigos, além do verbal. Aliados a isso, percebeu-se por meio das falas dos pesquisadores, dos autores das poéticas analisadas e dos estudantes, que a tecnologia, por estar difundida em todos os cantos da sociedade, torna-se elementar que também esteja na instituição escolar e isso, conforme os parâmetros da escola pública aqui usada como propósito de pesquisa, mostra que vai passar por um longo período até se consolidar, é preciso acreditar que isso será possível!

É de importância obter novos olhares à produção da poesia bem como do seu uso, numa integração entre equipamentos eletrônicos, estética, autor e leitor, numa outra relação de ressignificação literária. Torna-se fundamental ponderar sobre os novos modos de pensar, sentir, agir que vão se construindo nessa rede de sistemas tecnológicos e influenciam o prazer estético. Logo, todas essas justificativas vão colaborar na formação do sujeito leitor.

Espera-se, por fim, conseguir atingir o último objetivo que é estimular o estudante no sentido de querer literatura, e em especial acolher estes poemas percebendo o quão importante é o tempo dedicado para contemplação e imersão de si próprio e das coisas que o circundam por meio da leitura. Isso vale não só para os estudantes que participaram da prática, que pelo visto foi boa a acolhida, mas para todos aqueles que se propõe a tentar usufruir dos poemas. Assim, se estará realmente atingindo uma parcela maior do que a amostragem apresentada e se poderá contribuir com à formação do leitor envolvendo a relação entre tecnologia e literatura, especialmente de poemas, e que por meio da teoria apresentada, da prática aqui registrada, dos questionários dos estudantes e da entrevista dos autores o tema não se esgota, mas se descortina outras possibilidades de pesquisas com poemas eletrônicos para a formação do leitor.

REFERÊNCIAS

- ABERNÚ, Antônio. *@gua um conto digital*. Eletronic Literature Collection. 2013. Disponível em: <<http://collection.eliterature.org>>. Acesso em: 2018, 2019.
- ADORNO, Theodor. *Lyric poetry and society*. Critical theory and society. Editors Stephen Eric Bronner and Douglas Mackay Kellner. New York: Routledge, 1989.
- AGUIAR E SILVA, V. M. de. *Teoria da literatura*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1976.
- ALLEN, Paul. *Lyric texts and lyric consciousness: The Birth of a Genre from Archaic Greece to Augustan Rome*. New York, NY: Routledge, 1994.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. Letramento digital e hipertexto: contribuições à educação. In: PELLANDA, Nize Maria Campos; SCHLÜNZEN, Elisa Tomo e Moriya; JUNIOR, Klaus Schlünzen (Org.). *Inclusão Digital: tecendo redes afetivas/cognitivas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- ALMEIDA, Rubens Queiroz de. O leitor-navegador II. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (Coord.). *A leitura nos oceanos da internet*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- AMARAL, Joseane. O ciberespaço: novos caminhos e aprendizagens na geração homo zappiens. TEIXEIRA, Adriano Canabarro; PEREIRA, Ana Maria de Oliveira; TRENTIN, Marco Antônio Sandin (org.). *Inclusão digital: tecnologias e metodologias*. –Passo Fundo: Ed. Universidade; Salvador: Ed. da UFBA, 2013.
- ANTÔNIO, Jorge Luiz. *Artemídia e cultura digital*. São Paulo: Musa Editora, 2008.
- _____. *Poesia digital encarna “segunda via” da poética, segundo acadêmico*. Entrevista A Folha. 2010. Acesso em 15 set. 2019.
- APOLLINAIRE, Guillaume. O espírito novo e os poetas. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 155- 166.
- ARAGÃO, Cleudene de Oliveira. *Espaços e ambiências para mediação da leitura*. Curso Formação de mediadores de leitura. Fundação Demócrito Rocha-Universidade aberta do nordeste. 2009.
- ARAÚJO, Mônica Daisy Vieira. *Práticas de leitura literária digital entre leitores jovens*. UFMG. Belo Horizonte, 2016.
- ASCOTT, Roy. A arquitetura da cibercepção. In: Lúcia Leão. (Org.). *INTERLAB: labirintos do pensamento contemporâneo*. São Paulo: Illuminuras, 2002.
- _____. Cultivando o hipercórtex. in: DOMINGUES, Diana. (Org.) *A Arte no Século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo, UNESP, 1997.

ASSIS, Emanuel Cesar Pires de. *Leitura e Literatura em meio digital: formas e tipos*. Travessias, Cascavel, Unioeste, v. 11, n. 13, 2017.

BAJARD, Èlie. *Da escuta de textos à leitura*. 2ed. São Paulo: Cortez, 2014. (Coleção questões da nossa época; v.51)

BAKER, L. & WIGFIELD, A. (1999). *Dimensions of children's motivation for reading and their relations to reading activity and reading achievement*. Reading Research Quarterly, 34(4), 452-477.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 2.ed. São Paulo: Hucitec; UNESP, 1990.

BARBOSA, Pedro. *A renovação do experimentalismo literário na Literatura Gerada por Computador*. In: Revista da UFP, n. 2, v.1, p.181-188, mai. 1998.

_____. *Cyberliterature*. Eletronic Literature Collection. 1977, 1993. Disponível em: <<http://collection.eliterature.org>>. Acesso em: 2018, 2019.

BARCELOS, Nicole de Medeiros. *O concreto no virtual*. Letramento digital através da poesia concreta no bloco de notas, 2017. Disponível em: educere.bruc.com.br > arquivo > pdf2017. Acessado em 12. Set. 2019.

BENEDIKT, Michael (1991). *El ciberespacio: algunas propuestas*. Em Ciberespacio. Los Primeros Pasos, M. Benedikt (ed.), Pedro A. Gonzáles Caver (trad.). México: CONACYT/Sirius Mexicana, 113-206.

BENJAMIN, W. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002.

BERARDINELLI, Alfonso. *Da poesia à prosa*. Tradução Maurício Santana Dias. Editora Cosac Naify. 2007.

BERENS, Kathi Inman. *E-Literature's #1 Hit: Is Instagram Poetry E-literature?*. English Faculty Publications and Presentations. 2019. Disponível em: https://pdxscholar.library.pdx.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1040&context=eng_fac. Acesso em 02 abr. 2019.

BERGAMINI, Denise Lopes. *Da poesia inspirada à poesia eletrônica: um breve histórico sobre os caminhos da poesia*. R. Est. Pesq. Educ., Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 1-. jan./jun. 2010.

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1986.

BORDINI, Maria da Glória. *A poesia e seus usos na infância*. In: Questões de Literatura, BECKER, Paulo; BARBOSA, Márcia Helena S. (Org.), Universidade de Passo Fundo, 2003.

BORGES, J. *O fazedor*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. *Arte poética*. Seis conferencias. Barcelona: Crítica; 2001.

- BORGNA, E. *La solitudine dell'anima*. Milano: Feltrinelli, 2011.
- BOSI, A. Poesia resistência, in: *O ser e o tempo da poesia*, São Paulo, Cultrix, 1993.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Bases Legais. Brasília: MEC, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. *PCN Ensino Médio: orientações curriculares para o Ensino Médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Proposta preliminar. Segunda versão revista. Brasília: MEC, 2016.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. *Ao revés do avesso - leituras e formação*. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.
- CABRAL, M. M. (2002). *Como abordar...o texto poético*. Porto: Areal Editores.
- _____. *Poesia concreta*. In: Teoria da poesia concreta, Décio Pignatari. 5ª edição. Ateliê Editorial, 2006.
- CANDIDO, Antônio. *A literatura e a formação do homem*. Ciência e Cultura, São Paulo v. 24, n.9, p. 803-809, set, 1972.
- CANEVACCI, M. *Culturas eXtremas: Mutações nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CARR, Nicholas. 2010. *The Shallows: What the Internet Is Doing to Our Brains*. New York: W. W. Norton.
- CARVALHO, Audrei Aparecida Franco de. *Poesia concreta e mídia digital*. Dissertação do Mestrado de Comunicação e Semiótica-Signo e Significação das mídias. PUC, SP, 2007.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 4ª ED. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CETIC. BR. *Marco Referencial Metodológico para a Medição do Acesso e Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na Educação*. Centro Regional de Estudos sobre o Desenvolvimento da Sociedade da Informação –Cetic.br e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco. Junho de 2016. <https://cetic.br/publicacao/marco-referencial-metodologico-para-a-medicao-do-acesso-e-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-tic-na-educacao/> Acesso set. 2019.
- CAVALCANTE, Lídia Eugênio. *Mediação da leitura e Formação do leitor*. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2018.
- CERTEAU, Michel de (1994) *Invenção do Cotidiano I: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.
- CHAMBERS, Aidan. *El ambiente de la lectura*. Trad. de Ana Tamarit Amieva. México: FCE, 2007. 132 pp. (Colec. espacios para la lectura)

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: 155 Rev. Traj. Mult. – Ed. Esp. XVI Fórum Internacional de Educação – Ano 3, Nº 7 ISSN 2178-4485 - Ago/2012 Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1998.

_____. *Língua e leitura no mundo digital: os desafios da escrita*. São Paulo: Édenes, 2002.

_____. *Do códice ao monitor: a trajetória do escrito*. Estudos Avançados, São Paulo, 2003.

CGiBr, PESQUISA TIC EDUCAÇÃO, 2019, <https://www.cgi.br/> Acesso em abr. 2020.

CÍCERO, Antônio. A poesia entre o silêncio e a prosa do mundo. In: *Mutações: o silêncio e a prosa do mundo*. Org: Aduino Novaes. São Paulo: Edições Sesc, 2014.

COPE, Bill. New Ways with Words: Print and Etext Convergence. *Print and Electronic Text Convergence*. Eds. Bill Cope y Diana Kalantzis, Common Ground Publishing, 2001, pp-1-15.

COSCARELLI, Carla Viana. Entre textos e hipertextos. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2. Ed. Belo Horizonte: Ceale; autêntica, 2007.

_____. *Leitura em ambiente multimídia e a produção de inferências*. In: GUIMARÃES, Ângelo de M. (Ed.). Anais do VII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. Belo Horizonte: DCC/UFMG, nov. 1996, p. 449-456. Disponível em <http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/SBIE.pdf>. Acesso em 13/06/2009.

_____. Carla Viana. Textos versus Hipertextos na teoria e na prática. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.). *Hipertextos na teoria e na prática*. Belo Horizonte: 2012.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário – teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Círculos de Leitura e Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

COUEY.A. Cyber Art: The Art of Communication Systems, in Matrix News, Volume 1, Number 4, julho 1991, Matrix Information and Directory Services, Inc. (MIDS)-mids@tic.com. In: LEMOS, André. *Arte eletrônica e cibercultura*, UFBA, 2003.

COUTO, Edvaldo Souza; OLIVEIRA, Marilde Caldeiras de; DOS ANJOS, Raquel Maciel Paulo. Leitura e escrita on-line. BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. (Org.). *Inclusão digital: polêmica contemporânea organizadores*. Salvador: EDUFBA, 2011. v. 2.

_____. Ler e escrever na cultura digital: rotas, nexos e redes móveis. In: ROSING (Org.). *Literatura e Identidade na era da mobilidade*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016.

CRYSTAL, David. 2001. *Language and the Internet*. Cambridge, Cambridge University Press.

- CULLER, Jonathan. The Closeness of Close Reading. *ADE Bulletin*, 2010, 20–25.
- CUNHA, Maria Antonieta, *Acesso à leitura no Brasil*. In: AMORIM, Galeno (Org.) Retratos da leitura no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008. 232.
- CUPANI, Alberto. *Filosofia da Tecnologia –Um convite*, 2ª ed, Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.
- DE STEFANO, Diana; LEFEBRE, Jo-Anne, Cognitive Load in Hypertext Reading: A Review, *Computers in Human Behavior*, 2007.
- DOMINGUES, Diana. *Criação e interatividade na ciberarte*. São Paulo: Experimento, 2002.
- DOMINGOS, Ana Cláudia Munari. *Hiperleitura e escreitura: convergência digital*, Harry Potter, cultura de fã, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.
- DOVAL, Camila. A primeira pessoa dentro, fora e além das narrativas contemporâneas. In: MOREIRA, Maria Eunice; DOVAL, Camila (Orgs.). *Leituras de literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 75-88.
- EAGLETON, T. *Teoria da Literatura*. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- ECO, Umberto. *Euvre ouverte*. Paris: Éditions du Seuil, 1965, p. 9.
- ELIOT, T.S. (1920), *Cap. II*, disponível em <http://www.bartleby.com/200/sw4.html>, acesso em 29 de março de 2006.
- _____. La musica della poesia. (1940) In sulla poesia e sui poeti: Musicalidade da poesia, in *A essência da poesia*, trad. Affonso Romano de Sant'Anna. Rio de Janeiro. Artenova.1972.
- ÉPOCA. O Instagram tornou-se a plataforma dos poetas contemporâneos. 2018. <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/02/o-instagram-tornou-se-plataforma-dos-poetas-contemporaneos.html>
- ETZIONI, Oren, Michele Banko, and Michael J. Cafarella. 2006. *Machine Reading*. <http://turing.cs.washington.edu/papers/aaai06.pdf>.
- FAILLA, Zoara. *Retratos de um jovem leitor*. Revista observatório Itaú Cultural – N 17 (ago/dez.2014). São Paulo: Itaú Cultural, 2016.
- FARIAS, Priscila; CANTONI, Rejane. Fora do corpo. In: LEÃO, Lúcia (Org.). *INTERLAB: labirintos do pensamento contemporâneo*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; BASTOS, Dorinhos. *A psicodinâmica das cores em comunicação*. São Paulo. 6. Ed. Edgard Blucher Ltda, 1990.
- FERREIRA, Ana Paula. *Espaço e poesia na comunicação em meio digital*. 2010. 361 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) -Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

FRIEDRICH, Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX. Tradução do texto: Marise M. Curioni. São Paulo, Duas Cidades, 1978

Gaúcha ZH Geral. *Professora de Porto Alegre renovou a forma de ensinar literatura no Ensino Médio*. Prêmio RBS de Educação. 2013.

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/11/professora-de-porto-alegre-renovou-a-forma-de-ensinar-literatura-no-ensino-medio-4332024.html> Acesso em 13 jan. 2020.

GOMES, I. V. *Retrospectiva: o acesso ao livro e à leitura pelos jovens no Brasil*. In: FAILLA, Z. (Org.). *Retratos da leitura no Brasil 3*. São Paulo: Instituto Pró-livro/Imprensa Oficial, 2012. p. 123-133.

GOULD, Amanda Starling. *Uma visão bibliográfica da literatura eletrônica*. 2012.

GUTIÉRREZ, Luis F. González. *La poesía y sus recursos literarios como metodología cualitativa*. Universidade Santo Tomás. Montivideo, 2017.

HAYLES, Katherine N., 2005. *My Mother Was a Computer: Digital subjects and literary text*. Chicago: The University of Chicago Press.

_____. *Literatura Eletrônica: novos horizontes para o literário* (traduzido por Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz, 1ª edição, São Paulo: Global, Fundação Universidade de Passo Fundo, 2009.

_____. *How we think: Digital Media and Contemporary Technogenesis*. The University of Chicago Press, 2012.

HEGEL. *Esthétique*. Paris: Flammarion, Col. Champs, 1979, tradução de S. Jankélevitch, 4º v.

_____. *Estética*. Textos seletos. São Paulo: Ícone, 2012.

HELENA, Lúcia. *Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita em Clarice Lispector*. Niterói: EDUFF, 1997.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens-o jogo como elemento da cultura*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. 4ª ed. São Paulo, 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf Acesso em julho 2019, jan, 2020.

IRBY, Cameron Lee. *Ensinando Literatura Eletrônica: Métodos e Integração*. 2018. f. Tese (Doutorado em Artes, Educação e Ciências) - Universidade de Louisiana, Monroe, 2018.

IVO, L. *O vento do mar*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras e Contra Capa, 2011.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975.

JEAN, Georges. *Los senderos de la imaginación infantil: los cuentos, los poemas, la realidad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. 2ª edição. São Paulo: Aleph, 2009.

_____. *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. Tradução Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

JOSEF, Bella. Clarice Lispector e o ato de narrar. In: RAMALHO, Christina. *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: ELO, 1999.

JOUVE, Vincent. *A Leitura*. Tradução Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

KHOURI, Omar. *Poesia virtual brasileira: uma poesia na era pós-verso*. PUC-SP: Tese de Doutorado, 1996.

KIRCHOF, E. R. *Hipertexto e ensino: a poesia digital*. In: AnpedSul 2008 -VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul: Pesquisa em Educação e inserção social, 2008, Itajaí (SC). VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul - Pesquisa em Educação e inserção social. Itajaí (SC): UNIVALI, 2008.

KLEIMAN, Angela. *Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna*. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, dez. 2007.

KRAUSZ, Luis S. *As musas: Poesia e Divindade na Grécia arcaica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

KRESS, G. Visual and verbal modes of representation in electronically mediated communication. In: SNYDER, I. (Ed). *Page to screen: talking literacy into electronic era* New York: Routledge, 1998. p. 53-79.

_____. VAN LEEUWEN, Theo. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. Londres: Hodder Education, 2001.

LAIN, Suzana Maria. *Poesia na rede: a palavra no meio do caminho de um território mutante*, 2013, Porto Alegre, universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. *Metodologia do Trabalho Científico*. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

LANDOW. G. *Hipertexto 3.0: Critical Theory and New Media in an Era of Globalization*. Baltimore, Maryland, EUA: The Johns Hopkins University, Press, 3ª ed., 2009.

LANGER, Judith A. *Pensamento e experiência literários: compreendendo o ensino de literatura*. Tradução Luciana Lhullier Rosa, Maria Lúcia Bandeira Vargas. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

LANGER, Ullrich. *Lyric in the Renaissance: From Petrarch to Montaigne*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2015.

LEMOS, André; PALÁCIOS, Marcos. *As janelas do ciberespaço*. Porto Alegre: Sulinas, 2001.

_____. *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEVERATTO, Jean-Marc; LEONTSINI, Mary. *Internet et la sociabilité littéraire*. Paris: Éditions de La Bibliothèque publique d'information, 2008.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. *A máquina universo: criação, cognição e cultura informática*. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

_____. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 2010.

LIMA JÚLIOR, Arnaud. S. *Tecnologias Inteligentes e Educação: currículo hipertextual*. 2005, Quartet, RJ.

LISPECTOR, Clarice. Ao linotipista. In: _____. *A descoberta do mundo*. Editora Rocco. 1984. P. 154.

_____. "Amor". In: *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOTMAN, Iuri. *A estrutura do texto artístico*. Editor Estampa. Tradução de Maria do Carmo Vieira Raposo e Alberto Raposo. 1978.

MACHADO, Arlindo. *A máquina e o imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas*. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 1993.

McLUHAN, Marshall. *Visão, som e fúria*. In: LIMA, Luiz Costa (Org.) *Teoria da Cultura de Massa*. São Paulo, Paz e Terra, 1990.

MACHADO, Ana Maria. *Alguns equívocos sobre leitura*. In: FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. São Paulo: Petrópolis, 2008.

MANGUEL, Alberto. *Uma história de leitura*. Tradução Pedro Maia Soares. Editora: Companhia das Letras, São Paulo: 2004.

MANIFESTO IFLA/UNESCO *sobre biblioteca pública*. IFLA, 1994. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *O Hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula*. Linguagem & Ensino (UCPel), Pelotas - RS, v. 4, 2001.

_____. *Gêneros Textuais emergente no contexto da tecnologia digital*. Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: *Hipertexto e gêneros textuais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.p.13-67.

_____. A coerência no hipertexto. In: COSCARELLI, Carla Viana & RIBEIRO, Ana Elisa. *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005, p. 185-207.

MARTUCCELLI, Danilo. *Gramáticas del Individuo*. Buenos Aires: Lousadas, 2007.

MATA, L. (2006). *Literacia Familiar*. Ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita.

MATHIAS, Arlete Aparecida. O Diálogo Poético Intermediático de Rui Torres com Clarice Lispector. *Darandina Revisteletrônica*– Programa de Pós-Graduação em Letras/ UFJF – volume 6 – número 2, 2014.

MATTOS, Luiz Alves de. *Sumário de Didática Geral*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora, 1957.

MAUÉS, S. *Percurso Vital da Poesia ou Diacronia do moderno Poético*. Zunai. Ano VI, XXIII, setembro, 2010. Disponível em http://www.revistazunai.com/ensaios/sheila_maues_diacronia.htm. Acesso em 22. Set. 2019.

MCLUHAN, Marshall (1994). *Understanding Media: The Extensions of Man*. Cambridge, MA: The MIT Press.

MENÉRES, Maria Alberta. *O poeta faz-se aos 10 anos*. Lisboa: Plátano, 1977.

MENEZES, P. *Poética e Visualidade: uma trajetória da poesia brasileira contemporânea*, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad de Carlos Alberto Ribeiro de Moura, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MITSCHERLING, Jeff. *A Ontologia e estética de Roman Ingarden*. Universidade de Ottawa Press, 1997.

NELSON, Theodor Holm. *Literary Machines*. 83.1. Sausalito, Califórnia, EUA: Mindful Press, 1993.

NÓBREGA, Nanci Gonçalves. De livros e bibliotecas como memória do mundo: dinamização de acervos. In: Eliana Yunes. (Org.). *Pensar a leitura: complexidade*. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora PUC-Rio; Edições Loyola, 2002, p. 120-135

NUNES, Benedito. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quíron, 1973.

_____. *Passagem para o poético-Filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

OLIVEIRA, Vera Lúcia de. *Poesia e conhecimento*. Texto Poético – Revista do GT Teoria do Texto Poético (ANPOLL). v. 14, n. 1, p. 118-138, jan./jun. 2013. Disponível em: Acesso em: 23 set. 2018

PAIVA, A. (org.). *Literatura fora da caixa: o PNBE na escola – distribuição, circulação e leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, p. 61-81, 2009.

PAZ, Octávio. *A outra voz*. São Paulo: Siciliano, 1993.

_____. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

_____. O. *El arco y la lira: el poema, la revelación, poética, poesia e história*. México: FCE; 2003.

PEREIRA, Vinícius Carvalho. Por uma poesia algorítmica. Experiências estéticas com Peter's Haiku Generator. *AletriA*, v.23, n.3, p. 173-194, set.-dez.2013.

PESQUISA SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS: *TIC educação 2018*. <https://www.cetic.br/pesquisa/educacao/publicacoes/>. Acessado em 09 set. 2019.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

_____. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. Editora 34, 2009.

PIGNATARI, Décio. *Décio Pignatari se proclama o designer da linguagem*. Folha de São Paulo. São Paulo: 1998.

_____. *O que é comunicação poética*. 8 ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

_____. *Sobre poesia oral e poesia escrita; nova poesia: concreta (manifesto)*. In: CAMPOS, A. de; PIGNATARI, D.; CAMPOS, H. de. *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos*. Cotia: Ateliê, 2006. p. 23-28, 67-70.

PIÚBA, Fabiano dos Santos. Carta aos que fazem Coletivos de Juventude e Arte da Cidade. In *Evoé! - Literatura, Livro, Leitura, Bibliotecas e Cultura Digital*. 2017. Disponível em: <https://kelsenbravos.blogspot.com/2017/02/carta-aos-que-fazem-os-coletivos-de.html> acesso em 16 nov. 2018.

PLAZA, J. *Arte e interatividade: autor-obra-recepção*. 2013. Disponível em: http://www.mac.usp.br/mac/expos/2013/julio_plaza/pdfs/arte_e_interatividade.pdf. Acesso em: 2018.

PUCHEU, Alberto. *Pelo colorido, para além do cinzento*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.

RAMAL, Andrea Cecília. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2012.

REGINATTO, Andrea Ad. *Uma alternativa de trabalho: lírica e lirismos na literatura brasileira*. http://coral.ufsm.br/lec/01_02/AndreaL.htm Acesso em 14 jan. 2019.

RETTEMAIER, Miguel; ROSING, Tânia. (Org.) *Questões de ficção contemporânea*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo: 2013.

REVISTA ÍPSILON. *Reportagem de Pedro Barbosa: pioneiro na ciberliteratura*, Portugal, 2017.

REVISTA TUTAMEIA ENTREVEROS E DESENREDOS. Entrevista com Augusto de Campos. 2019. <https://tutameia.jor.br/>. Acessado em 30 abril. 2019.

RIFATERRE. M. A ilusão referencial. In: ____ et al. *Literatura e realidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1984. P. 99-101.

RITTER, Caio. *A formação do leitor literário em casa e na escola*. São Paulo: Biruta, 2009.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015.

ROMANYSHYN, Robert. D. TheDream Body in: *Cyberespace*. http://www.voidspace.org.uk/cyberpunkproject/dream_body.shtml.

RISÉRIO, Antônio. *Ensaio sobre o texto poético em contexto digital*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, COPENE, 1998.

SAKURAI, C. Imigração japonesa para o Brasil. Um exemplo de imigração tutelada- 1908-1941. *XXII Encontro Nacional da ANPOCS*, Caxambu-MG, 1998, p 1 a 20, out. 1998.

SALES, C. de M.V. Juventudes, novas experimentações, conexões e interatividade. In: XV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2011, Curitiba. *Anais*. Campinas Curitiba, jan. 2009.

SANTAELLA, Lúcia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Thomson, 2002.

_____. *Matrizes da Linguagem e pensamento: sonora visual verbal*. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.

_____. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

_____ (Orgs.). *Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir*. São Paulo: Educ, 2008.

_____. *Percepção: fenomenologia, ecologia, semiótica*. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

_____. *Desafios da ubiquidade para a educação*. Revista Ensino Superior Unicamp, abril, 2013. Disponível em: https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_1.pdf. Acesso em 2019.

_____. *Comunicação ubíqua. Repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. O papel da leitura face ao patrimônio cultural. PUC-SP. In: ROSING (Org), *Literatura e Identidade na era da mobilidade*. Passo Fundo, Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016.

_____. Educação tradicional e Educação ubíqua. Entrevista com Lúcia Santaella. *Fundação Telefônica*. 2011. Nov. 2011. Disponível <https://www.youtube.com/watch?v=gvhAmHXtESE>. Acesso em abr. 2018.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

SANTOS, Alckmar Luiz dos. *Leituras de nós: ciberespaço e literatura*. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

_____. Volta ao fim, de cabo a rabo. In: RETTEMMAIER, Miguel; ROSING, Tânia. (Org.) *Questões de ficção contemporânea*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo: 2013a.

_____. Novos tempos, novos textos, novas leituras. In: RETTENMAIER, Miguel, ROSING, Tânia. (Org.) *Questões de Literatura no hipertexto* (recurso eletrônico). Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2013b.

_____. Et al. *Liberdade*. Eletronic Literature Collection. 2013. Disponível em: <http://collection.eliterature.org>. Acesso em: 2018, 2019.

_____. Entrevista com Alckmar Luiz dos Santos. *Instituto de Estudos Brasileiros FLUC*. Junho, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sm_cQCx7hc4. Acesso em: 15 abr. 2018.

SANTOS. Andrio dos. Poesia lírica: problemas concernentes à definição de gênero e à subjetividade. *Littera Online*, n 13, Universidade Federal do Maranhã, 2017.

SANTOS, Dos. Camélia Daniel; GARCIA, Álvaro Andrade. *O livro transmídia Poesia de brinquedo, de Álvaro Andrade Garcia*. Revista Textura. ULBRA, RS, 2019.

SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem: numa série de cartas*. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki; Introdução e notas Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SEGATO, Maiara Cristian; COQUEIRO, Wilma dos Santos. Epifania: P clímax da narrativa nos contos de Clarice Lispector, *Revista Nupem*, Campo Mourão, v.4, n.7, ago/dez.2012.

SEMPI, Isaura da Cunha; CARDOSO, Vítor. *O avatar mediador de realidades*. Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística. Nov, 2014. <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/index.php/o-avatar-mediador-de-realidades/> Acesso em 20.set.2019.

SILVA, Antônio Rodrigues da. *Referencialidade e poesia: uma análise das práticas de leitura no ensino médio*. Porto Alegre, UFRGS, 2014. Tese e Doutorado.

SILVA, Rogério Barbosa. *Poesia concreta: a crítica como problema, a poesia como desafio*. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. O eixo e a roda. UFMG, V. 22, N. 2, 2013.

SIMMEL, G. Fashion. *The American Journal of Sociology*, v. LXII, n.6, 1957, p. 541-558. Disponível em https://www.jstor.org/stable/2773129?seq=1#page_scan_tab_contents Acesso <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/4839/3324> Acessado em 19.jan.2019.

SOSNOSKI, James. 1999. Hyper-Readings and Their Reading Engines. In: *Passions, Pedagogies, and Twenty-First Century Technologies*, edited by Gail E. Hawisher and Cynthia L. Selfe.

SOUSA, Luana. *A leitura no ciberespaço e a cultura virtual*. Curso Formação de Mediadores de Leitura. Universidade Aberta do Nordeste. Fundação Demócrito Rocha. 2019.

SPALDIND, Marcelo. O Movimento Literatura digital e a literatura digital produzida no Brasil. In: BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. *Novas leituras do mundo: a literatura na ecologia das mídias*; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1 ed. 2016.

SPINA, S. *Na madrugada das formas poéticas*. 2 ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais de poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

TAVARES, Otávio Guimarães. REVISTA CALIBAN. *As Visceras do Amor de Clarice*. Dez 22, 2017. <http://telepoesis.net/dialogos.html>

_____. *A interatividade na poesia digital*. UFSC, Florianópolis, 2010. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94422/285120.pdf?sequence=1&isAllo wed=y> Acessado em 16 set. 2019.

TORRES, Rui. *Poesia digital: cruzamento de linguagens*. Entrevista via Skype. MESA 3 – Leitura, literatura e linguagens: novas topografias textuais. Com Alckmar Luiz dos Santos, Ana Elisa Ferreira Ribeiro e Renata Loureiro Frade. Seminário Internacional de Leitura, Literatura e Linguagens. 16ª Jornada Nacional de Literatura, org. Universidade de Passo Fundo (UPF) e Prefeitura de Passo Fundo, RS, Brasil, 2017.

_____. *O amor de Clarice*. Eletronic Literature Collection. 2005. Disponível em: <http://collection.eliterature.org>. Acesso em: 2018, 2019.

UEMS, Curso a distância Módulo I-*Formação: Fundamentos da Educação a Distância* –maio-junho, 2019.

VALENTE, J.A. *Diferentes usos do computador na educação*. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 1993.

VAN DER LINDEN, Sophie Van Der. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

VIEIRA, Flaviano Maciel. *Como ler poéticas digitais-perspectivas de leituras*. UFPB, João Pessoa, Paraíba, 2017.

WITTE, Bernd. A escrita na era de sua reprodutividade eletrônica. In: COUTO, Edvaldo, Souza; DAMIÃO, Carla Orgs.). *Walter Benjamin: formas de percepção estética na modernidade*. Salvador: Quarteto, 2008.

XAVIER, Antônio Carlos. Hiperleitura e interatividade na Web 2.0. In: RETTENMAIER, Miguel; ROSING, Tânia. *Questões de leitura no hipertexto*. Passo Fundo: UPF, 2007.

YUNES, Eliana. *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Aymarará, 2009.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. Curitiba: Ibpex, 2010.

A ontologia da obra de arte em Ingarden 1965
http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/10164622042015Leitura_e_Comp osicao_de_Textos_Filosoficos_II_Aula_7.pdf Acesso em 2019.